

OSWALD DE ANDRADE

OBRAS COMPLETAS-4

**Marco
Zero - 2**

MEC 

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

CHÃO



MARCO ZERO

Oswald de Andrade planejara a obra cíclica *Marco Zero* em cinco volumes, mas dela só publicou dois: *A Revolução Melancólica e Chão*. Para realizá-la consumiu anos de trabalho, de rebusca documental, de pesquisas e notas. Graciliano Ramos depõe que o material recolhido pelo escritor paulista, em 1937, "derramava-se em 80 cadernos", riscados a lápis, cadernos que ocupariam, depois daquela data, "parte de um arranha-céu de Copacabana".

Partindo da idéia de que "o romance participa da pintura, do cinema e do debate público, mais do que da música que é silêncio, é recolhimento", Oswald afirma que "*Marco Zero* tende ao afresco social, é uma tentativa de romance mural". Trata-se, na verdade, de obra ambiciosa que, valendo-se de processo simultaneísta, cinematográfico, se estilhaça em miríades de fragmentos — que são suas cenas breves, densamente povoadas de personagens de vária condição. Compõe, assim, vasto painel de uma dada circunstância histórica numa dada geografia. Vasto tempo e vasto espaço se condensam nessas páginas tantas vezes desordenadas, até caóticas, porém desordenadas e caóticas como a própria realidade de que foram arrancadas. É preciso não esquecer que Oswald quebra sempre a rotina das estruturas de composição, das concepções e conceitos estéticos vigentes, das formas e regras pré-fixadas ou pacificamente aceitas. Parte para a aventura criadora.

Em *Marco Zero* está todo o processo de debate dos grandes temas do nosso tempo e do nosso País — nosso País inserido nas coordenadas da inquietação universal: as contradições, caminhos e descaminhos, buscas, erros, hesitações, anseios e derrotas da trajetória humana do após guerra de 18

Marco Zero

II

Chão

Coleção
VERA CRUZ
(Literatura Brasileira)
Volume 147-C



Andrade, Oswald de, 1890-1954

A553 Obras completas... [Rio de Janeiro] Civilização brasileira
1971 —

11v. (Coleção Vera Cruz. *Literatura brasileira*, iv.)

Conteúdo: — 1. Os condenados. — 2. Memórias sentimentais de João Miramar/Serafim Ponte Grande. — 3. Marco zero I... — 4. Marco zero II... — 5. Ponta de lança. — 6. Do pau-brasil à antropofagia e às utopias. — 7. Poemas reunidas. — 8. Teatro... — 9. Um homem sem profissão... — 10. Telefonemas. — 11. Esparsos.

I. Título.

[Nome completo: José Oswald de Sousa Andrade]

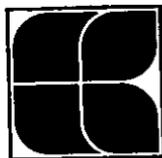
R.M.M.

CDD B 869.35
CDU 869.0

Oswald de Andrade
Obras Completas
IV
Marco Zero
II
Chão

2ª edição

(Em convênio com o Instituto Nacional do Livro — Ministério
da Educação e Cultura)



civilização
brasileira
1974

Exemplar Nº 1493

Copyright © 1974 by Espólio de Oswald de Andrade

Desenho de capa:
DOUNÊ

Diagramação:
LÉA CAULLIRAUX

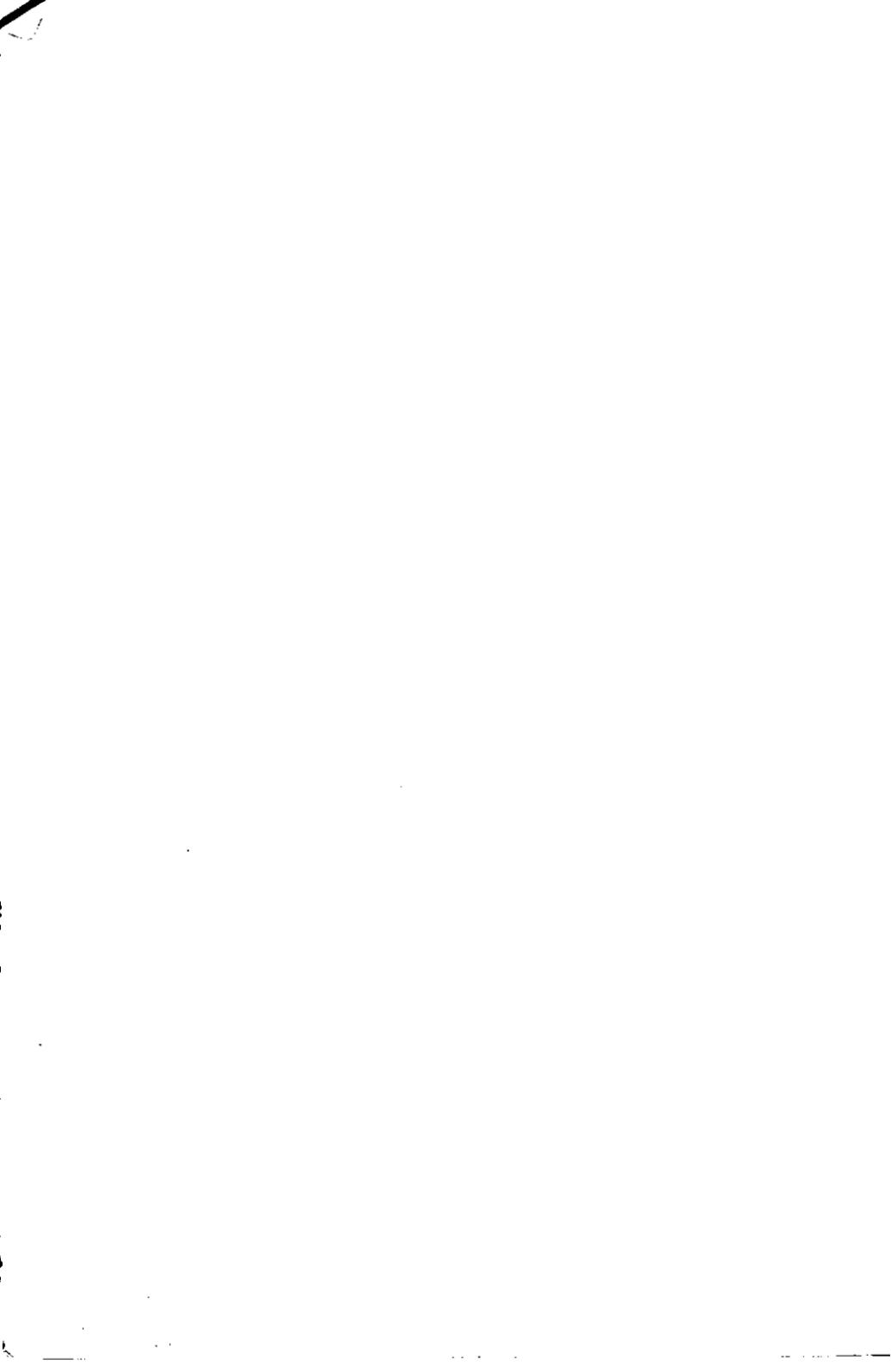
Direitos desta edição reservados à
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.
Rua da Lapa, 120 — 12º andar
RIO DE JANEIRO - GB.

1974

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Para meu neto
José Oswald
em seu quinto dia

Em 5 de maio de 1944.



Chão

— Tem muito chão...

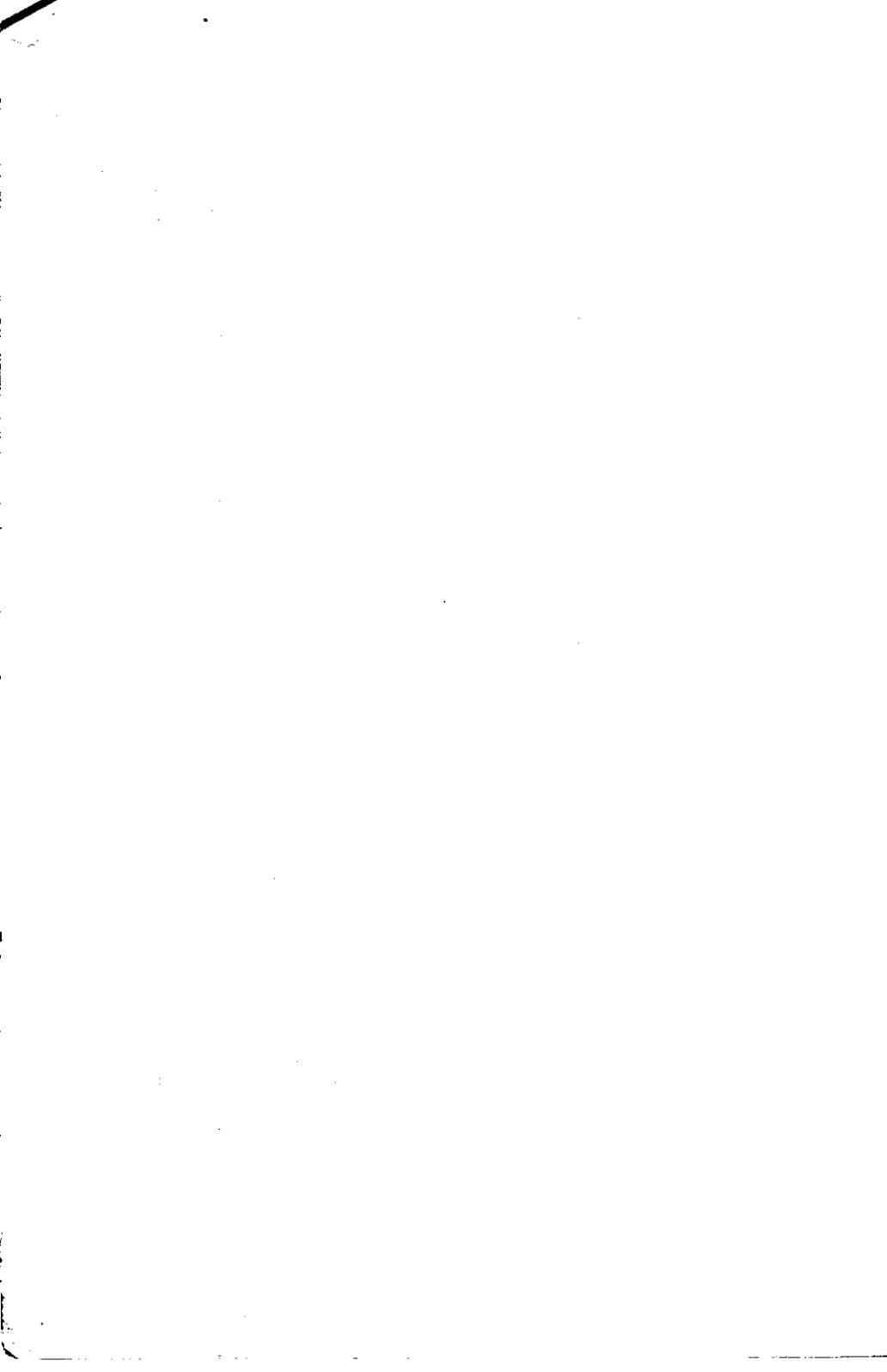
— Quem?

— O Coroné.

(Marco Zero I — A Revolução melancólica.)

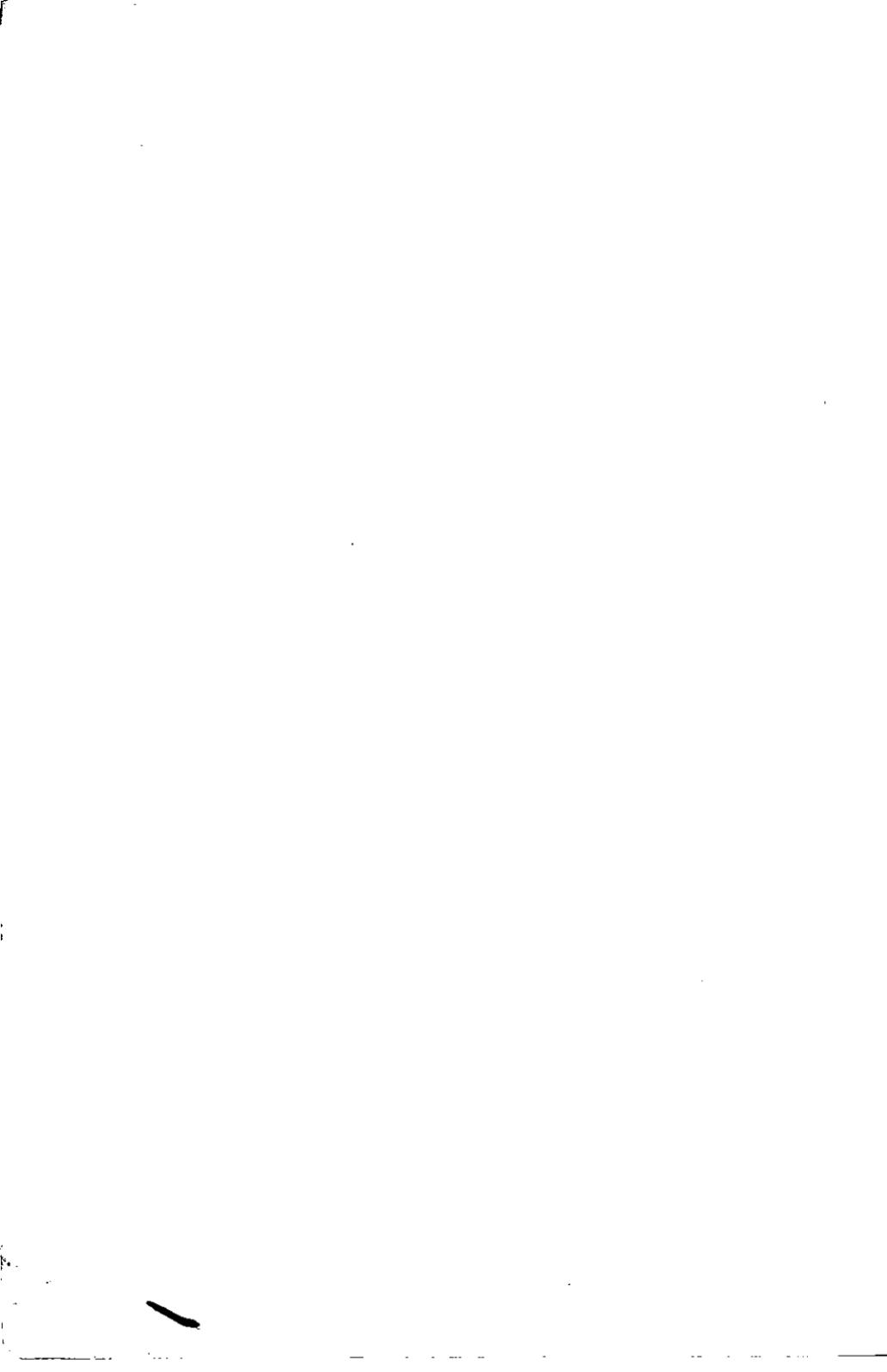
— Tera munto non dá rucro

(Do japonês)



Sumário

1. Resta húmus na terra 1
2. O solo das catacumbas 48
3. O decapitador 85
4. Reina paz no latifúndio 123
5. Tapete dos terreiros 155
6. Oh! guerreiros da taba sagrada 190
7. Somos um Eldorado fracassado 242



I

Resta Húmus na Terra

Os três homens permaneciam de pé num grupo de árvores mirradas, ao centro do parque terroso. Ao fundo, o edificio do leprosário achatava-se amarelo. Seu renque de janelas brilhava ao sol. Outros pavilhões distribuíam-se na distância.

Idílio Moscovão repetiu com a voz rouca.

— Muito obrigado doutor! O senhor é nosso pai!

Através dos óculos sem aro, o promotor Jorge Abara examinava aquele homem corroído, que parecia estranhamente bem posto num casaco esportivo de couro. Uma higiene e uma serenidade que contrastava com a idéia que ele trazia do antigo xerife da Formosa. Conservava da infância a imagem do doente de lepra surgindo a cavalo nas portas das casas para esmolar, assaltando viajantes e apodrecendo nas estradas.

O médico, no avental branco, disse:

— Ele conquistou uma morena bonita...

Idílio mostrou a dentadura amarela e grossa. Tinha um lanho escuro no nariz.

— Não é, doutor! É o padre que tem aí que contô uma história de uma Hortênsia que foi na festa das frorl que a Rainha tinha convidado... todas estava junta e fizero só um asseio e a hortênsia se enfeitô de frorl de paperl e então a Rainha quando chegô no Palácio não reconheceu e perguntô prela quem era e viu que as frorl era de paperl e condenô ela de rastejá nos cantero. Então tem aí uma mulatinha munto posuda, cheia de nove hora, e nós pu-semo o nome nela de Hortênsia... Nós toca e ela canta... Até parece o tempo que eu tava na Jurema...

— Eu sou de lá... Sou filho de Salim.

— Fio do turlco! Ahn! Conheço munto. Bom home. Tinha afiado em penca! Trata bem as cabrocada. É comade pra qui, compade pra lá... O coronerl mandava as coloniada comprá noutro lugá, não queria.

O antigo feitor olhava a estrada batida que saía do portão monumental do Asilo. Continuou evocando a banda da Jurema e as tocatas que fazia na venda do japonês.

— Mas vocês têm uma boa orquestra aqui — disse o médico.

— Nós queria i numa estação de rádio, doutor! Num sei porque não deixa. Nós inté sai de caminhão pra i jogá co time dos outro asilo...

— No domingo disputaram um *match* de futebol.

— Empatemo... Eu era o forbeque. Tem um preto que chamaro de Brandão. Eles era o Palestra, nós o Coríntia. Nós queria jogá pro povo pra arranjá dinheiro pra comprá uma máquina de fazê permanente no cabelo e um secadô pro pavilhão das muierada... Nós vai fazê um baile de fantasia no Carnaval...

Mostrou os dedos grossos.

— Minha mão inda dá pra pegá a crarineta... Só dá tiro que eu não posso mais...

— Lá em Jurema diziam que você não perdia bala...

— Uma vez uma escolta atirou em mim. Eu estendi dois. Eles mataro o cavalo. Era um tordio do Coronerl Diogo. Eu era cabo eleitoral do P.R.P. Nós não deixava os pessoarl do otro lado entrá na cidade pra votá. Se eles ganhava, nós escondia as ata. Eu andava com um toquinho

de vela no borlso pra pô na mão dos morimbundo na hora da agonia. Um dia, eu tava no banco do jardim sentado co Zé Teodósio. Vinha vindo um eleitô contrário vestido de preto. Lembrei do toquinho. Falei "ocê qué vê como gente torlce a cara?" Quando ele tava esperlneando na grama do cantero, inda sobrô tempo de acendê a vela e pô na mão prele morrê na graça de Deus. Já tava de luto mermo!

— Quem ensinou você a matar?

— A gente nasce sabendo, moço! O coronerl Leitão pagava marl mas era home de opinião. Tudos gostava dele! Ele mermo matava, inda fazia questão de carregá o morlto. Entrava na casa e pegava na arlça do caixão. . .

— Não sei porque vocês brigavam tanto! — disse o médico.

— Percisava defendê o chão. Tocá fogo nos intruso, abri os cafezá! Depois que o Coronerl Diogo morreu, foi uma lâstima. Poliça virô valente, tive que atravessá o Jurema com sorldado atirando em cima. O cabo pagô! Fiquei dois dia de tocaia. Quando saí livre daquela injustícia da Sempre-Viva, me dero um sítio pra não falá nada. Ganhei munto na arlta do café. Mas fiquei ruim do estamo porque dei de comê as comida boa dos hoterl. Meu estamo só tava costumado com barro.

— Barro?

— É feijão com arroz. Eu tinha três muié, fora a Lucinda. Me deu na cabeça de comprá mais dois sitio, pra pô uma em cada um, prelas não brigá. Garrei de gostá da loira. No começo, não manifestava. . . Capaiz! Mas depois, cai no abismo por vontade. Bastou vê ela c'otro home. . . foi a conta.

— Você passou uns tempos com o Major na serra.

— Lá só tinha cachaça e vento pra comê. De manhã, era perciso tirá leite das novias de primeira cria. O Anjo Leite tava lá co'a Ciana e o indio dela. Eu inda podia laçá as novia zebu, o portugueis fincava as mão no rabo e a Ciana garrava na ubre. O Majó vendeu o gadinho quando mataro o Pedrão.

— Você estava lá?

— Eu tava em São Paulo porque a Anastácia me chamô por carta e queria que eu emprestasse cinco conto pra ela sê terrenista. . . Mas o Majó não contratô comigo. Já andava

doente. Perdi a Anastácia e fui pra guerra paulista. Tava brigado co'a Lucinda e co'as fia. Ela não gostava de música. Uma vez eu tinha comprado uma crarineta num ferro véio. A muié me criticô: "Ocê anda comprando essas badulaquera no monturo!" Eu tinha vendido o bombardino pra banda do P.R.P. Também já tava surdo e mudo. Perdi tudo, dinheiro, saúde e muié...

Atravessava o parque uma mulatinha risonha e bem vestida.

— Óie a Horltênsia!

— Está curada — fez o médico.

Ela aproximou-se sem dar a mão. Disse a Idílio:

— Eu vou na cidade e volto pra Hora Alegre...

— Eu também hei de sai daqui! Passeá na cidade...

É o começo da doença que eu tenho, não é doutor!

Uma nuvem de poeira envolveu o parque, trazida pelo vento. Pôs um rictus na face do moço de óculos sem aro, sob o cabelo revoltado. O médico reconduziu-o. O doente voltou ao pavilhão, pensando que podia ter pedido 10\$00 ao visitante.

— Seu Xavier, você não tem medo de lepra?

— Deus me livre!

Jorge Abara olhou pela janela do *tramway* que corria. A serra parecia invadida de poeira. O Noroeste soprava. Uma camponesa parou ao sol, vendo o trenzinho passar.

— Essa não vai pro Asilo! — exclamou Xavier abrindo a boca numa risada gostosa de criança. Fazia um gluglu regalado que não acabava mais.

O moço de óculos sem aro lembrou-se de uma frase de Paco Alvaredo seu antigo colega de escritório na firma em que trabalhara: "*Todas las hembras son buenas*". Era um anarquista espanhol, calvo, ainda moço.

Xavier disse:

— Acho que os doentes viajam neste trenzinho...

— Lepra não pega...

Jorge Abara pôs-se a examinar os passageiros do carro que com eles voltavam do Asilo de Gopouva. Aquelas pes-

soas desprevenidas, nos bancos de palhinha, começaram a ter caras inchadas, carços e pestanas roidas. Até o picotador de bilhetes lhe pareceu vermelho e anormal. Olhou a paisagem urbana e picada de casas. Aquele Xavier era um imbecil... Para que tê-lo trazido a uma diligência onde ele não prestaria o menor serviço?

Tendo sido nomeado promotor da Capital, depois do desastre militar de 32, Jorge Abara dava um e outro biscate ao tio pobre dos Junquilha, que tivera medo de permanecer a serviço de D. Guiomar, porque um soldado da Ditadura lhe havia contado que todas as famílias importantes iam ser fuziladas. Inclusive D. Paula. Dois anos antes, a essa hora da manhã, o promotor estava na loja do centro, onde trabalhava pra pagar os seus estudos na Faculdade de Direito.

Vivia numa quebradeira absoluta. Antes das oito horas, camarões peçados, ônibus gastos, paravam despejando nas bocas do Triângulo Central de São Paulo os escravos do comércio urbano. Ele também fizera parte dessa população jovem, que procura tapear no vestuário estandardizado pelo cinema, a penosa vida dos bairros distantes. Adorava timidamente as garotas da cidade. Eram as empregadas das lojas e dos escritórios, que vinham iniciar a vida urbana. Boinas e caras pintadas. Havia as que já sabiam se vestir. Algumas alegres, excitantes, novas para a vida, as que iam começar, as feias, duas ou três mulatas destropicalizadas. Eram quase todas brigadas com a família, liberadas precoces. Grupos masculinos esperavam diante das portas onduladas de aço. As moças passavam lentamente aos grupos, como colegiais que espreitassem a hora da sineta. Carros de grandes marcas deslizavam às vezes pela Praça do Patriarca, levando senhores indiferentes. Chefes de escritório, prestimosos, misturavam-se na turba dos empregados, cheios de lhanza exterior. De uma igreja ensanduichada entre cafés, saíam mulheres desgrenhadas. Homens sós, paravam, entravam. No minuto das oito horas, descerravam-se as portas do comércio. Toda aquela gente tumultuava, as moças apertando os tacões, desaparecendo nas casas entreabertas. Na loja de tecidos onde ele trabalhava, tomavam seus postos nos balcões os parasitas, os comerciantes, os intermediários da produção. As caixeiras davam bons dias, corriam à privada, lavavam as mãos, refaziam as cabeleiras agitadas pelo vento

dos bondes. E ficavam sorrindo a qualquer aventura interior. Ele era o turquinho da escrita. Tinha vergonha de dizer que era bacharelando em Direito. Seu pai estava rico. Mas Salim Abara fazia os filhos homens trabalharem para estudar. E ele andava sempre desprevenido. As empregadas contavam anedotas porcas. Namorando um e outro, entregando-se, brigando às vezes, iludindo-se sempre com a mesma história, o mesmo beijo dado ou vendido à Migdal imensa da cidade.

Permanecera assim ali, até se formar, nos dias tumultuosos que se seguiram à Revolução Paulista. Aprendera a conhecer a pequena burguesia que era a fachada humana das grandes cidades. Desligados da classe produtiva, os empregados do comércio urbano formavam uma muralha de pequena reação, de vago clericalismo, de romantismo aristocrata, face ao proletariado a que não queriam pertencer. As moças das lojas não se confundiam com as moças das fábricas. Sonhavam com a ascensão aventureira de classe, almoçando com machos cinematográficos no barulho das leiterias centrais. Fora nesse ambiente que crescera nele uma noção de drama pessoal, sem ligação de partido ou de massa, sem interesse ideológico, sem consciência nem vontade de luta. No escritório que se abria sobre a loja ainda sem clientes, sentia-se tão só e sem amigos, longe dos seus, que tinha vontade de chorar. Com a chegada do guarda-livros, às nove horas, o trabalho aparecia atropeladamente, aos montes. Fora ele quem promovera aquele biscate para Seu Barbosa, pai de um colega seu muito chegado, que morrera na revolução. Um rapaz que dera 100% pela causa paulista. Mário Barbosa morrera na frente, levado talvez pelos discursos inflamados que ouvira dele na Faculdade. Tinham ambos partido juntos, e ele voltara só. Desde aí, uma amizade unira-o a Seu Barbosa, sempre pontual, sempre correto, de preto. Um outro filho seu ficara também nas trincheiras paulistas. Havia falta de troco na caixa para as primeiras compras tímidas. Varridelas aflitas completavam a limpeza retardada. Conseguia sair para um café na esquina, penetrava na Pracinha. Paco Alvaredo lhe dissera que chamavam de Beco do Escarro àquela ruela entre a Rua São Bento e a Rua 15 de Novembro, porque os homens ali eram escarros cuspidos dos arranha-céus. Perdia-se numa multidão de caras ávidas, de caras cínicas, de caras esperançosas. Eram os mitômanos da

prosperidade paulista, da prosperidade americana. Da sua função de Promotor de Justiça, fazia agora um sacerdócio. Não tinha nenhum interesse em perseguir os latifundiários da Formosa. O caso da morte do posseiro Pedrão, na serra, fora lhe enviado em processo-crime. Formara-se em Direito para defender a lei. Por isso agitara a Faculdade na revolução. O seu idealismo crescera com a derrota de 32 que lhe trouxera aquele cargo, no caos. Fosse ou não generosidade do vencedor. Um sentimento de culpa voltava. Diriam que o turquinho queria tirar uma desforra social. Vingar-se do desprezo senhoril dos latifundiários da Formosa, sofrido anos e anos pela sua família, pela sua raça. Não era verdade. Franziu o rosto, retirou os óculos. Salim Abara já tinha engaiolado o Coronel Bento Formoso nas malhas estreitas do seu comércio. Só a moratória decretada não o levaria à miséria. Mas ele era obrigado a agir assim. Havia de desmascarar os crimes do Major... Aquele tarado que numa bebedeira dera de rebenque em seu irmão Nagibe. Tinha nas mão o Major. Os "tenentes" o apoiavam.

— Você conheceu a Veva, Seu Xavier?

— Não me lembro mais...

Na botica de Lírio de Piratininga, em Jurema, ouvira que aquele oligofrênico era um neto da matriarca Veva, arruinada pelos parentes.

— O que você pensa da política?

— P.R.P. com o P.C. fez a chapa.

A descendência legítima da Veva dera uma galeria de limitados e anginosos que fora silenciosamente desaparecendo em mortes prematuras, endogamias estéreis. D. Guiomar Junquilha, no seu castelo renascentista do Jardim América, era a ferocidade, a blandície e a fortuna. O marido, neto da Veva, fora encontrado morto no cafezal, duma queda de cavalo. D. Guiomar liderara a família, ligando-se aos Saxe, aos Agripa, aos Pádua Lopes. E não fora difícil, nas mãos jurídicas do silencioso Robério Spin, a passagem dos latifúndios e das ruas de casas da capital, que a matriarca possuía, para as mãos ávidas dos herdeiros e colaterais. A Veva fora internada num bangalô do Juqueri. Era a sua última fazenda. Acusavam uns a Rosalina, outros a cozinheira Maria-Aeroplano de ter encontrado nela dotes de médium vidente. Aos

oitenta anos ficara impregnada de mensagens, de terríveis compromissos, de súbitas vocações. Adquirira uma intimidade alarmante com o Além. Nas horas de consciência, clamava que era a mulher mais infeliz do mundo. Tinham-na interdito e puseram-na, no começo, sob a guarda de uma enfermeira, no antigo casarão da fazenda Anica que passara para o Conde Alberto de Melo. Ali, naquele mesmo quarto, o primo Juca, aos vinte anos, havia aflorado o seu leito de virgem, numa noite de cautela e de chuva. Mas o primo Juca desaparecera nas mãos dos sicários de seu pai. E deram, para casar-se com ela, o Coronel Diogo Leitão, dono de vastas landas. Ia buscar o seu vestido de noiva em gorgorão e se toucava ao grande espelho da sala de visitas. Esperava o primo, sob os pedaços de grinalda, noites atravessadas ao choro dos sapos e das suindaras. Adormecia na rede da sala de jantar envolta em panos de cozinha, coroada de réstias de cebola. Ele tinha vindo. Chegara pé-ante-pé, na noite de chuva, até a rede. Trazia uma flor-de-lis no ombro. Parecia, no escuro, o gigante Golias. A enfermeira vagamente aterrada com a idéia de que um fantasma pudesse entrar no casarão, viajou para São Paulo e demitiu-se do encargo. Quando dois homens do Juqueri vieram buscar a Veva, pequena, curvada e branca, ela declarou-lhes que era gêmea de Luiz de Aragão e que guardava o símbolo da virgindade para se casar.

Jorge Abara havia pesquisado tudo isso, fora mesmo ao Juqueri ver a Veva e visitara a Fazenda Anica, com seu renque de paineiras na entrada, seu vetusto solar. Conversara duas vezes com a Rosalina. Ainda trazia do Asilo de Gopouva a idéia de que talvez fosse Idílio o matador do posseiro. Era difícil deslindar esse mundéu de crimes que fazia o passado latifundiário de São Paulo. O trenzinho chegava à estação de Tamandateí. Xavier levantou-se. Na frente de ambos saltitou risonha, de lábios pintados, a leprosa curada que gostava do antigo xerife de Bartira.

O senhor moreno e bem vestido, que defrontava naquela mesa matinal de confeitaria o Major da Formosa, teve uma

risada fina. Dinamérico Klag continuou fixando nele os olhos pretos e sujos.

— Há grandes lutas no espaço e você não sabe Alberto! Há grandes lutas no interior do homem e você não sabe! Você vive? Não! Você escorrega, você permanece na superfície lisa da matéria! É por isso que você não entende os fracassados. Você não compreende os poetas iluminados pela dor da consciência. Como é que se adquire o estado poético? Não é pondo em foco as forças do ser inconsciente, libertadas da censura. Essas forças são neutras e portanto sem debate e sem drama. Ao contrário. Tudo gira em torno do ato frustrado. Tudo gira em torno da consciência roubada. No minuto humano em que a soma das esperanças, dos anseios e dos gestos dá zero é que começa a funcionar a poesia. É que começa a funcionar a raiva. Poesia é fúria! É quando a consciência intervém. Não a consciência social, cristã, conspurcada pela ética interessada dos confessionários, sejam eles públicos ou privados. Não, Alberto de Saxe, é a consciência do primata, a única que cria direitos e suprime deveres!

O garçom interrompeu-o para servir novamente uísque.

— Eu sou filho do ato frustrado. Foi em Londres que eu deixei o meu destino, no fundo de um ascensor. Quando eu era estudante com você em Oxford, tinha ido passar as férias em Londres, não me lembro mais o ano. O ano pouco importa, o que importa é o minuto. Todas as normalidades verticalizavam os meus vinte anos, você sabe. Eu era um imbecil inteiriço. Não tinha brecha, não conhecia o anjo interior da dúvida, não conhecia o purgatório. Cristalino como o Dante, não soube parar no purgatório, que é o clima conseqüente do homem, onde o homem vive e gera outro homem. Eu tinha minhas horas medidas como as minhas luvas. Fazia um grande inverno, eu madrugara. Como tinha em ordem as minhas lições, pensei no templo católico de Picadilly. Iria começar mais uma jornada perfeita, comungando. Deixei o meu quarto. Quando o elevador tocou o piso térreo, uma mulher entrou, não me deu tempo de sair. Estava enluvada sob uma grande peliça, com um véu que lhe deixava os olhos doces e tímidos. Vinha certamente de um baile, onde dançara a noite toda. Eu levava comigo a manhã, ela trazia a noite. Seu perfume embriagou-me. No minuto em que o ascensor

nos conduziu até o último andar, os nossos olhos disseram toda a história da terra, a história social da terra.

O Major parara de falar e virou o copo de uísque.

— Já se disse que onde há um homem e uma mulher, há toda a natureza, eu digo que há toda a história!

— Você nos escondeu essa aventura, Major.

— Não foi aventura nenhuma, e por isso mesmo foi a maior de todas, a única que valeu, a que hoje outra mulher está desenvolvendo em dó maior! Quando o elevador bateu, se fechando sobre mim e vi que estava de novo só, gritei! Eu não ousara nada, nem ela, mas tínhamos desejado tudo e temido tudo e sofrido tudo. Você compreende? Seus olhos ficaram no elevador que descia de novo, me acompanham até hoje. E fiquei só! E ela povoou as minhas solidões...

Na extensa sala matinal, poucos clientes merendavam. Alberto de Saxe fitava aquele excepcional decaído, ante o copo vazio de uísque.

Talvez de fato houvesse decorrido tudo da vida inicial que ambos tinham esgotado na Europa. Alberto fora sempre um inatingido, na charola social em que o colocavam as condições da fortuna dos Saxe. Era como o outro, seu discípulo, um inadaptado. Mas seu caso fora sempre tido como um caso favorável de excepcionalidade. Diluía-se na esquisitice natural dos Saxe, conduzidos do Império à República na mesma passeata de atenções e de privilégios. Os Saxe tinham adquirido aquele porte moreno, um pouco arqueados para a frente, usando monóculo e bengala com um vago ar fatigado e neurastênico. Dando uma linhagem de ministros tanto ao Império como à República. Brotando num ou noutra a flor preciosa da poesia. Colecionadores de quadros, de raridades, de francesas e de cães. Ensinando os paulistas a se vestirem, a se utilizarem de garçons irrepreensíveis, a jogar nos clubes e na bolsa. Indo periodicamente da estação da Luz à gare de Saint-Lazare, com expressivos bota-foras, sensacionais desembarques. Deixando substitutos que morriam por eles nos Bancos que controlavam, nas casas comissárias onde mantinham os monopólios suaves do café, sustentando agregados violentos e ativos nos latifúndios sem par. Encontrando embaixadores servis e melosos prontos a levá-los às mulheres e aos políticos da época. Diante dele estava aquela mistura surrealista de álcool, de saudade, de barba malfeita e de cacos de

dentes. Só a voz era a mesma, a voz de Brighton, a voz de Oxford. Só a voz não envelhecera no Major da Formosa. Aquele homem sim, era o epitáfio de um ciclo. Era a fragorosa derrota do feudalismo cafeeiro. O Major suportava tudo, no entanto, com uma seriedade imperturbável, a mesma seriedade do colégio em Brighton, da Universidade em Oxford.

Alberto de Saxe chamou o garçom desatento. Pediu mais gelo. Evocava o Major de outrora, grande leitor de filosofia, de literatura e de história, limpo e bem vestido. A face tratada, os dentes bons, os olhos pretos e mágicos. Era o puritano da turma, não bebia, não jogava. A maior esperança da geração. Vivia nas nuvens de Sils-Maria, muito mais preocupado com o caso Nietzsche-Lou Salomé, do que com a sua própria mesada que chegava pontual como a dele pelo Banco de Londres como a dos outros brasileiros que compunham aquele grupo de estudantes aristocratas. Alberto era o mais moço da turma. Ciro de São Cristóvão liderava com sua inflexível vocação de chefe, o monóculo na larga face romana. Alberto tinha um particular interesse pelas letras e pelas artes, mas nunca fora nada. Era um Saxe. Um aristocrata. De pulôver, casquete e cachimbo, não tinha receio de afundar na população negra de trabalhadores da Londres metropolitana, onde ia atrás das garotas mais brancas da terra. O Major dera-lhe grandes conselhos porque tinha alugado um quarto de *boardinghouse* em Albany Street com uma pequena atriz a quem chamava de Miss Helen. A Miss Helen, de Fialho de Almeida. Que estava sempre *tired* como ele. Passaram dois meses na cama comendo presunto com ovos e bebendo uísque. À noite saíam para os teatros ver Anna Pavlova, Isadora Duncan, Giovanni Grasso. A lua-de-mel com Miss Helen durara um mês e meio, no fim do que ela partira nos braços persuasivos dum dentista tcheco.

— Eu desisti de amar desde Albany Street... Invejo a sua vocação.

O Major caíra num silêncio murcho... Exclamou:

— Como é que eu não hei de amar um monstro que se chama Eufrásia Beato Maria Moncorvino?

Veio a Alberto uma vontade irracional de agravar a situação do pobre-diabo que encontrara confidencial gravi-

bundo, depois de tantos meses, na manhã da cidade. Virou o uísque puro que estava diante dele e acendeu o cachimbo.

— Acho que seu dever é não abandoná-la por cousa nenhuma. Um amor! Possuir um amor dentro do peito num tempo destes!

— Não posso procurá-la mais. Por uma questão de dignidade. Ela é fria e distante como a lua. *Yet now, she is changed. But I am the man of the moon...*

— Garanto que ela está chorando na cama, à sua espera...

— A cama não interessa... o que interessa é a lembrança da cama...

— Volte... vá vê-la!

— Alberto, seria subscrever a minha certidão de óbito! Nada menos... Tenho o telefone dela, está morando com a irmã... Mas ir lá, seria morrer... Você conhece o *Anjo azul* de Emil Jannings? Você acha que eu devo ser o professor do *Anjo azul*?

— O que há de mais belo na vida, senão chafurdar num drama? Que nobreza a vida tem fora disto? Ser derrotado por umas pernas...

O Major estava no quarto uísque, mas conservava-se sisudo. Pensou nas coxas nuas de Eufrásia que queimavam como fogo.

— Ela tem uma linha moral que aterra...

Alberto decidiu levar dali o antigo colega, tirá-lo daquela porcaria física, oferecer-lhe um barbeiro, limpá-lo como se faz a uma criança. Reacendeu o cachimbo, pôs mais gelo no copo.

— Vamos tomar uma ducha escocesa?

— Nunca tomei...

— Vou fazer a minha massagem e ducha no Instituto Suécia.

Para o Major o ato de despir-se representava, no seu fundo supersticioso, o pecado de que tinha se alimentado sua infância.

— Voce fica nu, recebe a ducha quente e fria, depois o massagista te enxuga e te bate como se batesse uma massa de pão. Desde a Inglaterra que me trato assim...

— Não admito intimidades com homens!

— E o boxe? E a natação? Você nunca entrou num clube esportivo?

— Nunca admitiria que um homem apalpasse um pai de família!

Prosseguiu na obsessão:

— A vez que a vi depois da serra, acusou-me de tê-la perdido para sempre. Parecia uma hiena branca. Parecia a Veva. Eu tentei ainda a felicidade... Uma coisa por que tanto se luta... Reconciliamo-nos uma tarde toda. Brigamos de novo. Ela queria um vestido e eu não tinha dinheiro...

— Como vai a Veva?

— Está no Juqueri... Vocês, os Saxe, a abandonaram...

— Como vocês, os Formoso... Somos a história de São Paulo...

— Você não pense que o meu caso com Eufrásia Beato é banal. Não se trata dessa descida periódica aos infernos a que o homem é condenado pela sua fisiologia. Nunca! É outra coisa quando a gente descobre viva a Vitória de Samotrácia... Quando a gente ama a Vitória de Samotrácia...

Alberto de Saxe pensava naquela loucura agravada pela revolução desastrosa do café. Tudo em São Paulo resolve-se mediocremente, melancolicamente, menos o Major. Aquele livre arbítrio baseado na alta, vacilava, estorcia-se, delirava, não sabia agir na mão caprichosa da ruína. Mas mantinha uma linha perfeita no desastre. O amor era uma redoma onde se renovava sua função clorofílica.

— Ela é uma retardada... Por isso eu queria fazer dela uma artista... Você sabe que os artistas são seres a-históricos, são os grandes retardados. Eu queria que ela fosse tudo, menos uma prostituta moderna, como querem.

Não disse o nome do filho. Prosseguiu:

— Queria que ela fizesse escultura, que é a maior das artes...

— A música é que dá a raça. Música é geografia. São

— Por quê?

— A música é que dá raça. Música é geografia. São as forças telúricas. É o folclore... o canto do povo...

— Se ela pudesse estudar música, eu queria que se perdesse em Wagner... Wagner é estatuária...

— Discordo... Wagner é banda de música. É o canto da demagogia alemã. Tomou agora o poder. É Hitler. On-

tem, na minha discoteca, ouvi o *Primeiro Concerto de Tchaikovski*. Todas as virtudes bolchevistas do povo russo estão juntas nessa maravilhosa demonstração de verdades regionais.

— Você continua a adorar a hidra russa, que há de devorar a sua gente? Se Hitler não a esganar!

— Que graças a Deus há de devorar nós todos... Os Saxe... Os Formoso... A Veva, se ainda existir...

— Alberto, vocês começaram a vida dignamente como nós, conquistando latifúndios. Mas degradaram-se, deixaram a nobreza fechada dos feudos, perderam o sentido da terra, ficaram lojistas.

Alberto de Saxe concordou num riso sardônico.

— Ficaram milhafres sacolejando latinhas de café, no linho branco da Rua 15, em Santos. Vocês perderam também o sentido do mar. Só compreenderam o mar das exportações, o mar do negócio...

— E por isso podemos descansar nas diretorias dos bancos, nas poltronas dos clubes, enquanto vocês ficaram uns cáipiras trágicos.

— Guardamos no coração o sinal do latifúndio... Vocês, os Saxe, inauguraram a burguesia paulista. Da loja foi a primeira casa comissária ingressaram no comércio e no judaísmo ancestral. Foram concorrer com os imigrantes que nós chicoteávamos como negros nas fazendas. Para construir esta abominação econômica que é o Parque Industrial de São Paulo...

— O Maior Parque Industrial da América Latina!

— Você verá como o proletariado que vocês criaram saberá se vingar num futuro próximo.

— Tomará apenas o lugar dele na história do mundo. E já é tempo! Gozamos muito. Enquanto as mães proletárias pariam escravos para nós nos cafezais das fazendas, sem ter sequer o conforto que damos ao gado...

— Você quer condecorar, como na Rússia, as medalhas de ouro da progenitura? Abomino a Rússia! É o nivelamento por baixo...

— Vou mandar meu filho à Rússia. Você sabe que minha mulher morreu numa cesariana... E me deixou um filho.

— Por que não vai você?

— Porque sou um caso perdido. Além do buquê de violetas que levo de ano em ano ao cemitério da Consolação, que tenho dentro de mim? Londres, Paris, o apogeu burguês, a III República, o ceticismo liberal. Amo essa esterqueira toda. E por isso tenho uma ligação pública com uma francesa, que cuida de mim como uma brasileira não saberia cuidar...

— Você devia ter casado de novo com uma senhora...

— Pra quê? Eu sou do *temps des cocottes*. Eu sou de Marguerite Gautier, de Manon, da Europa vitoriana do Príncipe de Gales. Por isso, todos os anos atravesso o Atlântico.

O Major fixou os olhos na nota de duzentos mil-réis com que seu antigo condiscípulo dirimia a despesa.

— Me passe uma dessas... Eu preciso mandar...

Alberto de Saxe interrompeu-o, com o cigarro nos dentes.

— Hoje é impossível, Major. Tenho um compromisso. Quando posso, sirvo. Você sabe...

No fundo, Dinamérico Klag protestava. Tinha sido sempre burlado, enganado, tapeado, como agora. Pra cá, pra lá. Pensou com ódio na serenidade milionária dos Saxe. Alberto vivia publicamente com uma prostituta, mas isso só lhe aumentava o cartaz. Como o do outro Alberto, seu cunhado, tendo a desfaçatez de convidá-lo para ir à casa da francesa Leô, no Jardim América. Súcia de salafrários! Ele sempre quisera conservar uma moralidade impossível. Achava que tudo era permitido, mas dentro do amor. O amor higienizava tudo. Era muitas vezes o oxigênio que os porcos buscavam nos lamaçais. Outra coisa era o bordel. No frontispício de certas linhagens paulistas podia-se inscrever a saudade do bordel. Alberto de Saxe fazia a apologia cínica do bordel. Como poderia amanhã fazer da pederastia. Ele conservava uma dignidade de que se riam, ou para que voltavam as costas. Uma dignidade esquecida. Uma dignidade do século XIX. Dirigiu-se para o Beco do Escarro. Ali vegetavam os fracassados, os vencidos e os mitômanos. Irmanavam-se na pinga libertadora e suicida. No âmbito encardido e estreito, branquejavam as pequenas servidoras de café, vindas da Li-

tuânia e da Hungria. Aquele bar do Beco acolhia envelhecidos precoces, faces amarelas, olhos vidrados. Os últimos abencerragens da boêmia. Chamavam-nos de planadores. Levantavam vôo atrás da primeira dose de álcool paga por outro. Ficavam no azul. O Major precisava providenciar a cura de repouso que o médico indicara à Eufrásia. Iria com ela para Campos de Jordão. Era o homem que perdera a felicidade no fundo de um ascensor em Londres. Bolchevista, Alberto de Saxe...

Exclamou:

— Se o homem individual faz besteira, que fará o homem coletivo!

Alberto chamara-o de latifundiário. Só havia igualdade na morte...

Desviou os passos incertos dum velho forte que estava conversando encostado à parede do Café Lírico, à entrada do Beco. Reconhecia o chapéu desabado, os bigodes de chim, uma camisa mole e fina, onde esvoaçava uma gravata rica. Era Anjo Leite. Tinha conseguido casar. Só havia igualdade na morte. Construiria um chalé suíço para Eufrásia e seria o seu enfermeiro... O enfermeiro ausente da Montanha Mágica. O Pedrão não vivia mais. Tiraria dinheiro da mata. Os posseiros fugiam para a Formosa, onde Jango os acolhia. Cachorro! Ele se dedicaria à Eufrásia. Sua existência tomaria uma inesperada finalidade. Chegara ao balcão. Os lordes na Inglaterra costumavam beber um álcool forte depois do uísque para rebater. Pediu um coquinho no mármore sujo. O posseiro da mata voltava. Como antigamente, quando ele mandava um empresário fazer carvão na serra. O vagabundo forte e temeroso ressurgia, como se invadisse de novo os limites indecisos do seu latifúndio. Exclamou alto, com a voz difícil: — Sou um inocente! — Reclamara providências da Diretoria de Terras. Fora três vezes à presença dos advogados displicentes e polidos, que escutavam sem agir. Bastava alinharem-se os olhos negros dos fornos de carvão, feitos pela mão ativa dos empresários que lhe haviam adiantado dinheiro, e o Pedrão ameaçava logo de embargo, com aquela secura de abutre, com aquele destemor cínico de grileiro. Fora ele próprio quem medira a mata, de teodolito em punho. Sabia bem o que era seu. Os trabalhadores dos fornos procuravam-no aterrorizados, queriam a restituição do

dinheiro já gasto. A Miguelona com seu bando, vendo a resistência do Pedrão, alargava suas roças, apossando-se dos limites encharcados do rio. Sorveu o trago adocicado e opalino. Agora ressurgiria vitorioso dentro do mundo do feudo. Aquilo era um mundo a ser defendido, defendido à metralhadora e chanfalho.

Anjo Leite aproximou-se. Ele perguntou:

— Você tem o dinheiro?

— Olhe, estive com o Bitalino. Arranjou-me algum. Mas o Bitalino quer que você faça substituir os seus cheques sem fundo por outros, dele mesmo, do velho. Você pede ao velho um cheque de cem contos. O Banco dá binte contos e restitui-lhe o seu cheque de quarenta...

— E o resto?

— Desconta em juros, 10% ao mês. Quatro meses no mínimo...

O Major concentrou-se. Sentiu uma vacilação nas pernas tesas, abertas.

No fundo do bar, um mulato tirava com o dedo um fiapo do dente.

— Como vai Lirio? Eu preciso falar com a sua noiva... a Velosa.

— Aquela é uma vaca... Eu amo uma vaca... Estou com dor-de-corno...

Sem lhe dar atenção, Lirio aproximou-se de um grupo lívido de boêmios que bebericava na penumbra, sob a garrafeira.

— Lá na Jurema perguntaram pr'um pau-d'água: "Aqui é sol ou lua?" Ele respondeu: "Não sei, não sou daqui!"

Uma risada acolheu a história. O Major aproximou-se do bocal metálico do telefone sobre o balcão. Discou um número, mandou chamar D. Rosalina. Uma voz respondeu preguiçosa. Ele disse quem era. Depois de um minuto ouviu perfeitamente a resposta: — Não amole, deixe a gente dormir! — E a batida do fone. Repetiu a ligação: — Chame ela... Olhe, eu estou desesperado... Diga à Eufrásia que se ela não falar comigo ao meio-dia em ponto, eu não existo mais. Desligou e ficou ali inerte. Uma remela fluida embaçava-lhe os olhos sérios.

Seu Ferrol esperou o coronel descer do sobrado dos Formoso. Estava no pequeno escritório que o fazendeiro se reservava na casa dos Campos Elísios. Havia uma folhinha comercial sobre a secretária estreita e fechada. E, na parede fronteira, um cromo representando um soldado moço de capacete de aço enlaçado pela legenda "Desta casa partiu um soldado da lei".

Ele viera, como portador dos Agripa, trazer uma proposta de compra da Formosa. Se o coronel aceitasse esfrelava-se o latifúndio cafeeiro. Na Casa Comissária, de Santos, tinha-se organizado um projeto de divisão em lotes da fazenda fundada pelo Coronel Diogo Leitão. Aquele núcleo tradicional de secular bastança seria entregue à avidez colonizadora do amarelo, do italiano e do espanhol. Era o fim do mundo. Os Formoso haviam conservado intacta a parte das matas que chamavam de Eldorado. O que constituía o húmus na paisagem da erosão. Mas agora pretendiam devastar as últimas reservas florestais para plantar algodão. Roubavam o que nunca mais poderiam restituir — o húmus da terra. E os Agripa? Fariam o pior! Iriam liquidar o feudo, partilhá-lo, vendê-lo aos colonos. A devastação se processaria inflexível. O latifúndio seria entregue aos pedaços a uma súcia de ádvenas cúpidos. Era a concepção de um mundo autoritário que se esboroava, o mundo intocável do café.

Seu Ferrol herdara do pai, que fora um administrador exemplar dos Agripa, aquela concepção castelã do feudo paulista. Os seus casamentos de terra roxa com manchas de salmorão. E seus adultérios mutilaterais, seus dramas ocultos, suas complacências e taras. E a seleção dos cavalos de sangue, dos reprodutores augustos, das hospedagens e das festas que se refletiam na larga cozinha da fazenda, onde fora admitida sua infância esguedelhada e doentia.

Passos fizeram estalar a escada do sobrado. O fazendeiro descia num roupão escuro, tendo na cabeça um boné de seda preta que lhe dava um ar de jóquei.

Ouviu sentado o gerente dos Agripa que propôs desajeitadamente o negócio. Fitava a janela aberta, o esplendor

das magnólias do jardim. Não respondeu. Era uma boca muda sobre uma dignidade de supliciado. Levantou-se.

— A Formosa não está à venda.

Ao conduzir o visitante até a escadaria de mármore exterior, Bento Formoso viu, procurando a campainha, uma mulher baixa e vistosa que sorria sob um largo chapéu de flores. Seu Ferrol deu-lhe passagem. A pessoa subiu na direção do dono da casa.

— Quem é?

— Uma desconhecida que lhe pede audiência, coronel! Minervina Veloso.

O velho recolheu-a ao escritório, fê-la sentar-se. Fixava a franja luzidia de cabelo que caía como um toldo sob o chapéu, os olhos borrados de rímel, as faces afoguedas, os dentes desiguais e brilhantes nos lábios pintados e abertos. Decerto vinha passar-lhe alguns bilhetes de benefício. Tinha um pequeno buço preto. Devia ser alguma cômica como antigamente chamavam às mulheres de palco.

— As suas ordens!

— Eu sou noiva do Lírio, coronel. O senhor vai me dizer que esse rapaz é casado na Jurema... Era... coronel. Era...

Enxugou uma lágrima, teve um silêncio digno, depois prosseguiu:

— O senhor sabe, coronel, como a humanidade é exigente... Exige tudo e não dá nada. Ele se separou por causa da sogra, o senhor conhece a Dona Filomena?

— Não conheço...

— É uma verdadeira carcamana. A sogra, em vez de fazer a felicidade da filha, acalmando qualquer desavença, pôs óleo na fervura! Não quis consentir que Lírio partisse para se bater como um bravo na revolução por São Paulo. A mulher também não quis! Veja que falta de amor à Piratininga! Coronel, que faria o senhor no caso? Eu sou também uma paulista de quatrocentos anos... O Lírio pertence a uma família imperial. É Rebouças... O verdadeiro motivo é esse. O senhor sabe...

— Não sei de que se trata.

— Ódio, coronel! Ódio dos imigrantes contra a aristocracia. Dona Filomena como uma verdadeira jararaca, deu o bote final.

— O Lírio foi moleque de criação da Formosa. As “três meninas” é que o tomaram. Não sei... É farmacêutico. Não sei...

O velho ia levantar-se, mas a mulher oscilou da cadeira. Ajoelhou-se no soalho, procurando beijar o roupão escuro, enquanto o coronel recuava.

— Eu não almoço há dois dias...

— Levante-se, mulher!

Minervina Veloso soluçava de pé, num lençinho perfumado.

— Deus compensará!

— Estou desprevenido... Venha no próximo mês.

— Coronel! Eu não vim à sua casa pedir esmola. Eu sei quanto o senhor é caritativo. Eu vim aqui contra a vontade do Lírio pedir um arranjo, a fim de nos casarmos. Estou grávida! A de livrasse...

— Mas que arranjo?

— Eu soube que Dona Felicidade vai abrir um grande hotel de águas minerais.

— É meu genro.

— Pois é, o Conde Alberto. Eu queria que o Lírio ficasse contratado para farmacêutico dessa nova Poços de Caldas...

Um vulto passava no corredor. O dono da casa chamou:

— Moleque! Quem é?

Uma cabecinha ruiva de menina espiou, entreabrindo a porta de vidro empapelada.

— Ah! É a Felícia. Ouça, Felícia Benjamin, leve esta moça à copa e sirva-lhe café, leite e bolachas... Dê aquele queijo que está na geladeira. Diga a Afonsina que prepare uns ovos quentes...

— Ela foi na feira...

— Então sirva você... Minha mulher está na Formosa. Me interessarei pelo seu pedido.

Felícia Benjamin tinha vindo de longas terras sertanejas. O pai, pastor protestante, esquelético e puritano, imprimia-lhe aquelas linhas mestras do caráter, agressivas e ino-

portunas, desafiando os tempos novos. Um passarinho ruivo e mal penteado, com um corpo flexuoso e impúbere, parado sobre uma perna mais magra que a outra. Um riso constante, desafiador e infantil nos olhos claros sob as sobrançelas enormes. E aquelas cifações. O apóstolo Paulo falou. Capítulo III, versículo 15. Mateus... João... Ia ao culto às quartas-feiras, num capote velho, amarelado pelo uso. Ouvia crédula a palavra dos jovens lobos do Senhor. Cantava os salmos. O pai morto num acidente de automóvel. A mãe, nos braços nodosos dum administrador de fazenda. O irmão Carlos fora estudar veterinária em Jurema, a expensas do conde. Ela tinha sido encaminhada para D. Felicidade Branca. Ficara ali, no solar urbano dos Formoso, enquanto não começava o curso de corte e costura.

Parou de lavar a caneca na pia da copa, fixou a mulher que comia um prato de cangica com leite, falando entrecortadamente.

— Ninguém toma conta do coronel, não? Também, nesta casa parece que não há muita ordem... Se houvesse ordem, eles não estavam na pindura assim...

Felícia, quieta, continuou a lavar a louça. Minervina Veloso levantara-se, examinava as latas sobre o armário.

— O que tem aqui, hein?

— É melhor não mexer. A Afonsina dá o estrilo com a senhora.

— A Afonsina manda aqui, hein? Que horror! Todos mandam, não? A velha vive no ar. E o Jango?

Um barulho de tacões subia a escada exterior da cozinha. Uma voz estrídula gritou:

— Abra a porta! Não posso mais com esta cesta!

Felícia correu. Afonsina estourou suada, vermelha, num *tailleur* branco. Pousou a cesta, entupida de pacotes e verduras.

— Quem é a senhora?

— Uma hóspede do coronel.

A cozinheira ficou indecisa, depois rodou, incomodada. Abriu a geladeira na copa, bebeu água. Felícia explicava:

— O coronel mandou dar lanche a essa senhora.

— Vou lá embaixo me trocar. Guarde as coisas, Felícia. Tome cuidado!

Desceu nos sapatos de salto alto. Minervina foi procurar palitos no guarda-comida.

— Já me disseram que esta sujeita não vale nada.

Afonsina subiu sem demora. Vinha lesta, abotoando a blusa, os cabelos mal penteados.

— Já comeu, já bebeu, agora pode fofá! Aqui não é casa da sogra.

— É comigo que a senhora está falando?

— Com quem haverá de sê?

— Sua atrevida! Vá lavar o seu sovaco que está recendendo...

— Deixa está que eu vô já lá em cima falá co coroné. Ele não é biscoito. Quero só sabê quem é esse urubu lambisquera de panela!

Saiu pesadamente pela casa. D. Vitória estava na sala de jantar com a Belica. A criança de quatro anos tinha uma touca sobre os olhos grandes, pensativos.

— A senhora já viu que desaforo! Vem uma mendinga pedi um prato de comida na porta, e o coroné faiz ela entrá na cozinha. A senhora acredita que ela bebeu o meio litro de leite que eu separei no canecão pra Belica, com a cangica do Majó? Vá comê no hoter e dormi no arbergue noturno!

D. Vitória levou a criança para o jardim. Afonsina indecisa, esperava que a outra saísse.

— Se não fosse essa asma que me soffoca, eu ia buscá o coroné pra dá umas reiada nessa intrusa!

Gritou para a copa donde vinha um diálogo que tornava maior o silêncio do sobrado.

— Espere que eu chamo a policia!

Minervina se havia aboletado num banco baixo de palhinha e palitava os pivôs. Vendo a cozinheira voltar, disse:

— Mendiga é sua avó Dona Afonsina!

— Meu nome não é osso pra andá na boca de cachorro.

A visitante levantou-se, e batia pateticamente no peito alentado.

— Eu sou um cristal. Parto uma só vez! Me ofendem uma só vez!

Nesse momento a voz cantada de Felícia Benjamin interveio:

— Se guardades os meus mandamentos, permaneceris no meu amor! João 15, versículo 10.

— Deixe de besteira, menina! Você já estudou Freud?
Então cuide de seu serviço...

A cozinheira interrompeu:

— Ela está mandando você lavá o prato que ela comeu e guspiu!

Foi atender à campainha da rua. A porta aberta da cozinha um homem apareceu, encostando-se ao batente.

Afonsina voltava com um papel na mão.

— É aviso de Banco. Um dia o mundo cai. Tô dizendo...

O recém-chegado fixava a mulher de chapéu florido. Fez dois passos para a frente.

— Foi bom mermo mecê chegá nessa hora Majó! Pra dá um pega nessa intrusa que o coroné mandô entrá... Gente que vara a casa se não é ladrão é lobisome.

— O que a senhora deseja? — interrogou Dinamérico Klag voltando-se.

— Falar com o Jango. Tenho um recado para ele.

Afonsina interveio:

— O Jango não tá aí. Chega amanhã. Veio um telegrama...

— Cala a boca, idiota!

— Veio mermo. É mió mecê pirá logo pra serra co'as cabrita!

O Major aproximou-se da visitante:

— Quem é você?

— A Velosa... a noiva do Reboucinhas...

— De quem?

— Do Lírio...

— Vá atrás de muié de bigode! — resmungou Afonsina.

— Eu preciso falar com você Velosa. Vamos para a sala de visitas.

— Vô coá um café forte pro sinhô tomá sem açúcar...

— Oxalá me suportásseis na minha loucura!! Coríntios 11, versículo 1...

O Major entreabriu uma folha da grande janela da sala

de jantar, e a luz se derramou branca sobre os cadeirões almofadados e velhos do ângulo.

— Sente-se aí! Vamos conversar. Você é amiga da Eufrásia?

— Eu agüentei ela na fraqueza do peito...

... — Ela está me passando os chifres com Jango?

— Não. Absolutamente. Ela é séria... Está sem recursos financeiros. Deixou a carreira de professora, sinão ficava tísica!

— O que ela pensa de mim? Conte!

... A mulher hesitava. Abriu a bolsa. Acendeu um cigarro.

— Fale! Eu arranjo todo o dinheiro que ela precisar.

... A Velosa soltou uma gargalhada.

... — O senhor iscou a maneta em cima dela lá no rancho!

— Que história é essa?

... — A onça maneta.

— Não é verdade... Lá na serra só tinha uma oncinha que eu peguei numa armadilha. Uma onça assim! — exclamou, medindo num gesto. — Que só podia fazer mal a galinha, a passarinho...

— Estou pronta para ajudar em tudo... Mas é preciso dar um jeito na vida do Lírio que está sem emprego... Ele quer ser farmacêutico das águas do conde...

O Major sorria pensamente.

— Você viu Eufrásia nua? Ela tem duas covinhas atrás. É um adolescente!

Gritou para a cozinha:

— Afonsina traga o café!

Felícia apareceu com uma xícara só, numa pequena bandeja de madeira.

— E para a visita?

... — Eu já tomei Major, não se incomode.

Ele levantou-se, foi à cozinha.

... — Quem manda nesta casa?

— O coroné!

— Quando é que o coronel mandou aqui?

A cozinheira tinha os olhos espantados.

— Desta vez eu vô fofá. Fique c'o urubu. Mas eu quero os atrasado.

... O Major tomara-a pelos pulsos molhados.

— Saia! E volte para buscar amanhã! Rua! Sua vagabunda!

Afonsina desceu para o porão. Felícia seguiu-a. Fechou-se no quarto das criadas, despovoado de coisas. Uma folhinha sem bloco pendia de um prego na parede. De cima, vinha a conversa do Major com a visitante. A menina exclamou:

— Por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus! Atos 14-22.

Felícia Benjamin gritou no escuro. Estava só no leito grande e desconjuntado de ferro. Tinha sentido uma coisa estranha na perna.

— Sou eu! Não tenha medo...

Ela deu um repuxão, desvencilhou-se das cobertas, saltou do outro lado.

— Espere aí! Venha comigo... Sou eu...

Houve um silêncio. A porta do quarto estava fechada. Era o Major que se utilizara da chave de Afonsina para entrar. Estava em pijama e chinelas.

— Me deixe! Eu grito! Acenda a luz!

— Boba! Eu quero curar essa perna mais magra que a outra

Cercou-a. Encostara-a violentamente contra a parede. Levantou-lhe o saiote, procurando abrir-lhe as pernas cerradas sob a calça. Mas a menina redobrou de forças e gritou um choro enorme na casa quieta. Um cão ladrou no quintal vizinho. Ela rolou no soalho, levantou-se e correu para um canto. O homem foi à porta, escutou. Abriu-a e desapareceu dizendo:

— Cretina! Você me paga!

A chave estava no chão. Ela fechou rápida a porta. Ficou escutando. O cão continuava a ladrar.

— Este Banco é como o navio do português. Pequeno por fora e grande por dentro...

Jango olhava debonariamente o fazendeiro que falava, de óculos, metido numa capa de borracha.

— Este Banco é apenas o intermediário entre S.M. o Rei da Inglaterra e nós. Toda a lavoura cafeeira do Estado de São Paulo caiu nas mãos dos ingleses. Porque na alta fizemos nossas hipotecas em ouro...

— A Formosa deve muito?

— Se não vier depressa o reajustamento prometido pelo Dr. Getúlio Vargas, nosso patrão...

— Você queimou o café?

— Estou plantando algodão.

— Agora é o algodão. Todo mundo só fala em algodão. Corre atrás, planta e se encalacra. Depois, vem o tombo na certa. Mas paulista é que nem gato. Cai de cima de Martinelli e fica só machucado. Sai de banda!

Um dos avaliadores do estabelecimento passou cumprimentando. Um contínuo o seguia. O fazendeiro disse:

— O Banco resolve tudo para os estrangeiros. Dão crédito e prazo. Eles fazem fortunas... Quem é que está administrando a Formosa?

— Eu mesmo vou tocando. Venho pouco a São Paulo. Vou derrubar o Eldorado. Já comecei a atacar as matas pelo rio.

— Deu maleita?

— Alguma. Preciso substituir os colonos que fugiram.

— O japonês é o único que tira sessenta contos dum alqueire de terra.

— Naturalmente. Tem por trás dele a cooperativa e o capital. O cônsul e o Imperador. Elimina o intermediário.

— É quem está fazendo a cultura intensiva, valorizando a pequena propriedade...

— Vou experimentar os baianos. Contratei uma leva de jagunços do São Francisco.

— Esses não dão nada. É gente que vem a pé de Pirapora. Sem família. Não tem parada. Chamam eles de morre-andando. Dão 50% de rendimento do europeu ou do amarelo.

Jango fez um cigarro grosso de palha.

— É só ter o que comer, eles são como os outros.

— Qual o que! Eu já tive na minha fazenda. São cheios de história! Param um dia por semana pra rezar pelos que mataram no sertão. Acendem por cada morto uma velinha...

— É gente boa! São brasileiros como nós. Juntei uma caboclada avulsa e vou tocar. Vim aqui para saber se permitem acabar com o nosso cafezal. Só o algodão é que nos pode salvar. Mas parece que esses sujeitos do Banco não querem... Se eu não conseguir, tenho gente no Rio. Vou até lá...

— Por que eles não querem?

— Dizem que a garantia da hipoteca é o café. Só a broça tem licença de tocar no café. Eu vou deixar os cafezais novos. O resto ponho fogo.

O contínuo voltou. Trazia papéis na mão. Estavam numa ante-sala de mogno preto, estilizada em Tudor, com cadeiras de grandes espaldares. Um homem saiu vermelho da porta de vidro que os separavam da gerência. Jango foi chamado. Entra. Ia sentar-se em frente a um rapaz calvo que tinha a secretária inundada de *dossiers*.

— Seu caso está sendo decidido na Diretoria. Terceiro andar. Os diretores estão em reunião.

— Obrigado. Vou até lá...

Despediu-se do fazendeiro, esperou o elevador. Agora não estava mais numa ante-sala. Mas num amplo salão, onde gente esperava, sentada e quieta. Homens de todas as idades, de todos os feitios, uma senhora gorda, de óculos, absorta numa revista.

Lá dentro, decidia-se o seu destino, o destino da Formosa. O rapaz do elevador informara-lhe que a reunião durava já vinte minutos. Às vezes prolongava-se por uma hora. Não podia ficar naquela cadeira, diante daquela gente neutra, impassível. Fez um cigarro, acendeu. Pôs-se de pé, foi até o elevador, voltou. Lá dentro decidia-se o seu caso. Um dos diretores, o velho Nunes, fora amigo de seu avô. Mas um outro só faltava vestir a camisa verde dos integralistas. Um careca admirador do fascismo que só podia detestá-lo e sabotar-lhe a vida. Sentou-se de novo. Quem verdadeiramente controlava o Banco era Ciro de São Cristóvão que fora colega do Major, na Inglaterra. Inutilmente quisera falar com ele. Seu coração ansiava. Procurou distrair-se.

A grande janela entreaberta dava para uma área sombria. Os oportunistas tinham tomado conta dos cargos. Os Formoso, como os fazendeiros de café, estavam nas mãos do Banco. Daquela sala fechada, naquele instante, podiam sair a desgraça e a ruína, e a salvação também. Cerrou o punho com ódio. Tanta demora! Aquilo parecia propositado, direto e pessoal. Contra ele. Um ímpeto idiota tomava conta do seu cérebro. Abrir a porta, intervir no conclave, ameaçar, dizer tudo... Todas as verdades que os clãs capitalistas precisavam ouvir. Pegar pela gola aqueles três pusilânimes que detinham nas mãos a sua vida, a vida dos seus, a vida de tanta gente! Pensou em Eufrásia.

A porta entreabriu-se. O careca apareceu num brim caro. Cumprimentou a senhora fingindo que não o via. Jango estava disposto a tudo. Levantou-se e seguiu-o até o elevador.

— Como é? Vocês amaldiçoaram lá dentro a Formosa?

O diretor sorria sardônico, fino, como se rebatesse uma agressão.

— Não tratamos do seu caso. Tivemos uma liquidação a decidir... De gente grossa...

O elevador chegava. Dentro dele vinha Nicolau Abramonte.

Já diziam de há muito que a cabeça dele era melhor do que um livro.

Nicolauzinho, quando enforcava na venda um dono de mata, tinha sempre prontos para receber os despojos da luta, quatro caminhões. Comprou café na porta das fazendas, depositou, vendeu. Comprou algodão dos sitiantes, financiou. Pôs máquinas de beneficiar. A roncadeira, com que sonhava no começo da vida, gerou engenhos e serrarias, oficinas e silos. A barriga aumentada no colete de berloques. De chapéu na cabeça. Conheceu São Paulo. Hospedava-se nos hotéis modestos da Luz. Mas visitara fábricas. Entrou nos Bancos, conheceu gerentes e diretores. Um dia Ciro de São Cristóvão o recebeu.

— Putana la madona!

Tinha aprendido a ler na mesma matéria plástica em que Anchieta escrevera versos imortais e desconhecidos à Virgem — a areia. Não ante o mar mas nos carregadores dos cafezais. Treinou a mão grossa nos papéis pardos de venda, à luz das candeias mortijas, lançando sobre os balcões toscos o primeiro crédito, o primeiro haver. Comprou óculos. Sem Copérnico, ele teria descoberto o sistema solar das partidas dobradas. Sem David Ricardo, teria sabido que o valor sai do trabalho. E, sem Marx, que a mais-valia exsuda da fome para o bolso do empreendedor.

— Vá, 70 contos! Nê mais um teston!

No guichê da Companhia City, o rapaz de bigode, impassível, fê-lo ver que aquilo era um negócio em série. Explicou mais uma vez que as quatro residências estilo Missões do Jardim América custavam, cada uma, oitenta contos de réis. Só restava a última. E já havia outro comprador. Um sirio.

A escritura não dizia, mas a casa paulista de Nicolau Abramonte tinha rótulas fingidas, pequenos claustros suspensos, paredes mal caiadas e diferenças de níveis para tropeçar. Ele examinou os portais, os corrimões de ferro, o fogão a gás, e deteve-se demoradamente no banheiro ladrilhado e roxo, com bidê e privada da mesma cor. Água quente e fria em todas as torneiras. Aquilo sim! Empurrou diversas vezes o botão para ver se da caixa de descarga espirrava água, como na sua casa de Jurema.

— Perfeita! Isso qui si chama litrina!

Vagou pelas salas vazias. Pensava em trazer os móveis de Jurema. Sentou-se aos primeiros degraus da escada que conduzia ao andar dos aposentos. Tinha grosso o coração. O silêncio arborizado do bairro aumentava o silêncio da casa. Ouviu a sanfona que o pai tocava na terceira classe. Tinham-na roubado no vapor antes de chegarem a Santos. Agora poderia cobrir todas as paredes de sanfonas e concertinas.

E estrugiu nele, de repente, a lembrança da imigração longínqua. Toda sua infância transbordou. Se Nicolauzinho conhecesse o Dante, diria que ele tinha errado. *Nessum maggior dolor...* Maior era a dor das injustiças sofridas, das dores recalçadas no momento magnético e inútil da for-

tuna. Seu rosto duro se torceu num choro mudo e longo. Parava sufocado. As lágrimas vinham como se estivesse esfarrapado e pequeno, as mãos machucadas, queimadas de frio, no cafezal da Formosa. Retirou da cabeça o chapéu novo. O milionário acariciava o bebê famélico que crescera dentro dele. Enxugou-se com um lenço sujo, socado. — Gija! Gija! — Vira o rosto enrugado da mãe que criara ele e sete outros filhos. A Nona das suas primeiras crianças que morrera pobre.

Tinha um molho de chaves nas mãos. Bateu a porta exterior. A tarde estival do bairro punha ciclistas nas aléias arborizadas e largas. Meninas loiras e brancas em *short*, rapazes de camisetas esportivas enchiam de risadas o asfalto das avenidas.

Ludovica permanecia arrepiada, as mãos ósseas nas contas do rosário, as rótulas doloridas. A missa de Padre José, em Jurema, durava quarenta minutos inteiros, fora o sermão. O primeiro *Domínus vobiscum* constituía um balanço longo de braços abertos, voltado para os fiéis, em dois baques.

Ante o espetáculo sacerdotal, os livros de oração perdiam toda a importância. O que interessava eram os segredinhos do padre com o missal, com a toalha branca rendada, dura de goma. O sol da manhã encharcava o altar. Chegava a hora de consagrar a Santa Hóstia. Padre José arregaçava-se todo na elevação dos braços, que subiam curvos, medidos, conduzindo o cálice até o céu, aberto pelo pressuroso aviso das campainhas. Tinha comungado o Sangue do Senhor.

As virgens de véu branco, as senhoras de véu preto, os homens descobertos, seguiam para a sagrada mesa, ajoelhavam-se ante o mármore, as cabeças apoiadas nas mãos, os olhos baixos. O sacerdote aproximava-se de Ludovica. Estava aberto para eles o caminho ascético da redenção e do céu.

Um coroinha de olhos grandes e opa encardida saía pelos bancos apresentando aos fiéis uma sacola de níqueis. Velhas

e pretas, homens velhíssimos vindos do passado, mealhavam as economias de Deus.

Tita Deadermino penetrava no templo, resmungando no meio do povo ajoelhado.

Os curumis brincavam de piques. Os curumis brincavam de subir no barranco. Gritavam. Corriam. Abaixavam-se atrás das árvores. Padre Beato, na batina velha, o sapato engraxado, dirigiu-se à casa dos Abramonte.

Ludovica apareceu mancando no vestido claro, os dentes salivosos de fora.

— Entre, Padre José! Já estava pronta para ir à sacristia falar sobre a festa. Estou rouca. Tenho medo de não poder cantar a Verônica...

— Trouxe o programa. Não está todo pronto, só o final...

D. Filomena fora fazer um cafezinho.

O sacerdote sentou-se a uma cadeira de vime, retirando do bolso tiras rabiscadas. Ludovico acomodara-se à cabeceira da mesa elástica, afastando o vaso de cravos-de-defunto que Fúlvia havia colhido pela manhã.

— Vou mandar imprimir na tipografia d'A Voz, num papel cor-de-rosa grande. A comissão é a seguinte: D. Ludovica Abramonte, pelas Camareiras do Santíssimo Sacramento. D. Zezé Nardini, pela Pia União. D. Ernestina Teixeira, pelas Damas de Caridade...

— Ótimo, Seu Vigário!

— Escute: "No santuário de Bom Jesus de Jurema, com toda a majestade e o esplendor do culto católico, serão realizadas este ano, as belíssimas cerimônias que recordam a Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo..."

Sua voz tinha estalidos. Tirou o lenço, pigarreou.

— "Dia 7 de abril, sábado, às 19 horas, 7 horas da noite, partirá da Matriz a procissão do Depósito, conduzindo Nosso Senhor dos Passos à capelinha do Monte Carmelo. Dia 8, domingo, às 7 horas da manhã, missa cantada, comunhão geral e leitura do Evangelho. Às 9 horas, bênção e Procissão dos Ramos..."

— Está uma beleza! — interrompeu Ludovica, passando ao padre uma xícara fumegante que D. Filomena trouxera numa bandeja de metal.

— Café numa manhã dessas ativa a circulação. Está delicioso — fez o sacerdote, mostrando um dente de ouro.

D. Filomena debruçou-se à outra extremidade da mesa para escutar, a cara enrugada, flácida, o cabelo repartido ao meio. Tinha as pernas inchadas de varizes em meias claras de algodão.

— E o Encontro?

— Será aqui em frente, na Praça.

— E os Passos?

— Os Passos serão armados nas casas das pessoas importantes. Naturalmente aqui... Na farmácia do Seu Moura, Epaminondas Vieira, Seu Carlos da lenha, Dona Etelvina do mercado...

— E Dona Nonó? Ela deseja tanto. Merece mais que o Seu Moura.

— Seu Moura vai pesar o peso dele e dar em pão aos pobres. Estou com vontade de introduzir algumas inovações. Segunda-feira, missa na Santa Casa, comunhão dos doentes e vicentinos... Terça-feira, missa na cadeia... A Senhora Dona Ludovica cantará o Ofício das Trevas.

Ela sorria. D. Filomena exclamou:

— A taquara rachada!

— Acompanhada pela JOC, pela JIC e pela JUC...

— Quem é a JUC?

— Juventude Universitária Católica... Os nossos veterinários!

— Na sexta-feira, io vô fazê o Nicolauzinho acomungá, pra dá sorte em São Paulo! — disse a velha.

— Mamãe! Que blasfêmia! Jesus está morto. É o único dia em que não se toma a Santa Comunhão!

Padre José parou fixando os óculos interrogativos nas duas mulheres.

— Preciso ensaiar a Verônica... É a despedida da Ju-remá. Papai comprou uma casa. Vamos morar num bairro chique de São Paulo. Estamos de mudança, Padre José. Papai já é banqueiro...

— O Luizinho agora vai morá im casa. Non percisa mais de pagá a penson.

Padre Beato tornara-se o *globe-trotter* de Deus. Seu delírio ambulatório só estacava no espetáculo das novenas. Entre nuvens de coroinhas, de Filhas de Maria, de fumaças, de luzes e de cânticos.

Os santos pulavam dos altares para comunicar-lhe que Ludovica partia na direção daquele mundo livre da ira e do pecado, daquele mundo suspeito e maçônico da Capital, onde tronava Belzebu, onde tronava, num fundo de risadas sarcásticas, Lírio Rebouças do Vale de Piratininga.

Os ponteiros escuros do relógio, na torre de Jurema, marcavam as 2 horas. O risco nítido da primeira sombra desenhava as casas na poeira. A mulher manca atravessou sozinha o largo, num vestido novo. Uma música de rádio vinha de longe. Entrou na igreja lavada de sol. Padre José ensinava catecismo às crianças, fez que não viu. Negrinhos, japoneses bojudos, meninas esquadelhadadas, amarelas, rodeavam a batina preta, de óculos.

— Onde está Deus? -

— Em tudas parte!

Houve risos contidos dos meninos maiores. Ludovica ficou tomada por aquela cena que lembrava o grande Anchieta.

Nódoas de sol doiravam a calíça de trezentos anos. Flores descomunais e vermelhas enfeitavam os altares onde santos heróicos ameaçavam de espada na mão. Palmas crescavam ao fogo das adorações. Os sapatos de Ludovica soaram na nave. Atravessou o dia varrido da igreja, e ajoelhou-se ao primeiro banco para orar. Cheirava limpeza. Viu uma grande essa desmontada a um canto. A voz metálica de Padre José cresceu:

— A violeta é uma flor pequenina, nasce numa moita e gosta de sombra. É modesta e bonitinha. Assim é Santa Teresinha de Menino Jesus...

Terminara a aula. As crianças beijavam a mão catequista. Saíam aos grupos.

O padre sentiu o gelo pelo corpo sob a batina, vendo Ludovica se aproximar, os dentes à mostra, esquelética, periclitante, para ensaiar a Verônica.

Olhava impassível o ridículo daquela figura feminina, que parava contrita como se fosse a Adúltera diante de Cristo. Abriu os cacos da boca apostólica, fincou os óculos. Ia derramar todo o fogo do seu amor sobre o topete de palha, penteado e limpo, mas o braço raquítico alcançou numa bofetada a face descarnada e a dentuça salivosa.

— Vai para São Paulo! Barregã!

— Por aqui! Por aqui! . . . Os que querem seguir a procição. . . Você menina, entre na fila!

Um capiau estacara na rua, de boca aberta, um toco de vela na mão, quebrando a longa bicha de homens que de um lado fazia *pendant* com a fila de mulheres que enquadraava os andores. A figura nervosa do vigário atropelou o homem, fê-lo juntar-se aos outros. De trás, de muito longe, vinham os sons tristes da *Furiosa* de Jurema. Chamava-se assim a banda de música fundada por Idílio Moscovão, quando feitor da Formosa. Submetida às oscilações da crise do café, ela renascera sob os cuidados de Padre Beato, amigo da liturgia e amigo da música. Ludovica tinha conseguido arrancar de Nicolauzinho Abramonte o fardamento de brim dos homens rudes que tocavam. Calça branca, túnica azul-marinho com botões doirados, quepe redondo. Desde então a *Furiosa* era um alvoroço na cidade parada e secular. Fungava nos bailes até o amanhecer. Aos domingos ia para o campo de futebol, era contratada para as fazendas da vizinhança. Possuía uma marcha fúnebre para enterrar os ricos. No meio de rojões e badaladas de sinos, festejava o prefeito nomeado, como estridulava em frente da casa do que caía. Agora, na Sexta-feira Maior, enquanto a lua estourava sobre a linha escura dos morros, também ela erguia os seus lamentos, renovando a noite dramática de Jerusalém.

Já na igreja inundada de crianças barulhentas, de velhos trêmulos quase cegos, de negrinhas lambusadas e faustosas no cheiro de cera e de bodum, meia dúzia de cantores de

fitão azul no peito, os pescoços vermelhos de esforço, tinham lançado em berros altos e surdos o nome da cidade do calvário. Jerusalém! Jerusalém! Jerusalém! Que diferença havia, de fato, entre a cena do Gólgota e aquele caixão frio levado nos ombros duros dos homens mais importantes de Jurema? Onde o Cristo de cera, com os lábios roxos e a coroa de espinhos, sangrava entre rosas e hortênsias. A cabeça e os pés para fora de um lençol branco precedia sob o pátio as mulheres piedosas e os apóstolos coloridos. Os coroinhas matutos tropeçavam nas batinas enormes. Enquanto robustos marianos controlavam as filas: — Para cá. Sigal Quem estiver acompanhando pode passar por aqui. Você, mocinha, entre na fila. — A velhota explicava: — Eu num vô promorde num podê arranjá emprestado um toquinho de vela. — Não é preciso! — Tudos pessoar diz que é bão!

A Verônica seguia com a cabeça baixa sob um véu de renda preta. Tinha a efigie enrolada nas mãos. Rodeavam-na a Senhora das Dores, cabisbaixa, de azul e branco, e o apóstolo amado, com a boca estourando de sensualidade, os cabelos crespos e negros, numa túnica amarela sob um manto vermelho de veludo. Era Latife Abara chegada, em férias, do Colégio des Oiseaux.

O grupo, que ia com as mulheres de preto no ritmo da *Furiosa*, estacou de repente. Trouxeram uma cadeira. Um vulto dominou a multidão. E a voz trêmula e aguda insistiu para os circunstantes: — *Atendite et videte!* — Mostrava o Cristo na noite espetacular. E a matraca ladrou.

A *Furiosa* balançava seus últimos acordes. O templo encheu-se de povo. Os andores depuseram-se ante os altares vazios. O Senhor Morto foi acomodado, por seus carregadores agrestes, ante a Virgem apunhalada. Estavam descobertos apenas Mãe e Filho. As outras imagens permaneciam envoltas no sudário roxo, esperando a hora clamorosa da Ressurreição.

A figura pequena de Padre Beato, todo em rendas, surgiu no púlpito. Houve um murmúrio, depois um silêncio de expectativa. Junto ao altar permaneciam os apóstolos teatrais, o grupo negro das mulheres de Jerusalém. Sob o véu, Ludovica enclavinava as mãos pálidas, rezando, num esforço contínuo para se manter no mesmo nível. O vigário pareceu

não tê-la visto. Ergueu um braço. A princípio sua voz desagradável estalou em agudos e surdinas. Mas a paisagística do Calvário abriu o Templo e lançou aquele ajuntamento na Jerusalém terrosa e noturna do século I. Era o sermão da Soledade.

— Esta mesma lua acompanha este mesmo cortejo há dois mil anos! Sobre as cidades da terra, ecoa o mesmo pranto, ecoa e retumba o mesmo *miserere* num tormento sem trégua, num desamparo sem consolação! Há dois mil anos!

Denunciava em pinceladas têtricas o sacrifício do Senhor.

— Por uma humanidade vil, traidora, desbriada, torpe, gozadora e cínica! Iluminada pela mesma lua de hoje, abafada pela mesma tristeza de hoje, a lua e a tristeza do Calvário! Nós também vamos atrás de um sonho morto, carregado no esquife das decepções! Apontai! Qual o homem feliz sobre a terra?

O templo mergulhava num silêncio de terror. Todas as caras, as caras amarelas e barbudas dos sitiados, as caras terrosas das mães do campo, o rosto afogueado dos cantores, a expressão dos negros ativos — estava tudo preso à palavra do taumaturgo, dela dependia. Uma criança chorou como compreendendo. Sucederam-se tosses tímidas. As velas em escada, junto ao altar-mor, pareciam refletir de fora o luar trágico.

— E a terra ficou morta, apenas iluminada pelo brilho da lua, que é um astro morto! Um cadáver de astro!

Havia dois mil anos, o homem procurava soluções fora do Cristo. E só encontrava essa hora de treva.

— É a hora do descrente, do negador e do sibarita! A hora do castigo para quem se afasta de Nosso Senhor Jesus Cristo. Olhai o que fizeram dele os homens e as mulheres!

Os óculos se inflamavam. Suas mãos batiam o peito descarnado.

— Neste momento até a lua debandou, foi-se embora, fugiu para o seio das constelações! E tudo foi treva. E tudo ficou negro como o pecado. E a morte reinou sobre a face da terra!...

As tosses cessaram. Padre Beato perorava.

— Eis o Cristo atraído! E vós que o deixastes, almas pecaminosas, sabeis que Deus vos vomita!

Apontou dramaticamente a porta do Templo.

— Ide com o Demônio! Quando voltardes chorando lágrimas de sangue, não encontrareis aqui o Deus Morto! O Deus que matastes! *Non est hic!*

Ludovica abriu um pranto mole que lhe inundou o lenço e as faces. Mulheres e homens soluçavam como num naufrágio. Latife Abara encostou-se à mantilha da Verônica trêmula, deu-lhe um beijo no topete descorado.

Padre Beato desaparecera, fora tragado como o Cristo na noite do sepulcro. *Non est hic!* — exprimiam todos os olhares. Fora, a lua alta e oval esplendia num campo de nuvens. E a matraca de novo ladrou.

Fúlvia ergueu os ombros bem feitos.

— Ela está com saudades do Lírio. Vive morrendo aí por causa daquele preto!

Nicolau Abramonte de colete e chapéu na cabeça cresceu para Ludovica que chorava no sofá.

— Você qué me abusá? Vô mandá pra Abissínia aquele porco!

E como o esqueleto vestido permanecesse no choro inconsolável, o italiano gritou:

— Sabe o que você está? Riduzida a pó de traco!

Os sinos e o vento quebravam o silêncio secular de Jurema. De repente, num atropelo de cachorros vadios, uma jardineira penetrava pelas ruas vermelhas, como uma fanfarra.

— Éta progresso!

O índio Antônio Cristo, que deixara os dois animais em frente ao negócio novo de Salim Abara, saiu montando o Bem-te-vi. Puxou pela rédea um cavalo branco, foi esperar Jango no porto fluvial. O pequeno navio chegava. Os passageiros desceram pela prancha. O moço fazendeiro passou a capa e a maleta ao agregado.

— Como vai a baianada?

— Tudos costela-de-aço...

Montaram. Partiram. O índio Cristo recendia a pinga.

— Uma jecada! Compra carça feita, camisa feita no Salim sem tirá o selo. Compra duas lata de cocada por seis mirréis na conta e só qué cantá viola. É quase tudo home só. Não tem famia nas casa. Só uma que chegô co menino morrendo. São forte, mas não gosta muito de trabaiaá. Tá costumado co'a fartura.

Aludia à diferença existente entre o colono europeu nascido na pobreza e os que nascem na uberdade brasileira. Fartura do céu, pensava Jango.

— Eles não trabaia de incrinado, trabaia de emperreado. Pra não carpi diz que fica doente...

— Só você é que gosta de trabalhar. A Miguelona que diga!

O índio Cristo riu desdentado, o fogaréu dos cabelos saindo do chapéu caipira.

— Hô! Hô! Passei um tempo forgado co'a véia! Quaji avicie! Uma cervejinha no armoço otra na janta...

— Por que que vocês brigaram?

— Chateei... Eu dizia sempre: Quando chateá das minha aventura, sobra tempo de sê gabrié...

Já iam longe de Jurema, no trote largo dos cavalos. A estrada picava por entre campos de invernar e terras revolvidas pelo plantio do algodão. Jango viera pelo rio, a fim de ver se encontrava no trajeto Leonardo Mesa. Um caixeiro-viajante avisara-o de que um comunista havia sido preso e transportado com escolta para São Paulo. Subitamente, um pomar, uma fazenda. Ao longe, uma fumaça de trem. Era Bartira. Um inválido ia pê-pê. O chefe da estação que sofrera um ataque apoplético. Na esquina em frente às recentes instalações da Casa Damasco, o turco Salim Abara rescaldava a terra com baciadas d'água.

— Como vai Sô Jango?

— Como vai, compadre?

— Barrecido da vida. Grise pogou feol

Adiante, uma moça bonita subia um atalho. Era a professora do Grupo que substituíra Eufrásia. Crianças sujas, de sacola, aclamavam um automóvel, na poeira.

O índio Cristo falou que estava boa a pescaria.

— Se não fosse a maleita, nós podia fazê uma rodada no rio.

— Tem novo delegado aí?

— É um moço brabo. Dizque o governo deu orde pra matá os comunista. É só pegá duas testemunha e dizê que arrestistiu. Bem feito! Pra que querê tirá a terra dos outro? Brasil é grande!

— Por que você não gosta do comunismo?

— Caba co'a famia. Tá doido!

Deixavam Bartira. A vila conservava tudo. O trem-trem e o trabalho desgraçado da semana. As manhãs de missa e de compra, as tardes quentes do domingo. Com jogos de malha nas ruas, de bocce nas vendas e o cinema à noite. Nas grandes cidades desapareciam os sentimentos antigos. O campo conservava. A corrupção burguesa entrava nas fábricas, nos quartéis, nos bairros pobres, onde a desgraça e a miséria agiam juntas. O cinema, o jornal, a crítica dissolviam os preconceitos, liberavam as idéias, faziam contraditoriamente progredir. No campo, os trabalhadores estavam presos aos mandões, aos seus prejuízos reacionários e ancestrais, aos seus ditames legalistas. Era a fazenda, o mundo passivo das colônias, a vila e a província. Aquela gente, misturada pela penúria econômica, vinha de um lado da fome imigrante, do outro da animalidade africana ou sertaneja. As reivindicações sociais eram o fruto áspero da cidade. Leonardo fora com certeza sacrificado no trabalho ilegal do campo que o rejeitava. Os sindicatos e as greves permaneciam dentro da indústria. O campo tinha o sol e o horizonte. Jango voltou-se para o agregado.

— A Miguelona mandou pedir terra à meia no algodão. Dei o rancho do Paulino. . .

— Hô! Hô! Quem qué bem um ruim, é porque gostava antes do ruim. Gostá de bão tudos gosta, é perciso gostá de ruim mermo!

A estrada encaracolava-se, subia, procurando os primeiros limites da Formosa.

Antigamente aquele cafezal não tinha vareta. Era uma beleza penteada e verde. A terra roxa despencava sobre a estrada, onde as carroças passavam levando para a estação os sacos de café já beneficiado, cheias, maciças. Os carroceiros cansados deitavam-se sobre elas, enquanto uma fiera de burros conduzia aos socos, na manhã escaldante. Ouviam-se os seus gritos regulares, sonoros. Agora, só um vôo vagabundo de tico-tico do arbusto para o ninho.

Ao passar um carreador, o índio Cristo parou, esperando. Estava descalço, a camisa de riscado colada ao corpo magro, o chapéu de palha velho e a enxada. Uma moça do campo, desgrenhada e sadia, vinha na sua direção carregando um caldeirão de comida num saco. Um cachorrinho a seguia com uma tira encardida no pescoço.

— Bom dia, Seu Cristo...

— Onde é que ocê vai Maria Pedrão?

— Levá armoço pra mãe.

— Nhá Tuca tá trabaiano?

— Saiu de casa de minhãzinha... Vô na cochera das vaca...

Estavam diante um do outro, parados, sem saber o que dizer. Sob a saia ligeira, uma perna grossa avançava na direção dele, aconchegada, familiar. O moço campeiro olhou para todos os lados. Só havia o cotovelo da estrada deserta, rastreada de sulcos. Seu sangue subia, ligava-se ao dela.

— Mió vamo entrá no cafezá, Maria. Aqui pode vim algum otomove.

Ela obedeceu. Tinha dezoito anos, os seios duros no vestido fácil de erguer.

Os cafezais iniciavam em xadrez as avenidas quilométricas da grande propriedade. A beira do carreador havia um feixe de paus secos, amarrado com cipó.

— Tão lenhano aqui!

Embarafustaram na direção dos arbustos mais altos. Cortaram vários talhões.

— Pode sê aqui...

Havia um resto de mata. Uma grande árvore, esquecida

na derrubada, deu-lhes uma sensação de casa. O mestiço encostou-se ao corpo quente e suado da moça.

— Mãe pode vê... .

Iam deitar-se no capim e na terra, mas o cachorrinho latiu inquieto.

— Vem cá, Corisco!

A cabocla baixou-se, segurou-o. Ele tinha o pelo arrepiado e gemia. O índio Cristo, nervoso, foi espiar o caminho. Uma urutu entrelaçada de preto e branco faiscou sobre ele. Era como se fosse uma obra-prima de canteiro. A perna encolhida, o homem desviou com a enxada o bote fincado. A cobra o atacou de novo. Inteiriçado, duro, como ante a aparição da morte, o mestiço quebrou o animal com o pau, junto a uma touceira.

— Desgranhuda!

— Nós podia Morrê junto... .

— Quaji... .

Tinham perdido todo impulso.

— Té logo Seu Cristo.

— Té outra vez, Maria. Nós tá de peso hoje... .

O homem retomou os cafezais, procurou a estrada de rodagem. A filha do posseiro assassinado partiu com o Corisco, levando o almoço pela avenida oposta. A mãe lhe dizia para não parar no caminho. Deus tinha mandado a cobra como aviso. Nem no mercado Nhá Tuca queria que ela parasse aos domingos quando voltava de Jurema: — Ocê dexa a missa no caminho!

O céu concentrava as últimas claridades do dia. O algodão rasteiro cobria as antigas extensões que tinham ajardinado de café a paisagem da Formosa. As folhinhas verdes nasciam, oscilavam ao vento.

Antônio Cristo não encontrara mais aquela preta moça do bar da Jurema. Quando tinha entrado no domingo para tomar cachaça, ela babava de risos na boca desdentada. Revia a carapinha suja: — Ocê não paga uma pinga pra sua nega? — Levára-a depois no escuro para a banda do rio. Levantara-lhe a saia imunda sobre as coxas negras. E ficara todo sujo de sangue.

Estava perto do rancho da Miguelona. A velha havia de lhe dar dinheiro. A Maria Pedrão queria casar. O sanfoneiro custava 20 mil-réis, o garrafão de pinga 5 mil-réis, para o arrasta-pé. Inda ia comprar uma injeção para parar aquilo. — Tiro os tampo dela no cafezá. — Fugiriam de combinação com Nhá Tuca. Voltariam casados na Polícia. Era assim mesmo no campo. Nhá Tuca cozinhava, lavava. Nhá Tuca que era boa. A Maria só sabia pegá na enxada. Acabava ficando com as duas. A viúva havia de gostar. Chegou ao rancho junto a um poleiro de galinhas. Não custava corrê a mão no tintero da véia. A Miguelona gritou da porta:

— Óia quem tai!

— Amô não pode sempre ficá de mar.

Perguntou pela Vesguinha.

— Tá dormindo. O que ocê qué co'ela?

— Ela dorme junto c'ocê?

— Decerto. Onde qué que dorma?

O índio Cristo notara aquela menina de dez anos, os olhos revirados, o cabelo liso cor de feno, caído na testa, um braço que era um palito e o vestido comprido até o chão que a Miguelona lhe dera. Tinha perdido a mãe de maleita braba. Ia lenhar no mato próximo, fazia comida, carregava a lata d'água, lavava no riacho.

— Dinheiro non te dô!

— Morrê de fome não morro. Sei trabaiá.

— Ocê non é ista raridade.

— Tô doente, véia.

— Se ocê morre me vesto de vermeio!

— Vamo na cama?

— E a Vesguinha?

— Eu faço junto.

Penetraram no rancho de terra.

— Ocê gosta dos cabaço das nigrinha fidida no cafezá.

Te queria dá vida forgada...

Passaram o pau-a-pique. Lá fora um tatu bufava no escuro.

Uma longa fila de morre-andando saudou o primeiro sol, as enxadas ao ombro, o chapelão de palha, a estatura desempenada do povo solteiro da Bahia. Escoava-se para aquelas grotas a humanidade andeja do sertão, atraída pelo tesouro oculto das terras de São Paulo.

Na paisagem de maleita, coqueiros esparsos, escarpas da derrubada, desenvolviam para o alto seus esqueletos empenachados, combustidos do fogo das queimadas. Para lá, era o rio barrento, túmido, fechado de margens bravias.

Aquilo chamava-se o Eldorado. Um clima de torrar os olhos. E a maleita a serviço da derrubada humana. Finda a uberdade da primeira camada de terra que o café da Formosa esgotara, os fazendeiros haviam-se lançado à exploração do que restava de mata-virgem.

O ciclo do café estava terminado. A broca devorava os velhos talhões pelados, atacava os novos. O latifúndio mostrava o espinhaço, pedindo o refrigério dos pastos.

— Isso aqui tem de virá Mato Grosso — gritava o índio Cristo.

Amarrado pelo Banco, desatendido, adiado na solução que reclamara, Jango decidido para sempre a desobedecer, plantara algodão.

E tocava a Formosa. Tinha percorrido a fazenda pela manhã. Deixou o cavalo com o agregado. Aproximou-se de um grupo de colonos que rodeava um baiano alto e moreno. O homem falava para Armida Spin:

— Nossas crianças é como as otra. Veve encostado na parede. A gente manda lavá os óio, chora...

— O senhor trouxe família? — interrogou o fazendeiro.

— Deixei lá na Bahia.

— Por quê?

— Quero que meu povo teje mió que eu. Tô só, tô contente. Essa que veio cos fio tá sofrendo. Não devia tê vindo, não! É minha sobrinha.

— Quantos são?

— Tinha dois fio grande. Um morreu de facada nas costa. Um moço sem crime... Otro de 23 ano deu um raio nele no meio do campo. Trouxe os pequeno. Não devia de tê trazido, não!

Enfim o que Jango sentia era a saudade dela misturada à saudade do café. Não veria mais o terreiro extenso da Formosa se cobrir de tapetes de grãos negros, secando ao sol laborioso. Outras fazendas continuavam com suas tulhas repletas, com seus serviços perfeitos, desdobrados e ativos. Os Agripa tinham sabido não só se salvar mas crescer sobre a ruína da lavoura paulista. Os Saxe continuavam intangíveis como deuses. Para essas altas atmosferas, onde as decisões se travavam entre nuvens, com políticos e banqueiros, longe dos olhos do povo, tinham entrado, adventícios audaciosos, Abramonte, o sírio Salim Abara. Ele, no entanto, havia destruído com suas próprias mãos os esquadrões verdes do latifúndio de Formosa. No primeiro ano, o algodão tinha decepcionado. Não se selecionavam ainda as sementes. Não havia tradição no plantio, nem técnica, nem aperfeiçoamento. Apesar disso, meeiros isolados tinham aparecido. Entre eles, a Miguelona que plantava "por vício": — Dá pra comê seis meis, comprá no Salim umas cerolas nova pro índio Cristo que anda passarinho, fazê otra dívida. Quando vô liquidá as conta co maquinista, non sobra nada. Se está a 18 paga 10, fora o que robô no peso! E tem que pagá o arrendamento do arquere. É assim mesmo — concluía — terra ruim só dá algodão. Im terra boa non se pode fazê nenhum grilinho. . . Vem tirro. Si vô nos grande explora, si vô nos pequenos, financia qué dizê a mesma coisa. Só penso na minha vila hipotecada, em São Paulo. Non posso nem pagá os juro, nem mortalizá o capitá. Um dia vô lá e mato a minha ermã. Vô na cadea. . . Pronto! Sai o ritrato no jorná, fico parricida!

De fato sobre o preço estipulado ganhava-se 300%. Crescia no íntimo do lavrador a revolta sentimental inútil. Surgira em torno de uma iniciativa a figura sinistra do intermediário. Os japoneses colhiam em surdina, de noite, culpando depois a saúva pelo desaparecimento da penugem branca que ele vira no tabuleiro arrendado: — "Guridão comeu furimiga". — Diziam que Salim Abara era sócio dos americanos. A história do café se repetia. Os intermediários e os financistas é que lucravam. Enfim, decidir-se-ia o reajus-

tamento, salvar-se-ia a Formosa por obra e graça de Getúlio Vargas. Ou Eufrásia, o drama de Eufrásia, ou a possibilidade de se integrar de novo na vida do latifúndio... Reencontraria suas longas viagens solitário, de automóvel. Reapareceria, considerado de novo, no Brejal, nas fazendas dos primos e dos tios. Iria de novo para as cervejadas dos bares com os amigos perdidos. Esqueceria Eufrásia nas farras da Capital e do interior. Venceria sua mágoa nas Cadillac cheias de francesas. Quando viesse a São Paulo, evitaria a velha casa dos Campos Elíseos onde tivera a revelação do caso com o pai. Para que voltar lá? Para ouvir as lamúrias da avó trêmula e desmemoriada, para dar de cara com o Major, ou tomar conhecimento das travessuras de Pichorra, da vadiagem mórbida de Quindim? Com o avô tinha o contato sadio e laborioso da Formosa que se pontilhava de luzes na noite que chegava.

O rancho fervia de baratas à noite. O pequeno doente fora colocado numa esteira no centro da sala. Vestia uma camiseta apertada e suja que um trapo recobria.

A um canto, um homem de chapéu nos olhos, uma capa larga e escura sobre os ombros, arranhava as cordas de uma viola.

— Mosca aqui inté mama na gente.

O menino maior, esguelhado, olhos grandes, comentou:

— Tá ansim de rato! Não faiz conta do gato, não!

A menina de dez anos queixou-se:

— Mãe, tô com dor nos óio!

A viola unia os acordes do sertão, enquanto na esteira a criança moribunda arquejava de sede. A mãe foi apanhar água num meio coco, ajoelhou-se, deu.

— Nesse mato tem bicho de tudas qualidade...

— Daquela baratinha que lambe a gente...

Dois sertanejos entraram. Perguntaram alto:

— Já morreu?

Ficaram de pé à luz fumarenta da candeia. Conversavam de cobras, de excursões perdidas.

— Urutu quando não mata, aleja!

— Engangrena!

— Nosso organismo não bissorve, não... Nem com jeção.

Aquela leva tinha chegado na véspera. Andara a pé, no rio, de trem, de caminhão. O menino de seis anos vinha doente pelo caminho, atingira São Paulo. O médico de Bartira examinara-o pela manhã. Não tinha mais pulmão que prestasse nem coração que resistisse. Mas vira São Paulo. Arquejava agora na camisinha suja sobre a esteira, enquanto a mãe discutia o serviço, queixava-se de não lhe terem dado mais, para tornar depressa ao São Francisco.

O sertanejo magro, de capa, suspirou:

— Quatro ano! Mas eu hei de vortá e me vingá! Hei de ver o Trasíbulo estendido na poeira com esta faca que eu guardo...

A criança parecia ter uma aflição maior, mas ninguém se mexeu. Lágrimas brilhavam nos cílios pequeninos. Seus olhos tinham visto o sertão, o mar, o trem, a cidade.

Uma voz exclamou:

— Este lugá não é munto cobrento não!

Uma barata lambeu o pé sujo do menino que dormia no rancho. Ele deu um pulo. Uma outra mexia a seu lado. O morto parecia caído fora da esteira, no chão.

O baianinho olhou por um furo no barrote, e viu no céu a via-láctea. Os coqueiros tostados marcavam a barranca do rio. Ia nadar no rio... Escutava o barulho do bicho no escuro, roendo o irmão. Pouco a pouco foi distinguindo as formas da mãe, da irmã, do violeiro. Decerto tinham morrido também. — Tudas gente morria! Só a barata não morria não!

Começou a ficar azul do lado da porta que permanecia aberta. E uma camada violácea avermelhou os anúncios da madrugada. Deu um pulo. Acima da floresta verde-garrafa, farrapos de nuvens passavam do violeta ao vermelho. Tudo calmo e monumental.

O menino saiu correndo do casebre. A floresta cate-dralesca o enguliu. Perdeu-se nas veredas de capim onde

o catingueiro recendia entre lianas festivas e cipós cor de cobra. Uma rolinha gemia longe. Ele procurou um desvão, abaixou-se desatando a calça. Pássaros aflitos balançavam galhos altos.

— Passarinho pequenino assobia em escala...

O Solo das Catacumbas

O CAPITAL industrial roncava pelas chaminés às 5 $\frac{1}{2}$, às 6 horas, às 6 $\frac{1}{2}$.

— Um dia vocês hão de ser nossas! — gritava Maria Parede apontando as fábricas. — Não adianta apitar!

Desengonçada, de cabelos soltos, num vestido velho, ao lado de Felícia Benjamin bem posta no capote ralo pela rua matinal, a militante apertava os passos arrastando a menina. Estavam no Brás.

— Os patrões hão de ceder. Você viu? Aumentaram os salários! Mas não basta! Vamos decretar a greve. Ninguém trabalha hoje! Você não pode ser contratada...

Estavam em frente ao grande portão fechado da tecelagem na madrugada de sol. Grupos de operários conversavam.

— A polícia vem aí. É greve!

— É preciso aprender na rua, lutando contra a Polícia.

— O proletariado treina assim para as lutas sociais! Aprende a vencer!

- O Ministério do Trabalho intervém. . .
- É tapeação! Tudo que é governo é tapeação!

Perante a sala enorme e repleta do teatro popular, foi a vez de Olivério Rusco. Apareceu na cena vermelho e entroncado, um braço ligado ao corpo.

— Camaradas! Que Governo Revolucionário é este que não faz nada por um povo que trabalha? O povo que trabalha é o único que devia ser redimido! Que fez o Governo até hoje por nós operários? E pelos caipiras que vivem famintos como os sapos nos charcos?

Proseguiu mostrando o panorama da luta de classes de todo mundo. As contradições se agravavam por toda a parte. O fascismo criara um beco sem saída para a burguesia. Pensava que se salvaria com a guerra. A Inglaterra esmagava a Alemanha industrial e consentia no seu rearmamento para que atacasse a Rússia que era a pátria de todos os trabalhadores do mundo.

Grandes e pesados aplausos coroaram a frase.

— E eles contam para isso com a massa desempregada! É com a alavanca do desemprego que eles pretendem atacar a Rússia! Por isso procuram domesticar as massas! Por isso, companheiros! lutai contra a domesticação das massas! Aqui como lá há os conflitos burgueses e as contradições do regime capitalista! É da essência de Marxismo quebrar a frente única dos exploradores, como a evolução determina. É necessário continuar a luta!

Parou um instante. Estava apoplético e escondia o braço aleijado.

— Já tivemos grandes mártires. Pensai nos nossos mártires! Pensai em Ferrer! Pensai em Sacco e Vanzetti! E nos milhares de vítimas do fascismo e do terror branco. Nos que caíram pelas nossas reivindicações, os que foram assassinados nas ilhas e nos presídios, os que foram para o exílio! Eles são as forças vivas da nossa luta! É preciso não acreditar nunca no Governo. É preciso acreditar sempre em nós! O luxo de garantias individuais que promete a nova Constituição não fará acabar nunca os Cambucis e outros presídios

infectos para os nossos proletários! Liberdade para os presos trabalhadores!

Rusco havia terminado. Aplausos inundaram a sala. O povo estava de pé. Ouviam-se gritos finos de mulher e gritos de homem.

— Viva a Juventude Comunista!

— Viva a União Soviética!

— Morra o fascismo!

— Viva a liberdade!

Maria Parede puxando Felícia Benjamin fê-la segurar na ponta de uma bandeira vermelha que outras operárias seguravam. Começaram pela sala a coleta destinada ao Socorro Vermelho.

Leonardo Mesa em mangas de camisa, enxugou o rosto numa toalha felpuda. Estava com Jácopo Frelín em frente ao poço da casa do Canindé.

— Um antigo carbonário da Itália Liberal... Só pode acreditar no proletariado... Por que você não levou as meninas à Festa do Trabalho?

Curvo, no paletó de brim, o velho tinha a cara vermelha, os cabelos compridos. Disse com a voz quase imperceptível:

— Ninguém me avisou. Sou firme.

— Suas filhas vão à festa de Igreja.

— Não mando nelas. O dinheiro é que dá autoridade, nada mais... Não tenho dinheiro.

— Você acaba acompanhando procissão como qualquer capitalista.

O velho animou-se.

— De sino eu gosto. Não posso ouvir sino, me dá uma coisa... Mas aqui no Canindé não tem Igreja perto. Vão construir uma... Não tenho o que fazê o dia inteiro.

— Não estou vigiando a sua vida! — exclamou Leonardo rindo fraternalmente, sentado também à borda do poço.

— Ontem estava brincando no atelier com essa menina que o Jango trouxe para morar aqui conosco, a Benjamin.

— Ela fica aí?

Leonardo levantou a cabeça:

— Dona Felicidade não deu a pensão. Ela vai para a fábrica. É protestante. Vive citando trechos do Evangelho.

— Já me encheu. É uma reacionária. Qué brigá por causa do culto...

— É uma inocente. Mas ela me tapou a boca, dizendo que você ia à Sinagoga do Cão...

Jácopo Frelin ficou sem responder.

— Como é que você foi parar nesse antro espírita?

— Mas lá não é baixo espiritismo. Não tem perigo. É científico. Você não imagina como a gente aprende tanta coisa. Fornece remédios de graça. Tudo de graça. Fazem caridade. Minha perna estava ficando dura, atrofiada... Na Santa Casa, tomei injeção. Não faz mais efeito. Um amigo me levou na Sinagoga. Fiz uma consulta e me deram um remédio de homeopatia, bonzinho...

— Onde é que você achou esse amigo? Foi no Partido Comunista?

— Na Policlínica. Passava lá o dia inteiro, porque tinha gente demais. Perdia tempo. Tinha pouco médico. Primeira era as mulher. Incontrei um soldado. Ele me levou na Sinagoga. Assisti uma sessão importante. Só se falou científico. Lá não é feitiçaria de negro. Faz caridade. São simpático da Rússia.

— O povo todo é simpatizante da Rússia. Não fala e não se expande porque conhece a reação e tem medo da polícia. Mas vai se desabafar no espiritismo... Você que gosta de ler cousas sobre a Idade Média, que odeia a Inquisição...

O velho assentiu com a cabeça, sussurrou:

— Os padres!

— Mas os padres não deram ao mundo somente a Inquisição! Você já pensou na sopa dos conventos? Ainda hoje aqui, no convento de São Francisco, do lado dos fundos, dão um prato de sopa diariamente aos pobres. É à sopa dos conventos que está reduzida a caridade social da Igreja. Você sabe que no mundo de hoje não há nada mais impróprio do que chamar de Santa Casa de Misericórdia a um hospital. É um nome antigo, que se guarda para tradição somente... Os hospitais chamavam-se de Misericórdia e eram entregues à Igreja. A Igreja é que dava assistência e comida e daí o seu enorme prestígio sobre as multidões. Não era só esse lado que também atrai você, os sinos. Os sinos

são a liturgia, são a Catedral. É o espetáculo que a Igreja oferecia aos fiéis para acreditarem no contato com Deus. Mas com o advento da burguesia...

— Porca la miséria! — exclamou o velho subitamente irado.

— Você não pode blasfemar contra a história, contra a evolução que nos trouxe os tempos novos, a Revolução Russa, o proletariado dominando a sexta parte da terra e se preparando para as lutas armadas do futuro... E a burguesia se utilizando das armas do fascismo que muito trabalho lhe hão de dar e muito bem lhe hão de fazer... Escute Frelin, você devia ler a *História das lutas de classe*. Eu vou te emprestar esse livro excelente que explica tudo, elucida tudo!

Leonardo tirou o pente do bolso do paletó dobrado sobre a beirada do poço. Pôs-se a repartir o cabelo escuro e liso.

— Você sabe por que a Igreja domina menos hoje? Porque a burguesia ousou jogar Deus na lata de lixo. Ela não precisou mais dele para encher os seus cofres. Os padres passaram apesar disso a servir as classes ricas e abandonaram completamente as multidões pobres. O que representa uma sopa de convento de São Francisco diante da fome do Canindé que você conhece? A fome e a doença do Canindé...

Irmo apareceu espigado, a cara larga e vermelha, longas entradas no cabelo claro.

Leonardo prosseguiu:

— A doença entrando e não saindo mais. A sífilis. As urinas soltas das crianças, a disenteria e a sujeira. Os pais se possuindo em frente aos filhos que comem no chão. Ficam deformados e doentes. E... onde está o remédio? O remédio caro de hoje está nas mãos dos trustes farmacêuticos. Estamos entrando na fase do monopólio... Da concentração de capitais... Não é agora que as Misericórdias vão fornecer medicamentos aos doentes. Muitos médicos operam sem que a anestesia esteja pronta só porque não têm tempo a perder... Há outros doentes e eles só trabalham de graça durante o plantão. Depois do plantão não ficam nem mais um minuto. Têm as amantes que os esperam!

— Eu fui lá na Santa Casa e vi gente morrendo pelos corredor, e até debaixo das cama. Fui visitá um amigo da fábrica e ele me contou que sentiu toda a dor da operação do estômago que ele fez. Ele me disse que gritava pro

doutor: "O senhor me mata!" e que o doutor respondia bravo: "Pode morrê mas não me amole!" Três dia depois pusero ele na rua porque precisaram da cama.

— Todos nós sabemos que as freiras pedem a Deus que os agonizantes morram depressa para dar lugar aos que chegam. A Santa Casa daqui tem 3 000 leitos e sei que há mais de 2 000 doentes esperando vagas. Por aí você pode ver como a burguesia soube entupir os seus celeiros esquecendo esses problemas essenciais do país...

— Por isso que o espiritismo é bom pro povo. Dá remédio de graça e ainda não cobra a consulta...

— Você é bobo! — exclamou Irmo Frelin.

— Jácopo, no estado de cousas em que se acha o Brasil atualmente, será de fato impossível extinguir o espiritismo, que exerce no povo analfabeto uma fascinação concreta. Não é só a cadeira que anda, o transe do médium, a mesa que bate... É uma coisa real e necessária — a caridade. Nosso povo é pobre e doente. É através da desorganização social da burguesia que o espiritismo se espalha. Os jornais às vezes anunciam o fechamento de centros e a prisão de curandeiros pela polícia. Não há polícia que tenha força, hoje, para opor uma barreira séria ao desenvolvimento do espiritismo entre nós. Não é só o mundo ignorante que frequênta as sessões, onde a sua imaginação se refaz da desgraça cotidiana... Você que quer saber, vai atrás do lado científico dessas organizações poderosas, onde se distribui a propaganda chamada culta e se fala em metapsíquica e outras proezas da mediunidade. Eu conheço o assunto, li muito, frequêntei muito tempo para ver e verificar...

— Um amigo meu do Beco viu chovê rosa...

— Você viu isso no circo também. O Brasil está ainda cheio de magia...

— E as mesa que eu vi mexê?

— De fato, esses fenômenos existem, como pode existir a transmissão do pensamento, a cura pela sugestão ou pela homeopatia, se você quiser... Mas tudo isso é físico. São fenômenos físicos que não tiveram ainda a sua explicação e não acharam o caminho direto de sua utilidade. Você pensa então que a eletricidade só existiu depois de Galvani e de Volta? O rádio é outro exemplo... O rádio é físico como

a televisão. Esses fenômenos psíquicos, de outra ordem é verdade, são também fenômenos físicos e só fenômenos físicos... O espiritismo utiliza-se deles, dando-lhes uma interpretação otimista... Vão buscar nas velhas religiões hindus as idéias da metamorfose e do retorno... O primeiro presente que dão ao iniciado é a segurança da imortalidade e a imortalidade comunicante. Passa-se a ser um irmão que volta, intervém na vida do próximo e nunca vai para o inferno, porque não há inferno no espiritismo. Há médiuns videntes, ouvintes, etc. Tudo isso é muito agradável, muito honroso... sobretudo a eternidade onde não há o sofrimento nem castigo. Mas sem o remédio e a receita, a cura possível, o asilo, a hospitalização que agora se faz, o espiritismo não poderia ter o sucesso que tem. Os jornais anunciaram em manchetes enormes a vinda da Santa do Brejal a São Paulo...

— Eu perdi de lê... mas sabe, ia te falar nisso... Só leio jornal atrasado. Essa Santa faz operação espiritual de toda espécie de doença e cura na hora...

— Está aí... Você acredita. E muita gente boa também. Basta ver o espaço que os jornais dedicam a estas coisas para admitir a importância crescente do espiritismo entre nós... Mas não passa da importância que lhe dá a massa... Com toda a razão, não, direi, com toda a legitimidade. A Igreja não cuida mais do povo, da sua saúde e da sua psique, cuida só dos ricos... Os poderes públicos também... O povo oprimido de todos os lados reclama um desafogo e o encontra na sessão, nos centros e nos abrigos... Conheço centros que oferecem bailes e peças de teatro para o povo... Cobram cinco mil-réis de cada associado e ele e a família inteira têm o direito de freqüentar as festas o ano inteiro... Você vê que para se ir assistir uma fita precisa-se de cinco mil-réis para a entrada, quatrocentos réis para o bonde... O operário não ganha pra isso... Jácopo, só no país onde o povo tenha instrução, possua hospitais, sanatórios, maternidades, tenha médicos para acudí-lo, tenha cinema e teatro populares, não vai procurar as mesas que mexem nem os médiuns histéricos a fim de compreender e salvar a vida...

Frelin baixou a cabeça muda sob os cabelos brancos que se encaracolavam no pescoço. Entumulou-se mais e mais na

sua mudez. Uma idéia obsedante de fugir, de procurar outro mundo, o mundo longínquo dos sovietes o tomara. Sussurrou:

— A Rússia! A Rússia!

Do outro lado da rua, em frente à chácara fechada, crianças brincavam na lama. A manhã ia azul e tépida. Uma moça gorda assomou à janela da casa circundada por um pomar.

— O que vocês estão fazendo aí? Atirando pedra?

— Dexa nós pegá um poco de coquinho?

— Vou chamar o soldado... Ele vem aqui prender vocês...

— Na fábrica se aprende! Você vai ver!

Ao primeiro dia quando Felícia Benjamin passou do pequeno atelier de Incoronata para a Tecelagem Demétrio, no Brás, aprendeu que o comunismo não prestava. No salão vasto e cimentado onde as máquinas pretas se alinhavam, apareceu o gerente. Era um sírio calvo, de óculos. Fez arenga às moças que iam começar a tarefa depois do almoço.

— Comunismo é barcaria... Non bresta bra berário... Non bresta...

Saiu e o barulho de cachoeira começou. As operárias comentavam. Umas contra e outras a favor.

— Dizque não presta mesmo. Não tem dinheiro no comunismo...

Passava no ar o cheiro acre de gente e de algodão. Maria Parede reuniu um grupo de revoltadas.

— Tratam a gente como cachorro, esses bandidos. Um dia há de acabar... Nós devemos nos organizar que nem na Rússia...

— Escutei muita gente falá assim...

— Meu pai disse que não presta por causa da família e da religião. O resto é bom...

— Não seja besta! A gente se mata de trabalhá nesse barracão baixo de janelas fechadas, engolindo penugem o dia inteiro, ficando tísica...

Ao segundo dia, percebeu que se passavam coisas nas horas de descanso, sob o telheiro do hangar, donde partia para o azul a chaminé de tijolos. As operárias brigavam com ciúmes das atenções dos contramestres e dos patrões. Uma moça colocou o fuso roliço no vão das pernas sobre a saia colada, na frente das outras que riam.

Ao terceiro dia, sua atenção foi voltada para os namoros da fábrica. As companheiras insultavam-se no pátio por causa dos rapazes tecelões. No almoço coletivo, diziam grosseiras, pavoneando-se, intrigando, escorchando moralmente uma e outra. Seus ouvidos escutaram nomes inéditos: "Cadela! Rampeira! Puta!" E notou que havia buracos comunicantes nas privadas das moças.

Ao quarto dia, ao escurecer, percebeu que suas colegas formavam pares extasiados debaixo das árvores da rua.

Ao quinto dia, viu duas companheiras se enfrentarem:

— Quem foi a fia da puta que mexeu na minha máquina?

— Fia da puta é você. Seu Lindorfo mandô...

O contramestre parava olhando o nu desabotoado e desenvolto das moças lestras diante das máquinas exigentes.

Dois trabalhadores foram separados por Seu Lindolfo que os ameaçou de levar para o escritório.

— Te pego na rua. Te dô uma surra...

— Se fortifica, palito!

Ao sábado, um almofadinha empomadado veio buscar, no carro que conduzia, a mais bonita. Seguiu-a até a Avenida. Recolheu-a. De resto, gerentes, contramestres e empregados, cada um tinha a sua, e com ela partia. Uma que saía sozinha lhe disse:

— Seu Bertino dá gratificação praquela que ele chupa os peito...

Ao sétimo dia, como tinha aprendido um ofício para comer, descansou. Pôs o vestido branco para ir ao culto, quando nuvens baixas trouxeram trovões e coriscos e a tempestade misturou terra e céu. No atelier desolado que a água invadia, Incoronata, de tamancos, enxugava o soalho.

— Também, o Cavanhaque mandá essa água no domingo, único dia que a gente tem pra sai... Não sabe o que é o domingo para uma trabalhadeira!

— Quem é o Cavanhaque?

— Deus...

Quando a chuva cessou, a menina perguntou que cheiro era aquele.

— Você não sabe que aqui é o bairro da merda?

A lama penetrava na sala, na cozinha, nos quartos. Invadia as cadeiras, as mesas, as camas, os travesseiros. E um odor de excremento exalava-se das chácaras, dos campos abertos, dos quintais das casas. As fossas afogadas infiltravam-se para os poços donde a gente bebia. Como as privadas se entupiam repletas, havia merda nas ruas, de animais, de homens, de crianças.

E ali ela morou.

O mundo comparecia àquela mesa. A História entrava pelas paredes, vinha sentar-se com os homens mal vestidos.

Aquela mesa de pau negro, na cozinha proletária dos Frelin, ouvia agora reuniões do Partido Comunista. Ali se debatiam expulsões, estudavam-se casos, exercitavam-se militâncias, redigiam-se manifestos à tropa e ao povo e examinava-se a marcha dos acontecimentos.

Olhos da vizinhança arregalavam-se para aqueles grupos estranhos que chegavam encharcados da chuva, numa pontualidade perfeita, afluindo por todos os caminhos para a casa do desempregado. Duas ou três mulheres vinham também. Inutilmente D. Idalina explicava que eram parentes. Parentes da Itália.

Uma negra, que morava nos fundos da venda, contou à lavadeira:

— Meu filho disse que nesta rua tem uma família comunista...

A portuguesa pôs as mãos nas ancas.

— Um dia eu vou avisar a policia e dou um pega nesses safados.

Frelin partia de ônibus levando, sob o capote emprestado, pacotes de manifestos. Uma noite voltou nervoso dizendo que vira um estranho, de capa, parado na esquina.

Aquela noite, depois do operário gordo, foi a vez de Gotlieb Plaumburn falar. Falava com voz arrastada, cheia de *rr* duplos, trocando o gênero do sujeito, inventando os tempos mais disparatados dos verbos, errando, prosseguindo. Pouco a pouco, porém, sua exposição se impôs. Queria por um paradeiro àquele otimismo, filho do desconhecimento das coisas da Europa que fazia com que em toda reunião duma célula se prognosticasse o ocaso imediato de Adolf Hitler e a queda do fascismo.

— É infantil! Os camarrados parecem greanços grandes. Hitler vai subir muito alto e tem que desencadear a guerra, parra salvar o Alemanha, ele pensa...

Dando ordem cronológica aos fatos, pôs-se a contar a própria vida, que ninguém conhecia. Aquele irmão do professor de Veterinária de Jurema que tão decididamente tomara o seu lugar, depois de um fulminante processo de expulsão que afastara o outro do país, fora ferroviário na Alemanha do Kaiser. Havia alguns anos ambos eram comunistas. Ele não fizera propriamente a guerra, apesar de ter a idade militar, porque seus serviços tinham sido necessários ao tráfego de munições. Abastecia as frentes de combate conduzindo comboios de explosivos e de armas. Passou a mão calosa pela calva e exclamou:

— Eu nong sapia nada. Só que brecisava destruir a inimigo. Enton ia...

Fez um quadro incisivo da Alemanha derrotada em 18. Os soldados saídos das trincheiras só queriam uma coisa — voltar para casa, restaurar o seu lar, ter sossego e comer a sua fome. Ele também. Sentira o choque ideológico e político, ele que vinha da frente, com os que haviam ficado na retaguarda. Estes compreendiam melhor os fatos e melhor analisavam a guerra e a paz. Aqueles que se batiam, apesar de decidir os acontecimentos, estavam completamente fora deles. As idéias novas e revolucionárias não encontravam clima no pessimismo que os soldados traziam. Eles não queriam acreditar em mais nada. Queriam dormir... cem anos se fosse possível! Mas isso é que gerara o rancor do vencido, quando se apercebeu que não havia esperança de vida calma e normal com as condições que o Tratado de Paz impunha ao povo alemão.

— Você está dando razão a Hitler, camarada!

— Nong. Eu está explicando Hitler...

Hitler não teria sequer existência política se as condições da Alemanha fossem normalizadas. Se a luta interimperialista não negasse à Alemanha a própria subsistência.

— Eu passou fome com a dinherra na bolso, na Berlim, no ano 1921! Treis anos depois da armistício.

— E por que o povo alemão não adotou o comunismo?
— interrogou o operário gordo.

— Porque Social Democracia tomou a poderr e era reformista. O Alemanha non tinha tradiçõn de luta de glasses nem partido forte!...

— E Rosa Luxemburg? E Karl Liebknecht?

— Pequenas grupos com muinta barrulho parra fora, como foi depois no Viena operrário com governo Dolfuss... Muito mais fraco ainda no Alemanhes... As camarradas Rosa e Karl foi assassinados por pretorianos de Berlim e ninguém protestava! Socialistas e reformistas ficou aliados com generais reacionários. Nosque xá sabia munto bem quando ia dizendo que a inimigo está nos fábricas... A proletariado!

Houve um súbito silêncio. Ouviu-se um barulho lá fora. Frelin saiu cautelosamente. E ficaram todos parados escutando, em torno da mesa de pau. O dono da casa voltou, tranqüilizando. O homem da esquina tinha sumido. O militante prosseguiu:

— Os glasses dominantes nong podia lutar contra sentimento que Hitler e putschistas espalhava contra Tratado de Versalhes. Todos sentia opressão de capital internacional. Nong dava mercados... Hitler chamou isso de xudaísmo...

O Führer tivera seu primeiro apoio nos desempregados e na pequena burguesia artesã das cidades. Soubera prometer aos agricultores a conservação da terra, que o comunismo ameaçava. E fora justamente contra a ameaça do comunismo russo, que chegava ao Vistula e às portas de Varsóvia, que todas as forças do nacionalismo alemão se tinham congregado. Hitler utilizou um truque de acordo com a grande indústria. Atacou-a abertamente mas, por trás, prometeu conservar a posição que ela tinha, contanto que as suas reservas viessem fortalecer o Partido que ele organizava contra o Tratado de Versalhes e pelo espaço vital alemão. — O Partido Nacional Socialista... Hitler teria que recorrer à luta armada

para salvar a Alemanha à custa da conquista exterior. E por isso encontrava apoio.

— Essa é a maior condenação do fascismo. Ele não pode viver sem a guerra — disse o camarada Rioja.

O operário alemão parara. Olhava os camaradas. Acreditariam eles no insucesso imediato de Hitler?

— Ai o Inglaterra ajudou os fascistas... À custa da medo da cumunismo, Hitler organizou demagagicamente o Alemães. Hitler pode dorme descansada, porque ódio de burguesia européia contra Rússia ajuda ele!

Os rostos pálidos, cansados dos militantes fitavam o homem tosco.

— Você não acredita na vitória de nossa causa? — perguntou Maria Parede.

— Acredita, sinon nong tava perdendo a minha tempo aqui...

O homem de capa voltou à esquina.

Havia desaparecido toda suspeita nervosa de que a casa dos Frelin estivesse acampanada. As reuniões continuaram regulares, semanais. Era tal a clareza e a liberdade dos assuntos debatidos que já parecia legal o trabalho revolucionário. Discutiam-se as relações do Partido com uma ampla frente revolucionária.

Ficava cerrada e estanque a frente da casa, o atelier com a cama de ferro nova de Felícia Benjamin e o quarto onde as moças dormiam. Tudo escuro e quieto. Os camaradas chegavam um a um. Apareciam na porta do quintal.

— Tô co'as pata suja!

— Isto aqui tá um chiquero.

— Vai entrando...

Na noite calma discutia-se o caso brasileiro.

— Vai sê uma enxurrada!

— É preciso acabar com o obreirismo. Senão não se vence...

A policia cercou o núcleo atirando sobre os fugitivos e levou os que não puderam escapar. Entre eles estavam Leonardo Mesa, Zico Venâncio, Gotlieb e Irmo Frelin. Maria Parede esgueirara-se na cama de Felícia, sua companheira de fábrica.

O presídio dormia.

A lâmpada do alto batia no rosto de Leonardo. Parecia-lhe que não estava mais preso, que estava num trem. Quando viria a tomada do poder? Ele via em sonho o êxodo do campo. No momento, a atração que exercia a cidade não passava de uma mudança do modo de produção que a humanidade usava para subsistir e progredir dentro de suas condições históricas. Era a força revolucionária da máquina que chegava àquele canto perdido do mundo — o Brasil. A gente arruinada da província procurava a cidade. Eram os Frelin, vindos de Brejal, era a pequena Felícia recitando versículos da Bíblia. Um passarinho alegre e manso. A fábrica constituía um signo de civilidade. Os rapazes e as moças não pensavam na escravidão que trazia a condição de operário. Só enxergavam as vantagens exteriores da cidade. O vestido de seda vistoso, o sapato lustrado. Uma meia fina, um cabelo em permanente. Havia uma fictícia mudança de classe trazida pelo êxodo. O próprio cenário da cidade, em que a vida passava a se desenvolver, cultivava essa ilusão. Para o campo afluíam, ao contrário, os destrojados de outras terras, os cansados e os vencidos ou os pioneiros e os marcados de aventura. Mas no Brasil o problema tornava-se agudo. Estavam suspensas as imigrações continentais e decresciam assustadoramente os braços para a lavoura. Fazia-se apelo ao braço nacional. O baiano era indicado para substituir o colono europeu. O morre-andando deixava faminto e miserável as margens do São Francisco. Mas vinha encontrar em São Paulo a exploração organizada na mão dos fazendeiros em ruína. E corvejava e crescia a atividade dos *boys* do Imperialismo — os banqueiros.

Voltou-se agitado no leito. Uma multidão de homens e de mulheres esfarrapados, em fila, vinha do Norte, penetrava

na prisão, saía, partia para a desgraça da fazenda paulista. Nada se resolveria sem os sovietes. A situação não se resolveria nunca dentro do regime de contradição feudal no seio da burguesia avançada. Só viria a fixação no campo dando-se as vantagens e os atrativos que a Rússia soubera dar, liquidando o feudo. As grandes fazendas coletivas, onde o povo trabalhador sente que a terra é sua, com seus clubes, sua cultura especializada, sua higiene. Só isso podia fixar o homem ao campo e contrabalançar a enorme vocação para a indústria que tomara conta do *homo faber*, do homem contemporâneo.

O militante sacudiu o beliche. Apanhou o cobertor ralo e esburacado que estava caindo no leito inferior. Um companheiro tossiu espalhafatosamente.

A mulher do Ventura arranjara-lhe uma cadeira de pano. Lírio aceitara morar naquele quarto do Brás para fugir da Velosa. No entanto ainda recebia dinheiro dela. Vergonha! Ele fora bem-nascido. No brasão de Formosa. Bem-criado! Mas seu destino parecia ser aquele. Primeiro Ludovica lhe dava dinheiro. Agora a outra emprestava. Ele sabia trabalhar. Não abusara em Jurema da sua posição. Nunca fizera como o outro genro do italiano, o Rocha, que arrendara dele um pasto pras vinte cabeças de zebu e seis alqueires para plantar algodão. Vivia na pendura. Sempre devendo a Seu Nicolau que também o esfolava. Farmacêutico, fora chamado muitas vezes à noite. Pancadas aflitas acordavam a casa. O parto do sítio estava encrocado. Três horas da manhã. Iluminava-se logo o consultório na noite do largo: — O que é? — Pra mecê fazê a caridade de i depressa! — Ele deixava Jurema, ponteada de luzes amarelas e fracas. A lua no céu cinza, igual e enorme. Grandes árvores isoladas marcavam os pastos. A madrugada esfriava nas baixadas. Passava com o caboclo, ravinas, águas murmurantes na folhagem cerrada dos gengibrões. Para voltar ao primeiro sol deixando mais um atestado de óbito. Distrofia alimentar. Um azulão na cerca. Rolinhas na estrada. Uma carroça que um negro forte conduzia. Luizinho Abramonte vinha ali passar as fé-

rias. Fossem chamá-lo! Era médico da Capital, não atendia mais chamados à noite. Só fazia caridade com sol quente. Ficava o dia inteiro na janela. Parecia um passarinho no pau esperando. Esperando o quê? Depois de ter perdido um caso de tétano não ia mais. Era assim que morria a infância brasileira. Quando as crianças não se desmanchavam na barriga das mães. E a sarna então? Quem dava conta da sarna? Na cidade era a mesma coisa. Nascera o filhinho do Ventura. Amarelo, chorando. A mãe interrogada por ele respondia: — Dê leite de peito. — Mas a senhora tem leite? — Não! — Aquela criança precisava de vitamina. Quando ele arranjasse um emprego, traria laranja, limões. Venturinha parecia arribar. Mas com a má alimentação, jogado sempre num caixote, desaparecia a olhos vistos. As gengivas sangravam. Começou a ter ossos doloridos. Quando as crianças do vizinho pegavam-no, punha-se a chorar. A moleira permanecia aberta. Uma vizinha dissera: — Não nasceu dente? — Um dia acompanhara a Nina, levava-o à clínica infantil da Santa Casa. Um médico despira-o, examinara-o cuidadosamente. Não tinha elasticidade. O esqueleto estava à mostra, tinha um ventre de batráquio, sem músculos. Não engatinhava. Outro médico moço dissera logo que era atrofia. Atrofia farinácea...: — Dê laranja e tomate que ele levanta! — Que idade tem? — Feiz dez meis! — A mãe orgulhava-se daquele estrepe da cidade que não era melhor que os estrepes do campo. Os médicos lhe haviam mostrado a encurvação tibial.

Lírio calçou os sapatos velhos. Havia de poder comprar frutas e tomates para o menino que babava, sem cor, os olhos vivos na touca. Saiu. No corredor a Nina limpava o chão. Ouvia o choro impaciente no quarto. O Ventura era um boêmio. Não ajudava a casa.

— Como vai o herdeiro, Dona Nina?

— Tá sacudidinho...

Sentiu uma vontade irracional de procurar o italiano Abramonte e mordê-lo em cem mangos, como fazia nos bons tempos da farmácia em Jurema.

O espanhol era longo, ósseo, calvo nas entradas, tudo do Quixote numa idade madura, mas lépido e forte. Alargava em risadas silenciosas a boca fina, deixando ver os dentes grandes e amarelos sob um bigode que tratava. Barbeava-se cuidadosamente de dois em dois dias com uma gilete. Vestia um terno escuro e surrado, mas limpo, em meio aos camaradas que se desmazelavam na promiscuidade vadia do presídio político.

Uma tarde indignara-se em brados na sua língua pitoresca:

— Son esses los comunas que quierem tomar conta do mundo? Que quierem dirigir el mundo? E non sabem cagar! A privada está lhenha de porqueria porque non sabem tirar la corda! Quierem organizar a tierra e non sabem cagar!

A sua tradição de lutador anarquista não afastava Paco Alvaredo dos outros detentos. Às vezes discussões prolongavam-se entre os comunistas e ele. Ao contrário, Leonardo Mesa procurava-o sem nenhum preconceito político.

— Com ustedes non se puede conversar!

— O anarquista é a tropa de choque da burguesia e do individualismo.

Leonardo deitava-se no beliche por cima do leito do espanhol. O *slogan* de Pancrácio Fortes não o fazia mais rir. — Tudo isso já se passou na Rússia dos Czares, na Alemanha dos Hohenzollern... — A luta contra o intelectual de origem burguesa dentro da militância dava certa razão ao espanhol. Lênin identificara o fenómeno. O extremismo, doença infantil do comunismo. Ele mesmo fora sabotado na sua pretensão por disciplina. Que tinha ele de burguês? Resentia-se no fundo, sem dizer nada. Somente o pai, que havia sido comerciante rico, empobrecera deixando uma casa à mãe que vivia sozinha no Rio. Os dois filhos tinham vindo para São Paulo e organizaram-se mediocrementemente, dizendo que não precisavam de auxílio. A irmã adoecera. Fora para Campos de Jordão. Ele não tivera recursos para estudar. Atingira uma relativa instrução fazendo a sua carreira de jornalista, de revisor a redator, e articulista. Fora secretário de gente rica. Poderia ter feito caminho e futuro, mas desligara-se corajosamente de tudo, abandonara conforto e cargo. Compreendera o papel do intelectual na luta revolucionária. Punha as suas forças a serviço do proletariado. Soubera cortar defi-

nitivamente todas as pontes. Manifestara-se contra uma proletarização espetacular. Muita tarefa restava aos que sabiam ler e escrever dentro da luta. Reclamava para si essas tarefas, fazendo ver que não se podia exigir de um camarada a execução da *Patética*, porque chefiava a célula 1 005 ou era membro da J.C. O marxismo não podia restaurar a infame doutrina do pecado original. Não lhe cabia nenhuma responsabilidade nítida nas ofensas do capitalismo, sua classe de origem. Havia quem quisesse que os líderes vindos da burguesia se vestissem como mendigos, sofressem um passadio detestável e fizessem, mesmo sem saber, comícios nas portas das fábricas para os operários que saíam.

Paco Alvaredo blasfemava:

— Quierem hacer um nivelamento a zero! Que todos desçam ao nível mais ínfimo. Por quê? Ao contrário, queremos subir, compañero. Subir todos e subir cada uno! Jo tengo confiança en las unidades humanas. Son las unidades de combate que devem dirigir lo movimiento. Son los hombres!

— Confio na massa, na massa que produz a grande indústria. Confio no trabalhador de fábrica — contestava Leonardo. — Nas minhas fugas, perseguido pela polícia, nunca porta proletária se fechou para mim, nunca um leito me foi negado! Malgrado a improvisação política do Brasil para uma tarefa imensa como é a revolução social. Todos comprendem, todos aceitam o seu papel.

— Hai muntos burros e muntos aproveitadores em vossas hostes arregimentadas.

Paco contava que um camarada que quisera convertê-lo ao marxismo nas visitas matinais que fazia ao seu quarto, numa pensão, punha os pés sujos de barro sobre a cama, sujava os lençóis e escarrava no chão.

— Un dia jo gritê para ele: "comunismo non és porqueria!"

Como se poderia processar a luta sem erros num país de civilização primitiva, onde as forças condutoras da revolução mal saíam de um servilismo secular? Jango se expressara mais de uma vez contra essa espécie de castigo a que submetiam os burgueses leais, dispostos a lutar pela causa comunista. Isso muitas vezes era obra de despeitados oriundos também das classes dominantes, sobretudo da pequena burguesia. Inevitáveis percalços da conjuntura revolucionária!

Muitos anos seriam necessários, trágicos e duros anos, para expurgar, para dar à causa a pureza ideológica correspondente à sua base de honestidade e de justiça. Muito traidor teria que ser desmascarado. E muito mártir anônimo cairia.

— Vocês anarquistas nunca fizeram o que em poucos anos o nosso Partido realizou, apesar de todas as suas falhas.

— Ustedes aproveitaram nossa tradicion de luta. A classe obrera fué criada por nosotros.

Citava o nome de grandes companheiros. Benjamin Motta, Ricardo Gonçalves, Oreste Ristori, Edgar Leunroth. Punha-se a evocar a figura do estudante Ricardito, como o conhecera, capa ao ombro, num halo de romantismo, pelas lazeiras e pelos bares da antiga São Paulo.

— Queria facer aqui la Coimbra de Antero e de Eça de Queirós. Mas non encontrô clima en la Facultad de Derecho e descio pro Brás com los operários... Ustedes non saben lo que fué São Paulo...

As agitações do operariado, o caso da Idalina morta no Orfanato Cristóvão Colombo, de padres, a representação da *Electra* de Pérez Galdóz, as conferências de Enrico Ferri, as metralhadoras na rua durante as greves de 17. O jornal *A lanterna*. O combate contra o reformismo patronal de Jorge Street.

— Você nasceu petroleiro, Paco!

— Jo nasci terrateniente, mas minha família fué vítima en la España da expropiacion de las tierras, executada por los capitalistas. Jo estoy en la misma condicion que quando dexei o porto de Almería, con doze años... Estoy otra vez en um barco.

Uma cara atenta espiou da cama próxima. Era a cara amarela do homem que tossia. Um camarada arcado, em manga de camisa, parou escutando Paco Alvaredo que contava a sua viagem da Espanha para o Brasil.

Na primeira noite, crianças e mulheres, homens e velhos fumando cachimbo, com cobertores nos ombros, tinham custado a deixar a coberta do navio onde haviam sido jogados. Ele não pudera dormir. Estava recostado ao colo da mãe

que espiava o mar perguntando para que terras iriam. — Para o Brasil! Nunca! — Ela ouvira dizer que no Brasil havia febres tremendas e que as crianças morriam assim que pisavam a terra. — Hay muchos moros por ajá! — A proa do cargueiro surgia das ondas como um enorme peixe. Aos poucos, os grupos foram se recolhendo para o interior da embarcação. No tombadilho restavam ainda homens conversando. Sua mãe ficara ao lado do pai que dizia: — Que non vamos encontrar ajá lo mismo que dexamos en España, que non seja lo mismo. — Si — dizia outro — porque si nos hacen ajá lo que hacen com los pobres en España, me pongo otra vez en la política... — Las huelgas, las luchas pela libertad, quantas cosas! Te recuerdas de nuestro compañero Juan? — Chupavam os cachimbos, calados. Um farol longínquo fora o último sinal da terra. Nas cabinas havia um cheiro forte de suor e de roupa suja, misturado com o do óleo. Dava vontade de vomitar. Os beliches sobrepostos nas paredes do quarto não davam lugar para os passageiros se mexerem. O esmalte descascado das camas dava-lhes um ar de cama de hospital. Pela vigia, a linha dividia o céu e o oceano balançando sempre num ritmo monótono. Apagava-se tudo e vozes abafadas partiram dos leitos entre soluços: — Ai! Dios mio! Quando llegaremos? — Ai! Señor! Tende misericórdia destes pobres entes que sufrem!... — As frases surdas eram acompanhadas pelo barulho ritmado das máquinas. Diminuíam até parar por completo. Aquelas criaturas dormiam. Sonhavam com o que tinham deixado, com o que iam ver. Na noite ele acordara com o grito da mãe: — Xê, Pancha! Mira la muchacha stá haciendo pipi en mi cabeza... — A voz da outra respondia do leito de cima: — Qui tienes? Non puedes acordar para hacer esto? — Explicava: — La muchacha és enferma. — Todos viravam nas camas, depois dormiam novamente. Ele acordara com a madrugada num mar cor-de-rosa. O sol apareceu no horizonte. Um som de lata velha chamava. Subiram para o tombadilho. Serviam café numa caneca de alumínio. Ali mesmo comiam, ali mesmo ficavam. E vieram e foram dias e dias iguais. Não sabiam mais quantos tinham passado. Panchita continuava a urinar de noite. Fora o seu primeiro amor, o seu amor de infância. Quando chovia, abrigavam-se debaixo de um enorme toldo e aí passavam o dia inteiro jo-

gando baralho, conversando e dormindo. Atravessaram o Equador. Ele tinha vontade de acelerar a marcha do carqueiro inerte nas ondas. Antes de embarcar ouvira histórias de belas viagens, de aventuras no mar. Ali, porém, só existia mau cheiro, desconforto e pobreza. No mar a vida continuava o que havia sido em terra. Sujeira e miséria. Com uma diferença: eram quinze domingos à espera do desconhecido.

Paco esticou os longos braços ósseos. Dois presos estavam sentados no chão. Os outros escutavam atentos.

— Desgracia para unos, fortuna para otros. Faltaban seis dias, depois cinco dias. Apareceram estrelas nuevas. El Cruzeiro do Sul. Estábamos mui próximos de tierra. As mujeres começaram a rezar. Apertaban los hijos en los brazos. Enquanto los hombres brincavam diciendo palavrões. Mi madre exclamava: "Que nos ajude el Santísimo! Para que non mueram los chicos! Que nos ajude la Virgen! Para que encontremo a todos los que salieram antes de nosotros!..." À noite cantaram pela primera vez con la guitarra. "Vamos a ver tierra mañana! Que Dios nos proteja! Donde vamos? Que haremos?" Um oficial veio avisar que precisávamos ter los papéis en la mano...

Paco Alvaredo deitado na cama alta e estreita do cárcere calou-se. Fitava os outros.

— Quando llegaremos al porto?

O Major Dinamérico Klag segurando o braço de Umbelina penetrou no templo espírita. Tinha um livro na mão. Disse baixo:

— Mamãe, a Santa fez dois milagres!

Conduziu-a para a última fila de cadeiras onde restavam lugares vazios. Umbelina retirou o lenço da bolsa. Esperava atenta, cansada. O Major levantou-se, foi até a frente, procurando. Voltou. A Velosa o avisara que Eufrásia iria à Sinagoga, àquela noite.

De repente o pano de boca subiu. Um moço de *smoking* estava de pé ante uma mesinha recoberta por um pano vermelho onde Ernesto Sirra, moreno e inexpressivo, presidia. Numa fila de cadeiras, homens bem vestidos e homens mo-

destos rodeavam-no. A figura estática da Santa do Brejal, afogada num *renard* velho sobre uma poltrona ao centro, esbugalhava os olhos na direção do orador de cabelo rente. Palmas encheram o salão repleto. Amadeu Argelin deixou de gingar, enrijou o braço.

— Autoridades! É pena que não compreendas! Homens que dirigis! Eu vos auguro, tomando Deus como testemunho, não pode haver gente mais disciplinada, mais fiel à interpretação da lei que esta aqui. É preciso que não continues a perseguição. E saibas que os espíritas bebem os códigos no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Uma aclamação ergueu-se, tornou a assembléia agitada.

— O espiritismo é uma escola de aperfeiçoamento moral que levanta o homem do pó! Diz que ele não é o verme miserável e sim uma partícula do próprio Deus. Não é o perseguidor, mas o irmão! Não semeia o ódio, mas condena a guerra! E armado de sentimento humanitário não se levanta contra a lei. O espiritismo são os simples, os humildes que não têm vergonha de dizer que são simples e humildes. E bebem os códigos no Evangelho!

Um homem de capa que chegara atrasado perguntou quem estava falando.

— É o secretário da Santa do Brejal. É um colosso! Tem uma natureza fluídica...

— A chama virál Para os que perseguem, para os que não acreditam. É que só enxergam um único bem, o dinheiro, o luxo, o ventre. O espírita tem outra concepção da vida. O maior tesouro é ele mesmo. O espírita sabe que a riqueza tem uma origem má. E que Deus não é criador só do visível, mas do invisível também!

Palmas interromperam o rapaz atarracado e desenvolto. Eufrásia, sozinha, de capote claro, na primeira fila, deu uma olhada para trás. Vira o Major.

— Deus manda profetas e mensageiros à terra e por isso nos enviou Maria Gomes, a Santa do Brejal, a quem hoje rendemos justas homenagens...

Uma ovação coroou a frase. A mulher centralizada por todos os olhares afundou no *renard* a cabeça modesta e grisalha. Argelin prosseguiu depois de tomar fôlego.

— Para nos mandar uma Santa não pediu sinais de pasaporte nem diplomas de Seminário. Não escolheu nenhum

graúdo! Foi uma pobre mulher que estava plantando algodão em companhia de um trabalhador preto, de um analfabeto, mas que tinha a alma pura e cristalina! Um preto de alma branca. Estava plantando três alqueires de algodão na barranca de um rio! Ela tinha tirado aquele preto da pinga e da bebedeira e lhe deu trabalho e honradez. Ela também trabalhava e o preto começou a ver que ela fazia milagres na foice e na enxada quando iam para a roça. Não existia no mundo quem trabalhasse melhor na foice e na enxada! Uma simples e fraca mulher. Mas é que o braço musculoso do Senhor a ajudava! O preto deixara de beber, estava forte e sadio. E não podia com ela. Dividiam um campo ao meio para fazer a roçada. Ela chegava muito antes, sem cansaço, enquanto o trabalhador suava de torcer a camisa! Uma noite, o preto em seu rancho caiu doente. Tinha dores horríveis no estômago. Ela lhe trouxe uma agüinha dizendo: "Com a bênção de Deus, Polidoro, você sará!" No dia seguinte ele já estava curado. Uma vizinha foi atacada de mal de fígado e correu na casa da Santa. Maria Gomes deu-lhe a mesma agüinha milagrosa, com a bênção de Deus e a vizinha se curou na mesma hora. Daí uma semana, e depois todos os dias, velhos e moços, a pé e a cavalo, vieram até o rancho buscar a cura para os seus doentes. A todos ela deu remédio de graça, sempre com a bênção do Senhor. Que poder tinha ela, irmãos, para curar toda essa gente? A sua única arte médica era a de Jesus! O médico vive das dores alheias e por isso o pobre procura quem lhe dá alívio de graça, pelo poder de Deus e por uma pequena homeopatia. Jesus não ensinou a alopatia. A sua bênção bastava, como bastou a bênção de sua mensageira Maria Gomes para curar todo o povo do Brejal. Ela não atribuía seu poder a nenhum magnetismo, mas só à força de Deus. Os milagres se sucediam. Traziam de longe doentes do mal do peito e até um menino paralítico ela fez andar. O preto Polidoro insistia para que ela fosse a uma sessão espírita, a um Centro. "Quem sabe se é algum espírito de Santo que tá em mecê?... A senhora tem jeito de gente que cura mesmo! Devia de ir sabê num Centro Espírita..." A Santa nem precisou de ir ao Centro. Em casa mesmo, uma noite, ela sentiu, num transe, a ordem de Deus para confirmar o Evangelho e estender a caridade a todos que se aproximarem dela, seja preto, branco,

chinês, espanhol, italiano, pobre ou rico, homem ou mulher... E está aqui a Santa do Brejal que veio ao mundo com a missão de estender a paz e a caridade pela nação brasileira!

Grupos despejavam-se pelas escadas de madeira na semi-escuridão. O Major precedeu Umbelina a quem Eufrásia dava o braço depois de uma apresentação forçada por ele.

— Não enxergo... Deviam acender a luz elétrica!

— Por aqui minha mãe!

Na calçada o Major gesticulava para as duas. Uma árvore estrelava de galhos à luz triste de um lampião.

— Fui eu que iniciei o Sirra. Depois ele resolveu fundar a Sinagoga do Cão. E, de fato, teve todo o êxito. Ele tem muito mais mediunidade do que o Argelin... Na próxima sessão eu trago vocês duas. O Sirra recebe sempre o Augusto Comte. Vocês precisam ver...

Caminhou para o lado de Eufrásia. Deu-lhe o braço.

— Que satisfação para mim saber que você frequenta o Centro! Você é inteligente, não pode ser uma materialista... Mas confie em mim. Eu dirigirei os seus passos... Onde é que você estava?

— Eu estava na fila da frente. Vi vocês entrarem e não fui cumprimentá-los de medo de perder o lugar. Reparei nesse livro que você trouxe, quando você foi olhando até a frente... Que livro é?...

— É *O espírito do karma*. Eu dei um exemplar ao Sirra. É um grande livro! Livros assim é que explicam a verdade e a vida. "Eu sou a Verdade e a Vida", disse o Cristo. E Cristo agora está sendo restaurado pelos espíritas de todo o mundo. Não será o materialismo cristão das duas igrejas: a Protestante e a Católica, que poderá prevalecer...

— Foi você que escreveu? — perguntou Umbelina.

— Não mãe! Mas se essa Santa me ajudar e eu tiver a vida calma que desejo...

Fixou Eufrásia cujos olhos grandes brilharam na sombra da rua.

— Se eu conseguir, então escreverei um livro maior que a Bíblia... Porque vocês conhecem o que é este mundo.

É um vai e vem... Nós somos pedaços de cadáveres. Eu sou a cabeça de Clemente de Alexandria... Minha missão é ligar a metapsíquica ao Evangelho. Hoje está tudo deturpado pelo catolicismo. Mas nós temos de vencer... A Igreja Católica quis ferir de morte os seus grandes padres-médiuns, mas nós restauraremos a sua obra em Cristo. Clemente que ressuscitou em mim Orígenes, Tertuliano... A Igreja Católica repudiou o dogma da sobrevivência carnal... Mas foi inútil. Nós possuímos a sobrevivência... E será tudo resolvido em Cristo!

Tinham chegado à esquina. Magotes de pessoas esperavam condução.

— Agora é muito difícil achar lugar no bonde... — exclamou Eufrásia.

— Aqui não há táxi. Vamos de ônibus. Enquanto isso dou a vocês duas uma lição básica. Mamãe já se desenganou dos padres, esses exploradores! Mas vocês vão ver como o espiritismo resolve tudo, a questão social que levanta a hidra...

— Quem é a Aida? — perguntou a velha acorcondada, valetudinária, sob um coque donde esvoaçavam os cabelos brancos.

— A hidra! O povo! Ora essa... O povo bestial! Eu explico no meu livro que é desejável uma ascensão da economia do operário através da moeda.

— O ônibus! — avisou Eufrásia.

O veículo vinha cheio. Passou sem parar.

— Enquanto não vamos eu quero ler a vocês uma página admirável deste livro.

— Eu estou cansada meu filho! Tenho medo de cair de joelhos e não poder levantar mais...

— Ora mãe... Que posso fazer? Temos mesmo que esperar um ônibus vazio!

Fitou-a severo, prosseguindo:

— Encoste-se aí nessa árvore porque eu vou ler. — Abriu o livro. — “Por que o mundo se divide em espíritos clarividentes e espíritos opacos?”

— Tem também encosto... — fez Umbelina. — Agarra na gente!

— Ora mãe! Fique quieta... Eu estou explicando o

que são os espíritos de luz e a senhora vem com essas bobagens de baixo espiritismo!

Um ônibus rebentou em frente a eles. Num empurrão nervoso o Major fez a velha embarcar. Roçou o corpo de Eufrásia. Havia um lugar vazio na frente e ele gritou para Umbelina que se sentasse. Segurou o braço da moça e com ela acomodou-se no fundo. Sentiu de repente toda a sua presença sexual. Comprimiu-a no banco estreito. Ela olhava pela janela a avenida de casas baixas com anúncios luminosos, pensando: "Onde estive com a cabeça? Será que eu estive algum dia nos braços nojentos desse bêbado?" O Major quieto, a barba crescida, o livro aberto sobre os joelhos, esperava o cobrador. De repente sua voz grave leu:

— "Continuai na jornada de alegrias e no caminho de dissabores. Porque obedeceis ao Mestre de quem recebestes a ordem taxativa! Curai os enfermos de graça, dai aos outros o que de graça recebestes. Lembrai-vos de que a Providência colocou nos lábios do maior clínico da Antiguidade, cinco séculos antes de Cristo, o verso áureo: '*Aliviar a dor é obra divina... Sedare dolorem divinum opus est...*' — Três meias...

O cobrador deu o troco permanecendo em frente a Eufrásia, de pernas abertas, como se a cheirasse. Umbelina voltou-se para trás fazendo sinais aflitos. O Major percebeu:

— Que é mãe?

— Eu também quero ouvir...

Na manhã azulada de neblina, Eufrásia descera do bonde de Sant'Ana, na Praça dos Correios. O Major a esperava ali, para ir procurar um apartamento. A moça vestia uma blusa vermelha de lã, a gola alta pondo em destaque a escultura fina da cabeça de cabelos negros, repartidos numa risca perfeita.

— Você merece mais que um apartamento alugado. Eu ainda hei de te dar uma casa sobre o mar! Eu só vejo você numa casa sobre o mar... É um pedestal necessário à marcha em que você ondula...

Um sujeito distraído que vinha lendo jornal deu um encontrão no Major. Eufrásia pensava em Jango, longe, na Formosa. Perguntou de repente:

— Por que que chamam você de Major?

Ele fixou-a, na saia justa.

— Desde criança... Apelido...

Aquele corpo produzia-lhe uma ressonância dos sentidos. Era o amor que refloria como essas flores japonesas de papel, rebentadas subitamente na água de um copo.

— Meu livro vai revolucionar o mundo. Você vai ver!

A uma porta de comércio, fechada ainda, uma moça estudante parara esperando alguém. Eufrásia notou-a, voltou-se à esquina para vê-la.

— Coitada! Tenho vontade de ir conversar com ela!

— Para quê?

— Está esperando algum sujeito de coração atrofiado...

— Ora essa...

— Os homens de hoje só querem satisfazer os seus instintos...

O Major odiou aquela interrupção inoportuna. Precisava reeducar Eufrásia. As vezes ela se tornava um novelo de nervos burgueses. O nó repousava sobre a contradição brotada do seu temperamento ardente que ele acreditava ter feito aflorar na serra.

— O que perde você é a sua formação fanática de pequena criatura virtuosa e moralista...

— Tenho horror desses homens que violam. Seduzem e depois abandonam. As mulheres ficam repudiadas e se desgraçam para sempre.

— O amor tem outro sentido...

— É quase sempre... na certa...

O Major olhou-a sério.

— Não fui eu quem desonrou você...

Ela pareceu não ouvir. Era um outro ser, demoníaco, no pleno azul da manhã. Todo o enigma que ele divisara nela, na modéstia da véspera, tornava-se orgulho claro e justiciero. Queria ajustar contas com Don Juan.

— Sou uma campeã...

— De quê?

— Das mulheres enganadas...

— Qual! — exclamou ele incisivo. — Você precisa mesmo de uma casa sobre o mar. A rua te transtorna. Você não pode viver nessa poeira de vulgaridade. Se contamina...

— Eu preciso de um apartamento... Estou ficando louca lá em casa. Morando apertado. E, além disso, não tolero meu pai.

O Major perguntou pelo endereço que ela encontrara no jornal.

— É aqui perto, na Rua Senador Feijó... São apartamentos caros... Você pode pagar? É mobiliado...

— Com certeza...

Ele não podia ter confiança naquele ser mesquinho e utilitário que queria por à prova a sua resistência econômica.

— Você precisa deixar as quatro paredes em que vive encerrada. Você torna a vida pejorativa.

Um grupo animado de estudantes berrava no meio do Largo de São Francisco. Outros corriam.

— Os estudantes aqui na nossa terra são assim... A única alegria deles é o trote...

— Não fale mal dos estudantes! Eles são tão simpáticos! Daqui é que saem os maiores advogados do Brasil!

Tudo em Eufrásia era convencional. Via a sociedade em cromo de folhinha. Era uma estrela na lama. Teve vontade de esborçoá-la. Apenas o sinal da voz quente dizia o que ela fora para ele, o que podia ser ainda.

— Eu quero um rádio... Você compra?

— Naturalmente...

— Vendem a prestações...

Era um anjo que ia ao lado dele ou um demônio, o demônio da vulgaridade, da conta de casa, do aluguel e do foxe-trote, do chá no Mappin? O demônio recobrando o anjo?

— O seu ideal é o dinheiro, Eufrásia!

A professora ruborizou-se. Numa faísca veio-lhe ao cérebro o que trazia para a vida, as batatas contadas, o ovo dos domingos, o latrocínio para comer.

— Só com o dinheiro é que se pode ter honra... Eu aprendi isso à minha custa.

— Depois que você começar a estudar e freqüentar a Sinagoga do Cão, achará o contrário.

Estacaram diante do prédio novo onde se anunciava o apartamento mobiliado. O zelador alemão estava na porta.

Conduziu-os ao elavador metálico, luzente.

— Sétimo andar...

Abriu. Passaram o corredor. Eufrásia deteve-se no banheiro cor-de-rosa, extasiada. O Major examinava o quarto com o armário embutido, a cama larga entre dois criados-mudos, uma mesinha oval e duas poltronas recobertas de veludo. Foi à janela.

— Não tem vista! Que pena...

— Vista pra quê? Aqui vive-se muito bem sem vista. Basta ter o que comer...

O zelador informou-os que era preciso um depósito de três meses. Um conto e quinhentos.

— Quem é o proprietário? — perguntou o Major. — Talvez me conheça...

Era uma companhia. O mundo estava reduzido e entregue às forças anônimas do capital. Só predominava o interesse imediato. Diante de uma inflexível contabilidade, desmaiavam as velhas forças do crédito e da honorabilidade pessoal. A burguesia impunha por toda parte o seu *standard* mercantilista, vil, utilitário...

— Acabou-se o tempo do fio de barba...

Eufrásia olhou-o estarrecida.

— Você queria pagar o apartamento com fio de barba?

Tinham atingido a rua. Ela tornara-se amuada.

— Não... Você está brincando comigo. Se você não tinha dinheiro por que me procurou?

— Eu arranjo fiador...

A moça caminhava hostil e dura. Esperou um bonde no Largo do Tesouro. Ele inutilmente tentou reatar, recompor a situação. Disse indignado:

— Você parece uma vegetariana!

O bonde partiu levando-a entre gente de trabalho. Para onde iria? Para o quarto da Velosa? Para arranjar um emprego numa fábrica? Talvez fosse filar o almoço numa casa de família pobre. Depois, à tarde, iria até o *rendez-vous* da tia Licórnea. Iria defender a virtude ao som do foxe-trote que o rádio estridularia. Lá embaixo, o bairro confuso engoliu o bonde, levando de novo a felicidade que ele tinha deixado no fundo de um ascensor em Londres.

Sentado no banco de pau, o caipira fazia minuciosamente um cigarro. Eufrásia fitava-o, sentada numa cadeira de palhinha. Aquele homem lembrava-lhe Jango. A mesma lentidão de touro, o mesmo olhar. Cortava o fumo com um pequeno canivete, ia abrindo-o com o polegar grosso, enrolava a palha fina. A moça falou:

— Dizem que a Santa Maria Gomes faz milagres. . .

— Ahn! Faiz mermo. Eu sei pramode que minha cunhada não podia decê as escada do sobrado adonde morava. Viero três médico acunsurtá pr'ela. Dizque eles queria cortá a perna dela e meu irmão não dexô. Foi chamá a tar. . . Ela chegô fuçando as porta, queimando porva, benzendo até o quintá. Essas hora, minha cunhada tá dançando nos baile.

— Que maravilha! O senhor soube de outras curas?

— Essa Santa cura mordida de corba, até de longe. É só mandá bebê água pra quem traiz a noticia. Vorta, encontra bãozinho. . .

— O senhor pode me dizer se ela adivinha o futuro da gente?

— Isso não sei. . .

Um moço moreno de bigodinho, num terno jaquetão, apareceu, cobrou cinco mil-réis da consulente de "hora especial". Ela reconheceu Amadeu Argelin, o orador da outra noite. Ele a conduziu por uma sala onde, ao fundo, luzia um oratório pequeno, entre flores de papel prateado de cigarro. Um Santo Antônio de barro olhava, com o pescoço torto, recolado, sob uma fita, parecendo querer vomitar. Outras imagens circundavam-no, rijas. Na parede branca, o Cristo na cruz entre os retratos de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Uma lamparina de azeite e duas velas de cera esguias fumavam na salinha. Uma mulher gorda, com um ar de familia, esperava sentada a uma poltrona. Argelin retirou-se.

— Sente-se aqui, minha filha!

Eufrásia sentou-se na cadeira indicada. A mulher morena concentrara-se, parecia rezar. Tinha a mão na testa.

De sua boca murmurante vinham palavras soltas, pedaços de reza. A moça escutava atenta.

— Rainha das ervas... Rainha das ervas... Joana Darque...

Levantara a cabeça e, com o rosto sisudo, começou a falar:

— Eu não sou feiticeira, minha filha... Não sou não! Não faço mal pra ninguém... Vem aqui muitas gente pidi pra mim amarrá os otros. Mas eu nego... Não aceito nem um conto de réis... Só a consurta... É a esmola que me dão quando eu faço uma cura milagrosa... uma operação...

Sorria benigna para a aflição de Eufrásia. Colocou a mão dura e gorda sobre os dedos longos da moça.

— Tem uma carga lá na vossa casa que não deixa tê sossego. Mas será afastada com a graça de Deus. É um home de barba que segue a senhora, sem a senhora sabê... Ele aporveita quando vosso marido tá fora... Vosso marido tem amigos bão e maos, não é mermo? Os que têm espirito mao no corpo, ou os que têm atuação é capaiz de virá a cabeça dele, não é mermo?

Eufrásia assentia com o rosto, o cabelo preto repartido sobre os olhos, os lábios ciclâmen.

— Eu queria uma coisa...

— Diga, minha filha...

— Eu desejava ir para longe, deixar tudo e ir me encontrar com um homem rico e importante que passou por aqui... Ele deu um concerto no Municipal e sumiu... Ele toca piano.

— Como é o nome dele, minha filha?

— Brailoswski...

— Deus há de te ajudá. Eu vô invocá o Pai Jacó ou então o Pai João da Caridade e eles vai ajudá, vai me dá alguma solução desse home rico. A senhora pode vortá aqui daqui uns cinco dia.

— Eu queria também outra coisa.

— O que é? diga filha.

— Um casaco de peles...

— Essa pele que eu tenho, ganhei de um home que curei das esquizema pelo corpo.

Sorria com uma falha de dente. Abaixou a cabeça de novo. Rezou, benzeu. Eufrásia levantou-se.

— Vai na paz de Deus, minha filha. Mas nunca deseje mal pra ninguém. . .

Eufrásia cumprimentou o caipira que esperava sentado no banco de pau. Gente entrava de fora. Uma Packard parou ante o edifício da Sinagoga. Desceu dela a figura obesa de Totó Agripa.

Jango explicou que não convinha acender a luz. Indicava uma cadeira a Mikael. O russo sentou-se dobrando sua alta estatura para acender o cachimbo. A janela aberta e larga ofertava os arranha-céus coriscados de anúncios luminosos. Jango não perdia um movimento daquele antigo capitão da guarda do Czar. Estava ansioso pela continuação da conversa com o russo branco que Leonardo lhe apresentara na Vila Miguelona. Tinham-se encontrado agora por um acaso num café da Avenida São João e Jango o trouxera para o quarto que mantinha com Carlos de Jaert. Sabia que ele se casara por amor com Sarita, a irmã de Maria Parede.

— Quinze anos. . . eu estava também num apartamento. . . meu apartamento de oficial, numa bairro aristocrático da antiga capital. . . Petersburg. Era assim de noite também. E tivemos a precaução de apagar a luz.

Jango foi buscar dois cálices. Serviu conhaque. O oficial prosseguiu:

— Eu tinha feito a guerra três anos. Estava tornado um autômato, um homem em que o cérebro embrutece a tal ponto de só compreender as ordens de comando e ter os reflexos de defesa pessoal. Dormimos muitas vezes dias seguidos sobre o cavalo, estivemos durante meses separados da vida e do tempo dentro de uma trincheira. . . Basta dizer que meu cérebro se recusou a tomar conhecimento de uma notícia terrível que chegava em cartas sucessivas — a da morte de meu pai. Sabíamos que avançávamos porque íamos encontrar populações novas. Sabíamos que recuávamos porque encontrávamos cadáveres de companheiros nos destroços das nossas forças. A guerra, no entanto, não tinha sido infeliz nesse setor.

— Vocês venceram a Áustria. . .

— Lutei nos Cárpatos e senti o poderio militar da Rússia quando descemos vitoriosos sobre a Hungria. Você não pode calcular... É uma sensação de embriagamento, incapaz de ser descrita, essa do soldado que penetra como senhor no território do inimigo vencido. Só aí deixávamos de ser autômatos... Mas você já sabe, a nossa guerra não terminou com a vitória e sim com a revolução... Nós oficiais éramos evitados pela propaganda bolchevista. Foi portanto muito difícil compreender o que se passava.

— A Rússia de Lênin...

— Imagine a surpresa! Em todo o caso tomei minha posição sentindo entretanto a impossibilidade de viver lá sem aderir à causa vermelha. Numa noite como essa de hoje, surgiu um oficial da Marinha, um velho amigo que me disse várias coisas. Que nós oficiais déssemos a nossa adesão à pátria que estava precisando de líderes. De fato, o povo, a massa desrecalcada e rebelde precisava de homens de valor naquele momento. Ivan dizia-me que os bolchevistas tinham razão e que era inútil nós tentarmos reagir. A revolução vermelha estava vitoriosa. Essa noite conversamos até o amanhecer. Foi a última vez que nos vimos. Não quis segui-lo. Não aderi... Fugi para Ásia disfarçado em trabalhador. Eis como comecei...

— E o seu amigo?

— Ele fez uma carreira brilhante e rápida. Em dois anos comandava uma divisão naval do Báltico. Cinco anos depois deixava a Marinha e ingressava na diplomacia.

— Mikael, ele tinha de fato razão quando lhe disse que a massa precisava de líderes...

— Não há dúvida, Jango. Esse rapaz chegou a ser embaixador cumulado de honras e de prestígio. Preparava-se para ser um comissário do povo quando se promoveu contra ele um processo.

— Por quê?

— Inclinações burguesas. Acusaram-no de oportunista e traidor. Foi fuzilado em Petersburg que então já era Lenígrado...

Houve um silêncio no quarto apagado, onde se refletia a noite luminosa da cidade, onde chegavam os ruídos dos automóveis, dos pregões de jornais, rascar dos bondes, gritos de crianças, risadas e conversas. O cachimbo fazia um ponto

vermelho em frente a Jango. O antigo oficial czarista prosseguiu:

— Era eu quem tinha razão. Toda a minha formação era aristocrática. Nunca eu soube sequer da existência da questão social. A palavra *proletariado* me era completamente desconhecida. É verdade que não demorou muito para, na fuga acidentada que realizei, eu tomar conhecimento prático dessas questões. O meu dinheiro acabou-se quando depois atingi o Oriente. Estava na Turquia com outros refugiados. Tive que trabalhar, tive que utilizar os meus braços e a minha cabeça para poder comer. Saí da Turquia para os Estados Unidos. Cheguei a ser ferroviário. Dava lições também. Falava o inglês. Fui professor de matemática para crianças. Não me senti adaptado nos Estados Unidos. Desci num cargueiro. Tinha me enganado. Um dia cheguei a Santos. E decidi ficar. Os russos brancos daqui me receberam bem, talvez porque conhecessem de tradição a minha família. Ajudaram-me. Tomei um professor. Aprendi a língua daqui como aprendi o inglês. Os russos têm facilidade.

— Gosta do Brasil?

— Achei-me em meio de um povo muito parecido com o russo, com os mesmos defeitos e as mesmas virtudes... Sendo russo, eu sou brasileiro também... Depois, já tinha me resignado a trabalhar para viver... Moro no campo, você precisa conhecer o Retiro Feliz, não é? Adoro aquela gente que tem, como o povo russo, o sentido do trabalho e da festa... Você não sabe como me divirto nos domingos... Toda aquela gente se emborracha ritualmente... A cidade não sabe o que é o domingo da vila... As macarronadas, as visitas, as bebedeiras efusivas e simples, enfim, esse reajustamento na vida, depois de uma semana de trabalhos duros... A felicidade dos simples... Outro dia encontrei a felicidade num rapaz do Matarazzo, porque tinha feito um terno novo, a crédito, e conseguido combinar o tratamento dos dentes em quarenta prestações! Tomou um porre e foi dormir a tarde toda debaixo duma árvore, tendo a serra de um lado e a cidade do outro, os arranha-céus... Você acha, Jango, que os patrões têm idéia desse gozo único que é o porre aos domingos? Vivem agarrados com questões feroces... roubando... temendo o fisco, as facadas, a revolução... brigam em família, odiando-se... E não comem me-

lhor do que os proletários nos seus domingos magníficos... As moças bem vestidas vão com os namorados para os cinemas.

Jango riu.

— Inclinações burguesas. Está aí o crime de que você poderá ser sempre acusado... Você quer que o mundo continue inalterado, como era na Santa Mãe Rússia? Como hoje é aqui?

— Infelizmente é verdade. Hoje compreendo o proletariado... Sou um trabalhador... Compreendo a revolução proletária... Estou convencido da sua razão e da sua necessidade... Mas não mudei de classe nas emoções, nos sentimentos... E por isso não fiquei na Rússia Vermelha, e por isso aqui não me torno militante da causa. Restaurei no Retiro Feliz uma pequena Santa Mãe Rússia... Você compreende, não... Você também há de sentir o que eu sinto... Esta tara da infância feudal, da adolescência... Que perdura apesar de compreendermos a necessidade da mudança do mundo... Nosso destino não é a adesão, é o sacrifício. Enquanto ele não vem, eu auxilio o trabalho duro dessa pobre velha, minha sogra. E cultivo nas horas vagas o quintalejo, onde tenho uma horta... Venho buscar a roupa suja dos apartamentos. Volto com as trouxas no trenzinho da Cantareira, no meio do povo laborioso, junto com o povo laborioso que eu amo, do qual faço parte...

— Mas nós estamos num momento decisivo — fez Jango. — Você, como eu, como todos os antigos feudais, temos dois caminhos. A luta se impõe. Ou nós vamos prestigiar a reação, esmagar o Partido e o Povo... Ou vamos formar ao lado dele e lutar...

— Eu não lutarei. Dou a minha simpatia. Mas não luto!

— E se precisarmos que você lute? Agora sou eu quem lhe diz que o Brasil precisa de líderes...

O antigo oficial sorriu na sombra.

— Você está excitando o carnívoro que existe dentro de mim... Você sabe que atração tem para mim a luta... Mas resisto... Ficarei na minha posição de proletário... Na Santa Mãe Rússia...

— E se a revolução vencer?

— Me deixarei fuzilar, que remédio! Talvez erguendo um viva ao proletariado. Terei adiado simplesmente a solução que esperam os que gostam da saudade...

Jango sentiu que Mikael o fitava como querendo envolvê-lo no mesmo sentimento. Mas o oficial calara-se, reavivando, em grandes baforadas, o cachimbo que se extinguía.

Levantou-se numa reverência educada.

— Até logo, Jango. Tenho que sair. Moro em Sant'Ana.

O moço fazendeiro acompanhou-o. Antes de fechar a porta do elevador, o oficial antigo exclamou:

— Você tem meu endereço!

No pequeno escritório da casa dos Campos Elisios, Pancrácio Fortes mostrava um papel ao Coronel Bento Formoso.

— Um cheque será pago daqui a três meses, inclusive os juros. Depois vinte e cinco e vinte e cinco. *Fifty, fifty...*

— Esse prazo é curto. O reajustamento pode demorar.

— Não se pode arranjar doutro modo... O Jango precisa de trinta contos para tocar o algodão.

— Mas assim não é possível! Não faço isso.

O velho, no roupão escuro, tinha os olhos fixos no chão.

— Aceite titio. Nós arranjaremos por causa do Vitalino Borges que é amigo.

Gritos vinham do sobrado. Passos nervosos desceram a escada. Dulcina berrou para cima:

— Eu pulo o portão!

A voz de Umbelina esbravejava:

— Acabo pondo você no Asilo do Bom-Pastor. Não admito que você ande mais com essa selvagem de sua prima, que te leva ao cinema com rapazes. Você voltou a uma hora da noite, sua desbriada!

A cara amarela de Pancrácio Fortes tornara-se atenta. Os dentes estragados pegaram um cigarro.

O coronel murmurou:

— Não sou nenhum criminoso. Não vou assinar cheques sem fundo. Emito letras, títulos legais...

— Eles não aceitam, titio...

Bento Formoso cerrou a secretária dizendo: — Só falta a forca. Me levarem à forca! É o que quer a usura!

Subiu enquanto o rapaz se dirigia para a cozinha a fim de arranjar um cafezinho com a Edwiges. Não encontrou ninguém. Foi cautelosamente até o quarto da Pichorra. Estava vazio. De cima, vinha um sussurro, a conversa dos velhos. Foi encontrar Dulcina no terraço. Tinha a boca provocante, a cabeleira solta. Vestia uma velha saia azul e a blusa branca do colégio. A tarde morria cinzenta sobre a cidade.

— Quero um emprego... não fico mais aqui...

— Eu te arranjo... mas exijo tudo...

— Eu me mato... compro um veneno na farmácia, e me mato...

Ela estava sensacional e inédita. Pancrácio tomara-lhe as curvas nervosas. Encostou-a contra a parede.

— Olhe a Vitória... Pancrácio...

— Ela saiu com a Belica!

A tarde finava-se. Por trás da garagem acendeu-se um fogaréu de ocaso entre árvores. Ficaram unidos, atentos. A noite esmagou os últimos vermelhos do céu. E sobre a cidade desceu uma sujeira imensa.

3

O Decapitador

O MAJOR penetrou no solar dos Formoso. Sabia que ia encontrar Umbelina naquele sofá, rezando, com a cabeça velha, oxigenada, pendendo sobre as almofadas. Quando estava em São Paulo ela não deixava a saleta a fim de receber os padres que não vinham mais. Que não tratavam-na como dantes no Apostolado da Oração. Por isso estivera naquela sessão espírita. Não diriam mais no Orfanato de Jurema que ela era amante do Arcebispo.

Agora na casa de muitas salas entrava toda a gente. Nos bons tempos, o sobrado dos Campos Elísios só era franqueado às famílias de nome. Umbelina soubera se vestir, soubera luxar, soubera gastar. Chegara a tyrannizar a família. Fora o sangue novo da grei vegetativa do planalto. Intervinha nos negócios dos Agripa, aconselhava D. Guiomar Junquillo, criticava os Saxe, repreendia a própria Veva caída em caduque. Perto dela, o Coronel Bento Formoso calava-se ofuscado. Era uma Klag. Fundava sua origem colona em feudos bálticos. Quisera que o Major se formasse na Inglaterra para

que fosse tudo. Esperava vê-lo como 'Cristo entre os doutores'. Contrariando seus fidalgos donativos, suas promessas a Deus, o Major tinha se tornado grileiro e vendedor de açúcar-mascavo e pinga "como qualquer carcamano". E casara contra a vontade dela. E amava Eufrásia. Ele examinou o rosto devastado no espelho do porta-chapéus. Agora Jango era o inimigo, plantava algodão no silêncio e no mato. E a parentela não acorria mais como nos bons tempos.

Ali, outrora, entronizavam-se imagens, promoviam-se novenas. Ladainhavam então, na sala de visita que se abria, pretas cantantes, velhos sacristãos, comadres inúteis. Quando aparecia um padre descorado, desajeitado na batina suja, Umbelina não deixava o sobrado. Mas a presença do bispo Dom Luna enchia-a de atividade e de prestígio.

O Major estacou na sala de jantar onde ainda restavam pratas antigas e uma Ceia enorme. A nobreza duma velha fruteira portuguesa refulgia, sem frutas, sobre a grande mesa de jantar. Viu na saleta a mãe que dorminhocava no sofá, o rosto branco sob o cabelo desbotado entre grandes pentes. Teve vontade de gritar: — Está aqui o Cristo entre os doutores!

A velha acordou:

— Tive hoje um desgosto imenso, meu filho. Me disseram que o Jango é comunista.

O Major atirou-se sobre a primeira poltrona e confirmou sério com a cabeça. Umbelina prosseguiu:

— São os maus amigos. Quando ele chegar da Formosa vou ter uma conversa séria com ele. Vou perguntar se ele quer que o mundo continue sem nenhuma distinção como anda. Nenhuma moça põe mais chapéu nem meias. Se ele quer que seja tudo a mesma coisa, uma lavadeira, uma senhora distinta e uma operária de fábrica. Vou mostrar isto! — Levantava a mão descarnada e branca com manchas de velhice. — Todos os dedos são iguais? Ele quer que a gente que nasce de pé descalço sente em nossa cama? Quem nasce numa estrebaria pode chegar-se à nossa mesa?...

O Major olhou para cima e viu um baixo-relevo de mármore, a Ceia de Cristo, que comprara para ela no fim da revolução. Havia outra em latão na parede. Umbelina prosseguiu:

— A culpa é do Bentinho que não soube dirigir o barco. Você e Felicidade tiveram no começo aias, professores em casa e na fazenda, para depois terem os filhos como têm? Quindim quer ser ispiquer de rádio. A sua filha Dulcina me disse que tem uma amiga que anda traduzindo livros para ganhar e quer fazer o mesmo. Jango parece um chofer de praça... Maria Luíza, como vai indo, acaba moça de circo...

— E eu... vou me casar com Eufrásia Beato Moncorvino... É só achar quem me empreste um conto de réis... Você tem?

— Pois é, Seu Reboucinhas... Agora você vai trabalhar num jornal, deixar a Velosa... criar juízo.

— Muito obrigado... — disse Lírio de Piratinga.

— Arranjei com um velho amigo esse bico para você. Estou prestigiado. Precisaram dos meus serviços.

Das três janelas acesas sobre a rua despovoada da capital, onde passavam bondes tristes, vinham sons decididos, claros, metálicos, de jazz. Quando o mulato penetrou, ao lado do Dr. Marialva Guimarães, no *Colibri* da Licórnea, não pôde conter uma mobilização de complexos. Não sabia dançar aquelas danças de cabaré. Seria obrigado a corresponder às gentilezas do novo delegado de Polícia, que lhe arranjara o emprego de revisor num grande matutino. Uisque custava caro, e ele estava liso como o Batista às margens do Jordão. Restava-lhe no bolso uma nota de cinco mil-réis, do último dinheiro que Minervina lhe emprestara. Evidentemente era um negro entrando em casa de branco.

Mulheres impressionantes sentavam-se em mesinhas iluminadas por minúsculos abajures de papelão. Em vestidos decotados e coloridos pareciam estar num baile, com suas trufas altas, seus cílios roxos de tinta, os lábios encarnados e vivos. Duas haviam-se erguido, aboletaram-se com eles a uma mesa do centro, os sorrisos abertos e francos. Na sombra de um canto, uma orquestra chorava uma valsa cigana. Marialva movia o pescoço ereto, a cabeça importante, onde refulgiam os óculos encavalados no nariz.

Sentia, na delicadeza e na simplicidade das mulheres perdidas, sentimentos familiares, anacrônicos sentimentos do interior. Um garçom veio servir uísque. As mulheres perguntaram timidamente se podiam beber também.

— Pode! — fez o delegado.

Uma delas pediu licor. A outra resolveu tomar cerveja em companhia do mulato. Para ele aquilo tudo criava um clima sexual, que o Dr. Marialva Guimarães tentava inutilmente perturbar com a maledicência política que vinha desenvolvendo lá de fora. Uma das moças trazia o vestido longo entreaberto do lado. Parecia que havia sido propositalmente rasgado de alto a baixo.

— O Pádua Lopes é um cornudo! Deixa a mulher ir sozinha ao Rio.

Lírio concordava com a cabeça torta e adesiva.

— Eu sou um liberal, você sabe. Mas esse negócio de deixar a esposa viajar só, é demais. Parece P.R.P.!

— Também acho. É demais...

— Ou é puta ou é família...

Uma das mulheres ouvia. Sorriu concordando. A outra fumava olhando o baile. Uma criatura muito alva, de cara redonda onde se riscavam apenas as sobrancelhas, sentou-se sozinha a uma mesa.

— Quem é?

— Uma lituana. A Aurora...

O garçom veio servir novamente. Um grupo bulhento instalara-se ao lado deles. Trocavam explicações e ameaças.

— Se você continua a beber para dar nela, eu tenho aqui seis balas...

— Você anda com a Vitória?

— Ando! E não deixo ela por coisa nenhuma.

— Você é um homem direito, pode ficar com ela. Eu não sou mais michê dela, deixei há muito tempo.

Lírio comentou baixo:

— Que escacheação!

— Tendo dinheiro pode ser preto, branco, qualquer! Até morfético... Eu danço... danço e durmo... Não posso é viver sem dinheiro... — exclamou uma das criaturas.

Marialva continuava o diálogo interrompido:

— Eu sei que muitas famílias de agora são mais putas ainda que as próprias putas.

Lírio soltou uma gargalhada olhando as mulheres quietas.

— Vocês não protestam?

Marialva achou aquilo uma gafe, uma brutalidade de preto. A cidade corrompia Lírio.

— Detesto a capital!

Sorveu o uísque. Só o interior sabia o que era delicadeza d'alma. A delicadeza que aquelas mulheres também tinham. Podiam ser putas, mas tinham bons sentimentos. Entendiam-se elas e ele no bom-tom do *dancing* que a orquestra de saxofone e de pratos procurava insistentemente achincalhar.

— Coitado do Coronel Laraxa — disse a companheira de Lírio, vendo um velho de sobretudo entrar.

Marialva Guimarães anunciou que ia oferecer champagne para comemorar a sua nomeação.

— A nossa! — fez Lírio.

— Quando venho a São Paulo gosto de gastar... Agora, então...

O garçom trouxe uma *Cordon-Rouge* num balde de metal com gelo partido e um guardanapo em cima.

Bateram-se as taças. As mulheres animaram-se. Lírio abanava-se rindo às gargalhadas.

— Qual é que você prefere?

— Nenhuma — replicou o delegado.

— Que algidez!

Marialva empertigou-se. Tornara-se seco. Disse ao outro que se esbodegava.

— Sou casado. Muito bem casado.

— Pois eu estou com vontade de fazer uma extravagância...

A mulher do lado encostara-se ao mulato, risonha na ótima dentadura, algumas espinhas no rosto. Ele passou a mão pela abertura do vestido. A outra perguntou ao Marialva quantos filhos tinha.

— Quatro... Três mulheres e um homem.

A de branco perguntou a Lírio:

— Você fica a noite toda? Esse negócio de sair depois da primeira eu não gosto...

— Fico...

— A noite inteirinha?

A companheira explicou que ela tinha medo de almas do outro mundo.

— Ouço vozes... A primeira vez a voz me disse: "Você está tuberculosa". Fui ao médico tirar chapa no dia seguinte.

O coronel deixava a mesa da lituana depois de um co-nhaque. Lírio olhava-a.

— Você quer aquela minha colega? Pode chamar ela...

— Não!

— Então vamos dançar este tango...

Ele rodopiou encabulado, marchou com um pacote de lenço nas costas da criatura fantasmal, espichando a perna, encolhendo-a. A música terminou num estrondo. Veio sentar-se suado. Marialva disse:

— Você dança bem o urangutando!

Batiam palmas. O jazz recomeçou. Era um foxe-canção. Lírio esvaziara a taça. Levantou-se enxugando o pescoço. Aproximou-se da mesa onde a lituana fumava solitária. Convidou-a com um gesto. Os olhos dela cresceram espantados. Fixou-o severa, impassível. Vendo Lírio voltar, a mulher de branco gritou, rindo:

— A Aurora não gosta de preto...

Para o novo delegado aquilo era um escândalo. Nas suas vindas do interior, sempre endinheirado, pagando bebidas nos bordéis, sabia que o cliente era senhor e dono. A prostituta tinha que ser uma vitrine aberta, de boas maneiras, de urbanidade e de afeição. Exclamou:

— Ela é paga pra dançar... Isto aqui é cabaré...

Ele vinha ali se refazer do mundo desordenado e caótico lá de fora. Bonitas como cromos, as mulheres deviam ser disciplinadas, edificantes como Cornélias. E prestativas como amas...

— Isto é o cúmulo! Estas casas são ou não o refrigério da gente?...

Era fato que às vezes um gigolô de boa raça originava uma incursão bêbada e bárbara ali dentro. Mas executavam-se em torno dele greves rápidas. O meio policiado o repelia. E o tom doce e triste de casa de família dominava o conflito absurdo recomeçando o ritmo das tentações virtuosas. Aquele ambiente era capaz de curar os sem-cabeças e elevar a moral dos transviados. Marialva pagou a conta.

— Vamos nos retirar... Desaforo de puta eu não engulo!

As duas mulheres acompanharam-no até a porta de carvalho lavrado da residência que guardava o ar das antigas moradias paulistas. Que com elas se confundiria não fosse o fogo do inferno que estrugia pela altas janelas abertas nos pratos líquidos e no fô-fô-fô do saxofone.

Deixaram a latada de jasmim que na madrugada de *fog* envolvia de perfume e de inocência o portãozinho aberto, de ferro, lembrando antigos namoros.

— Parece Londres! — comentou Lírio de Piratininga.

Um adolescente esquelético e roto, de grandes olhos, ofereceu numa cesta pequenos buquês de violetas e de amores-perfeitos. Um pouco adiante, uma carrocinha de pipoca fumegava. O delegado tirou níqueis do bolso.

— Vou mandar flores a essas duas moças. São muito direitinhas...

A risada de Lírio de Piratininga estourou no apartamento do hotel. Através da porta do quarto de banho, vinha um som de chuveiro aberto. Marialva Guimarães perguntou num grito:

— Como passou de ontem?

— Falei com a castina, a Licórnea. Foi uma vitória de Austerlitz.

— Você voltou lá?

— Encontrei uma turma boa... O Rodegado, o Pí-nheiro do jornal, o Ventura. Aquela loira estava só fazendo fita. Fomos quatro juntos num quarto... Gastei os cinqüentão que o senhor me emprestou...

Marialva enxugava-se lá dentro. Apareceu barbeado, sem óculos, num pijama cor de vinho.

Lírio riu, dando detalhes.

— Ela fez tudo!

O delegado sentara-se ao leito.

— Fiquei liso outra vez.

O telefone ressoou. Marialva atendeu, fez a telefonista esperar. Falou a Lírio tapando o fone.

— É uma moça que quer um emprego. Vou mandar dizer que estou dormindo.

— Dê uma grelada. Pode ser que seja alguma boa...

O delegado mandou subir.

— Você acha decente receber assim, de pijama?

— Ora! Seja um homem de seu século...

Bateram timidamente à porta do apartamento. Uma mocinha apareceu num capote velho. Tinha os cabelos mal penteados e na mão uma bolsa suja.

— Foi a senhora que me falou ontem pelo telefone? Como é mesmo o seu nome?

— Lindáurea...

— Lindáurea Beato Moncorvino...

Lírio interveio:

— A senhorita é irmã do padre da Jurema?

A moça disse com a cabeça que sim.

— Farei o possível para servi-la. Vou ver... Amanhã, a estas horas, a senhorita me telefona aqui para o hotel.

— Se o senhor quiser, eu posso passar...

— Então passe!

A mocinha despediu-se. Saiu.

— Quer nota...

— Tem a beleza efêmera das rosas de Malherbe... É muito criança...

— Eu não espero biscoito assá, como cru!

Marialva Guimarães, de novo só, foi à janela do seu quarto de hotel. Viu lá embaixo árvores agitadas num quintal. São Paulo era assim: arranha-céus e casas pobres. O dia agreste não convidava a sair. Deitou-se no pijama. Pensou um instante na mocinha. Não queria saber de histórias. Devia ser menor. Não sairia dos seus hábitos de antigo perrepista. Passara para o P. C., Partido Constitucionalista. Os peceistas eram mais adiantados e mais ativos. Mas ele conservava as velhas amizades e os hábitos antigos. Gostava das pensões. Não eram mais as pensões fechadas dos tempos heróicos. Para onde os próceres e os coronéis iam à noite, depois do jornal. Conversava-se ali de negócios e de política. Ali resolviam-se até casos íntimos. Era o tempo das francesas. Muitas haviam deixado o meretrício, se casado bem, com gente da melhor. Hoje a pensão de escadas

desaparecera. Era o *dancing*, o *rendez-vous*. A cena desagradável da véspera voltou. O Pádua Lopes havia dito numa roda que o triângulo clássico, ele, ela, a outra, fora quebrado pela secretária, pela datilógrafa. Hoje era Palácio, Escritório, Cortiço. Essa mocinha... O mundo estava invadido de substituição clandestina. Lírio ao sair dissera-lhe: — Nesse mato tem coelho... — Era uma menor. Mas ele também era delegado.

Espreguiçou-se no leito.

— Um dia mando à merda os ideais...

D. Filomena recomendara ao marido que mandasse tirar o retrato do Coração de Jesus entronizado na casa nova. Acorrendo de avental, e vendo na porta o bigodinho loiro na cara redonda de Vitalino, perguntou se era o fotógrafo. O novo gerente do Banco Abramonte sentiu-se varado de ódio e pensava já em se queixar daquela criada intempestiva, quando soube que se tratava da própria dona da casa.

Ficou sozinho na sala de visitas, onde duas litografias, uma de Otelo e Desdêmona, outra de Romeu e Julieta, se penduravam altas, nas molduras de purpurina. Sobre uma mesa amarela repousavam, em toalhinhas de crochê, dois vasos azuis de vidro grosso e, ao centro de um largo aparador, três velhos de louça tocavam gaitas e sanfona. Vitalino examinou com o olhar o gosto novo-rico que estardalhava nas cortinas de veludo verde-claro com babados de ouro. O resto tinha sido comprado na primeira casa de presentes da cidade.

— Cafajestada!

Na parede oposta uma paisagem, tendo ao fundo uma fumaça densa e branca que jorrava como um repuxo duma chaminé de casa. Um velho piano-armário tomava quase todo o tapete desbotado, trazido de Jurema.

O gerente examinava tudo de pé, quando deu na porta com uma cachorra branca e peluda, parada, de focinho preto e língua de fora. Parecia um lulu crescido. Ensaiou um estalo com o dedo, mas a cachorra latiu avançando sobre ele. Teve ímpetos de pegar da cadeira a pasta de couro e atirá-la

sobre o agressor. O animal fazia-o recuar, recuava também, latia mais. A sala estava quase escura com a noite que descia lá fora. Era o cúmulo! Ninguém se preocupava com o visitante entregue à sanha daquele lulu tão apócrifo como os móveis e os quadros da parede.

— Sufa, carcamaninha! Te dou um pontapé...

A casa parecia continuar deserta. Mas a porta da rua se abriu num estrondo e vozes femininas puseram no *hall* uma algazarra que preocupou o cão e fê-lo desaparecer. Alguém o acariciava perguntando:

— Benzoca, te deram papá?

Uma moça alta, de olhos vivos e ingênuos, apareceu com a cachorra ao colo. Sem cumprimentar, gritou:

— Ludovica, tem visita aqui! Eu acho que é o homem...

A frase perdeu-se lá dentro. Pareceu a Vitalino que a pequena dissera: — O homem a quem papai deu emprego...

— Teve vontade de pegar a pasta e sair. A cachorra o agredia. Para uma, era o fotógrafo, para outra, o cavador. De fato, sua vida estava definitivamente enroscada nas mãos grosseiras do italiano que tivera aquela estranha e sinistra idéia de convidá-lo para jantar. Queriam que ele servisse de cobaia. A família imigrante queria fazer com ele um ensaio de recepção das visitas que não haviam de faltar. Belo ensaio! A pequena, apesar de mal-educada, era boa! Burrada ele fizera tendo se casado aos vinte e três anos. Como se chamaria? Estava nessas cogitações quando ouviu vozes e pareceu-lhe que a família toda invadia a sala. O lulu vinha na frente e, como que animado, atirou-se dessa vez furiosamente contra suas pernas. A italiana gorda ralhou:

— Segura ela! Venha cá Coquete! Espera...

— Não morde! — disse a moça tomando o animal num desembaraço de gestos que lhe levantou a saia rodada.

Sentou-se em frente de Vitalino, a cachorra presa ao colo. Uma criatura esquelética, numa saia marrom e blusa rendada, apareceu mancando. Sorriu para o hóspede, no tope cor de palha se alçando em pentes.

— Papai não tem hora de chegar... É um inferno! Nem posso ir à reza...

— A senhora gosta de igreja?

— Sou zeladora do Sagrado Coração. Faço parte da JIC, isto é, Juventude Independente Católica...

Fúlvia interveio num guincho:

— Ela ensaia nesse piano o hino da Ação Católica. O dia inteirinho. Parece um gato espremido na porta...

— Com muita honra sirvo a Deus...

D. Filomena num vestido preto e largo, a dentadura balançando na cara enrugada, levantou-se.

— Preciso i spiá a janta. Só ponho o macarron quando o Nicolauzinho chega. Mais preciso vê tudo. Si non stô lá, non dá certo...

Ludovica, zelosa em recobrir os joelhos, informou:

— Nós não arranjamos criada boa. Trouxemos uma negrinha vagabunda de Jurema. Mamãe que faz tudo... Coitada... Fica cansada, suando... Está doente, com pressão baixa... Coitada... Está suando...

— O Luizinho farló que io tenho metabolismo. Nunca fiquei doente na minha vida... — disse a velha reaparecendo na porta.

Vitalino novamente teve vontade de desaparecer. Afinal, não fora ele quem provocara aquele convite e de modo nenhum queria ser responsabilizado pelos suores de D. Filomena. Ia explicar quando a cachorra saltou do colo de Fúlvia, saiu ladrando, ganindo e voltou com Abramonte, que, de chapéu na cabeça, cheio de embrulhos, espiou o grupo perguntando:

— Já stá na mesa a janta? Tua mãe comprô radiche na fêra?

Sem dar atenção ao visitante o dono da casa foi para dentro dando gritos, seguido pela filha manca. Frente a Vitalino ficou a garota de olhos pretos e boca carnuda, e entre eles, num canto do tapete, a cachorra sentada, vigilante.

— Como ela se chama?

— Coquete... Era lulu zero quando comprei aí na porta, mas cresceu...

O gerente queria conversar mas não encontrou assunto. O impulso que se desenhara nele, ao ver um trecho da perna morena de Fúlvia por cima da meia engrovinhada na liga, esvaíra-se completamente. Que interesse poderia exercer para alguém aquele animal de cabelos crespos e dentes feios, filha do imigrante enriquecido? Achou-a parecida com a Coquete. Nem ao seu apartamento da cidade ele seria capaz de levá-la... Fúlvia perguntou à cachorra:

— Coquete, você não me dá um beijo hoje?

Abaixou-se para encostar a boca no focinho úmido do animal que refugou.

Apesar daqueles belos olhos brilhantes, não passava d'uma porca, criada no chiqueiro paterno. Da porta veio uma voz aguda:

— O quê que o senhor toma de aperitivo? Tem licor e fernete...

Vitalino ia agradecer quando o banqueiro gritou:

— Non precisa de dá fernete... Stá na mesa o macarron! Sinó isfria...

Fúlvia levantara-se. Tendo sempre um olho no animal que o perseguia de língua de fora, o novo gerente foi conduzido até uma sala de jantar onde móveis luzidios rodeavam a toalha branca, oval.

— O senhor senta aqui... — indicou Ludovica apontando o fim da mesa.

Abramonte aboletara-se sem paletó do outro lado, exclamando:

— Que calore! Dicerto vai chovê! Non vá dexá as janela aberta qui estraga o encerado. 4\$000 custa a lata de cera!

Seguida por Ludovica que lhe media os movimentos, uma pretinha espigada surgiu como um êbano carregando uma travessa repleta e vermelha de macarrão que fumegava. Um cheiro bom de parmesão e molho de tomate subiu. Vitalino desenrolava o guardanapo quando sentiu na perna um esbarão da cachorra. Deu um pontapé que fez o animal sair ganindo para a cozinha.

— Coitada! — disse Fúlvia levantando-se. — Vou dar de comer pra ela...

A satisfação do visitante agora era positiva. D. Filomena enchera-lhe o prato. E estavam longe, a menina anti-pática e o lulu 44. Como todos comiam, pôs-se a fazer trouxinhas dos fios úmidos com o garfo, e em pouco tempo tinha esvaziado metade do prato. Parou encabulado, limpando os beijos. Exclamou:

— Está delicioso... Estou comendo demais...

D. Filomena sorriu.

— Pode comê à vontade. Lá drento tem mais... Tem bastante...

A manca disse a Fúlvia que voltava.

— O macarrão esfriou! Você também só pensa na cachorra. Depois quer estudar filosofia!

— Estudá é besteral! — gritou Abramonte. — Só serve pra istragá o dinheiro. Agora o Luizinho qué muntá um consurtório de médico aqui em São Paulo... Moderno, me disse ele... Io non dô! Que compre ele... Vá! Abra o vinho, Fúlvia...

D. Filomena gesticulando perguntou:

— O senhor já consurtô o meu filho médico? Ele stá lá na Santa Casa.

— Não senhora, mas sei que ele é um bom médico — fez Vitalino.

A garota, sem dar atenção ao pai, replicou:

— Se eu não entrar para a Faculdade de Filosofia, quero dançar... Tem um curso esplêndido na cidade...

Abramonte levantou os olhos do macarrão, a boca engordurada. Fúlvia prosseguiu:

— Tem dançarinas das melhores famílias... E o senhor, papai, como só vive fechado naquele Banco ganhando dinheiro, pensa que eu sou a Ludovica que fica em casa com a mamãe, rezando... pra não gastar...

— Qué fazê a putana? — perguntou Abramonte.

Houve um silêncio forçado. Todos comeram depressa. O italiano indagou:

— Quê que é filafosia?

— É uma ciência que explica todas as coisas. Padre José, de Jurema, estudou... — respondeu Ludovica.

— Pra indivinhá vai no spiritismo — riu D. Filomena, que se levantara para trazer o frango à caçadora.

A pretinha Esmeralda tinha mudado os pratos e trouxe uma garrafa de vinho aberta. Vitalino viu pelo rótulo que era do Rio Grande e agradeceu.

— Non tem cerveja? — perguntou o banqueiro.

— Não tem... A negrinha pode ir buscar na venda.

— Não! Não quero beber nada... Muito obrigado. Sofro de dispepsia — informou o gerente encabulado.

— Água tônica, gasosa... — insistiu Ludovica.

— Mando ela buscá na venda... Dá o dinheiro, Nicolauzinho...

Abramonte lutava à faca com uma coxa de frango.
Gritou:

— Só si fala de gastá nesta casa...

Fez menção de tirar do bolso a carteira. O visitante interveio:

— Pelo amor de Deus! Eu não quero tomar nada. Estou satisfeito. Parece jantar do interventor nos Campos Elísios...

— Com uma diferencia — observou Abramonte. — O interventore tê tuto de graça e isto custa dinheiro!

Fúlvia murmurou para a irmã.

— Se o gerente pegasse co'a mão todos perdiam a cerimônia.

A cachorra insinuava-se de novo sob a mesa. O italiano apossou-se da coxa rebelde com os dedos grossos que logo se lambuzaram. Fúlvia fez o mesmo. Vitalino sorria complacente. Ludovica falou:

— Estamos na intimidade familiar...

Agora todos deglutiam em silêncio. Mas de sob a mesa subiu um mau cheiro insistente.

— Que puzza! — exclamou o banqueiro. — Quim foi? Mascra de gais precisa pra jantâ!

D. Filomena, sentindo-se olhada, gritou:

— Pilhasse un accidente essa cachorra!

A manca atirou-se num gesto para debaixo da mesa. Apossou-se do animal dizendo:

— Sem educação!

Percebera que o joelho de Vitalino tocava a saia preta de Fúlvia. Enxotou Coquete com o pé manco para a cozinha e sentou-se olhando significativamente para a irmã.

— Como vai a política? — indagou o gerente disfarçando, contendo o riso. Pensava num jogo que fazia como garoto no Brás. Panela...

— Putana la madona — fez Abramonte. — Agora Mussolini vai fazê de novo o Império Romano!

— A Inglaterra não consente — opinou Vitalino.

— A Ingraterra? Non mi fale nesse difunto!

Ludovica fazia sinais inúteis à Fúlvia que parecia não compreender. Encheu novamente o prato com o curanchim do frango.

— Você não quer que eu coma?

O banqueiro, pensando em apólar a filha mais velha, indagou:

— O quê que ocê tem Fúrvia? O vermo? No tempo de criança tinha bicha. Agora cresceu, virô salutária!

Ludovica fixou a irmã.

— Desencoste a cadeira. Está incomodando...

A garota impassível interrogava com um muxoxo na boca. Depois respondeu ao pai:

— É ancilóstomo duodenale que se diz...

— Menina cínica!

A sobremesa chegara pelas mãos da negrinha. Era uma lata de marmelada aberta e servida. Puseram um pedaço no prato de Vitalino que exclamou:

— Agradecido. Comi como um frade.

— Não fale em frade. Dá azar, Seu Vitalino... — disse Fúlvia fitando a manca.

— Não posso com isso! Essa menina me amola o dia inteiro. Ela deve o diploma que tem à proteção das freiras...

— Incomode-se com a JOC, JEC e JIC!

— Com muita honra... Sem educação!

— Bandida,

— Vá tomar banho!

Abramonte levantou-se desapertando a cinta. Jogou o guardanapo lambuzado. Todos fizeram o mesmo.

— Vô na privada. Leva ele na sala de visita. Já viu a privada? Depois eu mostro.

Ludovica concentrou-se um instante rezando, enquanto os outros dirigiram-se para a sala.

— Essa menina só faz a gente pecar!

Sentaram-se quietos. Abramonte reapareceu enxugando a mão no lenço. Trouxe uma figurinha de cigarro.

— Stô fazendo coleçô! Mi farta o Friderrache e o Minestrinho... Ocê é capaiz de me arranjá?

Vitalino assentiu.

A pretinha Esmeralda entrou com o café servido em xícaras grandes, ralo e frio. O visitante levantara-se disposto a dar um fora sensacional.

— Vão me dar licença...

— Já vai? Vai ao cinema? — perguntou Fúlvia.

— Não. Tenho que voltar para casa. Minha mulher sente-se um pouco resfriada...

— Quê levâ folha de laranja pra fazê chá? — perguntou D. Filomena. — Tem no quintale!

— Não senhora. Muito agradecido.

O banqueiro retaco, no colete, os cabelos grisalhos caindo na testa, disse:

— Bó! Le falo amanhã.

— Queria alguma coisa? — perguntou pressuroso Vitalino, tomando a pasta deixada sobre o aparador.

— Queria! Vom imhora oceis! — exclamou para a família.

Sairam todos deixando a porta fechada. O italiano aproximou-se do visitante.

— Quanto nós tem de cheque sem fundo dos Formoso?

— Cem contos... Assinados pelo Major. A metade são cheques, a metade são letras do coronel e do Jango...

— E ocê stá sperando o riajustamento?

— Nós mesmo combinamos esperar... Eles pagaram bom juro adiantado.

— Quanto?

— Descontamos 20 contos...

O banqueiro refletia. Decidiu:

— Amanhã mesmo ocê manda pro pau!...

Vitalino ficara no ar. Procurou uma confirmação.

— Protestar?

— Tudo que a lei dexa. O que pudé!

— Mas por quê?

— Uma idéia mi veio...

— Seu Abramonte nós demos a nossa palavra, temos um compromisso...

— Por scrito? Entó, de qui vale? Pro protesto!

— Sem avisar?

— De surpresa. É ansim que faiz na Europa o Mussolini. E ganha dos grosso!

Vitalino Borges olhava espantado o antigo colono da Formosa.

— São velhos clientes da casa...

— Tudo! Já te disse! — fez o outro, incisivo, confiante na operação.

Descerrou a porta para o *hall* onde a família esperava. Conduziu o gerente até a calçada da rua sem deixá-lo sequer despedir-se.

— Nem um dia mais! Amanhã de manhã. Pro pau! E inzequita logo.

Era para isso que o tinham convidado. Para liquidar com os Formoso. Mais um paulista de quatrocentos anos que caía sob os golpes do imigrante parido nos cafezais.

A imagem de Fúlvia voltava na noite arborizada do Jardim América. Feia, mas boa... Em todo sentido. Sabia que ele era casado e deixara-o coxeá-la durante o jantar até a irmã afundar debaixo da mesa. Retirara imediatamente a perna. Sabia o que fazia. Não era menor e talvez nem virgem fosse. Queria entrar para a Faculdade de Filosofia, ou dançar...

Seu pensamento carregava o peso da tragédia dos Formoso que ele não poderia evitar. A voz de Felicidade Branca, a mesma voz infantil na camisola de flanela falou-lhe ao ouvido: — Você é o príncipe que vai casar comigo... — Ele não podia mais conter a execução conforme lhe prometera pelo telefone. E Jango? Era capaz de intervir com sua periculosidade feudal. Ela jogaria tudo sobre os ombros do conde aquele cornol, que tinha interesses ocultos ligados ao Banco. E Fúlvia? Sua mulher lhe pedira um remédio e ele esquecera de comprar. Devia ter aceito as folhas de laranjeira que D. Filomena lhe oferecera. A mulher tossia de noite, acordava as crianças. Não podia dormir. E o velho Formoso? Que podia ele fazer? Fora tão amigo de seu pai! Não era mais possível salvá-lo. Estava admirado dos escrúpulos que lhe vinham ali. Talvez o antigo namoro com Felicidade Branca... Gratidão? Nunca! Tornara-se uma roda fria na máquina mecânica do Banco. Sempre trabalhara em Banco... Ágia automaticamente. Ganhava pra isso... No entanto a noite suave, cálida, com estrelas inesperadas, deixava-o sentimental. De uma vivenda vinha um som de piano. Burro! Se hesitasse, seus filhos é que morriam de fome. Acendeu o cigarro com o último palito de fósforo, deu um chute enérgico

na caixa vazia. As árvores derramavam sombras recortadas sobre a calçada limpa.

— Vá tudo pra puta que pariu!

Na manhã garoenta do Triângulo, Felicidade Branca estacou num ajuntamento. Aproximou-se para ver.

A uma larga porta aberta para o Beco, junto à Rua 15 de Novembro, um homem vestido de cirurgião berrava chamando curiosos:

— Ilustríssimo público!

Era uma sala nua em cujo fundo escuro sobressaía uma cena hospitalar. Um corpo envolto em branco jazia deitado sobre uma mesa de operação. O pseudomédico gritava:

— Este prodígio científico é somente conseguido no século da electricidade!

Apontava o corpo que sob o lençol pulsava exageradamente para mostrar que estava vivo.

— Meus senhores e ilustríssimas senhoras! A coisa é simples... Trata-se de uma decapitação no Triângulo!

Felicidade Branca notou uma enfermeira que estacionava de pé, ao lado do supliciado, compassiva, esperando. Aquela enfermeira parecia-se com ela. Fitou a cara triste que entreabria os olhos massacrados, espiava a assembléia. Pareciam os olhos de seu pai. Partiu horrorizada. A voz do charlatão gritava sonora para a cidade:

— Ilustríssimo público! Vinde assistir ao prodígio do século... uma decapitação no Triângulo!...

Não se dissimulava um ar de guerra no interior do Banco Abramonte. De pé, as pernas tesas e abertas, Vitalino apertava entre os dedos o cigarro apagado. Dava ordens, recebia notícias, movimentava os fios invisíveis da execução dos Formoso. Parecia um calouro. Felicidade Branca chamara-o duas vezes ao telefone e ele mandara dizer que não estava. Se não fosse aquele conde fuinha, ele estaria casado com ela.

Numa doença grave de Totó Agripa, haviam reatado a intimidade, tinham roçado o adultério. Ela não podia amar aquele salafrário inquieto que vivia com a Leô. Mas ela reatara-se para reaparecer agora insistentemente na crise. Diante das desgraças, as mulheres sabiam ceder. Uma vaga excitação tomou conta de seus nervos. Revoltou-se: — Agora eu ponho eles na miséria e na cadeia e como a filha!

Um oficial de justiça terroso e cabeludo estava diante dele, no espaço que as três secretárias abertas deixavam sobre o tapete grosso. Chamavam pelo telefone interno de rádio. Vitalino atendeu. E a voz grossa de Abramonte falou como se fosse a voz do Senhor de dentro das nuvens do Sinai: — Manda o sordado dipressa! Eu quero os móver. Manda já sinó ele tira os móver pros fundo da casa! Dipressa!

— Mas por que essa violência se o ano que vem eu tenho safra? Além disso, o reajustamento vem salvar tudo!...

O Coronel Bento Formoso estacou ao fundo da alameda. Pretextava tudo para demorar, para não chegar ao foco da tragédia. Pareceu-lhe ver gente juntada em frente a casa onde Umbelina sozinha não poderia opor-se ao mandato dos oficiais de justiça.

O antigo colono não cobiçava à-toa a Formosa. Suas rezas, as de Umbelina, de nada tinham valido ante a inflexibilidade do credor que o atraícoava. Pela primeira vez sua crença vacilava. Inutilmente orara nas capelas vazias das igrejas. Um carroção apontou na rua. Vinha pejado de móveis, eram os seus móveis. Já haviam retirado tudo. Onde estaria Jango? Sentiu bofetadas no rosto velho. Não! Os móveis não eram os seus. Uma mudança. Voltou à esquina onde tinham parado. Para que chegar, cair no drama insolúvel? Pancrácio Fortes sumira falando-lhe em utilizar relações políticas da Revolução de 30. Tudo porém seria adiamento da morte econômica que se anunciava. Passou um caminhão vazio. O homem que ia ao lado do chofer parecia um oficial de justiça. Deu alguns passos na direção do sobrado, onde o veículo estacara. Não quis mais ver. Não podia mais pensar. Tinha oitenta anos honrados. Tinham consentido que Nicolau Abramonte o esmagasse.

Felicidade Branca parara diante dele, descida de um táxi.
— Trouxe as minhas jóias, papai! Vou levar a uma casa de penhores. Os dois brilhantes devem dar bastante. O resto... não sei... Vamos comigo papai!

— Não vou! Sua mãe...

Felicidade Branca fez o táxi voltar. Olhou o velho que andava na direção do antigo sobrado. Abriu o porta-niqueis da carteira preta de camurça sobre o colo. Beijou os dois brilhantes. As lágrimas caíam. Era a segunda vez que os levava assim, fora dos dedos. A primeira vez, um ano atrás, quando fora retirar Quindim do Sanatório Pinel. A despesa dele tinha sido enorme. Porque os médicos sabiam que ele era um Formoso. Deu um salto no assento estofado. A voz do decapitador chegava-lhe aos ouvidos: — Ilustríssimo Público!

A retirada dos móveis fora sustada pelo telefone. Vitalino recebera inicialmente 15 contos das mãos enluvadas e nervosas de Felicidade Branca.

— Seu pai esteve aqui falando com o Seu Nicolauzinho. Há de se arranjar...

— Mas vocês tinham prometido não protestar os cheques...

Parecia querer ficar. Seus olhos brilhavam sérios para o antigo namorado de infância. Ele intimidou-se, deu-lhe a mão. A condessa saiu desnorteada, parou à porta ruidosa e larga do Banco, quis voltar.

Do vidro fosco da porta da Direção, o velho fazendeiro saiu. Atrás dele a voz de Nicolau Abramonte, de chapéu na cabeça, berrava:

— Morto-de-fome!

Bento Formoso virou-se para trás, sério:

— O senhor é um *gentleman*!

— Non mi fale disso!

Vitalino segurou o riso. O velho exclamou:

— Se a Formosa tiver que ser vendida, ficará na família!

Jango deixou a porta batendo, saiu atropeladamente. Deu um encontrão numa datilógrafa magra, de óculos. Atrás dele surgiu o contínuo de Nicolauzinho chamando o gerente. Vitalino largou o fone, entrou na Direção, o cigarro fumegando. O italiano tinha os olhos úmidos, a cabeça apoiada na parede, visivelmente indisposto. Vitalino açodadamente foi buscar um copo d'água. Ante o banqueiro, um riso nervoso estourara no rosto do gerente. Devia a Nicolau Abramonte a posição atual. Lembrou-se do desfalque do cinema Bólido... Devia muito. Fora ele quem lhe dera o apoio decisivo, salvador. Mas nos subterrâneos do ser, o seu íntimo duplo nem por sombra desarmava. Sentia que teria um gozo infinito em ver o antigo colono desabar do alto de um colapso cardíaco. O banqueiro agora passava a mão pelos cabelos grisalhos, a testa suada.

— Chama a polícia Vitalino! Tintura mi dá essas bestera! Non é minga comercial!... Tem lei ou non tem lei?

— Está sentindo tontura, Seu Nicolauzinho!

— Sabe o qui mi disse ele? Qui ele vai na Penitenciária e io vô no Araçá!

Acrescentou, tirando o lenço sujo, socado:

— No cimitero do Araçá. Qui adianta de sê socialista? Putana la madona!

Vitalino permanecia de pé.

— Cadê aquele dilegado que ocê farlô qui é nosso ciente e qui tá aí na gaveta? É cumunista o Jango, non? Cumunista vai na cadea. Chame o dilegado... Já...

— Mas... Seu Nicolauzinho, o senhor sabe o que são essas famílias tradicionais... Vivem brigando entre si mas não admitem que seus membros sejam presos. É uma desonra... Aí se reúnem, soltam e se vingam. Têm influência no governo... Eu tenho medo disso... Jango sai da cadeia mais fulo ainda e vem aqui por fogo no seu escritório... Se o senhor insiste posso ir já buscar o delegado...

— Non, isso non! Carma! Spera um poco. É comigo que ele encrenca... Putana la madona!

Assoou o nariz vermelho num estrondo.

— Vamo arrefreti Vitalino... Non dexa mais ele intrá aqui Cadê o Pelote? Chama o Pelote pra ponhá ele aqui de vigia...

Dinamérico Klag estava só diante da secretária fechada de Mauro Tolosa que tardava em chegar. Frente a ele a janela do escritório Spin, no edificio Arquipa, aberta sobre os arranha-céus. Restava-lhe dar um tiro no ouvido. Era como tinha que acabar. Naquele momento todas as fúrias do inferno vinham flagelá-lo. Não era remorso algum. Mas as circunstâncias acuavam-no como oficiais de justiça, intimidativos e presentes. Procurava ainda persuadir-se de que havia saída. A Santa do Brejal enviaria o "guia" para ditar-lhe as soluções. Uma voz gritou-lhe ao ouvido: — Por que você não se atira dessa janela abaixo? São dez andares. A calçada espera o seu crânio...

Estava inteiramente batido, agarrava-se solidamente às bordas do móvel de aço. Fora sempre um criminoso fracassado. Levantou-se. Viu-se ao espelho do porta-chapéus, os olhos vermelhos, a cara velha, os dentes podres. Era o filho de um senhor arruinado. Que estudara altas coisas numa outra era, numa era de prosperidade. A crise o fizera regredir. Tivera que recuperar a terra à rebenque e a tiro como seus ancestrais na Formosa. Tudo se firmaria se não fosse a derrota de 32. E fora traído por seu próprio filho.

Lá fora os carros buznavam no movimento urbano. Foi olhar-se de novo ao espelho. Abramonte ameaçava-o. Os cheques sem fundo seriam inexoravelmente protestados. E as letras depois. Não havia recursos para salvá-los. Os parentes tirariam o corpo. Ele iria, depois de um processo escandaloso, mofar na Penitenciária! Vitalino avisara-o que ele seria denunciado por Abramonte. E o advogado não vinha. Spin na sua sala faustosa nem sequer o receberia. Era Tolosa quem teria de resolver, procurar uma saída. Ele não poderia evitar que o prendessem. Se fugisse para a serra, fosse morar lá com Quindim e a Ciana, iriam buscá-lo com escolta à qual se juntariam os posseiros da Miguelona... Além de

arruinado ia ser preso... Deu uma risada. Era mais que trágica a sua impotência... Era humorística! Ele já sentia que todos gozavam a sua derrota. Até Eufrásia... No entanto era um benemérito, pretendia espalhar a riqueza de seu espírito pela terra... Se Eufrásia se aquietasse a seu lado escreveria um livro maior que a Bíblia.

A cidade entrava pela janela em múltiplos barulhos. São Paulo erguera cubos enormes atestando a vitalidade da comunidade ativa da cidade. Ele fora eliminado de todo progresso da urbe. Agora o descalabro final vinha de um baque... Aqueles sórdidos que dominavam o Triângulo não tinham raça, não tinham *pedigrees*, vinham das senzalas, dos chiqueiros das colônias, dos ergástulos de seus avós. Ameaçavam-no. Porque eram os donos vis do dinheiro. O seu fundo medieval recusava-se a compreender, a aceitar a transformação utilitária do mundo e a quebra dos seus valores eternos. Era uma subversão. E tinham como exatores gente paulista a seu serviço. Tomou rapidamente o telefone. Iria despejar sobre Vitalino a sua fúria de quatrocentos anos. Salafrário! Trair assim a gente paulista!

Diante da voz do gerente o Major teve uma risada sarcástica. Disse quem era. Esperaria a primeira ameaça para desabar sobre ele. Sentia a cólera de um Deus.

— Como vai essa bagunça aí?

— Vamos indo... Por que você não aparece?

A voz de Vitalino era doce e calma, o contrário do que ele esperava para reagir.

— Você está na cidade, Major?

— Estou!

— Eu preciso falar urgentemente com você...

— Sei... Você preparou uma cilada...

— Não! Dou a minha palavra! Venha cá! Pode ser que eu arranje tudo... Mas venha já... Venha! Eu me responsabilizo...

O Major espiara bem antes de entrar na agitação do fechamento do Banco. Tinha sorvido um coquinho duplo no Beco. Se tentassem prendê-lo, atiraria. Andava armado desde a agressão que sofrera de Jango no sobrado dos velhos.

Na sala de espera de Vitalino, as mesmas caras passivas, sentadas. Disse ao contínuo quem era. Estava ficando impaciente. Evidentemente aquilo tinha um ar de cilada. Levantou-se, espiou pela porta de vidro movediça e divisou o gerente conversando com um velho. Sua cabeça movia-se com regularidade numa negativa paciente. Tinha um *dossier* na mão que às vezes folheava. Fumava um cigarro. O velho levantara-se. O Major abriu a porta toda. Vitalino gritou, sorrindo ligeiramente:

— Não ameace Major, entre logo!

Vitalino roçou com a mão o ombro do recém-chegado, sentado numa poltrona. Acendeu outro cigarro oferecendo automaticamente.

— Me diga uma coisa... O Jango... seu filho...

— Não me fale nesse parricida! Eu assinei os cheques por causa dele... Para salvar a fazenda!

— Bem... o que está feito, está feito! Mas você continua brigado com o Jango?

— Diga logo Vitalino o que você quer de mim ou dele...

— Eu não, o Seu Abramonte...

O gerente sentara-se. Recostava-se na cadeira giratória. A datilógrafa magra, de óculos, veio trazer-lhe papéis. Ele parou para assinar. Recomeçou:

— Não é justo que os inocentes paguem pelos pecadores... Foi você quem assinou os cheques... Sacrificou-se... Ora... Há mais de uma maneira de responsabilizar os verdadeiros culpados...

— Fale o que é preciso...

— Não, não é nada de mais... Seu Nicolauzinho teme o procedimento exaltado do Jango. Ele é capaz de vir aqui fazer um escarcéu. Você é o único que pode dar um jeito... Nós ajudamos... Precisamos em primeiro lugar eliminar Jango dessa luta... Você podia denunciá-lo como desonesto. Desobedeceu o Banco que financiou Formosa. Arrasou os últimos cafezais para plantar algodão. Mas isso não interessa... Convém não bulir nos negócios da Formosa senão outro Banco toma a fazenda. Deixa...

O telefone ressoou. Vitalino atendeu longamente. Acendeu outro cigarro.

— Fale Vitalino!

— Ele é comunista! Nós sabemos. Tem ficha na polícia. Talvez por ódio a você e ao conde que estão com o Plínio Salgado...

— Pelo Brasil! Pelo Cristo e pelo mundo! — disse o Major com toda a seriedade.

— Está muito bem... mas... me diga uma coisa. Se nós quisermos que uma autoridade prenda o Jango é preciso que ele esteja aqui na Capital... Na fazenda seria difícil. Ele está aqui num apartamento da Avenida São João... Mora com Carlos de Jaert. Nós sabemos. Podemos perseguir-lo. Ele será preso mas o coronel corre aos amigos. Os outros parentes se movimentam. O Totó porá ele na rua e ele vem direitinho aqui disposto a nos matar... Nós então queremos dar um golpe certo... Enviá-lo para a Ilha dos Porcos... Se você fizesse uma denúncia das atividades subversivas que ele exerce, nós nos livraríamos da sanha desse herege... Nesse caso, os cheques que você assinou não seriam protestados... Dava-se um jeito...

Nicolau Abramonte entrou de repente. O Major tinha se levantado para sair, vermelho, digno.

— Não faço isso! Nunca!

— Io quiria falar com o sinhore, Major...

— Eu não denuncio Jango...

— Eu volto já Seu Nicolauzinho — fez o gerente acompanhando o Major que saía.

Diante dos guichês movimentados, à entrada do Banco, os dois pararam.

— Vitalino, vocês precisam me descontar uma letra... Eu necessito...

— Não garanto nada. Estou fazendo força mas você não ajuda. Os cheques sem fundo eu prometo. Serão trocados por letras se você nos auxiliar...

— Eu preciso de dinheiro...

— Você pode contar comigo. Isso eu garanto. O italiano tem boa vontade. Mas num processo político contra o Jango você fica conosco... Faça um papagaio! De quanto você precisa?

— Dois contos...

— Não, a metade.

— Mas eu não denuncio o meu filho!

— Então até logo. — Voltou-lhe as costas.

O Major gritou:
— Vitalino!

Era evidente que o tira o seguia. Aquele mulato de bengala, cachecol e chapéu desabado, apertara o passo na calçada deserta onde ele caminhava. Jango não queria perdê-lo de vista mas também não queria sofrer os riscos de uma prisão sem testemunhas, na madrugada.

Estava na Avenida São João... Leonardo mandara avisá-lo que o iam deter. Mas já era tarde demais... O homem não o deixava. Tomou uma rua lateral e, entre as árvores, viu uma mulher surgir a seu lado, de vestido comprido, andando como uma rainha de teatro, destituída de seu trono. Era um "fantasma" como chamavam às figurantes vistosas dos *dancings*. Ele a atracou:

— Onde é que você mora? longe?

Haviam dobrado uma esquina deserta. Jango olhou para trás. O perseguidor parecia ter sumido.

— É aqui! Quer entrar?

— Vou tomar um drinque com você...

O portãozinho velho da casa familiar e modesta estava fechado. Ela procurou a chave atrás do vaso decorativo, junto às grades de ferro do jardim da frente. Jango mal se continha, tinha vontade de berrar que ela abrisse, o fizesse escapar. Calmamente, num segundo que durou um ano, ela atingiu a fechadura. Entraram. A sua beleza aparecia na fadiga sensível que se estampava no rosto vincado, nos olhos pisados.

Estavam num quarto repleto de pequenas vulgaridades, bibelôs, abajures, bonecas e cortina. Jango sentia-se tomado de gratidão, queria beijar-lhe as mãos brancas. Encostou a boca no vermelho dos lábios pintados. Ela sussurrou:

— Você ajuda a pagar o quarto? A dona é muito distinta mas já está esperando demais...

Jango sentou-se a uma poltrona. Encontrava-se surpreso ante aquela vida que o salvara por tão pouco e que por tão pouco se entregava. Olhou o relógio. Ficaria ali até a hora do primeiro trem que o levasse de São Paulo. Despira

o paletó. Enlaçara-a. Ela passou a mão fina na calça subitamente encordoada.

— Que coisa gostosa você tem aí...

Estavam quase sem roupa, em plena excitação, na larga cama de que ela retirara o acolchoado rosa.

— Como é que você quer fazer? — disse a moça.

— Você conhece muitos modos?

Ela ria, superior, nos travesseiros azuis. Um seio rijo pulava pela abertura da combinação.

— Tem muitas maneiras... Não é só "papai e mamãe", bobo.

— O que mais? Diga!

Roçava-lhe a carne quente com a mão peluda e ansiosa. Trançava os músculos da perna peluda nas coxas brancas, entregues.

— Eu conheço "sessenta e nova". Você quer?

Ela ria.

— Ah! Ah! Tem "cata-cavaco", "vinte-e-um"... "Sessenta e nove" eu não gosto... Minha boca é sagrada... Deus deu boca para comungar...

Ele tocava o triângulo negro, farto e duro, como crina de animal cortada rente.

— Você me deixa nervosa...

— Que foi isso? Você foi operada?

Sob a combinação erguida, no ventre frouxo e pulado, um traço sinuoso se esgueirava para os rins.

— Navalhada, meu bem!

— Como foi?

— Deus que quis.

— Quem te fez isso?

— Meu noivo.

— Conta... Foi ele quem tirou o seu cabaço?

— Não. Cabaço é coisa séria. Não se dá para qualquer mocinho sifilítico.

Estavam despídos e prontos, mas subitamente serenos, humanizados, ele escutando o trecho de vida que ela revelava.

— Quem te deflorou?

— O Seu Justino. Um velho que foi bom pra mim...

— Você o amava?

— Não. Nunca amei ninguém.

— E por que deu?

— Desde pequena que tenho mau pensamento... queria ser mulher da vida...

Um silêncio desviou a confidência.

— Sou uma alma livre...

— E seu noivo?

— Até hoje tenho medo dele... Foi ele que me pregou a navalhada. Eu estava distraída. Tenho o jornal com a notícia... Você quer ver?

— Agora não.

Jango a tomara de novo nos braços, já agora conhecendo-lhe o corpo inteiro, flácido e jovem.

— O que é que vamos fazer, bem?

— "Papai e mamãe"...

— Não! Uma coisa melhor!

Ele riu. Uma lembrança de Eufrásia voltou, tímida, importuna.

— Você quer "aeroplano"?

— Como é?

— Você deita, eu deito por cima ao contrário. Assim... de costas... De pernas e braços abertos... É uma delícia! Você vê no espelho...

Era ali naquela grande igreja de São Paulo, que Mon-senhor Palude oficiava. O Coronel Bento Formoso tirou o antigo chapéu sempre correto da cabeça calva e branca e penetrou na nave escura. De cima vinham sons de órgão. Estacavam de repente, recomeçavam. Vozes femininas entoavam o canto exultante, paravam. Uma moça de vermelho atravessou os bancos alinhados e vazios. Passou olhando. O Coronel Bento Formoso ajoelhou-se.

No deserto, fora das horas de ofício, os altares pareciam estampas coloridas de algum imenso livro sacro que se tivessem despetalado. Levantando-se para procurar a sacristia, o senhor da Formosa percebeu no coro, junto ao órgão metálico, monumental, três moças, uma mulata e duas brancas, que sob o véu de Filhas de Maria estacavam diante de uma senhora que solfejava como um maestro. Viam-se somente as cabeças donde brotavam as vozes claras e unidas acom-

panhando o tom cheio do órgão. A mulher, num casaco amarelo, regia com o braço, animava, repreendia de repente a um altar mais esganiçado de escala. Fazia parar o órgão, prosseguia. Seus braços elevavam-se, seus dedos voejavam como se tocassem castanholas para o Senhor invisível que extravasava das abóbadas.

Bento Formoso sentia-se tocado por aquela música sacra. Uma esperança de filho pródigo. Era como um bom presságio para o pedido humilde que levava no coração. Nem mais tempo tinha de cumprir os seus deveres religiosos. Tocou ligeiramente a campainha da porta lateral, cerrada. Depois de uma longa demora, apertou de novo o botão. Um coroinha veio abrir.

- Desejava falar com Monsenhor Palude. Ele está?
- Está em casa dele.
- Onde é?
- Atrás da sacristia.
- Quer me levar até lá?

O velho antes de entrar fez uma demorada reverência genuflecta ante a capela lateral, onde o sacrário luzia num silêncio de meditação e de paz.

Avisado, Monsenhor Palude apareceu no pátio, o ventre detido na larga faixa negra que circundava a batina lustrosa.

— Como? Como? O coronelo aqui! Mas que honra! Venha, vá entrando, a casa é sua... Quanto tempo!

O nariz adunco sorria sob os olhos miúdos, claros e vivos. Fez o fazendeiro sentar-se em uma saleta nua, onde havia um pequeno sofá colonial e duas cadeiras austríacas. A um canto, sobre uma mesa, erguia-se uma imagem negra da Senhora Aparecida.

— Quê que manda? Vamos! Como está a Formosa? Pensa que io se esqueço da Jurema? Deus te livre!

O coronel tentava sorrir, conservando o chapéu e o guarda-chuva nas mãos ósseas.

— Vai mal! Os tempos estão bicudos...

— Mas passou a crise pros fazendere! — fez o sacerdote. — O Gitúlio fui um pai! Fiz o riajustamento. As otra crasse é que tem que pagá pros fazendere. O sinhere é um home de sorte, coronelo! Eu empreguei a minha economia nas açó da Paulista, em alguma propriedadinha e tenho

que tomare na cabeça! Una cosa incredibile a proteçó que leva os fazendere! Tudo pra eles! Puxa!

O velho prodigara favores inesquecíveis ao padre, no começo de sua vida comercial. Endossara-lhe muitos títulos para que ele comprasse caxeta e arroz. Umbelina fizera-lhe doação do bar de Jurema. Sem a sua ajuda, o padre não estaria ali, rico e instalado numa grande posição na Cúria.

— Vamos! Que deesja desse seu servidor? Qué tomar uma jinjibirra?

Bento Formoso coçava ligeiramente o crânio pelado.

— A necessidade põe a lebre a caminho, Monsenhor!

— Como? Deseja alguma cosa? Que lhe posso servire? Non istá riajustado? O Gitúlio fui mais qui pai dos fazendere. Io fui troxa de vendere minhas fazenda pra comprá casa. Io non acreditava qui café se alevantasse. Como coronelo? Dero 50% pros fazendere. Os comerciante, os banquero e os otro ficaro chupando no dedo!

Falava incisivo, a mão enristada, acusador e direto, quando o sacristão veio interrompê-lo. Uma família aparecera pedindo um caixão para seu chefe, falecido na miséria.

— Non posso! Pida na Polícia! Vija coronelo si isto é vida! Tenho qui ajudá toda pobreza do bairro! Io non sô Casa Santa!

Bento Formoso assentia com a cabeça. Monsenhor Palude assoou o nariz mole e vermelho.

— Eu também venho lhe pedir um auxílio...

— Pra que, coronelo?

— Para a minha pessoa...

— Non diga! Mas o sinhore stá garantido co riajustamento da Formosa...

— Felizmente, Monsenhor. Mas os perseguidores querem a todo transe me levar à ruína...

— Mas como? Non pode izecutá os fazendere!

— É uma história dolorosa. Caímos nas mãos da usura. Por falta de recursos protelatórios vimo-nos forçados a emitir cheques.

— Como? Cheque sem fundo? Deus te livre! Vai na cadea! Como pode sere? É crime!

Bento Formoso assentia sempre. O padre perguntou:

— E agora?

— Estamos ameaçados de penhora e de coisas piores...

— Non me diga!

— Passada a borrasca virá a bonança... A Formosa será reajustada... Mas o momento que atravessamos é muito grave. Precisamos de um empréstimo particular...

— Os bancos empresta, coronelo!

— Não, Monsenhor, os bancos não emprestam. Parece até que há uma conjura!

— Que conjura! Tá ansim de gente que dá dinheiro pros fazendere!

— É engano seu, Monsenhor! Justamente o reajustamento trouxe-nos essa prebenda. Acusam o governo de nos proteger com leis de exceção. Dizem que os fazendeiros não são obrigados a pagar suas dívidas. E por isso ninguém empresta, a não ser...

— Eles têm razão! Donde já se viu non podere cobrá o que emprestô? Dívida é sagrado! Tê razão, coronelo! Io também non emprestava se tinha argum dinheiro! Como se vai emprestando pra um que o governo non dexa pagá? Naturalmente!

Ante aquela prévia repulsa, Bento Formoso pensava no descabelo da sua situação pessoal. Nem por sombra aquele homem o ajudaria a enfrentar Nicolau Abramonte. Haviam cortado a luz da casa dos Campos Elísios. O padeiro não fornecia mais... sua conta passava de quinhentos mil-réis. A lavadeira... Talvez para isso o serviria, para acudir a essas pequenas coisas. Pagaria tudo depois. Sabia que podia pagar tudo.

— Eu precisava, Monsenhor, que me favorecesse uma quantia mínima. Faço uma letra... Dois contos de réis...

— Que letra? — protestou o padre, tirando o lenço para assoar o nariz, de novo. — Papagaio de fazendere! Ninguém desconta neste mundo...

— Poderia pelo menos endossar um título meu...

— Como? Impossibile coronelo! Io tenho una suciadade co irmô do Arcebispo, qui proíbe de dare endosso até pro Papa!...

Levantou-se.

— Intra aqui, coronelo! Intra aqui drento!

Caminhou para um quarto interior. Abriu-o. Era um dormitório ascético, onde havia uma cama patente. Sobre ela um Cristo ensangüentado agonizava na Cruz. O padre abai-

xou-se penosamente, retirou um urinol lavrado em prata. O velho esperava, o guarda-chuva e o chapêu na mão.

— É só isto que io tenho. Li faço presente, coronel! Um sacrifício com muito prazer! Deus qu'ajude! Se quisé pode levaré... É um pinico de prata qui me deu una velha rica. Parece qui fui de Dom Pedro Segundo. Pode levaré!

Bento Formoso divisou, na urina avermelhada, pedaços de algodão. Monsenhor Palude riu.

— Non faça caso, coronel! Piguê uno isquentamento mas já estô sarado.

O fazendeiro permanecia quieto, de pé.

— Quê levaré? Mando limpá! Non faça cerimônia, coronel!

— Muito obrigado, Monsenhor!

Estava na saleta para onde o padre viera batendo-lhe nas costas do sobretudo, empurrando-o. Bento Formoso parou. Duas lágrimas correram isoladas para a barba. Disse cavamente:

— A farmácia não faz mais crédito...

Monsenhor Palude meteu a mão no bolso de palhaço da batina, onde chaves sacolejaram.

— Intó leve esses vinte mirréis!

— Obrigado. Não venho pedir esmola, Monsenhor. Ainda não chegou esse dia...

Ja saindo. O padre meteu outra vez a mão no bolso. Alcançou-o na igreja. Disse baixo:

— Nossa Sinhora non gosta de fita... É de cem... Deus qu'ajude!

O órgão estrondava elevando o cântico das moças ante a regência da maestra impertérrita.

— Vija qui izemplo, coronel! É a filha do banqueiro Abramonte qui stá ensinando cantá pras Filha de Maria! Di graça!

Bento Formoso caminhava. Entrou numa venda. Sorveu um martelo de pinga. A seu lado, negros conversando e mulheres do povo. Falavam da crise. O álcool o confortou. Tirou do bolso os níqueis que lhe sobravam. Espalmou a

nota na carteira murcha e desbeçada. Seu ânimo voltou ao calor da pinga. Pediu outro martelo. Em seus músculos brandia a cólera de Deus. Se pudesse, chicoteava como na sua mocidade a cara boçal de Vitalino e colocaria no tronco a figura horrenda do antigo colono que o executava! Era ele quem estava no tronco. Saiu limpando a barba. Pensou em Jango. Exclamou na rua agitada:

— O comunismo tem suas razões!

Umbelina fez um escarcéu porque o velho entrou sem avisar. Estacou diante dela sentada seminua na cama.

— Estou me trocando. . . Bentinho!

Vestiu a camisa branca rústica, e pôs-se a soluçar baixo num lenço. O velho depositou o chapéu distraidamente sobre um móvel.

— Paguei a farmácia.

— Você arranjou dinheiro?

A tarde descera luminosa. Na penumbra do quarto do antigo sobrado, a lamparina de azeite do oratório punha um halo amarelo. Umbelina rezava. Pendia para um lado a fim de ver melhor Nossa Senhora, ao fundo, na sua auréola de raios. Levantava os braços como se todos os *gangsters* que assaltavam os Formoso saíssem gritando: — Mãos ao alto!

A noite enegreceu tudo. Fez desaparecer nas dobras da rede o corpo do coronel que sumia na sua *robe de chambre* escura. A lamparina cresceu. Umbelina acabara de rezar.

— Você tem um cigarro, Bento?

— Não. Deixei de fumar. . .

Ela aboletara-se na cama. Achevou aos rins os travesseiros macios. Falou:

— Que haveremos de comer? Merda?

De quando em quando suspiros aflitivos entrecortavam a escuridão piscada da lamparina.

— Tenho uma grande queixa de você...
O velho ficou inteiriçado, atento.
— Você nunca me disse nada da beata Gemma Galgani... Você conhecia... Sabia a vida dela... Quem sabe se ela fazia um milagre... Meu sapato está roto... Não tenho mais roupa...

A voz calara-se.

— Afinal, qual é a nossa verdadeira situação? Não tenho mais azeite pra lamparina. Você não diz nada... A mercearia suspendeu. O leiteiro me fez desaforo aí na porta. Devemos um conto a ele. A padaria não mandou pão hoje. Como é que se vai fazer?

Bento Formoso falou num tom falso, arrancado da garganta:

— Tenho quarenta mil-réis...

— Então eles acabam tirando os móveis. Ai, meu Deus...

Soluços abafaram-se nos travesseiros.

— Mas essa gente não tem alma? Não tem família?

— Durma! Durma... pelo amor de Deus!

— De quem é aquela carta que você recebeu e escondeu de mim?

— É aviso do Banco...

— Não se esqueça de amanhã cedo deixar cinco mil-réis que eu estou com palpite no veado. Já sonhei dois dias e hoje vou sonhar com uma centena.

— Casei-me com uma mulher histérica! Jogadora de bicho!

O velho estacou no portão sob a magnólia imponente dourada pelo primeiro sol. Vinha excitado ainda do estouro que tivera lá em cima com a esposa, com a esposa que amava, com quem ia fazer, que ironia!, cinquenta anos de casado. Festejariam, assim, os antigos senhores da Formosa, as bodas de ouro... De bordão na mão como mendigos.

Saiu depressa para a rua antes que algum fornecedor o visse, ou mesmo algum oficial de justiça. Olhou para todos os lados. Fugia matinal desses encontros terríveis em que

se via obrigado a contar ao Seu Manoel de venda, ao Seu Carlucho da padaria, a sua tenebrosa história. A esperança do reajustamento tinha perdido toda a força diante do caso dos cheques que repercutia, estrondava... Quem teria espalhado pelo bairro?

Dobrou a primeira esquina. Seu porte pequeno, mas duro ainda, no sobretudo ancião, apoiava-se ao guarda-chuva, sob o chapéu sempre correto. Ia a pé sem saber para onde nem para que... Jango tinha sido denunciado como comunista. Perseguido pela polícia, deixara-o. Deixara-o só, dentro da borrasca. Quindim! Tanta esperança frustrada em torno de Quindim. Queria escrever. Tonto! Caminhava para a cidade sem saber por que, nem para que... Talvez algum encontro, algum velho amigo... Deus... A Providência Divina que nunca o desamparara não havia de abandoná-lo agora. Não saía para buscar alguma solução, essa viria pelas mãos de Deus. Saía para fugir ao centro nevrálgico da tragédia, onde Umbelina encharcava-o de lágrimas acusadoras. — É comigo que os fornecedores falam. Dizem desaforo... Não posso mais... Vamos pra fazenda...

Ele não podia deixar a batalha! Era obrigado a ficar em São Paulo. Não tinha sequer dinheiro para fazê-la embarcar para a Formosa. Esperou um bonde na Praça dos Correios. Não pediria mais um níquel à filha. Felicidade Branca despojara-se de suas jóias. Dava tudo... Filha exemplar!

— Bandidos! Bandidos! Miseráveis!

A voz chorosa, angustiada, da fazendeira saía do fundo do grande leito revolvido, onde o acolchoado amarelo tinha um furo de cigarro.

— Que boca! Que boca a senhora tem, mamãe!

Felicidade Branca estava pálida, diante de Umbelina que parecia um palhaço despenteado e semicalvo numa camisola de dormir. Um barulho de pratos subia da cozinha.

— Falo! Boca a gente tem pra falar! Eu hei de ver todos aos pedaços como o Idílio. Eu roguei uma praga pro Idílio, e viu como ele ficou morfético? Todos hão de cair aos

pedaços, o Nicolauzinho, Seu Salim, o Vitalino... Todos! Você vai ver!

A fazendeira desabou em prantos, nos travesseiros.

— Acalme-se, mamãe! Acalme-se. Quer um copo de água de melissa?

— Estou com uma dor de cabeça danada! É sinusite. Ninguém mais cuida de mim! Meu Deus!

— Dona Guiomar está tomando café-com-leite e mandou dizer pro senhor esperá sentado aí no terraço.

Aquela mulata bem vestida parecia-lhe não ser estranha. Era assim que o recebiam. Acostumara-se já aos pontapés que vinham de todo lado. Nem pensava no dinheiro necessário para os cheques. Se ela lhe fornecesse dois contos, só dois contos, dividiria o pagamento: um tanto para a venda, outro para a padaria... o leiteiro...

Ouviu um grito raivoso no jardim. Era Ubaldo num pulôver esportivo que mandava o criado abrir o portão. Tirou da garagem uma barata luzente, passou numa corrida estrondosa sem cumprimentá-lo. Talvez não o tivesse reconhecido.

Mas sua atenção voltou-se para uma moça de tranças loiras que chegava. Não a identificou senão quando, num velho hábito, ela veio tomar-lhe a bênção, enrubescendo.

— Tio Bento! Sou eu! Maria da Graça...

— Ah! Sim! Eu me lembro.

— Mamãe vem já. Sente-se.

De fato, Guiomar Junquilha chegava num vestido de lã escura que lhe apertava as gorduras quarentonas. Parecia desleixada diante do verniz da mulata no avental limpo e na touquinha engomada.

— Saia, Maria da Graça! Vá lá pra cima!

Fez o velho sentar-se em frente a ela, numa larga cadeira de vime do terraço. E como a empregada ficasse ali de pé, o coronel perguntou quem era. Parecia-lhe reconhecer.

— É sim. É a Rosalina que tia Veva gostava tanto. Eu também gosto muito dela.

— A senhora é que é um anjo — fez a outra mal contendo o riso satisfeito.

— Você é que é!
— Ora Dona Guiomar!
— Como vai tia Umbelina?
— Anda muito achacada — disse o fazendeiro movi-
mentando-se na cadeira.

Depois de um silêncio ele prosseguiu numa lamentação de misérias, Umbelina... Parou olhando. A criada não arredava. Sentia-se acanhado em fazer o pedido de dinheiro diante daquela importuna. Mas a Junquilha ficara imperturbável esperando com seu rosto flácido, seus cabelos finos que tinham agora uma mancha grisalha. Disse decisiva com a voz fina e melosa:

— Pode falar o que deseja, Seu Bento. A Rosalina é de casa...

— Eu vinha lhe pedir um obséquio... Tenho tido dificuldades devido às demoras do reajustamento de Formosa. Eu queria que me descontasse um título...

A Junquilha cortou automaticamente a conversa:

— Não empresto não, Seu Bento... Não empresto. Gosto das coisas direitas. Não posso. Procure o Totó...

O velho exclamou um muito obrigado surdo. Despediu-se. Desceu as escadas do terraço de mármore pondo o chapéu, o guarda-chuva no braço, balançando.

Todo o mundo sabia daquilo. No bairro e fora do bairro. Subiu, passou a porta entreaberta. Era um cão tocado. Da cozinha vinha um ruído em que distinguiu a voz de Umbelina. Parou para ouvir. Alguém cantava:

*“Vamos todos beber
Enquanto temos ideal
Que embalar bebês
É mui banal
Ba-a-nal!...”*

— É uma canção de estudantes do Koenigsberg que eu traduzi mamãe! Cante comigo!

— É louco — fez o coronel depondo o chapéu e o guarda-chuva no velho cabide da entrada. — Deus que se com-padeça de nós!

Era inútil lutar. O Major insistia no ataque a todas as suas antigas e calmas concepções da vida. Destruíra impiedosamente o seu sistema organizado de ser, de viver e de agir. Passou vagarosamente para o corredor e, sem ser visto, deu com o filho em mangas de camisa dançando em torno da velha, que o seguia com um riso idiota. Segurava uma taça de cristal. Sobre a mesa, um garrafão de pinga e outra taça cheia.

O Major voltou a cara túmida, congestionada, entreabriu a boca de dentes negros sob o bigode grisalho. A voz de Bento Formoso cresceu:

— Vou te por no mangueirão, cavalo indisciplinado! Vou te dar de manguera...

Umbelina interrompeu-o:

— Foi um milagre de Santa Gemma Galgani! Foi a no-vena que comecei hoje...

— O nosso nome está limpo! Os cheques estão aqui... Velho besta...

— Quem pagou?

O Major mantinha-se de pé junto a uma cadeira.

— Espera! Sente aí. Vou fazer um discurso... A saúde de Alberto Ferreira de Saxel...

Reina Paz no Latifúndio

— SE o Coronel Euclides avançasse sem esperar o Klinger, vocês tinham ganho a Revolução de 32...

O oficial do Exército que falava, numa farda nova e brilhante, olhou pela janela do Púlman. As plantações engorgitavam-se nas últimas chuvas da estação. A Paulista atravessava o jardim produtivo que se estende para lá de Campinas. D. Anastácia Pupper, apertada numa saia de linho azul, sorriu mole na blusa rendada para o militar que dizia:

— Senti mais que tudo ter que tomar armas contra quem considero um irmão desde os tempos em que fomos colegas no ginásio de São Bento. O Jango. Nunca mais o vi. Só agora é que vou encontrá-lo.

— Foi melhor assim, Capitão Cordeiro! Deus sabe o que faz!

— Quero o ver o que a senhora vai fazer na Câmara Paulista! Não se esqueça de que a senhora é uma das primeiras premiadas à deputação, que o Brasil vai ter...

Sob o nariz em bico, a antiga diretora de Bartira, no chapeuzinho desabado em tampa de panela, falou:

— Vou dedicar-me aos problemas da mulher, já que no Brasil a mulher é uma escrava!

O oficial de óculos, sob a calva precoce, exclamou:

— Não é só a mulher, Dona Anastácia. O homem também. Para libertá-lo temos lutado tanto... Desde a Coluna Prestes.

A moça de olhos grandes que estava ao lado da diretora, no *fumoir* do Púlman, perguntou sacudindo os cachos:

— Que negócio é este de Coluna Prestes que de vez em quando eu ouço falar?

O capitão fitou Dulcina Formoso que tinha as pernas nuas e grossas brotando dum vestido simples de cassa.

— Isso é História do Brasil, menina, e da melhor!

Virou-se para D. Anastácia:

— História que a senhora e suas colegas nunca ensinaram nas escolas, porque muita gente tem interesse em ocultar essa fase de puro idealismo da revolução brasileira. Há pouco, a senhora dissertava sobre o idealismo do movimento armado de dois anos atrás, onde não foi possível distinguir o sonho liberal propriamente dito, e os interesses de uma classe que se viu arruinada pela queda dos preços do café. Mas nós, que tínhamos nós a defender, senão um ideal diamantino, quando éramos cadetes em 22? A senhora é uma revolucionária de ontem e foi paga da sua quota de idealismo com uma poltrona no parlamento paulista. Mas nós somos revolucionários desde 22. Estamos em 34.

Pichorra revirou os olhos negros e perguntou se a Coluna Prestes é que tinha feito a Revolução de 22.

— Não houve propriamente Revolução em 22. Nesse ano, dezoito loucos, depois de terem revoltado o Forte de Copacabana, no Rio, viram frustrado o movimento que tinham planejado com outras guarnições. E resolveram dar a vida pelo Brasil. Não só se negaram a render-se, mas saíram para a rua onde foram atacados sem piedade. Esses moços dividiram a bandeira brasileira em dezoito pedaços e cada um trazia o seu no peito.

— Eu me lembro. Foram todos mortos na Avenida Atlântica, diante de um hotel! — interrompeu D. Anastácia.

— Não foram todos mortos. Alguns escaparam para levar adiante a flama revolucionária. O exemplo desses homens calou profundamente em nós, alunos da Escola Militar. Era uma turma boa. Tinha Luís Carlos Prestes, o melhor aluno da classe. O João Alberto que não deixava o violão e era fortíssimo em matemática. O Macedo Soares, esse maluco da Siderurgia, que talvez venha a ser o Pedro I da nossa independência econômica, o Távora, o Estillac, o Nelson e entre outros este seu amigo. Ninguém sabe o que foi para nós o exemplo desses mártires quase crianças na maioria. Nós que guardávamos em nosso embornal um caderno de notas com tudo o que sonhávamos para o Brasil. O João Alberto explicou numa frase: “Não tínhamos diretivas mas tínhamos vergonha!”

O oficial passou a mão grossa pela barba bem feita e através da janela do trem elétrico fitou a paisagem tratada onde se recortavam massas geométricas de eucaliptos.

D. Anastácia explicou a Dulcina atenciosa que a Coluna Prestes tinha começado em 24, quando os revolucionários de Miguel Costa tomaram São Paulo.

— Tomamos São Paulo. Eu estava entre os revoltosos. Mas nós não soubemos aproveitar da situação...

A antiga diretora de Bartira interrompeu para chamar inutilmente o filho crescido e mal-enjambrado numa roupa frouxa de homem. Babá desaparecera pelo corredor do carro.

— Esse menino é impossível!

— Não foi em 24 que a Coluna Prestes começou — disse o capitão. — Eu tinha sido preso no Rio como conspirador e consegui fugir para tomar parte no movimento, mas não consegui atingir logo São Paulo. O nosso destino revolucionário estava selado. Faltou-nos somente o que falta ao Brasil — experiência...

— Foi uma coisa terrível! Metade de São Paulo ficou no chão. Eu estava em Jurema. Corri para a Formosa. Todo dia chegavam fugitivos. Os revolucionários tinham tomado conta da cidade.

— Um meu amigo reuniu os dados mais curiosos e informações das duas partes e conta com muita graça certos episódios que só numa revolução dos Balcãs podiam ter se dado. Ele me disse que na hora zero da revolução, à meia-noite de 5 de julho, o Presidente Carlos de Campos estava

com alguns amigos na redação do *Correio paulistano* e disse que ia mandar os soldados da Força Pública atacar a broca do café, porque eles não faziam nada. . . Saíram desprevenidos para tomar um chope na Rua 15 e se despediram. O Carlos de Campos, que era muito míope, se dirigiu a pé para o Palácio dos Campos Elísios. Uma fila de veículos o fez estacar. Ele achou ruim, porque pensou serem carroças de lixo levantando poeira. Era a artilharia de Quitaúna que passava para tomar posição em Sant'Ana. Desde a meia-noite que os regimentos estavam revoltados. Uma simples espionagem por parte dos revolucionários teria aprisionado o chefe do governo na rua sem nenhuma resistência possível! Por outro lado, Carlos de Campos prosseguiu sem perceber nada de anormal. Encontrou como sempre o Palácio calmo e foi dormir. Logo depois, as sentinelas de guarda ouviram os primeiros tiros de canhão, disparados de Sant'Ana. Não queriam acordar o presidente que chegara tarde. Já de manhã, alguns revolucionários tentaram atacar o Palácio com duas metralhadoras, mas um capitão aprisionou sozinho as guarnições e começou a resistência. Nesse momento, o então major da Força Pública, Miguel Costa, irrompia no centro da cidade à frente da cavalaria revoltada. Dois focos de resistência se firmaram: um no Palácio dos Campos Elísios, outro no centro da cidade, na Secretaria da Segurança. Carlos de Campos resistiu quatro dias. Puseram então o melhor canhão dos revoltosos atrás do cemitério do Araçá. De lá podiam liquidar com o Palácio. Mas o canhão caiu numa valeta e não pôde mais atingir o alvo. Só mirava o centro. Foi então que alguém pensou em fazer o Presidente ir ao encontro da bala. A espionagem agiu. Um capitão, que até hoje ninguém sabe quem é, lançou facilmente o pânico entre os defensores dos Campos Elísios e convenceu o Carlos de Campos de que devia unificar no centro a resistência. O Palácio esvaziou-se num instante. O Presidente atravessou de automóvel as linhas atacantes já frouxas. E o espião foi avisar pelo telefone o artilheiro do Araçá que esperava. Cinco minutos depois, um pedaço da sala onde se achava o Carlos, na Secretaria da Segurança, ruía e a revolução triunfava.

— Que engraçado! — disse a Pichorra mostrando os dentes alvos e grandes.

O oficial, com os olhos na paisagem que corria, continuou como se falasse para si mesmo.

— As forças vindas do Rio auxiliaram a repor nos eixos o governo paulista. Eu me juntei aos revolucionários quando eles se retiravam para o Sul... E foi aí propriamente que começou a odisséia. Éramos somente 500 homens quando encontramos na foz do Iguassu, o Capitão Prestes, que havia levantado a guarnição de Santo Angelo, no Rio Grande. Foi tão forte o prestígio desse capitão moço, que o bando armado que Miguel Costa comandava recebeu o nome de Coluna Prestes. Violamos o território paraguaio para escapar do exército governista. Surgimos em Mato Grosso, depois na Bahia, chegamos a cercar Teresina, no Piauí. Faltava-nos tudo, alimento, munição. Mas nunca nos rendemos às forças superiores que o governo enviava contra nós. Em 26, quando Washington Luís substituiu o Bernardes, estávamos famintos e doentes. Resolvemos então nos internar na Bolívia. Milhões de brasileiros tinham acompanhado a nossa marcha pela imprensa. Um moço idealista foi levar a Prestes alguns livros comunistas.

D. Anastácia que seguia a narrativa informou:

— Foi aí que Luís Carlos Prestes deixou de ser o "Cavaleiro da Esperança"... Ficou comunista... Fez um fiasco...

Só o barulho mecânico do trem falava. O Capitão Bruno tinha os olhos na gorda deputada paulista, sem dizer nada.

— Eu nunca ouvi falar nisso! — exclamou Pichorra.

D. Anastácia interrompeu-a:

— O senhor e seus companheiros, capitão, fizeram muito bem em deixar Prestes. Prestes adotou as idéias de Lênin e se tornou um desordeiro! O comunismo é o fim da família e a perdição da pátria! Por isso é que a Rússia virou um caos e qualquer dia leva uma surra da Alemanha e dos outros... Se Deus quiser...

Casas isoladas, depois fábricas, anunciaram uma cidade.

Aquele pavilhão da Fazenda Anica distanciava-se do casarão antigo e de sua aléia de paineiras. A ele se contrapunha num estilo americano de casa de campo. Mais do que

a Felicidade Branca, coubera à filha Maria Luíza transformar aquilo num paraíso. O projeto arquitetônico de Jack de São Cristóvão ajeitava salões e quartos largos, eliminando paredes e divisões inúteis e colocando uma lareira monumental no piso térreo. Só a usina elétrica não ficara pronta. Lâmpadas nas salas e velas nos quartos. O exterior atijolado da casa recobria-se na frente de hera. De modo que, num tufo de verdura, abria-se aquele recanto noturno, onde os convivas prolongavam a conversa até altas horas. Um grupo de convidados conservava as roupas de fazenda, outros estavam de *soirée*.

A decoração da sala quadrada e vasta imitava a de um pavilhão de caça europeu, com galhos de cervos nas paredes, trompas, cornos acorrentados em prata e, ao centro, uma pele de onça por tapete. Nas poltronas vastas, nas cadeiras modernistas sentava-se a gente disparatada que os interesses do Conde Alberto de Melo sabia reunir. Além do Capitão Bruno Cordeiro que representava os "tenentes", dois convidados centralizavam a atenção de D. Anastácia Pupper. Um parecia moço na hierarquia titular, mas ostentava uma nobreza antiga fixada no avô que lhe soubera deixar, além do brasão monarquista, propriedades gigantescas na capital e o feudo do Cerrado. Ao quarto úisque seus olhos brilhavam. O outro, Abílio Mourão, era conhecido em toda parte pelo apelido de Nhonhô Gaita. Um camponês ascensional, com a grosseria conservada nas mãos calosas e duras, o ar matreiro e gordo, a fala caipira. O Capitão Cordeiro fitava surpreso aquela chave de São Paulo com suas morgadias cafeeiras, seus áulicos prestativos, seus novos-ricos insolentes. O Barão do Cerrado, com uma cara de menino nos seus quarenta anos que procurava manter eretos, fixava-o de pé, junto à lareira, num vago desequilíbrio de pernas.

— Pois é, capitão, eu disse a esse holandês, holandês ou suíço que esteve na minha fazenda: "Por isso é que lá na Europa os senhores vivem fazendo guerra! É porque têm gente demais. . ." Nós devíamos fazer uma lei não deixando mais os estrangeiros entrarem aqui! O que perde um país é ter gente demais. Esse besta de holandês ou sueco, porque voou de avião, pensou que nós tínhamos terras desocupadas em excesso. Queria decerto que nós ficássemos que nem na terra dele, onde ninguém pode se mexer.

— Ocê tem toda razão — fez Abílio. — Outro dia, em São Paulo, tavam me apertando no elevador. Dei o estrilo! Que diacho! Gosto de largueza. Só na Noroeste minha fazenda é malhor que a Bêrgica!...

— No Japão — interrompeu Carlos de Jaert num blusão esportivo — quando dois sujeitos brigam em Kobe, outros dois caem no mar em Yokohama!

D. Anastácia deu uma risada explicando a graça.

— Está tão atopetado de gente, que quando há uma briga de um lado cai gente do outro lado no mar! Boa piada!

O Conde Alberto de Melo pareceu olhá-la com admiração. Nesse momento, numa jaqueta irrepreensível de criado, Kana veio passar grandes copos de uísque, com nacos de gelo dentro. Xodó, em *short* que lhe punha de fora as coxas modeladas e nuas, acompanhava-o com uma bandeja, onde se viam pratos variados de sanduíches minúsculos de patê, alface e sardinha, fatias de ovos duros e tomates sobre canapés torrados. Quando o criado saía, o oficial observou que o japonês constituía um dos problemas mais graves do país.

— Nunca tive criado melhor — fez o conde. — Os japoneses são ótimos... Não troco Kana por ninguém...

— Eu, pelo contrário, desconfio muito dessa gente...

O Barão do Cerrado achou que os japoneses só serviam para a lavoura.

— São ótimos colonos! Trabalham todos os dias até nos domingos. Só têm descanso e festa no dia do Hirohito. Nesse dia, por dinheiro nenhum, eles vão trabalhar. É o contrário do nosso caboclo que só tem vontade de trabalhar um dia por ano!

Nhonhô Gaita deixou o uísque e interveio:

— Pra mim essa gente amarela não fede nem chera!

— Os senhores aqui em São Paulo cometem o erro de acreditar no japonês porque ele é eficiente como colono. Mas eu e um grupo de oficiais de nosso Exército temos estudado a questão que é muito mais grave do que parece. Os senhores, por acaso, conhecem o programa Tanaka? É um documento precioso revelado pelo *Intelligence Service*. Uma carta expansionista pela qual se vê claramente que o japonês pretende dominar o mundo e mais nada. Já estão formando a Grande Ásia. Depois de engolir a China, eles têm a espe-

rança de derrubar a Rússia e enfrentar afinal os Estados Unidos. O Brasil já está dentro da rede de espionagem amarela. Nós estamos reunindo documentos para provar na Câmara Federal que a colonização japonesa obedece a planos predeterminados e é mais uma ocupação estratégica do que outra coisa.

Jango, que se conservava a um canto, perto de Carlos de Jaert, interrompeu com a voz pausada.

— Eles vão até para terras ruins, por ordem dos chefes de cooperativas que são militares.

— É verdade — confirmou o capitão. — Já se pode traçar aqui em São Paulo uma linha de ocupação japonesa que parte do porto de Cananêia até Juquiá, e vem à capital. Daí toma o traçado da Noroeste e atinge a Bolívia e o Peru onde eles já têm ilhas ocupadas como bases aeronavais. Por outro lado, já puseram o pé na Amazônia. O que eles visam, em caso de guerra, é a destruição fulminante do Canal do Panamá!

— Lenda! Lenda! — exclamou o conde. — Vocês estão assustados por causa do dia de Hirohito.

— Não é só o dia do Hirohito — fez Jango. — É uma coisa muito mais importante que eles chamam de *Yamato Damashi*. É o fervor pela pátria. Eu convivi com eles no litoral sul e observei reuniões da mocidade japonesa, vinda de toda parte, a cavalo e a pé, para realizar verdadeiros congressos nas bochechas da policia. Reuniões que parecem as que Hitler está fazendo na Alemanha e o Plínio Salgado aqui. Com o pretexto de organizar a juventude em bases nacionalistas e patrióticas, o que eles estão fazendo é uma conspiração contra a humanidade. Estão preparando a guerra.

A discussão generalizara-se perdendo todo contorno. O conde declarou alto e bom som que de qualquer modo era preciso acabar com a Rússia.

— É inadmissível a existência da Rússia!

A antiga diretora de Bartira ocupou o primeiro plano da conversa, afirmando ter chegado de Berlim uma amiga sua, contando que nem um copo de leite era possível se arranjar lá.

— Só se pode comprar canhões...

As frutas e as carnes eram destinadas às fábricas de conservas e aos frigoríficos, para o preparo dos alimentos que se destinariam aos soldados que se preparavam para a guerra.

— E com canhões eles virão buscar a manteiga aqui — disse Jango.

— Canhões de longo alcance! — exclamou de perto da lareira uma voz esganiçada de moço. Era Cláudio Manoel que, com Quindim, folheava uma edição de luxo de Proust.

Abílio Mourão, enrolando um cigarro de palha, enfezou com o conde a propósito dos integralistas.

— São uns marcriado!

O barão sorria. Dirigiu-se à Felicidade Branca, sempre imóvel e quieta como se em sua casa fosse apenas uma visita educada.

— Gosto muito do Mourão, mas seu marido vai levar desvantagem na discussão!

O boiadeiro erguera a voz. Falava nos bancos, na família, na possibilidade da colonização chinesa. Mantinha uma prepotência direta, sem reservas. Berrou, no seu linguajar paulista, para o conde:

— O senhor não sabe nada. É peorl que criança!

— Leia Gustavo Barroso! Ora... Leia!

O boiadeiro sentou-se emburrado.

Cláudio Manoel saiu com Quindim, que ria, para o terraço cheio de redes, vimes e cadeiras de preguiça.

— A importância de Nhonhõ Gaita cresceu sobre o corpo da mulher que ele assassinou a facadas por adultério. Uma auréola o acompanha, a auréola da terra, do chão da província... Suas fazendas esticaram-se tamanhas e tão distantes, que só o avião satisfaz a sua vigilância de dono. Possui *packing-houses*, fazendas de caçar, fazendas de pescar, fazendas de criar, fazendas de cana, engenhos e moinhos, laranjas, laranjas, laranjas, jaboticabas, jaboticabas, jaboticabas, terras, terras, terras, dinheiro, dinheiro, dinheiro. Para ele foram feitas todas as estradas, todos os clubes, todas as Iracemas, todos os médicos, os que fazem aborto e os que não fazem, os capangas, os delegados de polícia, os jornais, os governos. Tem todas as doenças, maleita, açúcar na urina, sífilis! Passa escrituras, escrituras, escrituras, assina cheques, cheques, cheques...

O grupo na sala tinha se levantado e despedia-se. O Barão do Cerrado perguntou a Abílio:

— Como vai o café?

— Não sei... Não sou comida de broca. Duas coisa eu imprico, café e marcriação! Gosto de zebu...

O Conde Alberto de Melo bateu-lhe sardonicamente nas costas monumentais:

— Leia!... Leia... Nhonhô!

— Você sabe como é alarmante a adolescência. Essa falta de designação vocacional do sexo... Essa angústia que pensam que é inadaptação ao meio. Não é. É muito mais grave. É inadaptação a qualquer sexo, é o drama cromossômico no primeiro segundo. É o drama do insexuado na aurora da gestação. Ser homem ou ser mulher, eis a questão! É vinte anos depois que estua na adolescência o mesmo dilema... Um clarão decide, identifica... Como esse... O *Coridon* me fez ver... Fora do uranismo não há salvação, Quindim!

Estavam juntos, recostados sobre o parapeito da noite. Havia um silêncio cheio de bichos na distância. Duas estrelas verticais subiam no céu frio.

— O Cruzeiro...

Deus empinava o seu papagaio de luz.

— O amor não tem lugar para a mulher. Que é a mulher, Quindim? Um ser incapaz de realizar a nossa ambivalência. A responsável pela continuidade trágica da espécie... A reprodutora... E a castrada...

A palavra castrada entrou no adolescente com um acento direto, datiloscópico. O braço ósseo do amigo apertava-lhe os ombros persuasivamente. Súbito, Cláudio Manoel o deixou, foi despir-se no quarto iluminado à vela. Ante o chamado do amigo em cuecas na cama larga de casal, Quindim refugiou-se a um canto do pequeno terraço. Um pavor o tomava. Sentia voltar a angústia física que o torturara na trincheira. Era uma inquietação prenhe de pressentimentos confusos, mas absolutos e presentes. Cláudio queria, numa ruptura incestuosa, desfazer a longa fraternidade sentida.

O rapaz magro e ossudo revirou para o outro lado, retirou os óculos e ficou imóvel, indiferente na cama.

O ar estava morno e parado. De repente veio a Quindim, que definia os cheiros da noite, um temor sobrenatural, feito de assombração e de silêncio. A noite dava-lhe aquela solidão que pedia gente ao lado, e a presença constante da voz humana. Olhou furtivamente para o quarto onde a vela punha sombras descomunais na parede. O outro parecia dormir. Teve vontade de chamá-lo. Conteve-se. As palavras do amigo voltavam numa sugestão pecaminosa, infernal... A designação vocacional do sexo... O feto insexuado... E a angústia doía-lhe no peito. Era um insulado, um castrado. Um feto a quem faltava o apoio materno e tinha medo. Olhava o escuro exterior e estrelado. Parecia que o açude subia até ele. Sentia-se como o feto rodeado da angústia das águas eternas. Sua boca torturava-se. Chamou e teve medo da própria voz.

Anastácia Pupper revirou-se com todo o corpo no leito estreito e incômodo. Teve vontade de gritar, de indagar quem era, de acender a luz, mas não achou a pera sobre a cama. Não estava em seu quarto. Estava na Fazenda Anica, do Conde Alberto de Melo. Teriam de fato batido à porta? Aquilo era o cúmulo da pouca vergonha!

Um cão ladrou longe, diferente. Vinha um rumor de árvores próximas, ela pôs-se a pensar nos cães da cidade. Aquele ladrido vigilante e forte era o campo. Sentia-se o campo naquela voz noturna. Ela tivera um cachorro em criança. Fazia tempo! Sentiu vontade de chorar. Andava com o sistema nervoso abalado. Precisava tomar umas injeções. Tanta coisa tinha sucedido depois da revolução paulista! O internamento do Idílio, aquele amor tenaz do bandido que prometia em cartas aparecer um dia... Cartas que chegavam rigorosamente desinfetadas do Asilo. E se fosse ele quem roçara a porta com as unhas? Abriu a gaveta do criado-mudo, encontrou uma vela. Acendeu-a. Não. Era o conde com quem mantinha uma secreta aventura. E se fosse Idílio? Veio um pavor que a desmanchava. Um bandido, que não esperava

mais nada da vida, era capaz de tudo. Mas o absurdo precisou-se. Como poderia ter ele sabido, no Asilo, que ela estava naquela sede de Adiantadópolis? Soprou a vela. O quarto naufragou no escuro. O escuro no campo era definitivo. Na cidade as luzes da rua penetravam pela janela mais fechada. E se ele quisesse tirar uma desforra como prometera e de que era capaz? Covarde e matreiro como sempre... Mas poderia ele saber do seu caso que ninguém conhecia? Pela ascensão, pelo agregamento à outra classe, ela vira-se obrigada a despejar a irmã que afinal era um trembolho. Com Sarita nas costas, namoradeira, insuportável, casada agora com um nobre russo, o Capitão Mikael. Sem nenhum recalque. Tivera que instalar telefone. A sobrinha se aproveitava. Conheceria os seus segredos. Contaria ao Babá... Era capaz de uma chantagem com o conde. Pôs-se a olhar no escuro. Pensava no novo amante. Que chance! Era um amor secreto... Tinha que permanecer oculto por causa da francesa Leô e da mulher. Imagine se a francesa e Idílio soubessem! Passou as mãos gordas pelas coxas gordas entre rendas. O conde gostava de esfregá-las assim... Aquele dia, em seu escritório luxuoso, depois de alguns rodeios, ele a beijara nervosamente. Chupara-lhe os lábios grandes. Que chance! Daí, daquela manhã, em que saíra desesperada de casa para pedir um emprego fora do magistério, viera a transformação de sua vida. Era deputada, feita pelo conde. Mas isso e o mais não lhe davam o direito de possuí-la ali na própria fazenda onde ela viera passar o fim de semana em companhia da família e de outros hóspedes. Pouca vergonha... No entanto ele insistia... Quase a jogara da escada abaixo, naquela atração do corredor. Por um triz ela não gritara. Tivera que repeli-lo com energia. Isso também não, na sua própria casa, deixando a mulher no quarto... Talvez tivesse vindo, batido na porta... E se viesse? Acariciaria as suas pernas gordas assim... A sombra grosseira de Idílio surgiu no meio do sono voluptuoso. O cão, longe, ladrou.

Jack de São Cristóvão e Carlos de Jaert estavam no aposento de baixo. Num pulôver angorá passado sobre o pijama vermelho, o engenheiro recostado no travesseiro fi-

xava a miopia numa revista sem capa. Com os óculos na mão, os olhos irritados, a testa oleosa sob o cabelo ralo, meio grisalho, falou com a voz grossa e pausada:

— Foram embora daqui os donos do mundo!

— Quem é esse Barão do Cerrado? — perguntou Carlos de Jaert, num pijama branco de flanela, deitado nos pés da cama arrumada, deixando ver no espelho do guarda-roupa o perfil dionisiaco de cabelos encaracolados e curtos.

— Já estive no Pinel interdito pela família.

— Por quê?

— Por causa da merda...

— Como?

— Eu tenho uma teoria — fez Jack. — Eu acho que essas degenerescências na alta roda são de origens históricas. É a pinga da senzala que volta no neto, no bisneto de uma preta que foi amigada com um senhor rural e teve um filho que casou rico. E daí por diante se processou a grande solução que achamos para o negro — fazê-lo branco.

— Pela miscigenação!

— É... Mas dá nisso, Carlos: começaram a querer tirar a bebida do Barão do Cerrado. O chofer aparecia com ele às cinco horas da manhã, e tinha que levá-lo até o quarto, onde a mulher, uma pobre senhora, o esperava em lágrimas, acordada. Ele entrava, vomitando nos tapetes, inundava as rendas e os linhos dos lençóis de excremento e lanço. Puseram-no num divã no *hall*. Depois levaram o divã para a garagem. Depois não o tiraram mais do carro. Mas para limpar o automóvel eram precisos dois dias. Compraram outro carro. Ele usou uma vez e a mulher não pôde sair mais, e nenhum dos dois pôde sair por causa do cheiro... Você vê que é preciso não a pintura do som, mas do cheiro, para pintar o Barão do Cerrado...

— Por que você não tenta?

O arquiteto levantou-se. Deu passadas pelo quarto, falou rouco:

— Você sabe que o meu *violon d'Ingres* é a pintura. Tenho uma paixão infeliz por esses sinais que foram o alfabeto da caverna, que acompanham o homem na sua caminhada, a princípio dando êxtase puro com a descoberta da fauna e da geografia. Depois marcando as religiões, fixando

o hierático, depois dando guerras, batalhas, comícios, mado-
nas, mercados, revoluções... Abrindo horizontes, educando,
ensinando... A pintura é para mim dinamite e álgebra ao
mesmo tempo...

— Pra que tanta estética, Jack? A pintura é a coisa mais
simples deste mundo.

— Ora... Para fazer o retrato do Barão do Cerrado.
Como é que você poderia, Carlos, fazer o retrato do Barão
do Cerrado sem recorrer à essa genealogia da pintura que
vem do homem primitivo até o expressionista?

— É por isso que a pintura deixou de existir com os
românticos quando perdeu o seu contorno plástico... a sua
unidade...

Jack de São Cristóvão tirou um cigarro do bolso do
pijama para acendê-lo na chama da vela que um castiçal de
prata sustinha sobre o criado-mudo. Falou:

— E o homem não perdeu a sua unidade justamente
quando de Cézanne a Van Gogh e a Signac a pintura o soube
retratar psicologicamente, porque o soube desagregar, fazê-lo
como ele era na vida?

— Essa crise foi a que fez com que a pintura deixasse
de ser pintura — afirmou Carlos de Jaert, virando-se para
o canto. — Depois de Ingres só houve um pintor no século
XIX and after. O velho Douanier Rousseau que queria aca-
bar os quadros mal pintados de Cézanne. Um santo... É
ele quem restaura a unidade da pintura, a torna religiosa e
humana como nos grandes tempos e dá-lhe o elemento novo
que triunfará na pintura de amanhã — o povo.

— Diga logo, Carlos. O cartão-postal! É isso, não é?
Você ousa dizer que Picasso não é pintor?

— Não, ele não é... Nem Cézanne nem Picasso! Nun-
ca foram pintores. São duas pontes que ficaram no ar pro-
curando inutilmente a humanidade. As raízes são duas lou-
curas: Van Gogh e Toulouse-Lautrec!

O engenheiro soltou uma gargalhada estrondosa. Carlos
de Jaert disse baixo:

— Cala a boca, burro! Você acorda o Barão do Cerrado!

— O Barão do Cerrado está longe... Foi na Packard
com aquela outra jóia que se chama Nhonhô Gaita e que
eu hei de pintar também...

— É isso... Não diga mais nada hoje! Você estava bem surdo quando ouviu a conferência de Alfaros Siqueiros no Clube de Arte... Ele disse que Giotto e Cimabue esbofeteariam os artistas que não usassem câmaras fotográficas. E é justamente a cegueira burguesa que não deixa os nossos pintores enxergarem a cada passo, nas ruas, os gestos dos homens e as caras da luta de classes. Eles precisam abrir os olhos para ver o esforço do escravo moderno, a sua máscara... Sem querer você fez o processo de um século de pintura, Jack. O que foi Courbet, o pai dos Fauves? O que foram Manet e os Impressionistas, senão o que você quer ser? Um literato intencional que retrata com tintas, numa autoflagelação masoquista e infame, a sociedade do seu tempo. Só há pintura revolucionária ou a clássica, a que concorda, a que apóia como o órgão apóia o mistério da missa. Você, se não morrer de uma embolia num dos seus furores modernistas, há de ver a volta da pintura normal, a boa pintura pedagógica, ilustração da vida.

— Cretino! Se você não soubesse pintar, Carlos, o que é aliás um simples dom de artífice a serviço de uma incapacidade, a incapacidade de ver o mundo interior! Você para pintar nem pisca, arregala os olhos! Eu, diante de uma tela, fecho as pálpebras, ilumino o mundo de imagens que minha retina guarda.

— Por isso a coleção de monstros que você faz copiados do *Empeiraire* de Cézanne e dos *Auto-retratos* de Van Gogh... No meio desse pandemônio, só as virtudes sólidas do povo puderam dar pintura. Depois de Rousseau, que ficou à margem desse turbilhão, veja a que extremos vocês chegaram com todos os ísmos que um fim de era rotulou. Acabaram no nada, no nirvana do Abstracionismo...

— Imbecil! Você chama a geometria de nirvana, Carlos? Nunca a pintura subiu tão alto como nessa ausência de símbolos que são as dimensões da terra.

— A arte, justamente, tem outras dimensões. As dimensões da vida.

— E como você pode dar dimensões à vida, sem coordenadas?

— Exatamente, Jack. Vocês atingiram o vazio das coordenadas. Eliminaram todo conteúdo, todo o drama plástico...

— E não há drama em Picasso? Você quer dizer que Picasso é decorativo?

— Não, Jack, Picasso já é necrotério... É pós-drama. Desde Daumier que a cidade da arte é uma necrópole, onde, cada vez mais, os ossos se mostram através da carne pútrida num silêncio de ciprestes... Com luar ou sem luar...

— Luar... Você acredita em cipreste, em luar, Carlos? Por que você não dá um tiro no ouvido? Você não entende que não há mais luar? Há um século que não existe luar! Desde o *bec de gaz*...

— Jack, pelo amor de Deus! Faça funcionar a massa cinzenta, se é que ela existe na sua cabeça. Explique, fale... O que você quer dizer que seja arte?

— Você precisa de teoria, então vou teorizar! Eu parto de dois fatos: do dogma e da revolução. Esta ninguém compreendeu melhor do que Hegel quando disse que a "contradição existe na raiz do próprio movimento". E que é a vida, Carlos, senão movimento? Só o outro fator se impõe na realidade do cosmo, na realidade diária e eterna do cosmos. É o elemento estático — o dogma. E a história do homem gira entre esses dois focos: o dogma e a revolução.

— Que é dogma?

— É tudo que atinge uma saturação e domina um ciclo. Tanto na história dos vegetais como na história humana. Tanto o vocábulo do literato como a abstração do filósofo, como a metáfora plástica, como a lei física...

— É isso, Jack, que entorna o caldo. Vou falar como o povo fala. Há um século que vocês procuram chifre em cabeça de cavalo!

— Mas é preciso descer muito para satisfazer você...

— Claro! Você está na estratosfera, e eu na terra. Nessa boa terra de que se é feito, donde a gente nasce e para onde volta depois de ter contado o que viu com os olhos, o que sentiu com os nervos e o que pôde realizar com as mãos.

— Você é burro! Você está querendo fugir ao processo histórico...

— Ao contrário, Jack, ninguém procura estar mais dentro dele do que eu, que humildemente sigo o caminho popular de Rousseau.

— Ora Carlos... Você está fora de todo progresso humano!

— Se você acha que a decadência é um progresso, estou... Estou fora da decadência da burguesia que você encarna como ninguém. Com muito prazer estou fora do progresso da burguesia na direção da morte!

— Você é um passadista entranhado. Até a Revolução de 32, onde nos encontramos, você não conhecia nada. Nem ousava dizer que era pintor. Não expunha, não mostrava os seus quadros apesar de ter saído da Escola de Belas Artes com diploma e medalha. Você não pode negar, Carlos, que vivia fazendo academias horripilantes, com uma certa sensibilidade de cor, não nego... Detestou logo as experiências magistrais de nossa época. Salvou-se na canoinha dos domingos do Sena, de Rousseau, e agora se fixou nessa demagogia mexicana.

— Por que é que você se irrita tanto com a minha pintura se ela não vale nada?

— Carlos, a nossa época reencontrou o símbolo!

— Não... Produziu apenas o instantâneo e daí partiu para o efêmero. Se dissolveu, se esfarelou... Chegou ao Pontilhismo, ao Divisionismo... Vocês pretendem... Eu sei que o Cubismo foi necessário como reação a esse vácuo, a essa dissolvência que deu Dadá. A reação pela geometria... Ora, a geometria não restaura porque ela está fora da história e nenhuma arte pode viver fora da história. Não tenha a menor dúvida de que o Abstracionismo e Dadá são dois aspectos do mesmo vácuo, o vácuo a que chegou a burguesia. A paisagem teve sua razão plástica depois da era das descobertas, na era colonizadora, como as indústrias deram Chardin. E as Madonas da Renascença tiveram seu motivo na redescoberta livre do corpo humano. Hoje nós descobrimos alguma coisa que merece ser pintado — o povo. Fora da pintura social só há burguesia e besteira...

Carlos de Jaert levantou-se, foi até a janela, cerrou as venezianas. A vela morria. Os dois rapazes bocejaram de novo. Jack de São Cristóvão exclamou:

— Vamos dormir que é melhor, seu mexicano de merda!

— Você é que é o Barão do Cerrado da pintura, esteta! Amanhã vou começar um quadro. Uma cena que vi na estrada quando vinha para cá. Uma mulher enorme, opilada, levando no braço uma criancinha de dois quilos. Ao lado o

homem amarelo, em farrapos, com um galo de briga. Sabe qual é o título? *Mudança*.

No quarto conjugal, o conde viu a mulher adormecer apartada do seu corpo, à luz que morria. Soprou a vela. Seus pensamentos estavam no quarto da frente da casa, ocupado pela ex-diretora de Bartira. Nunca pensara que o excitasse tanto uma mulher madura e gorda. Coisa estranha essa do sexo! Estava farto da francesa, das suas requintadas carícias. A mulher então! Aquela geladeira! Como era possível a monogamia, se o casamento se frustrava depois da primeira gravidez, senão depois do primeiro trimestre de leito comum? Absurdo! Como se podia guardar a convenção da família e respeitar o casamento indissolúvel? Só se podia viver à custa de esquinas do pecado facilitadas pelo anonimato das grandes cidades. Eram as nádegas rechonchudas de Anastácia que o punham nesse estado. Não perderia aquela ocasião. Iria pé ante pé. Examinou de perto a mulher. Felicidade Branca ressonava. Seus lábios entreabertos pareciam murmurar qualquer coisa. Ele se moveu com cuidado, procurando as chinelas. Esperou no escuro. O sono da esposa era profundo e angustiado. Levantou-se, abriu devagar a porta.

— Alô! Quem fala? O delegado da noite? Sou eu... A cardíaca do quarto 7. Perdi meu marido... Minha filha me abandonou! Meu pai foi decapitado! Me atenda... Querá o senhor que eu morra? Quer que eu atravesse de novo a cidade e suba essas escadas infundáveis? Essas grandes escadas da polícia para derramar o meu sangue sobre os seus papéis? Eu sei que a função da polícia é matar, mas isso é uma falta de humanidade, uma falta de consideração para com uma senhora só na vida, que paga impostos da pouca renda que lhe coube. Foi a polícia que não tomou providências para que tudo acontecesse... Para que meu marido me deixasse à mercê do carrasco familiar... Fugi dele e fui

obrigada a me mudar para este hotel de subúrbio onde, vestido de criado, ele virá me assassinar. . . O Xavier que o senhor mandou para solucionar o meu caso está me dizendo que é preciso que raie o dia e chegue o gerente a fim de ser solucionado o meu caso. Ora Senhor Comissário, chama-se a polícia com urgência para questões como esta onde pesa a espada de Dâmocles sobre um destino ou para partos extraordinários nas noites dos conventos e também para a demorada perseguição de meu irmão comunista. . . Eu sou uma senhora de bons costumes que por ter sido condessa paga pontualmente as contas exageradas deste hotel e outro dia o criado que quer me assassinar passou uma rosa no meu nariz e disse qualquer coisa de terrível na língua dele que eu não entendo mas sei perfeitamente o que é. O meu assassinato foi marcado para esta noite e por isso a porta amanheceu empenada na hora que o gerente já havia saído e ninguém mais podia tomar providências. Querem que eu me feche por dentro, pois que a porta do meu quarto fica costumeiramente fechada mas pode ser aberta. E é isso que ele quer, Senhor Comissário, para que desapareçam os traços do crime e eu morra sem ar no peito e sem vela na mão. . . Mas foi por isso que eu pedi a assistência da polícia e me foi mandado o recado para eu voltar de novo à sua presença e subir as escadarias intermináveis da delegacia a fim de desabar em vertigem a seus pés numa poça de sangue! Eu irei pois que a porta não ficará aberta de modo nenhum. Como, Senhor Comissário, admitir que uma senhora de bons costumes fique dormindo com a porta aberta? Como? Para que o valdevinos penetre no momento em que eu estiver sem calças no meu banheiro? Nunca permiti intimidades a quem quer que seja! Nunca! Ninguém, nem mesmo meu falecido marido, que era o Conde do Papa, me viu no leito totalmente despida. Como poderei me expor a um acaso terrível como esse da porta se abrir no momento de eu me tocar e ele trazer na bandeja a faca com que cometerá o crime? Como poderei conjugar tranqüila essa delícia íntima da língua portuguesa que é o verbo tocar? Diante da porta subitamente aberta. Não vá pensar a sua modesta cultura de funcionário da administração armada da cidade que tocar é por touca. . . A touca noturna que enfeixa os meus delírios. O homem é sempre um arrombador. E eu não sou mais virgem. . . Mas guardo intato o meu sangue na minha veia

à espera da lancetada que virá na noite em caminho. A porta está aberta na noite sem escrúpulos. O sangue há de cobrir meus dedos pálidos e ósseos que se debaterão, esparadrapos inúteis, enquanto alagará o quarto, o piso, as escadas, tornará rubras as paredes. E chegará às narinas do gerente, aos óculos do gerente que examina os grandes livros de contas onde meu nome existe em cursivo quando devia estar em gótico pois eu sou o recorde do pagamento em dia e me chamei Felicidade... Senhor Comissário! Senhor Comissário... Como? O senhor abandonou o seu posto no ato de receber uma queixa? Quando tudo exige tino, precaução e diligência para que se evite um assassinato? Como? Não há classificação possível para com esse ato de desconsideração praticado por uma autoridade contra um habitante inquieto da urbe adormecida! A polícia dorme quando há uma queixa em trânsito! Isso é a imagem da desorganização ideal que é a polícia! É por tais descasos que decaem a instituição do casamento e outras. Que gora o governo e perece a família! Não há atenção para com uma pobre mulher que paga impostos e espera esta noite a visita improrrogável do seu assassino e quer simplesmente uma providência normal. Que se feche a porta aberta... Que se impeça e previna o drama! Não posso mais esperar... A hora se aproxima... Chamarei então os bombeiros com suas grandes escadas, me jogarei pela janela sobre as redes onde eles recebem os corpos sinistrados! Escute, Senhor Substituto! Pelo amor de Deus! O amor de Deus pairando sobre a cidade... Pelo amor de Deus, socorra-me! Deus é o pensamento dos que sentem o primeiro gelo da agonia. O sinal branco dos que passam a habitar a ante-sala da morte. Diga-me Senhor Substituto, a polícia tem sempre tanta gente! O senhor tem tanta gente aí! Tanto prisioneiro perpétuo... Mande-me um! Descerre as grades de uma cela! Escolha um arrombador e mande-me depressa a fim de que ele venha fechar a porta aberta do meu quarto! Ninguém me ouviu mais... Silêncio profundo que precede as grandes cousas. As mãos teimosas do vento apalpam as janelas... As mãos recalcitrantes e invisíveis do vento. Ele tarda! Ele virá! O homem vestido de grilhetas para sossegar o meu sono. Já me coloquei na posição em cruz das defloradas e dos mortos. Nos rescaldos da insônia sinto os seus passos

nupciais. Os passos do homem vestido de grades. Na noite sem poesia e sem estrelas... As maçãs salientes! Os olhos fixos, oblíquos, como lanternas surdas! O rosto de criança na magreza vestibular... amarelo... entre a porta e as escadarias do meu ser despido de grades para sempre...

O conde no pijama folgado sacudiu violentamente a esposa.

— Que diabo Felicidade! Você toma conta da cama inteira! Está atravessada! Fui lá fora ver um cachorro que estava uivando... É preciso mandar a Maria-Aeroplano para a casa de seus pais. Ela resmungá a noite inteira!

— Acenda a vela Alberto! Que sonho horrível! Kana vinha me assassinar...

A negra velha sentia aquela fervura na cabeça. Maria-Aeroplano estava num plenário. Falava, falava. O monólogo descia entrecortado de cá pra lá no quartinho sem luz.

— Parece baronesa, ahn! ahn! Contratado pa tomá conta da casa... Num quero mais sabê de fazenda, quero pô dinhero na caixa! Fica queta... Fica queta... Morreu de inveja dos otro. Casei nova, com oito ano. Levava comida na roça, nêgo à-toa me pegô no cafezá... Pra mim nunca fartô nada, graças a Deus! A gente inté qué se enforcá... Fica queta... Nunca mais quero sabê de casá... Marido morre, fiarada morre... Vendeu a chaca, nôis foi simhora... Traiçôo ca minha ermã. Ele era muiê à-toa. Fica queta... Aquilo... Quem tivê famia num deve i naquela instalação... Sai arrenegando... Miô ficá na Formosa... Pois é... Muita arrelia... Teve que entregá tudo po porcesso... Tirô sangue da barriga da otra co canivete... Num sei... Num tava lá... Ganhô razão, pagô. Andô rabisquiando ela co'a faca. Fica queta... Num é santo... Meu pé inchô. Sô mãe de sete famia... Morreu tuda sete... Quando Deus tá no céu quero vê se o coisa-ruim pode co'ele... Pois é... Inveja. Quebranto... Num faiz mar... Zóio ruim... Capaiz... Quem faiz bem, pra si faiz... Quem faiz mar, pra si faiz... Pois é... Feitiço... Fica queta... Mar feito... A sorte vira. Pai João desamarra... Gente serri dos causo,

num serri à-toa... Si eu casá ele faiz uma arte e vai simbora co'ela. Largá de minha rilijão, de minha lei, não... Pode ranjá pa sua mãe! Faiz que si dá co'a gente mais tem reiva. Sprito mistificadô... Corrente africana... Pai Jacó... desamarra... Coisa-ruim num pode cum Deus... Ele veio sabê treis veiz que desse a resposta que sim... Tô mermo desinfeliz... Mar me acompanha toda vida! Deus cura! Fica queta!

Na camisola de rendas, Pichorra fitava o pé de unhas pintadas, os cachos caídos sobre o rosto. Da outra cama, num pijama leve, Maria Luíza exclamou:

— Não fale dos homens... São tão desagradáveis e tão peludos!

— Você não vai se casar?

— Isso é outra coisa.

— Freud já disse que o casamento resolve todas as questões menos a sexual.

— Quem é Freud?

— Um filósofo. Não sei se foi ele ou se foi Forel...

— Quem é Forel?

— Um escritor proibido para menores. Desses que eu gosto... Eu não sei se foi ele ou se foi Bilac... O Pirinho foi quem falou no coquetel da Sara.

A filha do Conde Alberto de Melo tinha a voz grossa e quente de homem. Cortara o cabelo negro, encrespado e lustroso.

— Eu caso para deixar o Colégio... Estou farta de freiras insexuadas...

— Você nunca teve nada com homem?

— Ainda não encontrei o meu tipo... Quero um que seja macio como um pêssego...

Dulcina riu.

— Meu irmão Quindim não serve?

— Prefiro você...

Teve um riso encabulado e prosseguiu:

— O homem é um ser feio, incômodo e porco.

— A mulher que é porca, Xodó... A coisa do homem é muito mais bonita...

— Eu não acho...
— Ah! então você conhece...
— Vi nos livros de Medicina. O homem é um porco peludo...

Caíram numa gargalhada conjunta e Xodó insistiu:

— Tem cada cheiro!

Dulcina deitara-se, os braços tesos sob a cabeça bonita, os lábios carnudos entreabertos, os olhos brilhantes.

— Você me disse uma vez que teve uma aventura. Conte...

— Não, Dulcina, só quis fazer uma experiência... Saber como se faz pra excitar um homem. Estávamos passeando num Forde velho pela chuva. Eu estava no guidom...

— Quem era?

— Ah! isso você não precisa saber. O carro não tinha cortinas. Paramos molhados debaixo d'umas árvores. Depois veio o sol e ele tirou minha blusa para secar. Depois tirou a saia... Mas fiquei horrorizada quando ele começou a se despír e gritei... Felizmente tinha gente pescando no açude. Ele ficou indignado e me deu o fora...

— Você sabe gozar co'a mão?

— Depois que experimentei, não há dedo que chegue...

Pichorra largou uma risada enorme que a sacudiu toda. A outra fazia terríveis sinais de silêncio.

— Escuta... Burrinha!

Ouvia-se lá fora um barulho de aves. Patos grasnavam. As duas primas ficaram escutando.

— É ladrão! Arromba a porta... — fez a Pichorra espantada.

— Se entrasse um ladrão aqui no quarto, o que é que você faria?

— Conforme... Se fosse o Carlos de Jaert eu topava.

— Não diga besteira! Se fosse um ladrão mesmo...

De verdade!

Xodó contou que havia entrado um ladrão no colégio.

— Como foi? Devia ser gozado!

— Pintamos aquela noite inteirinha. Imagine que deram alarma, e chamaram a policia. Vieram dois grilos. Cada baita! As Irmãs apagaram a luz e, quando acenderam, a Diva Pires estava nos braços de um grilo, tremendo de me-

do... Foi uma risa geral... Depois ela começou a gritar porque tinha perdido a calcinha! A Diva é esplêndida! Conta cada anedota! Mas eu não gosto porque é só negócio de homem...

— Você sabe alguma, Xodó?

— A última foi a noite de núpcias da Iole. Uma colega nossa que saiu do colégio para se casar e depois foi lá nos visitar. Não sei se é verdade...

— O que foi que ela contou?

— Não me lembro bem... mas, parece que ela começou assim: "Eu era virgem e acho que meu noivo também era, porque o negócio veio envolvido em celofane..."

Pichorra abafou outra risada estrondosa.

— Você é impossível, Xodó! Mas isso é mentira, porque ninguém usa camisa-de-vênus para deflorar... Rasgal! Houve um silêncio entre risos.

— Mas quem é que anda dando em cima de você, Pichorrinha?

— Ninguém...

— Não minta! Eu sei...

— Pois eu não sei... Ah! é verdade. Hoje recebi uma carta.

— Onde? Aqui na fazenda?

— No terraço... Agora de noite. Você quer ver?

Devolveu as cobertas com os pés nus, saltou no soalho, foi procurar a bolsa dentro do guarda-vestidos. Voltava com um envelope na mão. Xodó disse com a voz grossa:

— Venha aqui para minha cama Pichorrinha. Vamos ler juntas. Ponha a vela no meu criado-mudo...

Envolveu a prima nos mesmos lençóis, passou-lhe o braço por debaixo dos cabelos fartos.

— Adivinhe de quem é...

— Não sei... Do Carlos?

— Não... Do Babá!

Maria Luíza custou a conter a gargalhada.

— Leia! Leia depressa!

Dulcina começou. Paravam, riam.

"Quizera ter o talento de José de Alencar para descrever os encantos que reúne teu corpinho, o qual a natureza foi tão pródiga em concederte. Não me limitaria a dizer que

tens os lábios doces como mel e os cabelos negros como a graúna, pois para mim que ainda não experimentei qualquer parte do teu corpinho, creio que deve ser mais do que uma tonelada de mel, os labios, os seios, e outras partes, sendo que para nenhuma dellas o mel serve como comparativo! Pois que o mel ao ser tocado pelos labios humanos se derrete e desaparece ao paço que ao meu ver o feliz dos mortaes que tivesse a suprema ventura de tocar uma dessas partes há de sentir o effeito dos deuses num êstase que fará perder os sentidos. Quanto aos cabellos negros da tal Iracema, creio que não se pode comparar com os seus Pichorrinha. E posso afiançar-te de que 120 por cento do sexo masculino daria preferencias a ver 5 minutos apenas os teus cachos negros do que uma hora os cabellos assim descriptos. Se eu tivesse a capacidade de José de Alencar, não deixaria tambem de descrepver os contornos dos mais lindos joelhos que eu já vi no mundo (e com os quais a ventania cruel tanto gosta de divertir-se). Tudo eu descrepveria com a maior simplicidade pocível pois esse conjunto de encantos e bellezas seriam suficientes para deixar na rabeira uma centena de Iracemas. Agora eu já te disse o que penso se eu tivesse a capacidade para escrepver. Espero voce daqui a pouco debaixo da mangueira que voce sabe. E se voce quizer querida Pichorrinha te levo nu cururu daqui. Teu amado Babá."

As duas sufocaram-se em gargalhadas. Xodó ficou séria de repente.

— Você foi?

— Não... Está louca?

— Mas que mangueira é essa?

— É uma que nós subimos nas férias e ele viu minhas coxas...

— Como os homens são bestas! não Pichorrinha?

— Mas ele não é homem Xodó! É franquinho!

Maria Luíza ficara subitamente perturbada, os olhos verdes e a boca voluntariosa. Abraçava a outra procurando desabotoar-lhe o pijama.

— Vou te fazer uma confidência... Tenho uma amante...

— Mulher? Quem é?

— Freira... É outra coisa! É divino!

Apertava a prima, maternal e sádica. Beijava-a no pescoço.

— Aquela pele branca, aqueles seios como esses seus, quentinhos!

Pichorra defendia-se fracamente, espantada. Xodó estava nua, pequenina e alva procurando erguer-lhe a camisola.

— As coxas! Quero as coxas! Isso que você tem! Que assombro...

Apagou num sopro forte a vela, espojava-se sobre o corpo cálido da outra.

— Deixa! Deixa meu amor! Meu amorzinho...

Pichorra desvencilhou-se, escapando. Compôs-se e ficou de pé olhando a prima que arfava no escuro sobre o travesseiro.

— “O Brasil estremunhado, mal acordado do seu longo sono, só pode ser salvo pela ligação libertária com um mundo novo, de dignidade, de justiça e de paz...”

— A Rússia? — perguntou o Capitão Cordeiro coçando com impaciência a cabeça de cabelo cortado rente. — Não acredito assim nas boas intenções da Rússia... Francamente. Foi por isso que deixei Prestes.

— Não é a Rússia... É a URSS. É a sexta parte do globo de que o proletariado se apossou por uma revolução séria.

João Lucas Formoso atirou a ponta de cigarro pela janela do quarto e prosseguiu na leitura do documento mimeografado que tinha nas mãos. Puxou para mais perto de sua cama o criado-mudo onde a vela queimava.

— “As outras forças trazidas pelo mar são colonizadoras, prolongam o destroçamento da nacionalidade pelo imperialismo, através do mandarinato.”

— De quem é isso?? — fez o oficial que vestia um pijama escuro.

— É um documento aos escritores...

— De quem?

— Vem anônimo. Naturalmente, foi um dirigente intelectual do Partido que redigiu...

— Tenho um medo enorme de servir aos interesses duma potência estrangeira. Eu sou nacionalista, Jango, e a revolução que fizemos é a nossa revolução nacionalista em marcha...

— A Rússia, ou melhor, a Internacional Comunista apóia, nos países atrasados como o nosso onde sobrevive o patriarcado, todos os movimentos de emancipação. Somente é preciso dar-se um caráter revolucionário aos movimentos que se esboçam no campo com a crise do nosso principal produto — o café.

— Onde é que saiu essa sua vocação política? Você, paulista de quatrocentos anos! Jango, você foi sempre um barão feudal!

— Não tenho vocação nenhuma, Bruno. De fato, a minha vida e a minha vocação não podem esconder a origem de senhor rural, mas a crise de Wall Street trazendo a ruína da minha família como a ruína de todo o trabalho paulista me fez sentir que éramos vítimas da luta imperialista. Foi o imperialismo que entrou até hoje o livre desenvolvimento das nossas forças econômicas. Foi ele que manteve até agora, através dos nossos governos lacaios, a ignorância das massas e a propriedade concentrada na mão dum grupo de mandatários do capital estrangeiro. A Internacional apóia a política nacionalista de qualquer burguesia indígena.

— Você está completamente envenenado de Cominternite, Jango!

— E você que foi ferido no movimento de 32? Não pode falar...

— E de que serviu vocês nos vencerem? Para se entregarem como se entregaram às nossas forças plutocratas, as mais repugnantes, a troco de alguns chás e de alguns almoços no Automóvel Clube?

— Eu hoje reconheço que Prestes tinha razão...

— Vocês se deixaram embeijar pelo brilho da vida paulista, esquecendo as lições do marxismo que aprenderam em Montevidéu com Prestes, esquecendo as desgraças que vocês passaram no exílio, que muitos de vocês tinham morrido de tifo e de malária e que os mais felizes foram obrigados a vender verduras e a lavar automóveis em Buenos Aires. Bastou o sorriso de dentes bem tratados ou o convite de um

milionário para ir passar o domingo em Santo Amaro vendo as pernas nuas das nossas grã-finas... Bastou o uísque e champanhe para muitos dos seus companheiros se corromperem. Não falo de você que até hoje teve linha, mas muitos foram esfomeados que só queriam uma coisa, o suborno. De fato lutei nas trincheiras paulistas, quase morri, mas mudei e hoje luto contra a minha classe, enquanto que em grande parte os revolucionários de 30 permanecem faquirizados pelo poderio paulista que não passa de latrocínio porco, à sombra dos imperialismos inglês e americano. Sem dúvida, é o colono o maior sacrificado. Ele substituiu o negro da senzala. Há quem diga mesmo que o café é uma lavoura de escravos que acompanha a primeira seiva da terra e por isso marcha, deixando atrás de si a desolação, o deserto e a esterilidade. Talvez nós estejamos, de fato, vivendo a agonia do Brasil agrário e tudo isso dê numa transformação de grandes resultados para a nossa independência que venha trazer a industrialização, mas isso é impossível Cordeiro! Pelo menos enquanto vocês os revolucionários derem apoio à essa crapulagem de Santos e da Capital que jogava com as cartas truncadas nas valorizações, roubava no termo conhecendo as altas e baixas do café. Onde estão esses sujeitos que vocês prenderam como ladrões em 30, com provas decisivas? Figuram na chapa de deputados à Constituinte de agora! Quatro anos depois... E não diga que foi a vitória paulista que fez isso...

João Lucas tirou um pedaço de fumo e um canivete do bolso e começou a fazer um cigarro de palha.

— Jango, você esqueceu que estamos num feudo de sua família! E que daqui a pouco será transformado numa estância balneária de grande estilo.

Jango levantou-se, pôs-se a andar de um lado para outro. O oficial deitado acompanhava-o com os olhos.

— Você sabe, Cordeiro, que não me dou com o Alberto. E os nossos negócios estão à parte. Venho aqui mais para não abandonar a minha tia que tem sido muito nossa amiga. E é uma vítima desse cafajeste... Conheço bem a minha família e serei o primeiro a queimá-la viva no dia que puder. Você não imagina o que esse sujo ganhou no jogo do café servindo de testa-de-ferro e intermediário dos Agripa e dos Junquilha. Fundaram dezenas de casas comissárias e exporta-

doras, venderam e compraram a preço combinado com os homens de governo e os diretores de Bancos que recebiam grjetas milionárias. Foi uma máquina infernal que eles montaram para sugar o fazendeiro que por sua vez esganou; o colono. Esse rato do Alberto é bem o tipo do Conde do Papa. Roubou dos próprios Agripa, esfolou os empregados, traiu os amigos. E por isso fará, com certeza, uma brilhante carreira na República Nova... Um coitado que foi dos seus mais dedicados guarda-livros viu-se posto na rua depois de quinze anos de trabalho, só porque não quis subscrever uma bandalheira em que a amante do Alberto, que é uma cozinheira trazida de Marselha pela Migdal, ganhou num baque setecentos contos de réis! Esse homem, que se chama Barbosa Granato, ficou agora hemiplégico, está na penúria com três filhas que terão que se prostituir para viver porque não têm aptidão para nada. Seu Barbosa perdeu dois filhos na revolução. O menor, de 16 anos, foi o Alberto que obrigou a se alistar...

João Lucas aliviara-se. Sentou-se ao leito junto à janela para fazer o cigarro de palha. O oficial disse depois de um silêncio:

— Nós estamos vivendo um fim de civilização. Com seus escândalos, divórcios, pederastias... É preciso muito fogo para purificar! Seria ideal nos unirmos com a esquerda mas temos medo do sectarismo do Partido, como tivemos medo do sectarismo de Prestes. E vocês mesmos, comunistas, nos criticam e nos repelem...

— Os comunistas são de fato intransigentes. Eu ainda não pertenço ao Partido. Tivemos que suportar uma verdadeira onda de obreirismo que fez estragos entre os intelectuais. Mas agora as coisas mudaram e nós temos que entrar nessa grande frente única que, parece, há de se formar. Ela é necessária como etapa, para conservar as forças livres contra o fascismo nacional que está levantando a cabeça de um modo alarmante. Você tem visto as passeatas de Plínio Salgado, a propaganda desavergonhada desses súditos disfarçados de Hitler e Mussolini! Se não soubermos opor uma barreira, eles tomarão conta do governo.

João Lucas Formoso foi até o guarda-roupa donde retirou do paletó uma carteira de couro de porco. Procurou

um papel datilografado e leu: "Meu caro, Saúde. Um grande abraço extensivo aos camaradas. Escrevo para dizer-te, com franqueza e autoridade de velho amigo e companheiro de lutas, que me chegou a notícia de que você vai ser procurado pelo grupo que pretende reunir uma grande composição de forças progressistas, numa verídica aliança de caráter popular. Sei quem você é, conheço a sua dedicação a tudo que pensa e que faz. Por isso peço o seu apoio corajoso e decidido a essa frente que nada tem de confusa, pois se unifica diante de uma necessidade histórica — a destruição do Integralismo que é a muda venenosa do fascismo transportada para cá por Plínio Salgado, laçao impertérito de grupos imperialistas. A acusação de que esse partido vai ser comunista é um simples recurso polêmico da reação. Nela entram liberais de todos os matizes, políticos de todas as cores. É um argumento progressista que pretende levar ao seu destino popular este Brasil malsinado pela reação, mas que contra ela lutou bravamente na armada do marinheiro João Cândido em 1910, no heróico sacrifício dos brasileiros de Copacabana em 1922, na revolução encabeçada por Isidoro e Miguel Costa em 1924, nesse *raid* épico realizado pela Coluna Prestes e afinal na Revolução vitoriosa de 1930, cujos fins estão sendo desviados pela camarilha oportunista que tomou o poder e que, longe de caminhar na direção de uma política verdadeiramente nacional, engorda por detrás da cortina o cão danado do Integralismo a fim de lançá-lo contra o povo nas chacinas inevitáveis do futuro. Abrace esse seu amigo etc... etc."

— De quem é?

— Um companheiro que você não conhece. Leonardo Mesa. Chama-se, na ilegalidade, o camarada Rioja...

— Eu só tenho um receio. É de que vocês também desviem o Brasil de seu curso histórico, de seu curso nacional. A nossa verdade racial não é o comunismo, não poderá ser nunca dirigida pelo internacionalismo, nem ficar à mercê do *Comintern* que é uma força estranha à nossa história... Já é uma abdicação essa fraseologia empafiada que vocês usam na propaganda, chamando "camponês" o nosso caipira. Nem traduzir vocês sabem... O Comunismo teve aqui um erro inicial, quando foi fundado pelo intendente Brandão o *Bloco Operário e Camponês*. Isso não é e nunca será brasileiro... Os nossos marxistas bisonhos não passam duns importadores

de idéias feitas, frases feitas, de imperialismos feitos! Tenho medo de que o comunista brasileiro saia uma contrafação repugnante e inútil como foi o positivista da Primeira República, um anormal que será fatalmente expulso do nosso organismo político. Nossa independência deve ser exclusivamente brasileira! Nós temos que ser brasileiros!

Jango fitava o amigo, o cigarro de palha entre os dentes, a figura tosca e debonária. Falou afinal:

— E você tem coragem de duvidar do meu patriotismo? Eu que fui tão seu amigo no São Bento a ponto de levá-lo todos os anos para a fazenda, nós que passamos a infância juntos nos ranchos de pescaria do Jurema... Você sabe que sou um produto racial da Formosa e portanto não abdicaria um instante do meu brasileirismo... Continuei todo esse tempo em que você batalhou na Coluna a minha vida rústica, dividida entre os trabalhos da fazenda e as farras nacionais com automóvel, pinga e violão. Os meus companheiros continuaram a ser a gente valente e despreocupada que você conheceu em Jurema. O Cisco, o Ventura...

— Lembro-me bem deles... Que fim levaram?

— Coitados! Você sabe o que são esses enfeudados. Eles tomaram parte na revolta de 24, mas não continuaram com Miguel Costa. Voltaram para viver mal, com as famílias miseráveis. Eu os ajudei como pude. Fechadores de bailes, impulsivos e generosos... Chegou agora o momento de procurá-los, de dar sentido à oposição em que eles sempre viveram. São indivíduos sem nenhuma conduta política...

— Sem nenhuma informação...

— Capazes de marchar nas colunas do Integralismo, capazes de morrer por Plínio Salgado e também por Prestes, ou então pelo primeiro que chegar à sua área sentimental... O Ventura está a serviço de Salim Abara que lhe dá uns caraminguás para o sustento da família. Acha que o turco é o melhor homem da terra. Não entende nada! Chegou, uma noite que estávamos no rancho, ao cúmulo de dizer que o sírio é o único estrangeiro que devia ficar no Brasil porque reconhece que isto aqui é um país onde se ganha dinheiro!

— Gente perigosa!

— Gente ingênua e boa, cuja ferocidade não pode ficar vadia ou se acaudilhar nas hostes fascistas. Por isso que eu acho oportuna a aliança... Ela unirá essas coragens mal

empregadas e construirá o Brasil popular que é o verdadeiro Brasil.

— Deus te ouça! Não sei... Tenho medo do *Comintern*.

— O *Comintern* deu os maiores patriotas à Rússia e à China!

Nesse momento Jango foi à janela. Pareceu-lhe ter ouvido um tiro. O céu-austral dobrava-se para o sul num borrão de estrelas faiscantes. O cruzeiro parecia espetado contra o horizonte escuro de um morro. Neblinas precoces vinham das matas e dos rios... Uma porteira bateu deixando dois cavaleiros passarem.

— É o Babá e o japonês que estão voltando do cururu do Zé Bento.

Kana e o filho crescido de Anastácia Pupper descarregaram de novo os revólveres contra o céu.

Os dois amigos olhavam da janela.

— O Brasil! Tiros e estrelas.

— Éta Buck Jones!

Nos animais marchadores do Conde Alberto de Melo os vultos atingiram o parque ajardinado e limpo da Anica.

— Punieta gostoso munto nó? Ocê gosta punieta, nó?

— Ontem bati três... Uma pra Pichorra, outra pra Xodó, outra pra Shirley Temple...

— Murié Horiude non presta munto... Só chinema...

Os cascos soaram no asfalto, ladearam as sombras da casa adormecida. O japonês apeou num pulo ágil.

Tapete dos Terreiros

NO SILÊNCIO da Santa Adélia as cópulas eram maiores. Os orgasmos urravam como se se realizassem em currais ansiosos, repercutiam lá fora entre pássaros, aves e o céu azul e fresco, atingiam a própria natureza.

Totó Agripa transformara-se num fazendeiro de Clube. Mas era com orgulho que recebia na propriedade modelo, criada com seu esforço quando tinha se casado com D. Cândida Calheiros da Graça. Formara então aquele latifúndio circunvizinho do Brejal, arrancando os sítios da caboclada próxima, a poder de advogado, de ameaça e dinheiro. O P.R.P. fizera-o prefeito, depois deputado. E ele tomara num instante gosto pelo prestígio. Brejal permanecia a cidadezinha interior e fechada ao progresso humano, com a rua principal calçada, a Igreja, a Cadeia, o Grupo Escolar, e o Forum, como convinha ao crescimento e à estabilização duma aristocracia rural. Totó Agripa tinha um casarão na cidade. — Nasci pra política... Não posso com essas tra-

ficâncias! — Viera-lhe disso uma auréola de sacrificado pela grei do Brejal. Facilmente passara a líder e protetor da cidade. Nos bairros pobres, quando caía uma taipa, ninguém erguia, quando caía uma casa, ficavam as ruínas. Um dia o Dr. Carlos Furquim, médico que representava na comarca a diminuta facção dissidente, a dos Pádua Lopes, da Capital, falou em se construir uma Maternidade. Totó procurou desmoralizar a iniciativa nos lares e atrapalhar de todas as maneiras a idéia filantrópica perante o governo. Depois escreveu no órgão da cidade, que era o jornal de Monsenhor Arquelau, *O Brejalense*:

*"Da terra sai a batata
Do Banco sai o Novais
Sai do Clube o Pimenta
Só tu, Maternidade, não sais!"*

Brejal defendia-se pela omissão como uma casa de caboclo que se esquivava das estradas pisadas e livres ao sol. Em suas fazendas arcaicas, em suas residências vetustas, ninguém penetrava a não ser identificado como da família. Com o gesto natural de quem cumpre um hábito, o dono da casa realizava negócios no portão, fazia pagamentos e donativos no portão, recebia no portão. A casa era o sacrário da família, a cidadela da tradição e da virtude. Só se vendia fazendas entre parentes e por preços muito altos. — Aquilo é uma taba! — exclamava o Dr. Furquim. — Qualquer pessoa de fora que chega leva flechada sem saber por que! — Totó Agripa em São Paulo era o impoluto chefe da última grei indene do mal moderno que percorria o mundo. Aproveitava-se da influência que exercia nos governos passageiros e no Banco de Controle Comercial. Soubera guindar-se às alturas esquivas e fechadas do Desembargador São Cristóvão. Tornara-se o seu braço oculto e poderoso. Em Brejal, quando uma taipa caía ninguém erguia, quando caía uma casa ficavam as ruínas.

A garra do latifúndio de Santa Adélia continuava a esganar a pequena produção. A lavoura andava maltrapilha como o homem. Nos pastos as corujas cegas caíam na frente dos cavalos. E o soluço regular da juriti enchia a serra. Mas, atingida a propriedade dos Agripa, a paisagem mudava. O

presságio das corujas solitárias era substituído pelo grito alvar das araras. Recortavam-se os quadrados verde-escuros dos laranjais. Manchas de reflorestamento, aléias vigorosas de café, casas e galpões, cereais, aguadas e motores, a civilização cortada de estradas que riscavam de sangüíneo, de ocre e de preto a terra produtiva. E os orgasmos demorados nos quartos.

A morte visitava o sítio. A Cadillac nova de Totó parava para deixar passar o enterro de um pequeno brasileiro. O pai a cavalo acariciava o caixãozinho azul, enlaçado de fitas, como se fosse a criança viva. Atrás, num outro punção, ia o irmão mais velho descalço.

No aniversário de Totó, *O brejalense* estampava o retrato do seu maior cidadão na primeira página. E por baixo: "Temos acompanhado como testemunhas presenciais a viasacra de sacrifícios e a farta messe de filantropia demonstrada através da acidentada e, de vez em quando, caluniada vida do Dr. Antônio de Sales Agripa". Era da pena de ouro de Monsenhor Arquelau.

Com a cizânia política aberta nas vizinhanças de 30, o Brejal fervilhou de intresses opostos, de pequenos crimes, e de diabólicas intrigas. A civilização dos tempos novos começava a abalar os seus simbólicos muros crenelados. Houve o capítulo dos amores, das seduções, das desonras. Os ódios em que os grupos se dividiam, atocaiavam-se cautelosos, dissimulados e ferozes. Contra os bandoleiros, conforme o partido, a policia assassinava ou fechava os olhos. O que o juiz não perdoava era defloramento. Nos júris obsoletos, o velho escrivão Matatias chorava nas passagens cruéis do processo a ponto de parar a leitura ante o povo teatral de chapelão e botas. A Revolução de 30 alarmara as seguranças seculares do Brejal. Nervoso, magro e abatido, Totó tinha exclamações solitárias. Dizia que havia perdido tudo. Conservava só os amigos. Os grupos organizados pelo Dr. Furquim chegaram a deixar um simbólico caixão de defunto em frente à residência fechada de Totó que se acolhera à fazenda. — Matador de velha estirpe! — diziam. Mas viera 32 e ele escapara ao exílio. A chapa única colocou três mandatários dos Agripa na Câmara. Tudo sossegou de novo. Furquim, aquele bandalho, foi pensar em Maternidade noutra freguesia! E recommçaram as multas, as execuções dos pobres, os des-

respeitos feudais à autoridade da magistratura com espancamentos de civis e a liquidação a tiro dos últimos desafetos.

De novo Totó Agripa respirou nas Avenidas de mangueira a paz restaurada do latifúndio paulista. O Banco de Controle Comercial pusera-o a salvo dos naufrágios da política, dos naufrágios do café. Enquanto os monocultores erguiam os braços para o céu, os seus caminhos silvestres levavam do dínamo ao transformador. Os cavalos de ancas perfeitas conduziam no trote inglês as amazonas e os cavaleiros pelas estradas. E abria-se a primeira toalha do açude novo do Gracil. Pela manhã, na peluse, ante o estábulo limpo dos reprodutores, os perus brancos rodavam e a mancha dos Rhode-Red enchia de cânticos os galinheiros tratados.

Uma única turra crescia no engrandecimento rural de Totó — o gado. Num horizonte oposto ao seu, avultava a figura tosca e audaciosa de Abílio Mourão, que chamavam de Nhonhô Gaita. Este tinha arvorado contra ele a eficiência de duas armas novas: o zebu e o avião. Ambos não liam jornais — mas os *lords* ingleses que os visitavam também não liam.

Entre Nhonhô e Totó passava a Paulista. Para ambos os braços musculosos da estrada de ferro perfeita puxavam a produção que desceria na direção dos porões dos navios em Santos. O café ainda, e algodão agora e o *corned beef* saído dos frigoríficos.

No meio da fartura da terra, uma gente bichada e miserável vivia de agregada, de pequenos serviços e grandes lazeres. Os colonos despencavam nas festas com a filharada pelos trens de horários largos. Traziam um resto de argila no rosto queimado e um ar de sujeira sob os vestidos de gala.

As crianças lambuzavam de frutas e de cuspo os assentos, as mães davam de mamar em público e todos punham as cabeças pelas janelas do vagão como para serem decepadas pelos postes da linha. Alguns meninos colocavam os pés pelos vãos dos bancos, assustando os passageiros inadvertidos.

Nas manhãs ensolaradas de Santa Adélia, os casais plásticos voltavam da piscina nos maiôs molhados, justos, colan-

tes, paravam em frente ao largo viveiro onde jandaias, periquitos, tuins de todas as cores, canários do reino, tiribas, pintassilgos e coleirinhas punham um escarcéu na fazenda desde a madrugada. Cláudio Manoel achegou-se à nudez explosiva e pequena de Xodó, atrás do grupo, sem que ninguém visse.

— Tira a mão daí!

A mesa, as conversas se dividiam entre a lavoura e a política.

— Algodão só dá em terra cansada. — Querem introduzir a bagunça nesta pátria feliz que se chamou de Santa Cruz quando foi descoberta!

Esta observação era do conde, comendo batata doce no café com leite da tarde. A deputada Anastácia Pupper acrescentava, limpando as bochechas: — Onde imperam os princípios divinos do Redentor!

Totó Agripa guardava nos seus ouvidos de *landlord* o maior dos desacatos. Certa vez Nhonhô viera na sua Packard à Santa Adélia e dissera-lhe: — Esse gado Devon só dá tuberculose. Bezerro morre no dia que nasce... Estão pesteando a sua fazenda!

Contra essas críticas, o fazendeiro tentava salvar o gado importado com orgulho. Entre os campeiros trágicos, a cara banhada de sujeira e de sol, o reprodutor Quiririm vinha até a frente do terraço, num vermelho unido, os passos cadenciados, imaginativo e lerdo.

Nhonhô Gaita, fazendo um cigarro de palha, contara nas rodas do Clube Comercial: — Morreu o boi do Totó. Foram vê não tinha nem mais um pedaço de purmão.

— Mas ele é um grande criador — observou alguém.

O criador de zebu respondeu:

— Ele é um burro! Tem dinheiro herdado...

Desenvolvera-se assim no recesso das fazendas, na paz das casas, na vivacidade das salas de clube, no jogo ou no bar, a disputa entre o zebu nativo e agreste e as raças selecionadas.

Por jornais e grêmios, a campanha do caracu havia tido a bênção de um sábio — Luiz Pereira Barreto. E como os

Pádua eram insolentes, nervosos e daninhos na defesa do progresso, tinham dado sua orgulhosa adesão ao caracu contra o zebu. Bons judeus de cidade, eles nunca tinham visto um touro de perto, mas sabiam fazer apaixonados adeptos entre os "fazendeiros adiantados". Ao centro fulgia o banqueiro-lavrador Totó Agripa. Correram para Minas os rebanhos resistentes e rústicos expulsos pelo anátema de Pereira Barreto. Nhonhô Gaita que teimava em continuar com o zebu disse: — Minas devia erguê uma estátua de ouro pr'esse sábio! — Totó Agripa vingava-se quando ia ao Automóvel Clube contando que a fazenda de Nhonhô não tinha nem latrina. — Mas é melhor que a Bêrgica!

Totó deixava o seu palácio discreto de Higienópolis, regressava uma manhã ao feudo civilizado. O automóvel atingia a casa colonial. Lá dentro, D. Candinha rezava, falava mal dos outros, fazia bolos, e toalhas de sacos de sal vazios. As araras faustosas continuavam a dar seus gritos estridentes e iguais. O papagaio Tinoco de cá para lá no poleiro de prata, chamava a criada, iscava os veadeiros e cantava mais uma vez *O teu cabelo não nega*. Cleópatra, a cachorra policial de coleira de ouro, comia *marron glacé* no tapete.

— Que prepotência! — exclamava o fazendeiro deliciado, dando mais.

Entre carneiros de raça, cães de raça, cavalos de raça, porcos de raça, cabras de raça, aves de raça, Totó Agripa recebeu um dia em suas terras a visita do Presidente Vargas. Fê-lo recostar-se a uma rede alva do Ceará, sob o mangueiral alinhado e frondoso, depois de uma churrascada. E exclamou:

— Se V. Exa. soubesse as lágrimas, as queixas e os sofrimentos que minhas mangueiras já ouviram!

Na cama de ferro descascado, o estrado de arame substituído por tábuas. Um cobertor ralo. O travesseiro sem fronha com manchas escuras. O urinol enferrujado e fétido

dentro de uma bacia furada, onde a negra fervia a roupa remendada e fazia o chá de laranja noturno. Naquele quarto do fundo da colônia de Santa Adélia, Maria-Aeroplano vivera, mandada da Formosa na crise. Torrava café, fazia sabão e passava noites mexendo tachos de marmelo e de goiaba. Tinha uma galinha choca, sob a cama, num caixãozinho de sabão. Na noite, acendia o cachimbo feiticheiro e resmungava uma história continuada. Sobre os ombros de sua geração tinham sido carregados cinquenta anos de café. Agora os patrões da Formosa haviam-na chamado para cozinhar na cidade. E o quarto ficara vazio.

No barracão da tulha de café, o baile fora aberto com a sanfoninha convidativa e o grave violão. No início os homens dançavam sós. Era carça com carça. Mas depois, o administrador, libertado pela cerveja, tirou a mulatinha pintada. Pares se enlaçaram. Juntados, homens e mulheres começavam a suar azedo. Na parede de madeira uma gravura de São Pedro olhava segurando forte a chave do céu.

De repente, a música mudou. Os pares largaram-se. Houve um ajuntamento em frente ao Santo. Vozes cantavam:

*“Salvai o morto
Curai o doente
Livrai da peste
Que vem de repente!”*

O baile recomeçava. O quantão liberava, a noite e a música liberavam.

— Viu que varsa, Joanico!

Os machos abordavam:

— Vamo no mato?

— Tô cumprimitida . . .

Encontros enrijados de pernas sucediam-se sobre as coxas grossas das mulheres do campo. Era o sentido do baile no deserto.

A luz de uma candeia fumarenta sobre um caixote, jogava-se truço. Num erguer de ombros, um homem de ponche soltou um palavrão.

Uma fogueira lambia um churrasco na distância.

A essas horas Cidinha Agripa, morena e alta como D. Candinha na mocidade, penetrava com desenvoltura no baile da colônia. Levava em sua companhia Xodó e Latife Abara, Mary e Henrique de Barros Ferguson. Latife tinha os cabelos soltos e negros, os olhos grandes e pintados na cara oriental. As moças estavam encapotadas sobre os vestidos esportivos, com sapatos de crepe sola. Acompanhava-as o grupo áacre e atlético de Ubaldo Junquillo, no meio do qual esquivava-se Jorge Abara perto de Cláudio Manoel.

— Vamos fechar o tempo!

— Vamos dar uma surra nos capiaus?

Os moços avançaram para tirar as colonas tímidas. Outros agarraram-se às grã-finas. Elas colocavam-se para dançar sobre o macho num absoluto e dadivoso contato. Não era mais *cheek to cheek*, mas *sex to sex*. O foxe-trote renovava as vozes da caverna na noite tropical e fria. Xodó e Cláudio Manoel saíram dançando, partiram sem ser vistos para o lado do pomar. Foguetes entrondavam no céu de estrelas.

— É aqui! Eu me guio pelas estrelas como Colombo...

O Major Dinamérico Klag entrara de automóvel no feudo de Santa Adélia. O carro fez balançar um mata-burro, passou culturas, casas alinhadas, o baile que o povo espiava e estacou em frente ao terraço deserto e iluminado da casa colonial.

O viajante foi varando até à sala de jantar onde deitado na rede Totó Agripa lia o *Tico-tico*. Um rádio tocava em surdina.

— Boa noite! Está se ilustrando, Totó?

O fazendeiro olhou espantado, quase agressivo. Retirou os óculos da cara empapuçada para examinar aquele intruso que penetrava sem avisar, sem pedir licença, sem limpar os pés.

— Veio vender a Formosa?

— Vim visitar vocês. . .

Recomposto da surpresa, Totó Agripa retomou a postura habitual na rede, uma perna dobrada por cima da outra, a mão aristocrática sobre os olhos, segurando os óculos. Perguntou se era verdade que Jango havia arado as invernadas da Formosa.

— É! Resolveu desobedecer o seu Banco. . .

— Nós podemos processar vocês — ameaçou o outro, fechando num movimento o rádio. — Sente-se, Major.

— Qual! O algodão salva tudo!

Totó Agripa passou os dedos pela cabeça grisalha de cabelos tosados e curtos e não pôde conter uma exclamação:

— Aquelas terras são ótimas! . . .

— Só perdemos os carrascais, os pedregulhos e os banhados. Aproveitamos tudo!

— Vocês agora bancam os fortes, porque estão reajustados.

— Graças ao grande advogado Professor Robério Spin...

— Graças ao grande Presidente Vargas!

Uma mulher baixota e loira, de cabelos repuxados para cima, penetrou na sala com um livro entreaberto. Vinha em calças de homem e resmungava para o quarto de onde saíra. O Major reconheceu a condessa Ana Tolstoi. Levantou-se para beijar-lhe a mão branca.

— Estou lendo *A guerra secreta para o petróleo*. Vocês já leram? Que coisa horrível! Brasil está perdido. . .

O fazendeiro fitou-a molestado.

— Deixa estar que está tudo muito bom, graças a Deus!

— Que Deus? Você acredita em Deus? Eu que devia acreditar porque fui camarara de Czar.

O Major exclamou como se falasse sozinho:

— Eu vivo entre a incerteza, a euforia e a luta. . .

— Quê que você escreve agora?

— O meu livro está quase pronto, mas só seis pessoas podem compreendê-lo.

— Então pra que serve? Como se chama?

— Não tem título. É um evangelho. . .

— O que salva você, Major, — exclamou o fazendeiro, — são os seus sentimentos religiosos. É um bom sinal. Você não é nenhum revoltado.

A russa interveio:

— Eu não acredito em Deus porque Czar com família foi assassinado por bolchevistas. Mas eu sou muito religiosa... Já subi na Penha do Rio, a pé, com pedra na cabeça para pagar promessa...

Totó deu uma risada.

— E não acredita em Deus!

— Você não compreende a alma eslava! Alma eslava está cheia de tragédia...

O fazendeiro na rede fixava aquela aventureira que através do casamento desastrado de um cunhado seu, penetrara em sua casa, em sua família e no Brejal. Estava ali na sua estupidez triunfante dentro da grei paulista! Inutilmente ele lutara contra a ligação a princípio escandalosa daquele trapo civilizado que era Calheiros da Graça. Um paulista educado 100% na Europa, solteirão, viajado e fino, que fora cônsul e exercia um grande cargo no Itamarati quando a Revolução de 30 o aposentara. Tinha vindo então vegetar pelos clubes e salões de São Paulo até encontrar aquele monstro. O irmão mais velho de D. Candinha. E casara-se de repente, no civil, com todos os *ff* e *rr* com aquela mulher pública que São Paulo inteiro possuía. Fizera-a sua concunhada. De início, Brejal cortara todas as ligações com o casal. Totó deixara de cumprimentar Calheiros. Mas a malícia do diplomata conseguira fazer penetrar aquela que chamava de Condessa Russa, no âmbito social refratário de São Paulo. Consequira tudo pela brecha periódica das desgraças da família. Sabia que só assim romperia o círculo fechado dos preconceitos brejalenses. Não houve enfermidade, enterro, hospital, queda de cavalo na Hípica, parto ou desquite, que não visse no primeiro plano das manifestações de solidariedade a figura detestável da eslava. Daí ela passou a comparecer em elegantes toaletes aos casamentos solenes de Santa Cecília e de São Bento, aos batizados discretos e pingues e finalmente às festas de aniversário. — Coitado de Robertinho! — lamuriava D. Candinha. — Foi criado sem mãe!

Robertinho era aquela calva sórdida, aquele riso avacalhado, aqueles olhos roxos e mortos, aquela ausência de viri-

lidade e de brio que o dínamo bisbilhoteiro da russa arrastava como um sólido brasão que o bordel adquirira para destruir a sociedade e a família.

Como era diferente São Paulo quando só havia distanciadas, pela quarentena rígida dos bons costumes, as escadas compridas da Pensão Milano e depois a casa da Sanches. O fazendeiro evocou alto,

— Quando o Brejal era o Brejal! Só famílias conhecidas. Éramos todos parentes e donos das fazendas. Visitávamos. Você era criança, Major, não se lembra desse bom tempo.

— Lembro-me das fogueiras de junho e das festas na Formosa. Mas você conserva a tradição, está festejando São Pedro.

— Não é a mesma coisa. Nós fazíamos serenatas ao luar...

— Por que não faz hoje? — perguntou Ana Tolstoi.

Ele procurava lembrar-se. Começou um hum-hum-hum com os lábios finos na cara bestial, mexendo a cabeça, ritmando. Trauteou com a voz baixa, desafinada:

*“Amei-te no silêncio
De noites tão belas
Se dormes ainda
Desperta donzela!”*

A russa de pé, o Major atencioso, sentado, escutavam:

*“Acorda, desperta
Saia da cama
Venha ouvir a voz
De quem tanto te ama!”*

— Muito bonito! — fez a condessa. — Parece música russa. Lá na minha terra também tem serenato...

— Quall! — disse Totó. — É brasileiro da gema. Isso é que era o Brejal.

— Tinha serenato no tempo do Czar...

Fez-se um silêncio. O dono da casa gritou para dentro pedindo café. E terminou com um suspiro de mágoa.

— Hoje está tudo perdido... A sociedade é muito relativa...

No barracão do baile as conversas passavam, convites, insinuações. Dois homens saíram para o mato. Risadas grossas comentavam. O Valêncio gritou para um par:

— Nêgo tá pensando que tá no arado. Tá pensando que tá manjano. Sobe caminho, desce caminho! Não é burro...

Os músicos alheados perdiam-se nos instrumentos. De repente, uma marchinha mexeu. Os negros musicais mexeram, automáticos, recurvos, pé-vai, pé-vem, agitando os braços simiescos. Uma voz esganiçou afinada:

*"Segura meu bem!
Segura..."*

No soalho mal aceso aqueles pés barreados de areia guiavam as danças ativas, na languidez e na preguiça das canções do campo. Perderam de repente para as reminiscências do rádio da Capital. As grã-finas e os obás entraram no remelexo. Um cordão canavalesco se formou. Abafou a criação matuta. Os ritmos do Rio e de Buenos Aires tomaram conta do sertão.

"Esta noite me emborracho..."

A neblina da madrugada descia nos sovações quando os dois filhos de Totó Agripa levaram o Major para junto do automóvel apagado.

— Onde está o chofer? É carro de praça.

— É um português que está no baile.

— Eu vou buscar...

— Antes de ir, Carlito, conte aqui diante dele o que você me disse.

O rapaz rememorou um instante, depois falou apressado para o irmão mais velho que trazia um revólver na mão.

— Foi assim, Otávio: ele ficou bêbado de ponche e começou a amolar a Cidinha. Falou em doces de casamento. Ela até respondeu mal...

Otávio Agripa deu um passo aproximando a arma do ventre do Major, sério, esgazeado.

— Com que intenções você se dirigiu nesses termos à nossa irmã?

— Olhe eu vou contar tudo a vocês porque vocês gostam de resolver as coisas de um modo violento. Eu não tenho nada com a história...

— Mas onde você arranjou dinheiro para vir aqui amolar a gente?

— Foi o Tolosa. É o meu advogado no caso da serra. Lá dentro já falei seriamente com o Totó sobre o assunto. Ele ouviu calado e sereno. O Tolosa me pediu para sondar o casamento da Cidinha com o Dr. Robério Spin. Ele dirige o escritório Spin e tem interesse em agradar o chefe. Que crime há nisso?

— Então ele não sabe que a Cidinha é de família tradicional e que as famílias paulistas não se misturam com estrangeiros vagabundos?

Carlito, avançando o rosto espinhento, interrompeu:

— Você parece não nos conhecer. Diga a esse italiano tratante que se coloque em seu lugar... ouviu?

Otávio gritou, ameaçador:

— Você quer já levar um tombo aqui na terra? Mamãe anda em brasas por causa da Cida!

Foi a vez do outro:

— Você sabe que os nossos avós deram de chicote na cara do avô dele que foi colono da Formosa?

O Major permanecia de pé, em silêncio, o rosto crescido e grave.

— Vá chamar o chofer, Carlito!

O rapaz delgado afastou-se na direção da tulha, donde vinha o bate-pé e o som da sanfona.

— Você não trouxe nenhum recado para a Cida?

— Não! Brinquei com ela... Não cometi nenhum crime...

Um bafo persistente de quentão escapava-se da boca desdentada, confundia-se com o bafo do interpelante.

— Se você tivesse a ousadia de tocar nesse assunto, ia saber o que é o Brejal, já que se esqueceu! Esse carcamano, neto de imigrante, só porque Cida é uma intelectual e apreciou umas conferências bobas que ele fez... Deu a confiança,

aliás, contra a nossa vontade, de ir ao curso que ele realizou na Faculdade de Filosofia, esse cachorro velho teve a audácia de erguer os olhos para ela... Quem é ele?

Carlito e o chofer aproximaram-se falando alto. Era um moço arcado e loiro. Otávio com o revólver fez o Major entrar no táxi. O carro partiu num silêncio que o frio da madrugada tornava maior.

Os olhos do Major pularam como salteadores acoissados. Ele debruçou-se sobre o assento e falou para o chofer curvo no boné.

— Se eles não fossem analfabetos eu queria discutir esse caso...

Passaram um mata-burro. Na noite do latifúndio o deserto crescia em mistério e extensão. Grandes paus marcavam as derrubadas recentes sobre os algodoais. Havia, no escuro, rios e cidades, corujas e cobras, campos e restos de mata e terreiros cobertos do café enxuto. O Major falava:

— A Revolução de 30 termidorizou. O feudo permanece... Os mesmos personagens de há cem anos. Só meus filhos degeneraram. Meus netos serão caboclos desdentados e pobres. E os dele? Persistirão?? Talvez... Porque ele se chama Totó... O senhor é português?

— Sim senhora... graças a Deus.

— Os portugueses foram os únicos que puderam colonizar neste clima onde as próprias plantas precisam de sementes novas, sempre renovadas. Minha tese é justa.

Depois de uma pausa o viajante perguntou:

— O senhor economiza?

— Alguma coisa. Tenho guardado algum dinheiro... Mas agora vem o comunismo e leva-me ele todo!

Os faróis do automóvel buscavam os limites da extensão. Era o Brejal. Eram os estirões brasileiros, onde não se podia reduzir a vida, reduzir a propriedade. Era o cenário do isolamento que correspondia ao mundo interior, pensava o Major noturno, quieto. Qualquer marcha de homem ou de veículo tendia ao desconhecido, marcava o infinito.

— De 1900 para cá a Genética constatou que os caracteres se herdam... mutações e somações... Minha defunta mulher...

O chofer gritou consoladoramente:
— Não se desinfelize, homem! Não se desinfelize!

Quando tossia, São Brás! Nas trovoadas de palma benta, Santa Bárbara! Para as baratas, São Bento! São Roque livrava da peste, São Jorge matava o dragão. Santo Expedito presidia lampeiro à demora dos negócios da cidade e da fazenda. Ficara em Jango aquela saudade suspirosa da mãe. Uma enorme borboleta negra penetrara na sala de jantar onde havia o velho avô e, lá dentro, no quarto, um médico. Levaram-no com os dois irmãos pequenos, o Quindim e Dulcina, para não ver o enterro de cavalos emplumados. De que morrerá a mãe? Agora o que o levava à mulher, a Eufrásia só podia ser isso. Não vira mais a mãe...

O moço fazendeiro penetrou no casarão enorme e deserto dos Campos Elisios. Ninguém na sala. A Edwiges ensaboava roupa no quintal. Afonsina tinha se despedido. Felicia fora embora para a casa dos Frelin. Caíra na fábrica. A fábrica era melhor, a fábrica era o destino de milhões de seres acua-dos. A cozinha permanecia sem gente, morta e vazia. Jango procurou o pó de café numa lata. Maria-Aeroplano ficava pintando lá embaixo. O café da Formosa. Seu avô formara uma biblioteca de cafés antigos e uma adega de pingas velhas. Com data de safra. Fazia vir grãos iguais e sadios para a torrefação que se processava no quintal sob uma ameixeira desgalhada, numa frigideira negra, enorme. Sentia o cheiro ativo e bom da rubiácea. Ferveu a água numa panelinha, misturou o pó fino. Coou. Não encontrava mais na cozinha os ovos frescos, os jacás de frango, as frutas. Laranjas, caixas de manga, jaboticabas de todo o ano que o avô produzia mandando fazer pequenos regos por onde a água corria continuamente da torneira às raízes das jaboticabeiras. Nada mais enchia de fartura a cozinha antiga.

João Lucas entrou na água morna com que enchera o banheiro. Seu corpo estava mal musculado. Pensava tumul-

tuosamente em Eufrásia, em Vitalino, em Leonardo Mesa. Sentia um cansaço daquilo tudo. O reajustamento estava feito. Mas, parecia-lhe que, na chegada da trágica travessia, faltavam-lhe forças. Como se um nadador fosse se afogar na margem atingida. Mergulhou a cabeça. Suas aflições desmancharam-se na água verde e tépida. O reajustamento e a riqueza possível não o fariam mudar. Não veria mais Eufrásia Beato. Ao contrário, iria entrar na luta comunista, nessa luta lastreada da sua matriz de interesses feudais feridos. Fizera sempre tudo para mandar dinheiro ao camarada Rioja na prisão. Guiava-o um espírito de justiça pessoal, de desinteresse e de valentia, o mesmo espírito que o fizera benquistado dos cantadores valentões, dos fregistas e violeiros. Não poderia nunca ser um comunista puro. Como enfrentara mais de uma vez as violências da polícia em Jurema, em Bartira e no Brejal, na defesa dos sitiantes perseguidos, tomando pinga e café nos ranchos e nas casas dos colonos, estendia agora essa fraternidade castelã ao anonimato das massas nas lutas pela sua ascensão política.

Vestiu-se, saiu. Dirigiu-se ao salão Estados Unidos. O salão de barbeiro que deixara de freqüentar na crise. O Nazareno, que o servia sempre, veio ao seu encontro. — Já de novo por aqui? Boas-vindas, Doutor Jango! — Ficara-lhe aquele doutor dos dois anos que freqüentara a Faculdade de Direito. — Boas-vindas Doutor Jango! Uma massagem? O senhor é da casa! — O salão fulgurava de metais e de espelhos, manicures executavam passos de dança, transbordavam cabeleiras onduladas sobre mãos vermelhas de clientes. Engraxates poliam em banquetas baixas. Toalhas ferviam, passavam, afogavam caras vivas. Jango, com a cabeça alta, recostada ao descanso da cadeira giratória, fechava os olhos. O Nazareno de avental branco, as iniciais do salão em azul-natiê, o cabelo preto, lustroso e ondulado, corria, fazia compressas, suspendia o dedinho para passar a navalha afiada na pele perfeita e morena do moço. E Eufrásia voltava.

A casa antiga da Rua Vitória custava a se abrir. Dela tinham saído dois enterros em dois meses. Lá dentro, por

trás das janelas cerradas para sempre, a mais velha das "três meninas" pedia a Deus que a levasse também.

Quando a criada veio dizer que o Coronel Bento Formoso estava na porta, de chapéu preto e guarda-chuva no braço, Tudinha custou a crer. O fazendeiro mandara-lhe uma carta de pêsames da fazenda, dizendo-lhe que não voltara mais a São Paulo desde o reajustamento do café.

Abraçou-o lacrimosa sobre a passadeira do corredor e ficaram quase embaraçados de constatar que viviam ainda, quando tantos dos seus tinham desaparecido. A velha levou o fazendeiro para a sala de jantar, onde os mesmos cristais e as mesmas pratas ardiam seus fogos ocultos nas paredes de papel verde-escuro e no interior do guarda-louça antigo. Aquela sala de jantar evocava a mocidade para Bento Formoso, dias felizes antes de conhecer Umbelina. Quem diria que ele namorara Tudinha? Ela estava diante dele com os olhos embaçados e sujos, disforme e gorda no luto, as mãos e o rosto crestados dum coscorão de ancianidade. O cabelo ralo amarrado em espanador num coque.

— Elas estão na paz de Deus! — exclamou o fazendeiro.
— Melhor do que nós...

— Bentinho, você não calcula! — começou a velha. — Nós sempre esperamos que a Belinha fosse primeiro... A Maroca era mais moça e mais forte, só sofria dos intestinos, mas andava pela casa. Não vivia entrevada como a Belinha que não se levantou mais depois de São Paulo ter perdido a revolução. A princípio foi birra por causa do Getúlio Vargas. Ela dizia que só havia de se levantar para ver passar o Doutor Washington Luís quando voltasse para a presidência. Mas a Maroca? Quem diria? Mal tinha saído do enterro da Belinha e ela me deixou também... Estou com a cabeça no ar. Como se estivesse completamente embriagada...

— Você deve se resignar, Tudinha... Pensar em Deus...

— Além de tudo descobri que estou diabética... Monsenhor Arquelau chamou o Doutor Celestino para me examinar e ele descobriu que eu estava com 470 no sangue...

— É muito! É muito! Não se descuide...

— Pela primeira vez na vida fui obrigada a tomar injeção. Tomo agora todos os dias, no almoço e no jantar. Vem uma enfermeira aqui. Muito boa... Dona Conceição... Estou com os dois braços furados... Mas o que me mata, Bentinho, é ter perdido minhas duas irmãs ao mesmo tempo. A Belinha, eu já esperava porque sempre foi doente, desde que nasceu lá na fazenda Coqueiral, uma das melhores fazendas da tia Veva... Você se lembra. Era ainda no tempo dos escravos. Bons tempos aqueles! Havia religião e temor de Deus! Ela nasceu de sete meses. Pequeninha... Parecia que nem ia vingar. Pois se criou apesar de viver agonizando... E depois que nossos pais faleceram ficamos sozinhas, mas sempre juntas na graça de Deus... Nosso pai, que Deus lhe dê bom lugar no céu!, dizia que a mulher sofre muito quando se casa e por isso não nos deixou casar... E vendeu todas as fazendas de café em apólices. Você se lembra, Bentinho? A Belinha tinha reumatismo e era muito nervosa... Coitada! Não sei se já contei a você que ela não quis mais sair da cama depois que São Paulo perdeu a guerra...

— Já! Já! — fez o coronel. — E que só se levantaria quando o Doutor Washington Luís voltasse outra vez.

— Mas a Maroca é que foi um choque grande demais para mim... Você sabe como sempre fomos unidas! Ela sofria dos intestinos mas não parecia que tinha gravidade. Os médicos diziam que era colite crônica... Não demos muita importância. Eu é que estou mal da diabete. Os médicos dizem que é o estado nervoso que regula. Mas eu vivo com a cabeça quente com o inventário que não me deixa dormir! Os advogados cuidam pra mim... E eu vivo pensando na Maroca. Coitada! Sofreu tanto para morrer... Monsenhor veio dar extrema-unção...

— Mas você deve se distrair, procurar uma companheirinha para viajar, fazer estações em Araxá...

— Bentinho, me parece que eu estou completamente embriagada...

— Você deve descansar o dia todo e arranjar uma moçinha que cuide da casa...

— Eu tenho Dona Conceição que tratou tão bem da Maroca, é a enfermeira que vem me dar injeção no almoço e no jantar... Mas eu não posso esquecer... Imagine Ben-

tinho... Vivi setenta e seis anos ao lado delas, sempre juntas... Sem deixar nenhum dia... A Maroca sofria dos intestinos mas os médicos trataram errado... Ela gritava quando vinham as hemorróidas... Doía muito... Ela perdia muito sangue e, depois que Belinha jurou que não saía mais da cama enquanto o Doutor Washington Luís não voltasse, era preciso trocar os lençóis toda hora e ela se esalfava muito...

— A Umbelina... — interrompeu o coronel — a Umbelina e eu estivemos pensando em lhe oferecer algum prêmio. Tudinha, você não quer que eu traga uma companhia para você?

— Não sei, Bentinho... Conforme... Quem é?

— É também uma parenta sua... Está numa idade bonita, cheia de energia...

— Mas quem é, Bentinho? Tomara que Deus me ajudasse e me mandasse um anjo da guarda pra morar comigo...

— Você conhece... É a minha neta Dulcina que era afilhada de crisma da Maroca...

— Eu sei... Ela veio visitar a madrinha só uma vez... Depois sumiu da nossa casa. Me disseram que fugiu do colégio e que é muito levada. Tirou o gênio do pai... Essa eu não quero comigo... Não...

O velho, sentado num sofá de palhinha, ergueu a cabeça.

— O Lírio, que nós criamos e demos um diploma de farmacêutico, esteve aqui no enterro da Belinha e da Maroca, contou tudo para mim. Outro dia ele me contou da briga do Major com o Jango... Vocês não estão na paz de Deus. Quem não está com Deus, está com o diabo...

— Minha neta não é tão ruim... Não teve mãe para criá-la...

— Ah! Bentinho. A idéia sempre me foge... Eu não decido nada... Não posso... Estou completamente embriagada... Não aprecio os modos da Dulcina...

Bento Formoso levantara-se. Tinha na mão o chapéu e o guarda-chuva.

— Fique mais um pouco pra tomar um cafezinho! Eu só posso tomar chá. Tenho vontade de vender esta casa... É grande demais pra mim... Vou falar com o Monsenhor.

Quando eu morrer quero deixar dez contos para cada afilhado que eu tenho. O Lírio se ofereceu para vir morar no porão... Eu não quero ele aqui... Eu só queria morrer, Bentinho, sossegar...

A figura mole e trêmula da solteirona acompanhou a calva anciã até a porta.

— Dê lembranças pra Umbelina... Muito obrigada da sua visita Bentinho. Reze pra alma das duas santas que estão na glória de Deus...

O velho saiu distraído. Tudinha fê-lo voltar.

— Escute, Bentinho, a sua neta não presta mais... você sabe?

— Como?

— Ela não é inteira... O Lírio me contou...

Dulcina Formoso fumava em pijama na cama patente de seu quarto pequenino, onde pusera, num vaso, flores do jardim. Acabaria cedendo, indo ao restaurante de Sant'Ana como Pancrácio propunha. As outras mais ricas do que ela faziam. Tinha sob o travesseiro um livro que ele lhe dera. Intitulava-se *Virgindade anti-higiênica*. Era mal escrito. Mas precisava acabar com aquilo. Quem se casaria com ela? Bem cedo tinham-se partido os seus castelos reais. A ruína do avô, a má cabeça do pai, a indiferença dos irmãos haviam feito dela, bem cedo, uma menina diferente, precoce. Jogou o cigarro sobre o tapete puído. Estava cínica. Não interessava continuar se masturbando a dois no escuro dos cinemas ou roçando, querendo entregar-se de calças a Pancrácio que gozava. Pulou da cama, despiu-se. Seu nu moreno passou pelo espelho do guarda-roupa. Vestiu um roupão velho, abriu a janela para a manhã quente. Seus seios eram pequenas peras. Foi a uma gaveta da cômoda, tirou, do fundo, um álbum e pôs-se a rabiscar sobre os joelhos o seu *Diário noturno*.

"Ontem tivemos frio. Um desses começos de inverno que põe *frissons* nas mulheres e fazem-nas aconchegarem mais aos braços do amante, a peliça. O céu de outono é só anil, à

espera da grande ceifadora — a morte, que virá derrubar almas como derruba folhas.

"Dia 21 — Fui ao cinema com Xodó e X... Pulei o portão. Ninguém soube aqui neste asilo de velhice desamparada. Revi na tela Greta Garbo, a minha estranha amiga de infância, a minha infância falecida e enterrada neste túmulo nobre. Como sempre, Greta é estupenda... Estava cheia de nostalgia, toda madreperola. Como nela, oh! Miss Pichorra dos grandes olhos, hay em ti qualquer coisa de grave, de imperturbável e doente! Tens no coração de Ofélia nenhum amor!"

Quindim gesticulava na noite do bairro silencioso.

— A diferença entre eu e Jango é essencial. Ele precisava se gastar nas zonas de fricção. É um temperamento "politi-dinâmico" como diria a deputada Anastácia Pupper se soubesse ler... Eu não, eu talvez não possa me realizar por uma deficiência física, mas pretendo conservar intacta a minha superfície de espanto, porque é isso, só isso que faz o poeta! Eu sinto a incapacidade trágica de escrever. Uma espécie de impotência... A mais trágica das impotências... Vou te contar um tipo que criei para conto, para romance, para poema, nem sei para que. É um tipo que se move no mundo das sombras de Kafka, no mundo dos símbolos de Chirico, no mundo de Rilke... No mundo irreal...

— Que é o verdadeiro mundo real, segundo Sabóia do Carmo que diz que o espírito existe como a batata... — afirmou Cláudio Manoel.

— Esse tipo que eu criei é o que conserva a constante do sonho no meio dessa barafunda do mundo em transformação com o qual ele nada tem. É o homem que, numa rua movimentada de São Paulo, passa diante de uma vitrine onde há um espelho e não consegue ver a sua imagem. Veja o susto que isso produz...

— É um personagem de Rilke. É Malte Briggs...

— É irmão de Malte Briggs! Veja como é importante isso Cláudio, porque o espelho é a realidade objetiva. E o meu herói constata na rua, no meio de um dia útil, com sol,

bondes, automóveis, que ele não tem realidade objetiva, que só ele não tem realidade objetiva...

— Quindim, tenho notado que depois que você entrou na Faculdade de Filosofia está ficando impossível!

— Escute a tragédia, Cláudio. Isso não seria nada. O espelho de uma loja da cidade podia estar mal colocado ou somente reproduzir certos ângulos da rua, ou, ainda, podia estar defeituoso, mas o meu herói vai para casa debaixo daquela terrível dúvida de que pode ser mesmo que não exista objetivamente, que não exista para os outros... No seu quarto, retira da parede um espelho antigo, mantém-no com as mãos sobre uma cômoda, chega-se em frente a ele e também não se vê! Cláudio, é uma grande tragédia! É a tragédia do homem que constata a sua inexistência...

— E depois?

— Depois não sei... Talvez se dê com ele a aventura oposta. Só ele existe. Por exemplo: ele vai para um grande hotel movimentado, com sua vida perfeita, real, cassino, meninas de *short*, velhos de camisa esportiva, adultérios, jóias nas senhoras à noite, garçons, *grooms*, tênis, patins, etc., etc. No dia seguinte acorda com a primeira luz da madrugada e constata um silêncio profundo em torno dele. Espera pacientemente meia hora, uma hora! Tudo quieto... Absolutamente quieto... O hotel morreu. Só ele vive!

— Do melhor Kafka! Por que você não escreve isso, Quindim?

Os dois amigos seguiam o bairro silencioso de Higienópolis.

— Eu falo! Falo na noite que me é favorável! — gritou Quindim.

— Favorável à análise... A hostilidade de um século reacionário afastou pouco a pouco o poeta da linguagem útil e corrente... A poesia teve que justificar-se em sons e protestos ininteligíveis. Parou no balbucio, na telepatia. Parou na análise. Carlos de Jaert ataca os artistas modernos por causa disso. Deles viverem soterrados na análise. Acha que é preciso destruir a alma que se acoitou nos subterrâneos da revolução e só vê esgotamento e doença nas catacumbas líricas! Ele não é capaz de compreender que destas é que saíram as catacumbas políticas!

— Carlos de Jaert é português. . . E português da Beira e, por isso, só participa de qualquer entendimento com a arte e a poesia quando por elas o povo fala. Para ele os grandes poetas são: Victor Hugo e Carducci, e, por muito favor, Walt Whitman. . .

— Quindim, ele é incapaz de compreender que só no pudor e, portanto, no símbolo, o poeta se sente bem. Eu, por exemplo, me sinto aterrado com o erotismo escrito. Abomino as bandalheiras grafadas. . . Acho o cúmulo da pouca-vergonha escrever palavrões como fazem os escritores atuais, que só falam em sexo! É muito diferente a poesia que é ignorância ou voluntária ou fingida. Só no pudor da ignorância reside a poesia, você não acha?

Haviam atingido um palacete escuro em meio de um jardim europeu. Quindim tocou a campainha. Um criado atendeu. Disse que Pedro de Saxe tinha viajado para o Guarujá. Os dois amigos continuaram a pé, pela avenida ensombrada e silente.

Cláudio Manoel prosseguiu.

— A Carlos de Jaert nós podemos opor o Sabóia do Carmo, esse superanormal que é um simples médico psicanalista. . . Ele tem uma consciência clara, transpõe o caos mundial, e adora o panorama da análise que produziu os grandes desconsertos da nossa época. . . Quindim, você que está estudando Filosofia, talvez mais tarde possa dar um lastro a esses diamantes que se perdem na escuridão das cabeças que freqüentam o Clube de Arte. O Sabóia do Carmo conversou muito comigo e com aquela menina do bar. Mostrou-nos claramente o que a ciência conseguiu como dissociação.

— Ele só fala em psicanálise. . .

— Não! Ele falava do milagre físico conseguido, por exemplo, pela radiografia que mostra o que seremos amanhã no túmulo, pela anestesia que consegue retirar a alma do corpo por uma hora, por duas horas. . . Pela ginecologia que liquida o mistério da criação e, portanto, liquida com a mulher e o amor. Citou também o maior prodígio da terapêutica psiquiatra: produzir pela insulina um estado de coma nos alienados para ressuscitar neles a personalidade inicial. É uma pena que esse homem não escreva. . . Você, Quindim, é quem deve fazer o último evangelho de Sabóia do Carmo. . . O último ser humano desvalido, infeliz e consciente, numa

terra que se prepara para dar massas de semideuses através da técnica e da política.

O outro sorriu na boca de criança, os dentes encavalados.

— Eu não escrevo! Só falo! Falo na noite...

Xodó entrara despenteada naquele penhoar leve pelo *hall* do palacete da Avenida Paulista, sem reparar que um homem estava sentado nas bordas duma larga poltrona de couro, escurecida pelo uso. Teve um gesto fechando o penhoar de cetim amarelo sobre as coxas grossas que a camisola fina modelava. Mas viu que era um moço bonito, no bigode tratado, na ondulada cabeleira preta.

— Desculpe!

Ele não se mexeu. Mal ousava sentar-se. Tinha o chapéu de feltro marrom sobre os joelhos. Olhava fingindo que não olhava. Ela saíra automaticamente para a toailete atravessando a sala de jantar escura. O silêncio da casa era enorme. Reajustou o penhoar, refez com um pente largo de marfim os bandôs soltos, ficou furiosa porque não achou na cômoda laquê um batom prestativo. Voltou pequenina, nervosa.

— O senhor está esperando o papai?

— Eu sou o Nazareno...

Ela achegou-se, não compreendendo. O rapaz, tomado de pânico, mostrava uma bolsa fechada sobre a mesinha do centro. Não sabia se levantar, estava grudado àquela beirada de *fauteuil faustoso*, querendo escusar-se, sumir. Articulou:

— Vim cortar o cabelo e fazer a barba do Conde Alberto...

Xodó disse um ah! decepcionado e saiu. — Mundo besta! Tanta gente de boa família pronta para se casar com ela, chateando no telefone, mandando flores, indo nadar na piscina do Tênis Clube ou jogar tênis. Mas todos eram ou desmesuradamente atléticos e brutos ou tortos e horrendos. Nenhum daqueles que a bolinavam nos foxes lentos e no escuro apressado dos cinemas tinha aquele rosto suave, aquela pele fina, aquele beijo caído que dava vontade de chupar! E o nome? Repetiu:

— Nazareno! Mundo besta! Parece uma moça!

Sem perceber a escada, achou-se no andar superior. Penetrou no quarto virginal que dava sobre as alamedas vazias do jardim na manhã solar. Uma neblina suave se esbatia nas flores rubras das latadas, sobre as quais borrava as peluses o roxo das glicínias. Sentou-se ao penteador. Refez de novo os cachos, limpou os olhos com saliva, pintou uma boca perfeita com o batom novo, pulado como um sexo do estojinho de couro. Sapecou de *Raquel* as faces, deu uma olhada no grande espelho de três portas, abriu um pouco o penhoar, deixando desenhar-se na camisola a curva de um seio. Estava de novo no *hall*. O rapaz parecia dormir.

— O senhor é quem serve o papai no salão Estados Unidos?

— Sou sim senhora... Depois que ele deixou de fazer no Automóvel Clube...

— Às vezes nós procuramos papai pela cidade inteira...

— Ele tem ido lá de tarde...

— Será bom o senhor deixar o seu telefone. Assim, se eu precisar de papai, eu chamo e falo com o senhor...

O barbeiro tirou, desapontado, uma porção de papéis do bolso, procurou um cartão que ofereceu. Ela ficara ali perto, quase no caminho da mesa obrigando-o a desviar-se. Os olhos verdes dardejavam inocentemente sobre os olhos negros do rapaz.

Um vulto estacara atrás de ambos.

— Maria Luíza!

— É o barbeiro de papai, mamãe...

— Ele desce já... Retire-se!

— Porco, cobra, jacaré! 2\$000 no terno...

Lírio de Piratininga refizera imediatamente o sonho. Estava dormindo com uma porção de vagabundos debaixo de uma ponte. Um vagabundo dizia: — Cartório é ofício de branco! Desista Lírio! Você não arranja nem com o P.R.P. nem com o P.C. Só se o Partido Comunista vencer!

Aquilo só podia ser sonho profético. Consultara na véspera a Zulma. Tinha ido de ônibus ao Jabaquara para saber

do seu futuro. E a feiticeira lhe dissera que vira uma branca atravessada na sua vida. Branca que ele gostava era aquela boa do cabaré. Tinha dado tudo. A filha do italiano de Jurema também lhe dera. Mas Ludovica não passava de uma aleijada pobre que depois de ter ficado rica o enxotara como um cachorro.

— Um dia é da caça! Outro...

Lírio levantou-se, os braços estirados como se ensaiasse passos de dança, bocejou longamente ao espelho do guarda-roupa do quarto alugado na casa do Ventura, perto do Tamanduatéi.

— Que cara! Quando sonho comigo mesmo dá borboleta!

Materialismo era besteira. Ele topava a revolução social. Todo negro é desgraçado, desgraçado por natureza. A solução brasileira da mestiçagem continuava cada vez mais demorada. Mas ele no fundo sabia que havia no mundo qualquer coisa além da luta de classes. A Maria-Aeroplano que fora a mãe-preta de sua infância na Formosa lhe ensinara rezas e feitiços. Dera-lhe aquele amuleto de couro que ele agora trazia de novo no pescoço. Até a medalhinha de prata do Bom Jesus de Jurema ele jogara na cara da mulher quando deixou a farmácia. Estivera em criança num colégio de padres. Gostava das novenas e das missas cantadas. Queria ser padre mas o confessor rira dele. Preto, nem coroinha! A igreja permanecia ofício de branco. Como cartório! Deus era grande. Havia qualquer coisa acima da igreja. Os comunistas são bestas em quererem negar a Deus. Ele tivera uma crise de materialismo em Jurema. Com isso não topava mais. Deus escrevia direito por linhas tortas. O Dr. Marialva lhe arranjara um lugar de revisor num grande jornal. Podia mesmo acordar tarde assim. Detestava o padre José Beato e todos os padres da terra. — São tão exploradores como os japoneses! — Deus tarda mas não falta! As "três meninas" tinham-no enchido desse vago providencialismo que às vezes dava certo, às vezes não. Escapara ileso da revolução. Entrara para o P.C. Ia trabalhar bastante nas eleições. No jornal havia de subir. Tinha começado a escrever um conto mas era um neófito. Viu a cueca suja no encosto da cadeira. Abriu a boca num bocejo barulhento. Deitou-se de novo.

— Sinto em mim qualquer coisa que minhoca não come... Isso que chamam de alma!

Continuou rememorando. Inutilmente tentou pegar no sono. — Que horas seriam? — Deu um pulo da cama de ferro. Viu o relógio. Foi ao espelho quadrado e pequeno que pendia da parede perto da janela. Comprara-o no Salim Abara. Era a única coisa que guardava da casa do italiano. Olhou a cara esquelética. O sírio de Jurema queria que ele continuasse a escrever artigos contra os japoneses.

— Negro fia da puta! — exclamou insultando-se. — Que tinha você de receber dinheiro do Muraoka para vir pra São Paulo?

Verdade que Muraoka era um japonês diferente dos outros. Tinha mandado a filha estudar no Ginásio Mackenzie. Depois Saru ia para a Faculdade de Filosofia. Falava tudo errado. "Mackenzi... Faculdade de Filosofia..." Não havia nada como a nota. Japonês cheio da nota ficava diferente. O Abara lhe dera dinheiro para fazer campanha contra o japonês, seu concorrente comercial. Muraoka lhe dera a nota para vir embora. Uma vez ele dissera na farmácia São Galeno, em Jurema, que Muraoka era a favor da nacionalização do imigrante. Mentira! Tudo era mentira! Muraoka era um dos chefes da ocupação estratégica do Sul. E o obrigara a assinar uma letra de câmbio por um ano para lhe fornecer o dinheiro da viagem. Tinha reformado a letra por mais seis meses. Estava vencendo o prazo. Iria procurar o filho de Salim, Jorge Abara, que era promotor, para reclamar o dinheiro que o pai lhe prometera. Se ele não desse tinha que arranjar com o P.C. Com o delegado Marialva Guimarães. Com o Pádua Lopes. E escreveria uma carta ao Dr. Miguel Couto contando o que era o japonês. Miguel Couto encabeçava a luta contra a imigração amarela e talvez lhe desse uns biscates pelas informações e talvez mesmo um emprego melhor.

Procurou na gaveta remexida de papéis o estilô e um bloco. Começou: "Prezado confrade". Era demais. Rasgou a folha. "Prezado Mestre". Mestre ficava bem. Afinal ele era um farmacêutico e Miguel Couto a maior sumidade clínica do Brasil de todos os tempos. Não se avacalhava chamando-o de mestre. "Desculpe a caceteação, mas o alto sentimento cívico e patriótico que me anima, me obriga a soltar esse grito de angústia que pede o obséquio de sua benevolência para escutá-lo, dos píncaros em que vos achais".

— Que diabo! Dor de estômago não é pior que dor-de-corno!

Agora não era como antigamente que tinha todas as manhãs na cama o café com leite gordo, manteiga, bananada com queijo, bolo de fubã e pão doce trazido pela manca numa bandeja enorme. As vezes Ludovica perguntava se queria mais. Ele dava o estrilo mas, acabava aceitando, quando Nicolau Abramonte saía. Continuou: “Entre os golpes assediados pelos japoneses contra a soberania deste desgraçado filho pródigo, depois de 30, que é São Paulo, figura um que não pode ficar silente. Não se trata do habitual esquecimento que os japoneses têm pela gloriosa bandeira nacional, ‘símbolo augusto da paz’ e que fica num canto esquecida durante as festas onde figuram todas as bandeiras inclusive a americana! Mas eis que houve uma excursão dos meninos das escolas de Registo-Gô — a capital amarela da América do Sul — para ver as plantações de amora para os bichos-deseada do célebre bairro da Raposa, e escreveram uma coisa em japonês na lousa que ninguém queria traduzir. Eu dei do meu bolso \$200 a um japonezinho e ele me disse que ali estava escrito que quem não fosse à excursão tinha por castigo aprender a ‘língua de basirero’. Ora, ilustre Mestre, estamos por acaso na Idade Média? Assistiremos de novo a uma Invasão de Bárbaros? Ou vivemos no ‘Século das Luzes’ e da ‘Águia de Haia’, o ínclito Rui Barbosa?... Mas voltando à vaca fria, como se diz com graça, vou lhe narrar um fato passado no litoral onde trabalhei vários anos, pois exerço a nobre profissão de discípulo de Hipócrates, Galeno, Pasteur e Miguel Couto. Na minha própria farmácia um japonês teve a ousadia de afirmar que a natalidade no Japão só tinha um remédio: a aquisição de terras pela força dos tratados ou, se fosse necessário, pela *força das armas!* Veja, caro mestre, como este magno problema afeta até a nossa defesa nacional. No entanto há alguns cínicos que afirmam que a colonização japonesa é a melhor que existe. Porém, é muito fácil de explicar o rendimento do imigrante amarelo. Isso que se chama pomposamente de *milagre japonês* afirmando com razão que um alqueire de terra dá 60:000\$000 na mão do amarelo e só rende 2:000\$000 na mão do caboclo. Mestre Miguel Couto, essa é a mais infamosa propaganda feita contra o nosso caipira, que eu tenho visto. Vou lhe ex-

plicar porquê em duas palavras apenas: o amarelo arrenda a terra e quando a abandona esta não presta mais pra nada. Eles usam uma qualidade de adubo tal que inutiliza a terra depois de um certo tempo e então o caboclo que não conhece o truque deles vai plantar nessa terra e só toma na cabeça. A terra que o japonês utiliza só serve depois pra dar vulcão, como na terra deles. . . O senhor, Professor, sabe também que os japoneses são todos organizados em cooperativas, que não lhes falta o auxílio econômico vindo diretamente do governo de Tóquio. De lá vêm também técnicos formidáveis: engenheiros agrônomos, eletricitas, arquitetos, químicos e sábios. Não duvide! Além disso eles eliminam o intermediário que é o maior cancro do regime capitalista e que estrangula o nosso caboclo. E só se interessam pela pequena propriedade. Oh! não tenha a menor dúvida sobre o que lhe estou dizendo Professor! Os crimes nefandos que eles têm cometido para se apossar das terras do pobre nacional precisam ser vingados! Mais cedo ou mais tarde! Não raro os amarelos dão sumiço a um cidadão brasileiro cujo cadáver decomposto aparece boiando no rio ou praia do mar. Na maioria das vezes nem os cadáveres dos chefes de família aparecem mais e então os indesejáveis imigrantes escorraçam as pobres viúvas e os míseros órfãos do sítio e se apossam da terra. Também não raras vezes aparecem uns brasileiros renegados e ordinários que os amarelos embebedam e subornam, fazendo-se passar pelo assassinado para poderem assinar por qualquer 100\$000 as escrituras vendendo as terras a eles. É por isso que os japoneses já possuem enormes extensões de solo pátrio. Veja que perigo estamos correndo! Além disso trata-se de uma ocupação estratégica, pois não se explica a causa pela qual eles vão para terras ruins que nada produzem. E parece que não é estranho a essas façanhas o credo nefando de Plínio Salgado. Saindo do Porto de Cananêia, onde pode caber a esquadra inteira do Mikado e que eles já envolveram completamente, daí eles vêm até Juquiá e daí passando por Cutia e pela Capital do Estado seguem o rumo da Estrada de Ferro Noroeste na direção de Mato Grosso, da Bolívia e do Peru, onde consta que eles têm bases navais e aéreas nas ilhas do Oceano Pacífico, a fim de tomar o Canal de Panamá num só dia e cortar as Américas num abrir e fechar d'olhos, caindo assim o nosso querido

Brasil em suas garras de repente! Veja que infelicidade, Caro Mestre! Com a admiração crescente do seu criado e colega. Dr. Rebouças do V. P. São Paulo — Posta-Restante."

Lírio ergueu o estilô espreguiçando-se. Graças a Deus! Foi buscar um caderninho amassado no bolso da calça pendurada no cabide. Folheou-o duas vezes.

— Tenho só vinte e cinco dias de prazo para arranjar a nota.

Tomou de novo a caneta-tinteiro para fazer o seguinte *post scriptum*: "O mais perigoso de toda a região Sul do litoral paulista é o negociante chamado Muraoka que dizem que era *Almirante* no Japão. Este deve ser imediatamente preso e deportado. *É favor...*

Bateram na porta. Lírio escondeu a carta e ficou de pé esperando. Bateram de novo. Ele perguntou quem era. Uma voz infantil respondeu. Abriu e espiou. Um menino trouxera-lhe o terno de alpaca preto que a Tudinha lhe prometera em memória das "duas meninas" falecidas. Agradeceu. Girou três vezes a chave na fechadura e antes de examinar o presente terminou o *post scriptum*: *É favor picar esta depois que ler*".

Quindim desenhou com letra fina: "Só há seriedade dos dez aos vinte anos. Depois o homem se torna um bandalho ou um escravo". Ele fizera vinte anos na véspera e ninguém festejara-o no casarão esquecido onde a avó malucava em cima, malucava embaixo Maria-Aeroplano. A irmã dera-lhe um beijo e pusera flores do jardim no vaso de porcelana francesa, esguio e antigo, do seu quarto. Ao jantar viera Cláudio Manoel dizendo que Proust era o homem da erosão. Toda a sua obra não passava do panorama da erosão da sociedade burguesa. — É o Eça de Queirós francês, mais nada... Monsieur de Charlus é o Conselheiro Acácio da pederastia... — Evidentemente que Cláudio pendia para os comunistas depois daquela série de sessões brilhantes do Clube de Arte. Ele nunca entraria para o comunismo por causa de Maria Parede. Sujeitinha cafajuste! Meu Deus! Que importava que

ele fosse um bandalho. Se sua classe se separava das outras pelas maneiras. Diante da proletária improvisada que nunca deixara de ser a filha do Idílio da Formosa, ele sentia-se etéreo, despegado do solo. Amaneirava os gestos sem vê-la, aflautava a voz. Ela chamara-o de "veado" no Clube, mas ele não tomara conhecimento. *Never explain, never complain!* Nunca se queixar, nunca explicar nada na vida!

Maria Parede excitava-o como um homem. Lembrava-lhe o Dráusio. A fé que tinha nos olhos, nos gestos, nas explosões, apagava-se de repente. Vinha-lhe a lembrança de Dráusio, o criado que o iniciara em criança. Como fora aquilo? Sonhara com Dráusio agora com vinte anos. Agora, que, se o encontrasse na rua, levaria para Santos onde passariam uma semana num hotel anônimo do Gonzaga. Dava-lhe um relógio de pulso. Ele adorava relógios. Fora ele quem lhe lembrara que poderia por no prego as jóias da avó, desmontando-as para não serem reconhecidas, e lhe dissera depois:

— Você é um ladrão, Quindim! O Dráusio... Que homem! Que cheiro de homem! Cheiro sujo de homem! Tinha um pouco do cheiro de folha, do cheiro de vaca...

A aquisição fora completa. O inconsciente noturno restituíra-lhe o Dráusio. Vivo, perfeito. A princípio não reconheceu bem quem o empolgava por detrás, numa cama. Mas vira, vira tudo. A mão que o sabotava, tirava-lhe as cuecas com um gesto, possuía-o. Não tivera nenhum prazer. Mas ficara a cena. Aquilo era seu. Podia deformar infinitamente o segredo magnífico nas suas solidões. Fechou as venezianas verdes sobre o jardim. Deitou-se e foi se despindo para sentir as mãos do Dráusio.

Jango subiu o elevador do Automóvel Clube que o Major não freqüentava mais. Os interesses dos cafeicultores, dos industriais e dos políticos e dos simples parasitas reuniam grupos, formavam palestras e mantinham esperança de dias melhores. No fundo da sua surdez, Calheiros da Graça, calvo e quieto, perdia-se, horas e horas, percorrendo a mesma revista. Era um número da *Fortune*. Dorminhocava, soltando guinchos, cumprimentando os que passavam. Punha os óculos

de novo, de novo perdia-se na revista. Jango, no sofá de couro, pensava que aquele canto do Clube era um esconderijo da desgraça conjugal de Calheiros. Ali a russa deixava-o em paz. Não vinha xingá-lo, exigir dinheiro, enchê-lo de bofetadas. Os *Clubmen* não consentiriam. E havia a polícia vigilante dos garçons e do ascensorista que atiravam àquela sala de espera da entrada todo estranho que aparecesse para falar com um sócio. Ali a mulher não pisava.

A alta estatura de Carmo Agripa veio da sala de jogo. Estava barbeado e trazia uma insolência antiga na boca fina sob o bigode branco e aparado. Os olhos viviam inteligentes e ativos. Sentou-se ao lado de Jango.

— De que você está rindo, seu maroto!

— Um japonês me disse que país sem fantasma não vale nada.

— Então o Brasil vale muito, porque só tem fantasma!

— O que o Brasil tem é alma-do-outro-mundo, o que é muito diferente.

— Tem também grandes possibilidades.

— Só possibilidades. Que há de novo?

— O Spin chegou. O carcamano salvou Piratininga! Os Agripa estão degenerando... É o que nos resta. O imigrante...

Jango disse:

— Eu não entendo mais nada...

— Quem é que entende?

— Vi o Pancrácio aqui. Parece até que já é sócio do Clube.

— É. Ele esteve aí, de dentadura... Agora já pode morder melhor...

— Eu cada vez mais me afasto de minha gente e deste Clube. O proletariado é muito mais interessante.

— Pois eu não pretendo deixar este caminho. Fico aqui vendo a cabralhada batendo os chifres no corredor...

Calheiros da Graça ganiu um bocejo longo, levantou-se. Passou cumprimentando.

— Eu queria ver o Pádua Lopes. Ele deve saber, conhecer o pensamento político do Spin.

— Por que você não vai à casa do Totó? Eles estão lá!...

- Como? Não é possível.
- Carmo Agripa sacudia a cabeça grisalha.
- O general Café é que manda...

Carros finos paravam diante do portão que abria o jardim tratado, onde um grilo estacava das luvas brancas.

Jango desceu de um táxi, vendo sair, de outro, Jorge Abara, em companhia de dois "tenentes". O turquinho liberal queria afirmar-se na política nova. Deixou-os passar na frente, penetrou no jardim arborizado de faias esguias que circundava a casa em Renascença francesa. Um português em mangas de camisa esguichava a relva falhada pela seca.

Salas abriam-se numa elegância medida e antiga. À entrada, uma velha arca descascava para a curiosidade dos visitantes. Bons tapetes orientais, um biombo de laca preta com cisnes alvos. Portas de jacarandá, fechos de bronze. A saleta continha uma pequena estante de carvalho com alguns livros. Diziam que aquela era a biblioteca de Totó Agripa. Altos *fauteuils*, sofás, um piano de cauda Beschstein, ladeado de Bukharas autênticos. Sobre consolos, mangas bojudas de vidro encimadas por abajures de papelão. Um lustre Luís XV, um espelho novo. Nas paredes do salão, uma cavallhada e uma marinha. A escada de mármore conduzia aos aposentos.

Jango foi logo introduzido para uma sala fechada onde Pádua Lopes atendia ao lado de Otávio Agripa. O político alto e nervoso parecia precocemente envelhecido. Sentado a uma poltrona estava Pancrácio Fortes. Cumprimentou o moço fazendeiro com afabilidade. Pádua Lopes tinha o cigarro nos dentes e falava com uma segurança quase agressiva. Trazia nas palavras, no olhar, na displicência, uma autoridade nova, desconhecida dos velhos companheiros de luta. Fez entrar Jorge Abara que trazia uma representação de queixosos. O promotor fixou sobre ele os óculos sem aro, acusou. Desfiou uma série de descontentamentos. Jango tomara uma cadeira ao fundo e escutava os dois homens de pé. Jorge Abara citava casos. Mas Pádua Lopes, cortante, seguro, repelia,

explicava. Agora do vasto campo de acusações trazido restava muito pouco.

— Gente nossa foi esbulhada...

— Porque quiseram.

— Estão subornando.

— Porque não há caráter. O que perde o Brasil é a falta de caráter. Só isso!

Parou equilibrando o cigarro. Interpelou o outro:

— Você continua nosso ou não?

— Ora essa!

Pancrácio disse a Jorge Abara:

— Precisamos ter juízo! Estamos ficando sem dentes e sem cabelos. Ou vocês preferem que o Prestes venha aí e tome conta?

No grande salão do Clube Comercial, entre maus quadros e estuques, tapetes e poltronas, fazendeiros reajustavam-se cronicamente na penumbra.

Na saleta de espera, *grooms* de toda ordem atendiam tipos de toda ordem.

O Carlos Alberto de Melo penetrou, procurou Antônio Agripa que centralizava uma roda.

— Parece que há qualquer coisa no Rio...

— Revolução...

Houve um silêncio grave.

— A situação é péssima... Vocês sabem do comício que houve?

— As esquerdas querem se unir!

— E o Pancrácio? Virou?

— Rompeu com Pádua Lopes por causa de um projeto apresentado ao Congresso. Fez um discurso danado... disse o diabo! Confessou em público que tinha transacionado porque lhe prometeram dar um cartório. Bateu no peito como um penitente. Falou da Coluna Prestes...

— Desordem... desordem... — exclamou Totó Agripa.
— Pobre Brasil!

Nesse momento, Henrique de Barros Ferguson penetrou na sala. Vinha fumando um charuto, parecia nervoso.

— Você sabe de alguma coisa?
— Dizem que estourou um movimento no Rio...
Ficaram todos estáticos, silenciosos. Haviaram todos so-
frido na pele o peso abafante das revoluções.
Pareceu que qualquer coisa estrondava lá fora, no céu.
— Vocês ouviram?
— Canhão?
— É um aeroplano...
— É motocicleta.

Levantaram-se os grupos. Foram pesquisar o Anhangabaú adormecido e iluminado.

Um médico de óculos disse:

— Teremos que nos bater outra vez.

Lá embaixo um homem andava. Seus passos calmos no parque não refletiam a inquietação que possuía os *Clubmen*.

— Em 24 foi assim. Ninguém sabia...

Totó Agripa decidiu tomar o chapéu que um *groom* trouxe atarantado. Saiu em silêncio com Henrique Ferguson. Caminharam. O luar pulverizava-se na noite cálida. Uma sombra de casa alta dividia o calçamento. Um guarda passou levando na bota o luar, sob a casa deserta como um cadáver. Seus passos ressoaram até entrar na zona antifantasmal dos combustores elétricos. Um bonde vazio apareceu.

Os dois homens passaram o viaduto velho, interrogando a cidade.

Um véu de silêncio parecia encobrir os bairros distantes que luzes encarvoadas apenas marcavam. Alguma coisa se processava decerto naquela calma noite enluarada que prenunciava o verão. Onde estariam concentrados àquelas horas os comunistas? Em que casas confusas daquele cenário quieto tramavam a chacina que ameaçava o país?

Dois automóveis passaram buzinando. Uma motocicleta lembrava, longe, disparos de metralhadora pelas ruas.

— Pode ser um sinal!

Lágrimas de luz haviam estourado no fim da cidade fecunda de tragédias.

Oh! Guerreiros da Taba Sagrada

O ALAZÃO refugou na porteira onde estava escrito a cal "ADIANADÓPOLIS". Carlos Benjamin meteu as esporas, achegou o animal, passou. E na estrada silenciosa do domingo, o trote largo do meio-sangue afastou o rapaz da velha casa da fazenda Anica, alteada sobre pilares antigos. Deixando o pavilhão novo para sua residência de campo, o Conde Carlos Alberto de Melo instalara aí no solar o seu quartel-general de reformas e melhoramentos. Ao lado daquele casarão, que ainda conservava nas paredes dos salões fantasmas pinturas a óleo-escuro com paisagens e naturezas mortas, erguer-se-ia o hotel da futura estância hidromineral, serpenteariam seus caminhos civilizados, fulgiria sua piscina e o seu mirante se ergueria na paisagística trabalhada por um arquiteto francês. Era isso! O conde não passava de um oportunista! Manifestava todas as simpatias pelo credo nacional de Plínio Salgado, mas quando chegava a hora de dar trabalho a alguém chamava um estrangeiro! E recusava-se a vestir em público a camisa verde dos integralistas. A burguesia morria por causa

dessas contradições. Auxiliava o Partido, de quem a amante francesa do Jardim América era a madrinha entusiástica. Mas, agora, nas eleições que se anunciavam, desmascarara-se, encabeçando a chapa dos liberais. Tomado de despeito, o moço de grandes olhos arregalados, os dentes à mostra na boca entreaberta, atravessou o campo pelado e rústico. Aquilo ali ainda era muito bruto. Para em três anos limparem-se os socavões, arborizarem-se os morros, captar-se a água da fonte carbonada, construir-se o hotel, era necessário que a Frente Única Liberal vencesse as eleições e fizesse o conde deputado. Então, a despudorada política dos arranjos para os amigos, que desgraçara sempre o país, poderia atender às gigantescas pretensões do nobre genro do senhor da Formosa.

O chiqueirão lá embaixo estava repleto de porcos. Tatu-zinhos fuçavam os alagados. O cavaleiro atravessou um pomar abandonado. Avistou longe as pocilgas centenárias que constituíam a colônia. Tudo aquilo o favoritismo político transformaria no éden perfeito de Adiantadópolis, entregando ao conde mais um torpe monopólio. De nada, porém, serviriam as manifestações de simpatia que ele manifestava pelo fascismo, se seu partido, a quem daria os seus vinte anos, vencesse um dia. Só então se extirpariam para sempre as mazelas da pátria.

No alazão do grande proprietário, Carlos Benjamin levava consigo a secreta missão de obter adeptos para o credo novo que fazia o Brasil estremecer ao grito de "Deus, Pátria e Família". Aceitara aquela incumbência de Alberto de Melo de reunir os antigos eleitores das choças e dos bairros e a eles tudo prometer para organizarem-se as velhas fraudes eleitorais que o levariam à Constituinte prometida por Getúlio Vargas, depois da Guerra de 32. Mas sua missão era outra. Um choro bruto de água caía de chofre no abismo sob a estrada. O sol batia a extensão recendendo a catingueiro. Longe, fitas de cascata despencavam da serra a pique. A aristocracia dos velhos senhores feudais fora substituída pelo arrivismo dos novos-ricos que se assenhoreavam das herdeiras dos latifúndios. Era bem representativo da época esse conde de papelão! Frente ao cavalo um automóvel faiscou num balanço, assustando-o. Deixou para trás o moço em areia grossa.

— Judeu, fia da puta!

Carlos Benjamin pôde divisar no volante a figura bem-posta do Vitalino, o gerente da casa bancária na Capital, que fora comprada pelo italiano Abramonte. Diziam que o conde era sócio oculto dessa organização de *gangsters* que esganara o Coronel Bento Formoso, seu próprio sogro. Quando Felicidade Branca ia para São Paulo, o conde recebia em audiência secreta o visitante de agora. Sempre notara isso.

— São os amigos da América imperialista que teremos de fuzilar junto com os comunistas... Salteado... um americano, um comunista! Vão ver!

Varou por um caminho entre canaviais, atingiu uma casa de sítio, apeou saudando um velho italiano sentado, de chapéu na cabeça, à escada de pau. Na sala limpa, varrida, pelegos cobriam as camas inúmeras. Moças bonitas e desdentadas carregavam crianças de colo. Meninotes apareceram vestidos de homem. O visitante tratou de indagar da cidadania do grupo. Eram todos italianos. Notara na parede uma litografia feroz do Duce sob um capacete de aço.

— O governo quer verificar quem é brasileiro... Para as eleições... Vocês não servem porque são italianos, nasceram na terra do grande Mussolini!

Os moços caipiras tinham caras envelhecidas e parvas nos figurinos duros dos alfaiates jecas. Era gente remediada que sabia se endomíngar. Num hangar ao fundo da chácara fabricavam açúcar e pinga para vender.

— Eu admiro muito o Duce. Aqui nós vamos ter logo a mesma coisa. No mundo inteiro!

Só o velho no chapéu de feltro parecia compreender.

— Vocês decerto não querem se naturalizar brasileiros!

— Non signore. Non siamo cabocri... .

— O Brasil só endireita quando nós tivermos um Mussolini. Vocês viram como a Inglaterra ajoelhou diante da Itália?

O velho tinha um sorriso franco nos olhos encarquilhados, miúdos.

— A Itália manda no mundo!

Carlos Benjamin montara o alazão. Saudou a família com a mão erguida e galopou. Levava a sua melhor alegria, a alegria partidária. Havia encontrado, naquele deserto, gente

que pulsava com ele na luta contra o imperialismo anglo-americano. Ali não havia lugar para as tramóias eleitorais do Conde Alberto de Melo e sua grei.

A estrada rodeou um morro, subiu. Ele viu de novo as cascatas distantes na serra. Um riacho entre os capoeirões. E a barba-de-bode intérmina dos latifúndios ponteava-se de cupim.

A uma encruzilhada, tomou um caminho estreito, barrento e ensombrado. Parou diante de um rancho de sapé. Sobre a casa de caipira um maço de árvores floridas inaugurava a floresta donde vinham gritos de pássaros. Uma mulher papuda e cor de terra apareceu à porta. Um menininho nu, a barriga saltada, saiu correndo para os fundos.

— Às tarlde!

— Vocês conhecem o Conde Alberto de Melo?

— Nhô Arberto... Conheço...

Um velho e um moço surgiram na camisa limpa dos domingos, sob a calça de riscado. A mulher avisou:

— São gente da Formosa. Nhô Arberto...

— Meu pai era colônio do coroné...

— Nhô Arberto é o marido de Dona Felicidade...

— Dona Felicidade batizô duas netinha nossa...

O rapaz apeara.

— Pois é... Ele me mandou visitar vocês. Agora vêm as eleições...

— Nós semo P.R.P. Temo por baxo...

— E o que tem isso?

— Nós não vota mais...

— Por quê?

O velho desatou a falar:

— Nossa famia votô dezassete ano no Coroné Joca.

Ele nunca deu confiança pro povo despois que subiu. Tornava pidi, nós tornava votá, tornava não dá confiança.

A papuda exclamou:

— Dava banana!

— Na véspera da inleição é só promessa de consertá a ponte. A ponte já caiu de tudo. Só tem pinguela...

— É assim mesmo — disse Carlos Benjamin. — Mas agora o governo obriga a votar.

— Nós não vai!

— Têm multa.

— Nós não paga.
— Se vocês não pagarem, perdem a terra.
— Cumé que mecê disse?
— Vocês não pagam impostos?
— Paguemo na colataria.
— Quando vocês forem pagar impostos, eles perguntam se vocês votaram e, como vocês não têm prova, encencam, não recebem o imposto e depois tomam o sítio de vocês. . .

O caboclo mais velho refletia;

— Só ansim eles pode ganhá voto!

O integralista sentia crescer dentro dele uma revolta de consciência.

Não podia continuar se prestando àquele jogo. Aquele casebre de barro sem portas que seu olhar varava até o fundo, com pedaços derrubados pelo vento e pela chuva, onde latas e panos velhos tapavam os buracos, era o produto do liberalismo. Só Plínio Salgado e os integralistas salvariam o Brasil, arrancariam aquela gente da miséria em que vegetava.

— Vocês conhecem Henri Poincaré? É o maior espírito de síntese de nossa época. . . Pois é. . . Vocês moram num chiqueiro!

— Nós tá aqui de qualquer jeito!

— Não tem carçado, não tem remédio pra se tratá!

— Vocês vivem na subalimentação. Sem higiene, sem nada. Isto é uma pocilga!

— Pois é! Nós tinha casa boa. Nosso pai morava numa fazendinha. . . Tiraro dele. . .

— E quem tirou?

— Foi o Majó da Formosa que mandô ele fazê uma decraração. . . Depois avançô. . .

Carlos Benjamín sabia das simpatias políticas do Major pelo seu credo, das suas relações pessoais com o Chefe.

— Vocês deviam por forro e soalho nesta casa. . .

— Se pô forro e soaio as criançada costipa. . .

Houve silêncio, onde as árvores se ouviam.

— Tudo muda no Brasil se um partido que tem, de camisa verde, tomar conta do governo. . .

Da floresta, vieram gritos de passarinhos aflitos.

— Vocês pegam o título de eleitor e votam no candidato que presta. . . Se não quiserem o Conde. . .

— É a merma coisa! . . .

A mulher comentou:

— Sobee às custa da gente, depois nem num conhece mais!

— Esses da camisa verde não são assim. Capaz! Esses são outra coisa. Eles têm um homem sério como chefe, o Doutor Plínio Salgado. Justamente eles põem camisa verde para não se parecer com os outros, não confundir... Eles é que hão de acabar com as roubalheiras dos políticos e tirar o dinheiro dos judeus pra dar pra vocês...

— Mecê me descurpe mais política de pobre é enxada.

— Eles vão por para fora daqui tudo que é estrangeiro. Expulsar sem dó nem piedade!

— Devia mermo. O que estraga a gente é essa intalianada!

— E o japoneis!

— E o judeu! — insistiu o rapaz. — O judeu é o pior que tem! Nem se compara!

A mulher papuda arreganhou a boca sem dentes.

— Matô Nosso Sinhô!

— Pois é! Vocês pegam o título e votam no partido camisa verde que se chama Integralista... O conde quer que eu arranje votos pra ele. Mas eu não acho jeito de mentir pra vocês. Só os camisas verdes é que podem endireitar o Brasil e por pra fora os estrangeiros.

Os caboclos escutavam. Ele despediu-se, atirando um níquel ao menininho de barriga inchada que reaparecera.

— Quando eu voltar eu trago uma bula pra vocês lerem...

— Nós não sabe lê...

Estava a cavalo. Saudou com o braço erguido.

— Anauê companheiros! Pelo Brasil! Para salvar o Brasil.

O velho permanecia à porta do casebre de barro torto, olhando o cavaleiro sumir na estrada entre pequenas roças que o sol implacável esturricava. Exclamou, a cara sumida pela fome e morta pela chupança.

— É prosa dele! Tudo é a merma coisa!

Voltou para junto dos seus. Aquela gente fiel e sem queixa ajustara-se à miséria. Da parede de barro pendia uma litografia do Bom Jesus de Jurema.

— Votá pra quê? Mió ficá debarde.

— Mais vale quem Nosso Sinhô ajuda!

Do fundo abismal em que haviam caído, agradeciam a Deus o que lhes coubera na partilha avara do mundo. Como os granadeiros de Napoleão que morriam aclamando o Imperador.

— Pra morde que sarvá o Brasir?

O Brasil era eles. No casebre, quando a chuva caía, molhava os corpos tiritantes. Mas logo vinha o sol. As flores de São João flambavam. E na mata caía o ouro vertical dos ipês.

Dos mármore polidos do *hall* tinham passado aos tapetes orientais do *living-room* para degustar o *Dubonet* e o *cocktail* servidos em cristalinos cálices de Igreja. A Condessa Leon-tine Bourrichon inaugurava com mais um almoço a sua residência no Jardim América.

— Que bambe! Você stava em São Paolo!

— Não é bamba nenhuma! — exclamou Jack de São Cristóvão polido, na alta estatura que vestia um completo esportivo.

— Você vem armoçá? Tem uns camarron daqui! Fui na fere!

— Não posso. Embarco num avião de um amigo para o Rio. Se soubesse adiava... Fiz um lanche...

A dona da casa tinha um metro e vinte de altura, os olhos cansados, um nariz de *soubrette* num corpo de criança. Embarafustou para o grupo de homens.

— Vocês non viu minha camisa verde? Io mandê fazerr... Vô vistir no dia da posse do Plínio Salgado...

O Major da Formosa suspendia um copo de *Dubonet* na mão que se enclavinhara sobre ele. Fora chamado para a cruzada contra o comunismo que o Conde Alberto de Melo organizava com as forças conservadoras da cidade. Exclamou:

— A Rússia não é o pomo da discórdia. É o tomate da discórdia! O pomídro...

Os convidados riram discretamente.

— O negoce non stá pra dá risade! Felizmente a France tem o Laval qui vâ fazerr o aliance com o Mussolini...

— É — explicou o conde — todas as forças políticas têm que se organizar contra a praga vermelha que chegou até aqui... Eu sou um velho liberal mas neste caso estou com o Plínio. Outro dia discuti com um dos rapazes da nossa alta sociedade. Não compreendo como é que tanta gente boa adere à essa coisa monstruosa de Moscou!

— É a moda! — interrompeu o arquiteto. — Para dizer que somos civilizados...

— Eu falei a esse rapaz... Você... Um Saxe... Comunista! Você...

— *Qu'est-ce que tu lui a dit?* — perguntou Leô que parara de servir o aperitivo.

— Você é comunista porque não tem irmãs... Ainda se vocês fundassem um comunismo de boa família, vá lá! Mas querem fazer um comunismo de cortiço. Comunismo com operários! É o cúmulo!

— Felizmente temos Plínio Salgado que além de tudo conta com o auxílio do clero... Essa figura admirável que é Monsenhor Arquelau está vigilante ao lado dos integristas.

Quem falava era um rapaz anafado e vermelho que chamavam de Chiquito. Perguntou:

— Ele não vem almoçar aqui?

— Estamos esperando-o! — fez o conde. — Virá com certeza. Pediu até que servissemos o almoço mais cedo, contra os nossos hábitos...

Leô entrava seguida de um cãozinho tonquinês. O conde gritou:

— Leve esse cachorro pra lá! Padre não gosta de cachorro...

— Por quê?

— Entra debaixo da batina, começa a cheirar...

A francesa tomou o cão encolhido, encheu-o de beijos, levou-o.

— Ele vai centralizar essa campanha moralizadora, libertará o Brasil dos vermelhos...

— Os comunistas estão organizados aqui. Desde 30, graças à benevolência do governo. E têm agido abertamente! Fazem comícios, escrevem nos jornais, invadem com sua propaganda sinuosa todos os lares. A família brasileira está

em perigo. Esses miseráveis precisam de uma lição. Agora ameaçam organizar um partido em aliança com outros, para tomar o poder!

O Major, no terno desbotado em que afundava numa poltrona azul, afirmou com uma simplicidade militar:

— Mataremos todos!

A campainha surda ressoara. A dona da casa, rápida, atravessou o *hall* monumental onde a lareira ardia, foi até a cancela de ferro batido que separava a casa da porta esculpida aberta sobre o jardim.

Uma figura máscula e nervosa de padre surgiu, tendo na mão o chapéu enlaçado em cordéis roxos, a cabeça grisalha, o olhar adunco. A francesa precipitou os lábios sobre o anel.

— Monsenhor Arquelau! Que honra! — fez reverente Alberto de Melo, que os outros seguiram no beija-mão. Apenas o Major tinha saído para dentro fazendo uma figa.

A francesa apossara-se do chapéu redondo de feltro. Voltou trazendo numa salva de prata um cálice esguio.

— Uma aperitive, Monsenhorr?

— Não posso beber... Meu figado!

O padre de pé entre os circunstantes parecia uma águia rapace e negra entrando num estábulo manso. Sorria contrafeito para a dona da casa que visitara num modesto apartamento, um ano antes, para pedir uma contribuição destinada à sua paróquia. A Igreja podia fazer essas concessões...

— A senhora está esplêndida!

— Oh Monsenhorr Morère... *Maintenant je suis foutue. Il fallait me voir à vingt-ans!*

O relógio de pesos bateu espaçadamente o meio-dia. Monsenhor Arquelau examinava a biblioteca decorativa onde um bar luzia cheio de garrafas. Do outro lado a sala de música com um piano de cauda fechado. Sobre uma coluna erguia-se, em bronze, o busto prostitucional de Leão. De dentro da casa luxuosa vinha um rumor abafado de serviço. O padre sentou-se no sofá almofadado e fitou as fotografias de cavalos de corrida que manchavam o *living*. Todos se haviam disposto em torno dele com exceção de Jack de São Cristóvão subitamente desaparecido.

— Belos animais! — disse Monsenhor.
— Vieram da Argentina...
— Estou procurando um lugar onde se possa entronizar o Sagrado Coração de Jesus...

Um garçom alinhado entrara. Curvou-se a distância.
— *Madame est servie!*
— Vamos para o grude! — exclamou o conde levantando-se.

Tinha penetrado numa sala de jantar que abria ao fundo sobre um parque extenso onde se erguia um viveiro de pássaros. A mesa recobria-se do desenho precioso de uma toalha da Ilha da Madeira. Cristais e porcelanas dividiam um faqueiro de prata portuguesa. Em face do aparador escuro na parede uma fruteira despencando de uvas e laranjas centralizava uma natureza morta emoldurada num excessivo quadrado de ouro.

— Bonita pintura! — disse o padre.
— É da minha terre!

No verniz do soalho de duas cores os garçons atentos esperavam.

Antes de sentar-se, Monsenhor Arquelau fez um imperceptível sinal-da-cruz que quase todos imitaram. Leão colocara-o à direita, em face do conde. Os outros convidados já tinham se afogado nas cadeiras de couro quando os óculos e o vozeirão de Jack de São Cristóvão intervieram.

— Vou aceitar o seu almoço Leão... Telefonei para o campo. O avião foi embora.

Tomou a outra cabeceira perto do Major da Formosa que parecia defumado, face à coloração do moço gordo e falador.

De jaqueta branca e luvas, o criado apresentou à mesa uma maionese colorida donde pulavam camarões vermelhos.

— Primeiro o padre! — berrou a dona da casa. — O vinhe branco?

O outro garçom trouxe uma jarra de cristal da Boêmia, serviu. O Major fez encher o copo.

— Encontrê onte o Coronele Zeca Furquim... A pê...

— Levou a breca! — informou o conde.

— Coitade!...

Monsenhor saboreava o prato frio. Provou o vinho. O arquiteto falou:

— Da La Salle passou a pingente de bonde...

— Resigna-se. Há outros como ele — observou o sacerdote. — Vai criar juízo sem querer. É assim quando se passa da carteira recheada a ter uns níqueis no bolso...

O Major antes de terminar a maionese virou o copo. Aquilo parecia uma indireta. Era assim que se tratava numa mesa *pavernue* a sua classe, a dos fazendeiros de café. Não sabia porque estava ali cúmplice com a roda do cunhado na casa da amante francesa que afrontava a sua família. Que usava na concubinação o mesmo título de condessa da irmã. Enfim, era um sacrificio político. O conde lhe dissera que depois do almoço promoveria uma reunião de chefes integralistas. O próprio Plínio Salgado devia comparecer em pessoa.

— O Dotor Fiusa? Um burre! É nosso inimigo! — exclamou Leô para Chiquito. Fê-lo repetir o prato.

O Major sentia-se um inadequado naquele meio. Só o Integralismo o faria pactuar com aquela fauna humana mirrada e inculta. Enfim, não conhecia Monsenhor Moreira. Diziam que era um az... Uma nostalgia o tomou diante do copo que o garçom solícito voltou a encher. Bebeu. Distanciou-se. Reviveu os cenários da sua agitada e precária felicidade na serra. Uma televisão sentimental jorrou dentro dele, abriu as gravuras inapagáveis da aventura realizada que a esquivaça de Eufrásia encarecia. Ia comer automaticamente o prato de frango em molho pardo, que fumegava diante dele, quando a francesa o interpelou:

— Você pigou a moele! Non faça isso. A moele é do conde. Com licença. É do regime do conde! O curranchi também... É o pedaço que os homes gosta de chupá...

Leô tinha uma cara de cançonetista. Fez o garçom trocar os pratos enquanto Alberto de Melo disfarçava sorrindo. O sacerdote enfiara o rosto no Sauternes licoroso e gelado que ficara no copo. Estalou a língua e disse:

— O Brasil só precisa de uma coisa — de polícia! É preciso acabar com as greves.

— O Brasil precisa de paz para trabalhar é o que eu afirmarei na tribuna da Câmara!

O moço gordo falava de mulheres com Jack de São Cristóvão.

— Eu tive uma amiga grande, esbelta, alta, sólida, musculosa, enfim, um colosso... Da Baviera.

— As alemãs não são nada frias! É um engano!

O Major esvaziou o copo de vinho tinto. Uma necessidade bruta de ternura inundava-o de solidão. Fitou a francesa velhusca e teve vontade de esbofeteá-la. Todas as coisas sorriam para aquele pequeno monstro, enquanto ele nada podia fazer por Eufrásia Beato. Que necessidade dela, de seus absurdos, de suas queixas!

Leô, vermelha de vinho, a boca grande, os cotovelos abertos, procurava contar um sonho a Monsenhor Moreira que tirou da cabeça uma afirmação sensacional:

— Há pobres que são ricos e ricos que são pobres!

— É preciso salvar a Civilização! — afirmou o conde.

— A herança de Roma! — concordou o padre.

— Mesmo que a humanidade pereça! — disse o Major para Jack de São Cristóvão.

— Isso é demais! Eu não sou comunista nem tenho nada com isso! Sou a-político... Mas também...

Leô vendo a indiferença de Monsenhor Arquelau pelo seu intérimo racontar, acabou dando-lhe um soco no braço que fez cair a batata do garfo sobre a toalha. O sacerdote voltou-se.

— Às suas ordens!

— Nós estamos falando coisas sérias! — interrompeu o conde. Do bolchevismo! Precisamos fazer uma nova cruzada. Todos! Liberais, católicos, integralistas, conservadores...

— Os bolcheviste querr tirá os coisa da gente! Onde já se viu isso? Qui façan iguarr eu! Ganhê com sacrifice. Eu já tinha trezentos conto quando fui co conde! Ele non me deu nada só a casa agorra... Trezentos conto suado!

Alberto de Melo interrompeu-a.

— Você está bebendo demais Leô. Se excedendo...

A francesa interpelou-o com as faces rubras e flácidas.

— Você pense que eu estou bêbide? Ah! Ah! Eu co-nheço bebida. Sabe Monsenhorr, eu já tomê porre com mar-inherre! Em Marseille! É verdade!

— Mas Leô...

— Até cocaïne já tomê... Agüantê!

Todos sorriam contrafeitos. Mas uma discussão se elevava entre Jack de São Cristóvão e o Major que gesticulava com o copo vazio.

— A Antropofagia, sim, a Antropofagia só podia ter uma solução — Hitler! No entanto os integralistas cristianizaram-se. Deus, Pátria e Família! E eles, os antropófagos que tanto prometiam, foram para o marxismo. É ininteligível! Eles cantavam o bárbaro tecnizado! E que é o bárbaro tecnizado senão Hitler?

— A Antropofagia? — indagou Monsenhor Arquelau com um falso ar assustado.

Jack de São Cristóvão deu uma grande risada limpando os beiços e afastando a compota de goiaba.

— Não se alarme Monsenhor! Nós estamos discutindo filosofia. Eu afirmei ao Major que o Brasil é o país das prioridades inúteis. Tivemos Bartolomeu de Gusmão, o padre-voador. E suas experiências e idéias deram em nada. Tivemos aqui um grande movimento que se chamou a Antropofagia.

— A tal Semana de Arte Moderna! — fez o conde. — Os futuristas! Uns vaiados! Que fundaram agora um Clube deletério...

— O *Clube de Arte*, de Mal-as-arte!

— Não é isso. O que há é confusão — continuou o arquiteto. — No meio do movimento modernista apareceu alguma coisa tão rica e fecunda que até hoje admite várias interpretações. Politicamente, a Antropofagia pode ser considerada como a primeira reação consciente contra os imperialismos que ameaçam até hoje a nossa independência. Basta dizer que ela propunha uma reforma do calendário nacional. Nosso ano I seria o da devoração do Bispo Sardinha pelos índios Caetés, na Bahia.

— Que falta de respeito! — observou Chiquito olhando Monsenhor.

— As origens intelectuais da Antropofagia estão em Montaigne, em Rousseau! — exclamou Jack. — É a exaltação do homem natural, com uma diferença, não o elogio do "bom selvagem" mas do mau, do verdadeiro... O manifesto dizia muito bem que não se queria saber do índio genro de Dom Antônio de Mariz, isto é, do índio convertido que deu o herói submisso da semicolônia... Peri, de Alencar... esse

índio de papelão que originou outra coisa de papelão também, essa ópera de Carlos Gomes!

— O *Guarani*...

— Você não gosta do *Guarani*? — perguntou Chiquito.

— É uma beleza, eu ouviu cantar na rádio! — comentou Leô.

— E que tem tudo isso a ver com a filosofia? — indagou o Major.

— O sentido devorativo do sistema. A única realidade tão grande que é transcendental, que é lógica transcendental... Que se torna dialética... dialeticamente...

— Não confunda, pelo amor de Deus!

— Distínguo! — exclamou o sacerdote excitado.

— Não estou confundindo... A fenomenologia do espírito só pode se realizar na História pela Antropofagia. É o destino devorativo da espécie...

— Que confusão mental!

— A Antropofagia disse uma coisa inestimável. Que toda a faina do homem sobre a terra consiste na redução do Tabu ao Totem. Do elemento desfavorável ao favorável. Está aí reduzida em síntese toda a história das religiões, a história da ciência e da técnica e a própria história política...

— Não diga besteira!

Nesse instante ouviu-se lá dentro um barulho de louça estalada no ladrilho. Leô levantou-se da mesa como um raio.

— Aposto que é o açucarere!

Naquela copa azul e ladrilhada, o Conde Alberto de Melo tinha passado a despender uma inédita atividade. Descascando batata na máquina curiosa que trouxera da cidade, ralando parmesão num ralo minúsculo. A seu lado, a loira e solar copeira nova.

— Como é que você se chama?

Ela ficara vermelha.

— Aurora de quê?

— Aurora só! Só na vida...

A cozinheira com seus pratos e o garçom de jaqueta branca tinham passado a interessar o dono da casa que não arredava. Invadira a cozinha metálica e brilhante.

— Você sabe fazer macarrão a bolonhesa?

A mulata, comadral e limpa, retrucara sorrindo:

— Se não houvera de sabê! Comida de carcamano!

Mal virava as costas chamado pela voz impertinente de Leô, ela comentava para o garçom:

— Essa história de home na cozinha! Hum! Hum!

— A francesa te prega a mão! — disse o chofer Leiras entrando, fitando a copeira moça de seios enormes e cabelos claros.

— Não estou fazendo nada!

Foi então que ele contara uma cena de quermesse. Leô pegara o conde dando um cheque de dois contos de réis a uma grã-fina por uma xicarinha de café.

— Foi um escândalo! Ela deu dois bofete na cara do amante e ainda virou um pontapé na bunda... E gritou para a moça: "Vocês são peorr qui puta!"

A criada ria, trabalhava. Não tinha pais, não tinha ninguém. Resolvera sair da pensão da Licórnea. Sentia-se doente e desambientada. Procurara um emprego.

Agora, naquele atarantamento do almoço, fora Leiras quem começara a conversa entre os criados, já no fim do serviço:

— Precisamos nos libertar. Só quando vier o comunismo é que endireita esta merda. Eu queria ver esse conde plantando abóbora pra comer. Vendo quanto custa...

Aurora sorriu sempre quieta.

— Era melhor que viesse esse raio de comunismo! — fez a cozinheira.

O garçom português, que parara para dar uma tragada num cigarro, exclamou:

— Deixe de besteiras... Eu defendo meus patrões e até o rei Dom Manoel de Portugal!

— Você há de defender Dom Manoel mas é na bunda! — comentou o chofer.

Foi nesse instante que Aurora deixou se espatifar no ladrilho um prato fundo. Tinha escorregado num pedaço de batata que o garçom trouxera no pé, da sala de jantar.

Leô estava diante dela.

— Fui você? Já emborra desta casa! Saia daqui sua ladrona!

— Eu sempre fui honesta, nunca roubei...

Tinha a cara enlameada de lágrimas.

— Rua pra você sua comuniste! *J'en ai assez de ces grues là!*

A criada ergueu o avental, passou-o nos olhos claros. Saiu.

— Fez muito bem! — comentou o garçom. — Estava dando em cima do patrão.

No *hall* vistoso, aquela assembléia disparatada ouvia o homem escaveirado e triangular, uma mecha de cabelo caído sobre a testa, o olhar magnético e vago, que dois camisas verdes ladeavam, altos e truculentos.

— É a deliquescência que nós combatemos! A dissolvença trazida pela peste vermelha. Havemos de salvar o Brasil, custe o que custar! Pra isso contamos com duas forças — o espiritualismo e a brasilidade...

Jack de São Cristóvão pediu licença para dar um aparte. A cara vigilante e abatida do Chefe consentiu.

— Eu desejava saber se as normas intelectuais do Integralismo estão fora ou dentro da encíclica *Rerum Novarum*...

Plínio Salgado concentrou-se de novo. Uma voz de baixo exclamou a seu lado:

— O Chefe está cansado de falar, de discutir. Passou a noite organizando a milícia... escrevendo...

Mas o interpelado respondia fazendo calar-se o companheiro com um gesto.

— Fora e dentro!

Leô apareceu vestida para sair, um chapéu enorme de pluma amarela que inutilmente a fazia crescer meio metro.

— Vocês desculpa, fica à vontade... Eu stô atrasade por cause do armoce. Tenho de i na costurere, no botier, no cabelere...

Os integralistas tinham se levantado. Preferiram sair antes da dona da casa, aproveitando o ensejo. O Chefe despedindo-se disse vencendo uma dificuldade que lhe encaveirava a face:

— Nós, os caboclos, desceremos sobre a cidade!

Todos assentiram sorrindo, com Leô à frente.

Os dois camisas verdes precederam-no. Um rapaz adiantou-se para abrir o portão. Espiou de um lado e de outro na rua. Do automóvel que esperava, saltou outro partidário do Sigma que ficara com o chofer. Também vestia a camisa verde. Rodeado, vigiado pelos companheiros, o Chefe sumiu no interior do carro.

— Anauê! — gritaram.

Os circunstantes que os haviam seguido no jardim saudaram risonhos erguendo o braço. Apenas Monsenhor Arquelau permanecera na casa.

— Que sujeito atormentado! — fez o conde convidando os outros a sentarem-se.

— É verminoso! — disse o arquiteto.

— Você abusa da piada! — exclamou o Major. Esse grande tuberculoso traz em si todos os sinais da eleição divina. A marca de Deus...

— Monsenhor Moreira também pensa assim?

— Não digo que não — fez o padre acendendo um charuto. — Deus às vezes serve-se desses emissários estranhos, como Hitler na Alemanha... Vê-se logo que é um homem bem intencionado como Hitler. Tem um plano realmente interessante para a salvação do Brasil... É muito sincero!

Jack de São Cristóvão interrompeu:

— A polícia eu sei que está sempre com a *Rerum Novarum!*

— O Brasil é um caos! Precisa de Plínio Salgado! — notou Chiquito. — Nós, os católicos, somos a ala conservadora da sociedade. Temos que repelir sempre a esquerda!

— Mas Cristo foi comunista! — gritou o engenheiro levantando-se gesticulante.

— Comunista nada! — fez Monsenhor Arquelau contraindo as maxilas.

— Bobagem! — apoiou o conde.

— E você que me diz, Ferguson? Você que é deputado pela Frente Única...

O rapaz esquivo que viera com os integralistas respondeu:
— Digo que São Paulo precisa ter representação unida, já que falhou a última tentativa de nos separarmos...

— Coisas do Ciro de São Cristóvão... Banqueirismos... De acordo com os ingleses — observou o conde.

— Ciro de São Cristóvão é o maior dos paulistas! Não é por você estar aqui, Jack, que digo isso do seu tio — fez Henrique Ferguson.

— Eu sei... Tomei parte nas negociações! — disse Alberto de Melo. — Queriam sob juramento tentar agora um motim separatista, um motim armado, definitivo... O Desembargador estava conosco...

— E por que não? — concluiu o moço deputado pela Frente Única. — Quem entornou o caldo foi um dos mais ardorosos combatentes que São Paulo teve. O homem que queria a todo transe continuar a Guerra de 32... Pádua Lopes...

— Mudou no exílio! Estive com ele em Lisboa. Deu muita facada em todo o mundo...

— Um traidor! Um traidor de São Paulo!

— Oportunismo...

— Você Major — gritou o engenheiro — estava enfiado na sua serra enquanto nós nos batíamos nas trincheiras contra os sicários de Minas, do Norte, do Sul... Não sei se o Pádua Lopes tem ou não razão. Mas ele foi ao escritório de meu tio no Banco e enfrentou-o. Achou que não podia assinar nada, comprometer-se, porque julgava impossível nós ganharmos depois de ter abandonado a luta. Foi só isso que houve.

— Além do que — disse Monsenhor Arquelau — não se sabe bem se o desembargador São Cristóvão é ou não um homem da ditadura...

Ficou na sala um silêncio. Contra a importância civil do banqueiro, a importância clerical do sacerdote se levantava.

— Apesar de eu me dar muito bem com o meu tio a quem tanto devo, conservo inteira liberdade de idéias diante dele. Foi ele mesmo que incutiu em mim essa independência. Não há maior liberal do que ele. É um saxão, um vitoriano admirável a quem falta o ar quando falta a liberdade.

— Eu não disse isso...

— Mas dizem por aí... Meu tio, depois de viúvo, vive retirado numa Tebaida... No Banco ou em casa instruindo a filha única...

— Numa Tebaida de ouro e marfim... Já chamaram a sala dele no Banco de Túmulo de Tutancâmon!

— E é por isso mesmo que o atacam... Custa a receber. Vive mais com sua família, suas idéias, sua biblioteca, suas manias de que com os homens. Coloca tudo num plano muito alto. E, por isso, choca o primarismo paulista. Tem esquemas ordenados sobre tudo. É talvez o primeiro banqueiro nacional que saiba o que é um Banco.

— Todos nós sabemos o que é um Banco — observou o Major.

— Bem. Você, como os fazendeiros de café, sabe na pele o que é o aparelho executor de um Banco. Mas os nossos banqueiros na maioria também só conhecem esse lado visível do estabelecimento de crédito, onde circula no entanto a riqueza duma nação. Encontrei um diretor de Banco no começo da revolução que tinha uma teoria...

— Desta vez não é sua...

— Não... Esse homem me disse: "Dinheiro é uma mercadoria como banana, mas tem a seguinte vantagem — o negociante vende a banana, recebe o preço e a banana desaparece no estômago do frequêns". No caso do dinheiro, a banana cresce e volta. Volta banana e meia...

O conde ia arriscar um trocadilho mas viu a face interessada de Monsenhor Moreira e apenas sorriu enquanto o engenheiro prosseguia:

— Minha turra com o tio Ciro é de ordem superior. É sobre o Imperialismo que nós temos tremendas discussões. Ele concorda comigo de que a equação brasileira é esta: infra-população, muita terra e pouca técnica. Ora, para solucionar o caso brasileiro, de fato, não podemos aceitar a revolução russa nem nenhuma hipótese socialista européia onde são outras as condições e os termos matemáticos do problema... Mas daí ele parte para uma decisão que nos deixará à mercê dos ingleses e dos norte-americanos. Precisamos de ajuda. Nada faremos sem o capital estrangeiro e sem a técnica estrangeira...

— Por isso é que eu estou com os integralistas! São os únicos que podem evitar que nos entreguemos aos judeus...

— Os judeus! Os judeus! Tudo isso é exploração e burrice... É palavra de ordem de Hitler, eu sou contra...

— Você é contra porque não sabe história! — exclamou o Major empinando na poltrona, subitamente grave. — Sempre foi o povo eleito porque inventou a negociata e forçou a quebra dos concorrentes. Isso não foi somente uma verdade nos getos que começaram o mercantilismo... Não é só verdade de hoje quando eles escapam à escravidão da agricultura, se concentram nas cidades, onde se apoderam dos setores essenciais e nevrálgicos, corrompem e agem na sombra. Você ignora que a expulsão dos judeus seja uma medida clássica da defesa dos organismos dos povos? Moisés não saiu do Egito voluntariamente. Saiu a pau. Aquele providencial faraó, que a Bíblia naturalmente deforma a favor do sentido semita da história, foi o primeiro Hitler que enxergou e resolveu o problema judaico. Ele expulsou Moisés e mandou executar um *pogrom* que fez o mar ficar vermelho!

— Essa confusão também é clássica e tendenciosa. Você e os integralistas o que não topam é a abolição da luta de classes. E nesse ponto os marxistas têm toda a razão em atacar Plínio Salgado e os camisas verdes. No primeiro manifesto que eles lançaram falam nitidamente da conservação do estado social vigente, isto é, das duas classes.

— E nesse ponto — disse Chiquito — eles não se afastam das sábias e gloriosas decisões das grandes encíclicas: a *Rerum Novarum* e a *Quadragesimo Anno*.

Monsenhor Arquelaú Moreira aprovava com a cabeça de cabelos cortados e grisalhos, um olhar apaziguado e confiante. Disse:

— O socialismo está condenado por Leão XIII! Definitivamente! São palavras decisivas da *Rerum Novarum*. E, portanto, o comunismo, que não passa de um instrumento dissolvente do judaísmo, com muito mais razão, terá que perecer! Por bem ou por mal.

— E o capitalismo? Qual é o seu destino? — indagou a voz grossa de Jack de São Cristóvão. A encíclica *Quadragesimo Anno* respeita as artes do lucro...

O conde interveio irado:

— Eu sou liberal mas não deixo de dar o meu inteiro apoio ao Plínio e aos camisas verdes. Precisamos nos unir

para liquidar esses canalhas que ousam pensar em dividir a propriedade. A propriedade é sagrada!

— É o que dizem os lavradores mais atrasados desta terra e que por isso mesmo não vão para diante. O argumento deles é sempre este: "Eu herdei de meu pai!" Ou então: "Eu pago a policia porque pago imposto ao Estado para que ele defenda a propriedade com a policia". Tudo isto é primário! É ridículo!

— Tudo isso é eterno! — fez o sacerdote.

O conde ria triunfante.

— Eu, francamente... Tenho nojo de inovações em política... Como todo paulista bom!

— De quatrocentos anos...

O Major concluiu:

— Ciganamos desde João Ramalho mas sempre fixados no chão das fazendas! Vivemos à custa de escravos! O café é uma lavoura de escravos. E por isso sobre o suor de escravos havemos de viver.

Na noite rumorosa do *Clube de Arte* tinham acabado de assistir a uma conferência com debates. O público deixara lento e interessado o salão e, no bar, juntaram-se diante das mesas grupos de artistas e gente da sociedade.

— O que interessa em Kafka não é o irreal! — fez Cláudio Manoel, contrariando as conclusões do conferencista que dissertara sobre: *Dois prelúdios do surrealismo: Kafka e Giorgio de Chirico*.

— Que é então? — perguntou Guano, o pintor. Chamavam-no assim. Apesar de ser um teimoso anedotista, os modernos o consideravam um artista e o admitiam pelas qualidades de cor e de técnica. Era, pelo menos, o que afirmava Jack de São Cristóvão que agora rugia de óculos à outra mesa entre senhoras vistas, desembargadores e advogados.

— É o real...

— Eu chamaria de batatismo essa inesperada ressurreição do sonho na literatura e na arte! — fez o médico Sabóia do Carmo, deixando o seu cachimbo. — É uma réplica sen-

sacional e vitoriosa ao materialismo burguês de Flaubert, de Zola, de Maupassant...

— Eu faço parêntese para Zola — interveio Carlos de Jaert que parecia maior e mais loiro perto do médico desaparecido no fundo da poltrona.

— Esperem! É preciso classificar primeiro para distinguir — replicou Sabóia do Carmo. — Eu sei que Zola é diferente de Flaubert e Maupassant. A sua virtude foi ter inaugurado o romantismo socialista que hoje devora a literatura dos povos civilizados... Foi o Homero desta fase que está dando corda à revolução social pela boca dos russos, pelos alemães, pelos franceses, pelos brasileiros...

— Quais franceses? Quais brasileiros? — indagou Maria Parede intervindo na roda que se afastou para lhe dar lugar. Acompanhava-a Leonardo Mesa, pequeno e risonho. Sentou-se também a uma cadeira de palha.

— Você foi solto, Rioja?

— Devo a Pedro de Saxe.

O garçom eslavo aproximou-se servindo.

— Vodca! — pediram os recém-chegados.

Sabóia do Carmo endireitou-se para expor. Seu pequeno corpo franzino afirmava-se como querendo convencer.

— Estávamos aqui falando da conferência do Professor Mosteiro. E caímos no romantismo socialista. Eu me referia a essa onda revolucionária que vem de Gladkov até Jorge Amado, através de Malraux, de Remarque...

— Essa gente não tem nenhuma importância! — disse Quindim afetadamente. — Eu sou do país desabitado do sonho...

— Você é filho de seu pai! — exclamou Maria Parede cujos cabelos ressaltaram negros, no rosto pálido, sem pintura. — O Major, já disseram, é a última noite do latifúndio e você foi gerado nela...

— Uma noite linda, cheia de mariposas... Você não entende porque você é parecida com Zola.

— E você com Cocteau!

— Graças a Deus!

— Zola também é sonho! — disse Carlos de Jaert.

— Não! É pesadelo. Ou sonho de cozinheira! — falou Guano, o pintor.

Leonardo interveio:

— Vocês baralham tudo porque conservam uma visão de classe e uma visão de classe derrotada! Vocês pronunciam essa palavra “cozinheira” com um imenso desprezo burguês. No entanto, vinte anos atrás, um homem que reformou o mundo tinha esta frase: “Deve-se dar a maior importância ao levante de 1905, porque nele tomaram parte *concierges* e cozinheiras!” — Lênin!

— Eu proponho que se volte ao ponto de partida, justamente 1905... Kafka e de Chirico...

Quem falava era Carlos de Jaert. Leonardo continuou:

— Justamente, o começo do século... Enquanto Kafka e Chirico abriam as comportas para o devaneio fora da vida...

— Não! — interrompeu o médico. — O sonho nunca esteve fora da vida. O sonho é o universo não-métrico...

— Isso é uma tese besta da Antropofagia! — gritou Maria Parede.

— Não é tão besta assim... A Antropofagia tem importância. É um grande feito para brasileiros que não conheciam Hegel terem chegado a uma concepção dialética do mundo através do homem natural e da devoração... É uma infâmia dizer que o bárbaro tecnizado não pode ser comunista...

— Não conheciam Hegel? Isso é que você não sabe. O Brasil é um país condenado ao reflexo...

— Não! — contestou o médico. — O Brasil já possui uma cultura própria. Tinha encontrado a sua síntese que a Revolução de 30 desmanchou... Como eu sou um homem atrás da síntese...

— Deve se sentir mal no mundo de hoje! — observou Cláudio Manoel.

— Não! Eu creio que o segundo termo hegeliano foi encontrado no hitlerismo... Assim: comunismo, hitlerismo...

— O que mais? — perguntou Maria Parede.

— Qualquer coisa que sairá do choque dessas duas forças, a síntese...

Leonardo Mesa tomara posição, fumando um cigarro.

— Não sei. A única coisa que se salvará do hitlerismo, se ele for batido, será a mística, a constante do povo alemão, logo, teremos materialismo mais mística...

— Quem sabe se da negação da negação, isto é, da negação da mística hitlerista virá juntar-se, na síntese, um elemento cristão puro? — terminou o médico.

— Berdiaev, Maritain? — perguntou Carlos de Jaert.

— Tenho medo de ler os cristãos e deixar para sempre as minhas idéias. Acho suspeito e reacionário o cristianismo de Berdiaev. Mas há outro, o que um dia em nome das catacumbas se oporá às encíclicas demagógicas dos últimos Papas...

— A *Rerum Novarum* e a *Quadragesimo Anno*...

— De fato — fez Leonardo Mesa. — Essa demagogia da Igreja Católica será desmascarada... mais dia menos dia. Mas vamos analisar a antítese — o fascismo...

— Nós vivemos num panorama de análise! — exclamou Cláudio Manoel.

Maria Parede sacudindo os cabelos soltos gritou:

— Burguês...

Leonardo prosseguiu:

— O hitlerismo tomou conta da Alemanha, utilizando o desemprego e a mística que é o pólo oposto ao pessimismo em que ela se refugiou depois da derrota de 18... Mas ele não saiu como Minerva da cabeça de Júpiter. Saiu normalmente da liberal-democracia. Apavorada com o comunismo, e sentindo-se fraca diante dele, a burguesia liberal amestrou e soltou os seus cães danados: Mussolini, Hitler, Plínio Salgado e Salazar... Tudo isso, porém, resulta da evolução da era da máquina. A era da máquina, se de um lado fez, como dizia Marx, os carneiros devorarem os homens porque as pastagens da Inglaterra eram necessárias à manufatura da lã, de outro lado, expulsando para as fábricas e para os cortiços urbanos os camponeses espoliados de suas propriedades, criou a antítese do burguês — o proletário!

— O herdeiro e o coveiro da burguesia! — interrompeu Maria Parede.

— É exato! — exclamou Carlos de Jaert. — Na ascensão técnica a que o mundo chegou, não é mais possível deter a ascensão das massas.

— É esse o segredo do sucesso de Hitler! — fez Leonardo. — A demagogia, a utilização das reservas financeiras da grande indústria, do grande Banco, para levantar o nível do operário alemão e militarizar o desemprego. Ele fez isso

de acordo com o próprio banco, com a própria indústria, salvando-as. . . Quem é que vocês vêm à frente dessa aventura inominável? Schacht e Thyssen. . .

— Ora! — observou Cláudio Manoel — Hitler rasgou o Tratado de Versalhes e resolveu o caso do povo alemão.

— Nunca! — berrou Maria Parede. — Burguesão! Por que você não veste a camisa verde?

— Porque não durmo de camisa como você, operária fingida!

— Eu durmo nua. . .

O militante interveio rápido e sisudo:

— Ai é que está o engano. Sendo obrigado a dar às massas o que elas reclamam, e não querendo expropriar a sua própria burguesia nacional, armada pelo Imperialismo inglês, Hitler só tem um remédio — apelar para a guerra. E é esse o vício fundamental do fascismo, querer salvar os lazeres de uma classe nacional à custa da conquista exterior.

— É o que a Inglaterra faz há séculos. . .

— A Inglaterra é uma grande colonizadora. É um povo marítimo que tem essa vocação e esse destino. Há uma diferença básica entre os métodos hitleristas de terror, de bestialidade e os métodos civilizados dos ingleses.

— Essa é boa! — observou Maria Parede. — Você defende os imperialistas como se eles tivessem uma gula diferente!

— Você não entende nada, Maria! — contestou Cláudio Manoel. — A gula dos imperialistas não nos interessa porque está satisfeita há muito tempo. Os seus preços hoje são moderados.

— São os imperialistas ingleses e americanos que alimentam Mussolini, Hitler e toda essa canalha que quando estiver armada vai dar um trabalhão a seus protetores de hoje.

— A Alemanha e a Itália hão de engolir os Estados Unidos, e a Inglaterra!

— Não! Dos Estados Unidos o Japão dá conta! — exclamou Quindim.

— A senhora acredita na vitória do fascismo? — perguntou atenciosamente Sabóia do Carmo à militante.

— Não. A Rússia dá conta de todos. Mas primeiro a Alemanha vence a Inglaterra. Isso é fatal!

— Conforme! — disse Leonardo. — Se a Inglaterra conservadora e reacionária continuar a rearmar a Alemanha com medo da Rússia pode um dia ver Hitler se levantar contra ela.

— Eu tenho medo... — fez Sabóia do Carmo depois de reacender o cachimbo. — Eu tenho medo de que a aliança da Alemanha com a Inglaterra venha derrotar a Rússia e é por isso que pode surgir do caos uma síntese cristã, mesmo que se dê o que é provável a derrota militar da Rússia, cercada de todos os lados, pelo Japão, pela América, pela Inglaterra, pela França e pela Alemanha. Mesmo que essa nova Santa Aliança derrote a Rússia proletária, a vitória das idéias comunistas será inevitável porque as massas de todos os países tomarão o poder. Apenas necessitarão, depois desse longo período de sofrimento e de sangue, voltar ao cristianismo das catacumbas.

— Ora! — exclamou Carlos de Jaert — você vem sempre com um retrocesso histórico insuportável!

— Não há retrocesso — disse o médico. — Há constantes do espírito humano que voltam dialeticamente. Que nos importa que a vitória da Rússia Soviética seja pelas armas da guerra ou pelas armas da paz? Quem vai negar que o Cristianismo venceu nestes dois mil anos de civilização ocidental sob as formas mais disparatadas e opostas? No entanto, qual foi a grande vitória militar do cristianismo?

— Lepanto — exclamou Leonardo.

— Lepanto foi contra os turcos. Havia muito mais da guerra de Tróia em Lepanto do que uma verdadeira luta ideológica. Era o Ocidente contra o Oriente.

— Sujeitinho paradoxal! — falou Maria Parede, bebendo de um gole o cálice de vodca.

O médico chamou de novo o garçom. Disse satisfeito:

— Os paradoxos são apenas verdades inesperadas. Vocês vão rir se eu disser que sou o primeiro marxista-perre-pista-cristão do mundo. Abomino todas as contrafações grosseiras do cristianismo como a *Rerum Novarum*. Mas não me esqueço do outro termo da equação hegeliana...

— Que termo? — indagou Maria Parede.

— O lado não-métrico das coisas... se quiser, o sonho. Se a faina do homem sobre a terra é a redução do mundo não-métrico ao mundo métrico, isto é, a redução da natureza

pela técnica, o mundo não-métrico ressurgirá adiante porque está no interior da própria natureza.

— Onde?

— Na alma do homem!

Uma risada geral coroou a frase do médico. Jango passou evasivo ao lado de uma mulher sexual, os olhos apaixonados e vagos.

— Quem é? — perguntou Guano, o pintor, que se mantivera quieto, bebendo durante a discussão.

— Eufrásia Beato. Vocês não conhecem Eufrásia Beato? — indagou Cláudio Manoel levantando os óculos impertinentes. — Então se matem! Suicidem-se!

Vitalino aproximou-se da mesa do banqueiro que reunia com as mãos grossas um monte de fichas informativas.

— Está aí um moço da Ação Integralista Brasileira...

— Mas existe essa cavação?

Entre caras preocupadas de clientes, com uma pasta nova de couro sob o braço, Silvio Lapa esperava na ante-sala do Banco. Em frente a ele Vitalino sentou-se de novo. Despachava, fumava. Silvio Lapa sentia-se mal naquele ambiente onde nunca entrara. Por modesta que parecesse a casa bancária que o italiano controlava, para o militante nacionalista aquilo não podia deixar de ser uma unha de Wall Street. Era o Banco, com seus freios e dinamos, suas antenas de crédito, sua potencialidade de mal e de benefício. Era uma cidadela do judaísmo internacional. Enfim, a militância integralista obrigava-o a todos os contatos, os mais repugnantes que fossem. Ele era da Comissão de Fundos de seu partido. Mas já estava cheio com a demora. Vitalino contara-lhe que o chefe não queria inicialmente recebê-lo. — Quando vocês tomarem o poder não se esqueçam de mim!

Silvio Lapa sabia que a pureza de seus ideais tinha que se empanar diante da realidade. A realidade econômica daquele sórdido mundo de interesses burgueses tinha-o pela garganta. Enfim! Para esmagar o dragão comunista, todas as armas eram consideradas boas.

Um homem saíra rápido da porta volante de vidro.

— Vai entrando — disse-lhe Vitalino.

Com certeza, o italiano assinaria dez contos. Passou a porta, timidamente se aproximou da Diretoria, sem entrar. A voz de Nicolau Abramonte veio de dentro:

— Quinhê? Dixa de fazê que entra e non entra!

Ele pôs a cabeça, penetrou sobre o tapete alto. O italiano mal levantou os óculos dos papéis que reunia sobre a mesa:

— Vá farlando! Diga!

O integralista sentiu-se incapaz de expor qualquer coisa ante aquela nítida grosseria. Abramonte levantou os óculos, apontou a cadeira vazia a seu lado.

— Eu sou da Ação Integralista Brasileira...

— Como vai o Prínio Sargado?

— O Chefe vai bem. Ele me mandou aqui. Trouxe-lhe este cartão da Baronesa de Fedegoso...

Nicolauzinho guardou sem ler o envelope largo e armo-riado que ele lhe passava.

— Mas eu nunca mandei ninguém na casa dela!

— O senhor sabe que precisamos combater o comunismo... Os comunistas querem transformar o Brasil num pandemônio. O senhor precisa conhecer o nosso programa...

— Ia abrir a pasta.

— No precisa, moço! Eu non tenho medo dos comunista... Tenho medo do sinhore!

Silvio Lapa sorriu sem compreender. O banqueiro continuou:

— Dixa os comunista em paz. Tirando um ou outro, são boa gente. São necessário. Até as cobra são necessário. Os comunista não fazem mal pra ninguém. Não me aporrinhá, não pede emprego, não venham buscá dinheiro...

— Mas um dia virão buscar o Banco!

— Nesse dia eu vorto pra enxada.

A cara pálida do moço coloriu-se.

— Seu Nicolau, estou surpreendido...

— Escuite moço! Eu estou aqui desde manhã. Fui armoçá correndo. Não tratei ainda de um negócio meu. Só dos outros! Só me aparece aqui caras fatidica e triste, pedido de emprego e recibo de conta! Por isso, um dia, se Deus quisé quero tomá um navio, como faiz os otro, e saí pra fora da barra de Santos e i dando banana e pensando que quando

vortá da viage, já morreu todos esses filha-da-puta. Mas decerto quando chego da viage, tá tudo aí. Essa gente non morre! Olhe moço, vou lhe dá um conselho. Você já comprou apólice de Minas? Eu comprei. Todos precisa de vivê. Até Minas! Dei cinqüenta conto delas pras minha garota. Mande o Prínio Sargado comprá apólice de Minas!

— Ele é pobre. Os integralistas são pobres, Seu Nicolau.

O banqueiro retirou os óculos.

— O senhor é pobre? Não diga mais nada! O senhor é um privilegiado. Tem tudo! Acorda de madrugada! Tem os ocaso em cima do Viaduto. Mas faça o favore non abuse desse privilégio! Não venha aborrecere um que tem calo nas mãos e nas costa!

O integralista levantou-se:

— Há homens que pensam em salvar outra coisa além dos seus interesses econômicos. Há outros que nem pensam! Não pensam nada!

— Todos pensa! Se o home não fosse feito pra pensá tinha, no lugare da cabeça, uma bunda, uma bunda sonora!

— Muitos têm — exclamou o rapaz saindo.

Silvio Lapa pensava no relincho mudo do chefe, quando fosse inteirado da atitude daquele judeu. Passou por Vitalino sem cumprimentar nem ver o anauê que ele esboçava com a mão gorda.

Abramonte chamara lá dentro. O gerente acorreu, entrou.

— Non chega o Jango? Este mi veio fazê ameaça aqui drento! Pra levá o dinheiro! Que si pensa? Eu vou do Presidente da República. Quero sabê quem pode mais, eu ou esses limpa-litrina?

Da poltrona abacial, Monsenhor Arquelau Moreira fez levantar-se o padre do genuflexório de madeira em que permanecia.

— Está absolvido. . .

O vigário de Jurema ficou parado e quieto como uma estampa espanhola no escuro daquele quarto que tinha as

janelas altas cerradas. Estavam no Palácio São Luís, sede arquiepiscopal de São Paulo, onde José Beato viera a chamado.

— Mas te condeno à penitência de trazer o dinheiro da divorciada.

Depois de um silêncio, o padre murmurou:

— Que força tenho eu?

— Utilize a força que ela achou em você...

— Não achou nada em mim senão o caminho da redenção...

Monsenhor Arquelau fitava-o. Sua cara de abutre adquiriu um súbito interesse nos olhos de ardósia.

— Você quer dizer que não pode utilizar essa paixão para beneficiar a Igreja? Você esquece do exemplo que deu o Infante Cardeal Dom Henrique, casando-se, chegando a se casar?

— A paixão que ela me inspirou foi a paixão do dever.

— Você quer negar que a ama depois da confissão?

— Eu não sou agora o confessado de há pouco... Sou um vigário de Cristo em Jurema. Mas se V. Exa. Revma. quer tornar pública uma confissão...

Parou de falar. Da sua candura brotou uma apóstrofe raivosa.

— Se quer discutir publicamente os meus pecados, repita o que eu disse. Que evitava até o pensamento dela. Porque sabia que era impossível, que era pecado...

— Você quer que eu acredite na castidade de um onanista?

O padre voltou à mansidão.

— Essa semente, Monsenhor, todos nós temos. Adormeço como posso a criança que chora dentro de mim em nome da lei natural. Mas a castidade existe em mim... A castidade existe em razão do altar...

— Você ainda está no Seminário, José Beato?

— O dever do padre é perder o húmus. É tornar-se espírito. O padre pouco a pouco perde o húmus. Nós somos ocos. Foi o que aprendi com V. Exa. Revma. justamente no Seminário.

Monsenhor Arquelau riu-se. O padre continuou:

— Se eu pecasse contra a castidade, não poderia celebrar a santa missa, não poderia batizar.

— Você quer dizer que o dinheiro de Dona Ludovica não virá... Recorro a você porque já tirei o que pude.

— Virá o que ela der voluntariamente...

— Pois eu te condeno, imbecil, em nome de Deus, a arrancar esse dinheiro de que Roma precisa. Ou te excomungo e suspendo de ordens... O Santo Padre me dará toda a razão. Só você ignora que a Igreja hoje é um Banco. É a opinião do seu bispo. Traga o dinheiro dos Abramonte ou eu te escorraço da Igreja.

Levantara-se.

— Dou-lhe um prazo. Dez dias de férias aqui na capital.

— Não irei para esse fim visitar Dona Ludovica.

— Você vai. Vai cantá-la! Ou quer que eu a cante?

Monsenhor Moreira desenhoulara-se, jogara fora todas as ave-marias de seu terço.

— Vai buscar o dinheiro! Ou eu vou...

Estavam junto à porta. Padre Beato firmou os óculos e abriu a boca de dentes chumbeados.

— Esse dinheiro não é para Roma, é para o Integralismo!

— O quê?

O superior hierárquico tomou-lhe a gola da batina e jogou-o para fora da porta como um trapo negro. Estava ao seu lado, monumental e hierático.

— Já de joelhos! Meia hora de joelhos! Aqui no corredor. *Excommunicatio!*... *In specialissimo modo!* Você vai ver!

Saiu em grandes passadas, deixando o palácio crescer, envolver o penitente.

José Beato ficou hirto nos joelhos magros contra a parede. O silêncio abateu-se sobre ele como o poder sobrenatural da Igreja. Seria suspenso de ordens, expulso da Igreja.

Nada sabia fazer fora do serviço divino. Pensavam que ele era um bom padre porque se embrenhara no sertão. Mas agora vinha do alto a condenação de seu evangelho. Havia sido apenas um esportista do Cristo. Remara nos estuários de Anchieta, mordido de mutucas e de carrapatos, por orgu-

lho. Procurara, por puro prazer, nas bibocas do mato grande, a centelha humana a salvar... Dera remédio e a ajuda modesta que podia, por escárnio. Entrara por sadismo nos cabesbres abertos pela chuva e pelo vento, onde o Brasil procriava na fome e na doença... Cantara nas novenas sertanejas, organizando reuniões de fiéis contra o curandeirismo e a feitiçaria, juntara para o primeiro catecismo crianças embalsamadas de vermes, e dormira nas esteiras ouvindo o batuque intermimo das noites porque também era um mago. Atravessara rios a cavalo e a vau, por preguiça. Os pecados mortais eram poucos para seu embornal de crimes. Olhava, na parede branca, o Direito Canônico. O *Sumarium Theologiae Moralis*. O *nativum jus* da Igreja *independens a qualibet humana autoritate*... Depois *in individuo*. Sua vaidade crescera na solidão daquele quarto em Jurema, refocilara na biblioteca modesta, nos calendários sacros das paredes entre lagartixas e formigas, na fronha suja sobre o tormento de seus sonhos lúbricos. Era o pajé que tinha na parede um chapéu tropical para o sol do sertão. À noite abria a janela para as ruas cheias de sapos sob os lampiões mortiços porque a mulher do farmacêutico andava nele. Soubera afastá-la mas aqueles coroinhas loiros, estranhamente loiros e carnudos, aproximavam-se de sua cama numa confiança que beirava o sexual. Quase todos chamavam-se José, como ele. — Como é o seu nome? — José... José pra cá, José para lá! — Nunca soubera tirar mais que 5\$000 do ofício divino, fosse ele mandado celebrar por um negociante rico ou por um fazendeiro. Mas soubera roubar as galinhas do sacristão para presentear o delegado. Adular os ricos. Soubera desmoralizar entre os fiéis uma Filha de Maria incestuosa que queria se casar. Delinqüira in *Confessarium sigillum sacramental directe et praesumptuose violantem*. Levava a estola, o símbolo da dignidade paroquial, ao cenário inóspito do Padre Anchieta, porque queria ser o único e o maior. Por isso crescera a sua fama como a do taumaturgo naquele maleitoso. Por isso só quisera ser conhecido naquele maleitoso. Por isso o interessava a carapinha verde e crespa do primeiro Brasil. Perdera-se nos estuários entre as margens baixas donde pendiam dos paus vetustos as barbas de mangue entre as folhagens. O vôo dos tesoueiros escuros acuava as gaivotas niveais sobre o pequeno mar. Ele era a gaivota do Senhor. Um mar-

tim-pescador passava rente d'água-verde. Uma garça branca e nobre estacava no perisal espetado dos pauis. Havia um jaburu que chamavam de Gregório Gomes. Gregório Gomes estufava numa árvore, ao sol ultravioleta. Ele ia pelo mar sem Deus. Ia com a sorte. Penetrando nos furados. Entre os barbantes das uviras e as cebolanas líriais. E súbito pegava, mantinha no vôo um peixe de prata. Mas o abutre em tesoura achacava-o, tomava-lhe no ar o peixe trêmulo. E a gaiivota ficava dizendo nomes feios.

Um garçom que passava notou a batina preta estirada no silêncio do palácio, junto à parede. Aproximou-se. Levantou o padre que dizia:

— Não foi nada! Tive um ataque...

O rapaz alto e musculoso berrava de pé para a irmã:
— Pois é! Se eu for convidado, quero tomar parte na conspiração. Eu vou!

Maria da Graça olhava-o recostada à cadeira de vime.

— Minhas armas serão sempre empregadas na defesa da pátria.

— Que pátria? — perguntou a moça.

— O Brasil!

A brisa vinha através do jardim, varava o terraço naquela tarde serena da casa dos Junquilha, no Jardim América.

— A pátria está acima de tudo! — gritou Ubaldo de novo.

— Faça um anauê!

O moço olhou-a com ódio.

— Se você não fosse mulher, ia ver!

Maria da Graça então falou:

— Você pensa que eu não acompanho com tristeza a sua loucura, meu irmão? Você fala em Deus. O seu lema é "Deus, Pátria e Família". Põe Deus em primeiro lugar. Mas vocês só cuidam de seu destino terreno. Pátria! Pátria é o céu!

Ubaldo não respondeu.

— O homem nasce para ir para o céu. Esse é que é o seu verdadeiro destino. O céu é que é a verdadeira pátria.

O rapaz encostado à balaustrada começou a cantarolar a *Tosca*. A irmã irritou-se:

— Você pensa que está no banheiro?

— Olhe Maria da Graça, você deixe dessas piadas ouviu? Quando vierem os meus amigos jantar aqui, não quero que ponha o bico na discussão. Lugar de mulher não é na política, é na cozinha, ouviu?

— Outro dia se vocês tivessem ido orar na Aparecida, em vez de fazer comício em Bauru, não tinham corrido tanto!

— Maria! Cala a boca, desgraçada! Me dá uma raiva!

A porta do terraço, a figura grisalha e balofa de D. Guiomar surgiu no vestido quente, trazendo um novelo de lã na mão e duas agulhas de tricô.

— Ubaldo! Onde é que você aprendeu essas maneiras?

— É essa linguaruda da Maria da Graça, mamãe! Ela vive vigiando o que nós fazemos. Não admito!

A moça exclamou:

— Aviso uma coisa, se eu souber que vocês estão tramando uma revolução, eu denuncio! Qual é a sua opinião, mamãe?

— Traidora! Eu mato você!

— Seja mais atenciosa para com seu irmão — exclamou D. Guiomar.

Ubaldo cuidadosamente pôs a língua por detrás da mãe.

— Não quero caprichos, Maria da Graça! Você não é filha única!

Aquele refrão voltava. A moça retirou-se, subiu para o seu quarto. Filho único tinha sido sempre Ubaldo. Criara-se com todos os mimos. Com aia à vista para jogar futebol. — Este menino tem preguiça até de mastigar! — Fora um manhoso. Ameaçava a mãe: “Não gosto mais de você!” E a vontade crescera nele como um cacto selvagem. “Porque quero!” Cerrou a porta à chave. Aos seus ouvidos chegava-lhe o argumento definitivo: “Porque quero!” A mãe atendia medrosa, incapaz. Agora era um automóvel novo: “Mas

você comprou há seis meses a barata!" "Quero uma Hudson!" "Mas por quê?" "Por-que-quer!" Estava enfim no seu quarto, no silêncio de pau-rosa de seu quarto, aberto sobre as árvores do parque que rodeava o palacete. Sua vida fora amarrada sempre a uma negativa. Para ela o não materno era um só desde pequena, esmagador e contínuo. Refugiara-se em outras rotas. Soubera achar horizontes impressentidos. Dera todo o seu amor ao Cristo Deus e nele queria viver.

O seu quarto simples tinha um crucifixo e um pequeno rádio, ondia ouvia as pregações e as missas, escutava música. Refugiava-se ali ouvindo os barulhos amortecidos do bairro elegante, um bonde, o latido do cachorro Duque, um avião no céu, uma porta ondulada de garagem fechando sobre a partida de um carro. Talvez Ubaldo que saísse para encher a barata de integralistas, tomar bebedeiras e fazer distúrbios em companhia dos filhos da Baronesa Fedegoso e daquele pobre Silvio Lapa a quem chamava de ordenança. Talvez chegasse um dia a notícia de que ele fora assassinado pelos comunistas.

Felizmente, alguma coisa existia para lá das torpezas visíveis da vida. Ela soubera refugiar-se a tempo em Cristo. Inutilmente rondavam em torno dela os clarões do pecado. A idéia do casamento, com um moço rico de sua classe, fizera-a obstinar-se na idéia contrária, de acabar freira. — Maria da Graça, Maria da Desgraça. — O seu primeiro baile, dado ali, na casa rica que se abrira para apresentá-la à sociedade, fora um doloroso fracasso. Bastava! Os rapazes finos dançavam *cheek-to-cheek*, cantavam inconveniências, bebiam a ponto de cair no chão. Ela só não ficara "fazendo renda" como se dizia para as desprezadas que ninguém tirava para dançar porque era a festejada e estava em sua casa. O que sua mãe queria era estabelecer através dela uma ligação poderosa com outra família. Talvez a Fedegoso ou a Agripa. Mais do que entregá-la a um marido carinhoso e bom. Nenhum dos moços que conhecia a interessava. — Maria da Desgraça. O pecado contra a castidade horrorizava-a. No próprio casamento via um ato abjeto. A sua curiosidade inicial, satisfeita com a meia-confidência das colegas de Sion, onde estudara, criara em seu cérebro uma contradição insolúvel entre a pureza e o ato do amor. Sentia o horror do pecado libidinoso envolvendo a procriação, mesmo que fosse

legal e sacramentada. O contato com um homem, mesmo sancionado pela lei e pela igreja, parecia-lhe uma profanação sem remédio. Afinal, qual a diferença corpórea entre as ações noturnas de um marido ou de um amante?

Passara o penhoar: — Maria da Graça, Maria da Desgraça. . .

Foi buscar num móvel o volume relido do *Abbé Constantin*. Deitou-se. Por acaso a mulher não se sentiria poluída no recesso mais alto de sua inocência com a iniciação sexual, fosse ela exercida por quem fosse? A abstinência não seria para ela nenhum sacrifício. Era pelo espírito que se processariam todas as formas de sua alegria. — Rejubilai-vos cristãos! — dizia o canto de João Sebastião Bach. O Cristo já a possuía completamente. Nada a prendia à casa. Ela sabia isolar-se para sentir o amor do Cristo. Ele era o seu próprio ser. Encostava-se à parede física da vida mística para sentir Deus. Bateram discretamente à porta.

— Quem é?

A preta Custódia, de óculos, vinha saber se tinha alguma roupa para costurar.

— Não tem não.

A velha parou interdita.

— Que é?

— Dona Guiomar. . . Tá chorando lá no quarto.

Maria da Graça correu, batendo os chinelos de salto alto. Encontrou a mãe deitada, o cabelo esbranquiçado solto, as olheiras roxas no rosto sem cor, o nariz escorrendo num lenço. Parecia uma cigana.

— Que é isso, mamãe? Vou preparar um chá pra senhora. . .

— Não quero chá, já disse. Você e Ubaldo só me dão trabalho e preocupação!

A moça teve vontade de despejar ali o que sentia havia tanto tempo. A mãe é que era culpada de tudo. O seu interesse mórbido por Ubaldo movia-se entre dois pólos. De um lado o incitava a tomar posição na vida política. Fazia-lhe todas as vontades. Fora ela quem decidira a sua partida para a revolução paulista, era ela que, por ter relações de amizade com a Baronesa Fedegoso, consentira no alistamento do filho entre os integralistas. Depois, quando ele desaparecia de

noite de camisa verde ou deixava a casa para almoçar com os companheiros e se meter na luta, desabavam aquelas crises que a matavam.

— Me deixe Maria da Graça! Quero ficar só!

D. Guiomar tinha uma bolsa de água quente nos pés encolhidos sob um cobertor claro e felpudo. Voltou-se para o canto, exclamando:

— Seu pai foi mais esperto. Morreu antes de mim. E deixou vocês...

— A senhora foi quem quis que Ubaldo ficasse integralista...

— E você que não cuida de sua vida. Só com essa mania de reza...

A moça permaneceu calada, sentando-se ao leito grande, por sob uma enorme estampa emoldurada da Senhora da Conceição. Deus que lhe desse paciência. — Maria da Graça, Maria da Desgraça...

— Esse Plínio Salgado é um louco, arrasta Ubaldo para o inferno!

— Deixe ele!

— Eu não entendo a senhora... Por que todas essas lágrimas se a senhora, em vez de corrigi-lo, o incita? O seu dever de mãe...

— As mães que não dão os filhos para a Pátria são egoístas... Onde é que você vai?

— Para o quarto...

A moça teve vontade de gritar: — Vou para o convento. É só fazer vinte e um anos!

— Que tanto você se deita, Maria da Graça!

A filha sentou-se outra vez, recostando a cabeça ao espaldar da cama. — Maria da Graça, Maria da Desgraça...

Ubaldo ria com a cara inexpressiva de grandes dentes, enquanto a orquestra ciganava uma valsa na sombra gótica do bar alemão. Os rapazes integralistas reuniam-se ali.

— Você quer apostar como eu sou capaz de roubar o Forde novo do Abramonte?

Chiquinho Fedegoso fulgurava dois olhos de brasa na cabeça viva. Era magro e pequeno. Tinha uma camisa de seda fina sob o terno inglês.

— Faça isso! É o que merece esse carcamano.

— Eu faço...

— Dá encrenca — fez Sílvio Lapa.

Ele precisava era de um carro novo. Quando exigia, D. Guiomar Junquilha relutava. Precisava muito beijar a velha para ter um carro novo. O do italiano, mesmo roubado, não podia ficar com ele... Só no dia em que o integralismo vencesse. Requisitava a Fiat daquele judeu!

O grupo de rapazes discutia em torno de pilhas de pratinhos de papelão que indicavam os chopes tomados entre pratos de sanduíches.

— Mais quatro duplos.

— Você se lembra daquele aquário que eu revirei no salão de Miss Pearson, num foxe? — perguntou Ubaldo.

D. Guiomar pagara o prejuízo à senhora inglesa, onde ele fizera estragos num *cocktail party*, matando peixes caros para bolinar Xodó.

Tinha vontade de negar o beijo que a mãe suplicava. De sapatear.

— Vamos lá pra casa, que horas são?

Sílvio Lapa falou:

— São duas horas da madrugada.

Irritava o moço ter que dar contas de suas noites. D. Guiomar não dormiria antes dele chegar: — Porcaria!

Chiquinho Fedegoso chamou o garçom de *smoking* branco para pagar as despesas.

— Hoje sou eu — fez Ubaldo.

— Não, deixa!

Quando saíam da chopada, ele os levava ainda para o Jardim América. Pelo menos Sílvio Lapa o acompanhava sempre. Soltava-o na rua sem condução, depois de devastarem a copa onde D. Guiomar fazia a Rosalina deixar um chá completo com bolos e biscoitos. O Duque latia quando abriam o portão largo de ferro sobre a alameda escura que os faróis focavam. A mãe acendia a luz, estava à espera.

— Vamos lá pra casa?

— Você tem uma mulata boa! — disse Mário Ferguson.
— Precisa repartir...

— A Rosalina...

Ubaldo ficou vermelho, deu uma risada gostosa. Lembra-se da primeira vez que possuía a criada. Voltara da revolução virgem como tinha ido. Fora a sua primeira vez. Entrara no quarto do porão pela madrugada: "Dona Guiomar pega a gente!" Sentara-a desnudada na cama. Não sabia como era. "Parece galo!" "Você não conta?" — Só ele ignorava que a mãe presidia à sua iniciação.

Chiquinho recebera o troco. Os rapazes saíram.

Agora, era na sala de visitas que eles se encontravam à noite, quando a mãe e a irmã já estavam acomodadas. Rosalina erguia-se do largo almofadão como uma galinha corrida, repunha a calça de algodão: "Safado! Vai me pegá fio! Eu trago ele pra sua mãe!" Precisava conhecer outras mulheres. Ter apartamento.

O carro partiu no chuvisco que se esfarelava nos postes da antemanhã. Ubaldo desviou rápido de um bonde solitário que vinha roncando pela rua. Desceram, entre árvores, as pantufas asfaltadas do Jardim América. Sílvio Lapa saltou solícito para abrir o portão.

— Não façam barulho! — gritou o rapaz ao volante.

— Por quê?

— O Duque acorda e mamãe late!

— Estupendo! Boa piada!

Chiquinho Fedegoso exclamou com os olhos que riam:

— Você está ficando inteligente, Ubaldo!

Um avião de passeio estrugiu sobre o pequeno coreto cercado de música e de povo, em torno dos caminhões que chegavam.

— É o Kana! É o nosso aviador!

A banda tocou um dobrado.

O chefe regional gordo e solene abriu o cortejo onde gente atarantada de chapéu na mão misturava-se à arrogância dos camisas verdes.

O rapaz subiu ao coreto, onde os chefes se haviam colocado num banco de pau. Era Carlos Benjamin. O avião

baixou, passou rente, espantando o povo. Subiu. O japonês acenou.

— É o aviador do conde!

Os integralistas levantaram os braços saudando-o. O pequeno aparelho alçou-se no céu cintilante da manhã, buscou a serra. O orador fez um gesto nervoso, fitou o povo juntado.

— É com satisfação que me dirijo aos meus companheiros. Proponho-lhes que ergamos três anauês ao nosso querido Chefe Nacional, Plínio Salgado!

Os rapazes fardados berraram em coro: — Anauê!

Carlos Benjamin prosseguiu:

— Eis-nos companheiros no cumprimento do nosso dever! Viemos trazer ao campo a nossa destra amiga! Na inauguração do Núcleo Integralista de Água Choca, vemos jubilosamente uma recompensa dos nossos esforços. Este núcleo representa a compreensão de nossas palavras pela vossa inteligência. É mais uma esmeralda que se engasta no verde diadema da esperança brasileira. É mais um núcleo do nosso vitorioso movimento. Eu sei quanto Água Choca nos aguardava com ansiedade! Eu sei que em Água Choca há os correligionários exultantes e os adversários irônicos, mas todos nos esperavam na expectativa de um acontecimento inédito! Pela primeira vez uma organização política, em nosso país, promove uma reunião de patrícios na zona rural e funda uma célula de trabalho para que haja aproximação e participação com os nossos humildes irmãos na política.

— Bravo! Muito bem! Apoiado!

— A Ação Integralista Brasileira, cujos princípios foram tirados da filosofia cristã e dos mais modernos pensadores da Alemanha, da Itália, da França e de Portugal, teve por coordenador somente Plínio Salgado, o nosso sublime e privilegiado Chefe, cuja capacidade tudo conseguiu dentro de uma técnica primorosa, como convém ao partido político da atualidade, exclusivamente nacional e nacionalista.

— Muito bem!

O avião apontou sobre a serra, cresceu. O orador parou para levantar o braço com os outros na direção do japonês que fazia a saudação fascista numa perigosa descida. Aprumou o aparelho. O povo aclamou-o.

— A nossa decisão de brasileiros contrasta com a caduque dos pseudoliberais que, confiantes na força do dinheiro e na chicana das urnas, aparentam certa indiferença pelo nosso credo. Sob a máscara calma, sabemos que existe o medo, a covardia daqueles que num dia bem próximo levaremos aos tribunais para dar conta de seus crimes contra a nacionalidade! . . .

— Apoiado! Isso mesmo!

O chefe gordo, que presidia no banco de pau, bateu palmas. Os camisas verdes o seguiram.

— A camarilha, que nos submete ao Imperialismo econômico alienígena, terá a sua paga. A sinagoga brasileira como sucursal de Wall Street e dos Rothschild cerrará as suas portas mais cedo do que se espera!

— Bravo!

— Nós, os brasileiros, que não mancomunamos com o judaísmo, nós que não colocamos os interesses pessoais acima dos interesses da pátria, nos apresentamos a todo Brasil como guardas ciosos do seu nome de bem no passado, de sua força no presente e de fé de vencer no futuro! Alistai-vos, pois, companheiros de Água Choca, nas fileiras da Ação Integralista Brasileira. Só nós salvaremos o Brasil! Porque somos nacionalistas! Um anauê para o vosso Chefe Municipal, Doutor Miguel Riskalá! Três anauês para o Chefe Nacional, Plínio Salgado! Um anauê para o Brasil!

A banda de música entoou a *Giovanezza*. Algumas vozes cantaram.

Miguel Riskalá, que era o dentista local, anafado e careca na farda partidária, pediu a opinião dos circunstantes e abriu as inscrições para o Partido. Os capiaus aprovavam, vinham dar o nome timidamente, trazidos pelos propagandistas.

— O Dotô Migué diz que é bão . . .

— Eles distriboe camisa de graça!

— Dessa cor?

— Dessa . . .

— Bonito, não?

— Você vai entrá, Pepino?

— Natorelle! Io sô intaliano, rapaiz!

— Venha assiná na lista, Cesário!

Os integralistas aproximaram-se dos caminhões com os

motores já em movimento. Um alemãozinho foi encarregado da chefia do núcleo fundado. O dentista sírio, de pé, ao lado de Carlos Benjamin, gritou ainda para o povo que dispersava:

— “Deus, Pátria e Família” é o nosso lema! E é a síntese do cristianismo!

— Anauê! — urravam os camisas verdes.

— Anauê! — gritaram os inscritos, levantando o braço medroso pela primeira vez.

No sarau noturno do *Clube de Arte*, Jack de São Cristóvão, agitado e grandalhão, pediu licença ao conferencista para dar um aparte.

A assistência voltou-se interessada. O engenheiro esperava fitando o homem miúdo, de capote, sentado a uma mesa, em frente a um copo d'água. O Dr. Sabóia do Carmo assentiu.

— Eu tenho uma teoria sobre o tempo. É um desenvolvimento das teses da Antropofagia. Eu digo que o tempo é a negação do espaço. Um é o totem e outro o tabu. Há numa das equações principais de Einstein uma confirmação curiosa. O tempo aí aparece com o sinal negativo...

O conferencista continuou:

— As minhas digressões extemporâneas não são sobre o tempo no terreno desse surto da metafísica que a Relatividade está produzindo. Não saem do terreno prático da emoção e de seu corolário — a razão, em que a medicina e particularmente a psiquiatria podem intervir e constatar. Eu divido o tempo de outra maneira. Eu divido o tempo em tempo cronológico ou histórico e tempo musical ou êxtase. Aliás é sobre a música que versa esta palestra. Eu ligo a música aos problemas mais sérios e profundos do homem porque ela intervém de contínuo na atividade social e interfere na vida de relação do homem para lembrar que ele é natural e eterno... Aliás, se quisermos engastar no nosso tema a grande antítese lembrada pelo meu sempre brilhante amigo Jack de São Cristóvão, as coordenadas kantianas de tempo e de espaço, eu diria, enriquecendo o meu tema, que as artes são temporais, quero dizer, sociais, com exceção da música que

é a única que se apresenta e realiza o tempo espacial... Chegaria mesmo a dizer que a música é espaço... Isto é, a música é a única arte espacial e, portanto, a única arte objetiva.

— A música e a arquitetura! — aparteu Jack.

— Ela toca dentro de nós o que temos de substantivo e imutável, o que temos de estrela, de rocha, de mar... E por isso todos nós deixamos de ser políticos diante da música. Por isso Lênin fugia de música para não se perturbar, para não se comover...

— No que fazia muito bem! — aparteu a voz fina de Maria Parede na primeira fila. Estava num pulôver velho, com os cabelos soltos, os lábios brancos.

A assistência fixou-se nela.

O conferencista continuou com a voz cantada:

— Por isso Settembrini, esse grande líder da liberdade de um século, fixado genialmente por Thomas Mann n' *A montanha mágica*, assinalou também o caráter equívoco da música. A música perturba porque lembra em nós os pecados mais que milenários, os direitos telúricos do homem. Teria o caráter memorativo da cinza na Semana Santa, o *pulvis est*, mas não no sentido humilde da morte e sim no sentido vitalizador e catastrófico da vida.

A Condessa Ana Tolstoi, os cabelos loiros repuxados para cima por um chapéu pequeno e alto, deu uma joelhada no marido que dormitava num terno cinza-claro. Calheiros da Graça descerrou os olhos empapuçados sob a calva úmida de suor.

— Que segnefica substantivo?

A assistência tinha uma parte interessada, atenta, outra perdia-se no exame das toaletes finas das figuras elegantes e originais da alta burguesia paulista.

Da acanhada postura do conferencista, no capote incolor, saíam paradoxos, brotavam problemas sobre a mesa.

— Há o tempo-relógio e o tempo-escala... O tempo cronológico e o êxtase que é a negação do tempo. Quando Dostoievski, no frontispício de uma de suas obras geniais, citava São Mateus, para dar uma idéia da eternidade, dizendo: "Não haverá mais tempo", esclarecia perfeitamente o problema. A eternidade é a negação da história. Nela

não pode haver tempo, isto é, o tempo cronológico, o tempo marcado pelos ponteiros de um relógio mecânico.

— Essa é uma teoria minha! — gritou Jack de São Cristóvão, nos óculos de lentes grossas.

— Nós estamos é perdendo tempo! — fez Guano, o pintor, provocando risos.

— Mas há outro tempo que é ondulação, é noite e dia, é escala, é música, é amor, é mar...

Parou ligeiramente sufocado. A melena caiu-lhe sobre a testa escura e os mais próximos ouviram um chiado de asma. Mas, como um mágico que faz sair das suas mangas nuvens coloridas de pássaros, o médico prosseguiu na ofensiva:

— E chegamos ao homem, ao que temos dentro de nós todos. Eu afirmo que toda a crítica filha da razão, portanto, um produto do tempo e do homem histórico, só se torna arte quando naufraga na memória ou abre as comportas da realidade pela imaginação. É quando se dá esse abrandamento da lógica no tempo perdido de Proust, no tempo mágico de Mann, ambos atingidos na doença. Ou a sensação das coordenadas terrenas pelo descompensado que reage, imagina e cria o milagre da vida interior. Afirmo que só a vida interior dá arte e que só dá vida interior a quebra do mundo cronológico pela força reivindicadora do martírio pessoal. Só o martírio dá arte. E é na música, onde o espaço prevalece sobre o tempo, onde a história naufraga na eternidade, que nos sentimos mais próximos dessa conjuntura terrível e constante do homem rebentando nos pecados invencíveis e trágicos do vegetal... Ouve-se então a vida interior, ouve-se a música, ouve-se o silêncio. Porque a música é silêncio e vida interior. Ela se inscreve no pedaço de planeta que existe dentro de nós. É, portanto, objetiva e real como uma planta.

A Condessa Ana Tolstoi falou baixo ao marido:

— Você non me diz que é substantivo...

Calheiros exclamou de dentro de sua astenia:

— Ele está se divertindo!

Depois de um aparte sereno de Carlos de Jaert, o orador prosseguiu:

— Conheci um beneditino que dizia: "Só se pode ser bom frade quando se é doente". Os imaginosos são os descompensados, tanto os indivíduos como os povos. E da sau-

dade e da descompensação vive o mundo imperfeito, eterno e dialético. Os artistas são apenas os ressoadores dessa grande angústia que é a vida. São eles que vão buscar, para a nossa alegria e nosso consolo, o tempo perdido.

— A burguesada indecente! — fez Maria Parede pondo a língua para Quindim que sorria nos dentes encavalados.

Joaquim Formoso levantou corado fingindo não perceber o gesto provocador. O povo se desmanchava pelas mesas, saindo aos magotes. Jack de São Cristóvão tomava o testemunho de Carlos de Jaert para dizer que, no dia em que se conheceram na revolução paulista, ele tivera menos coordenadas e menos definidas aquelas mesmas idéias.

— Carlos agora é meu inimigo. Você pode acreditar nele...

O pintor interpelado respondeu:

— Eu sou inimigo das suas besteiras! Só isso...

— Bom. Então foi besteira tudo o que ele disse, não é?

Formou-se logo um grupo curioso em torno do Dr. Sabóia do Carmo, entre os dois que discutiam.

— Tanto você como ele, Jack, têm razão nesse negócio de tempo. Devem ter... Mas você está zangado comigo, por quê? Só porque eu provei por $a + b$ que a pintura tende a normalizar a sua função pedagógica como, aliás, tudo...

— Menos a música! — observou Sabóia acendendo o cachimbo.

— Bem... a música é dissolvente como você falou. Mas as artes verdadeiramente políticas e sociais como a pintura e o romance voltaram a sua normalidade que é ensinar.

— Graças à Rússia Soviética! — exclamou o engenheiro soltando uma gargalhada faustosa.

— Não — interveio o pintor. — Mas graças a um grande livro, o maior livro do século XIX, graças a *O capital*, de Carlos Marx.

— E que tem o romance com *O capital*, de Marx?

A roda tornara-se numerosa. Leonardo Mesa aproximara-se acompanhando Olivério Rusco que se absteria de apartear essa noite. Maria Parede trouxera a irmã Sarita esbelta e bem-posta num *tailleur* marrom. Tinha a cara de boneca nos olhos escuros.

— Olhe, eu vou sugerir que tirem d'*O capital* um balé! Um balé d'*O capital* intitulado *A maior valia!* A história

da "mais-valia" pode dar um balé de primeira ordem com as figuras do capitalista e do proletário, do contratador, da máquina e da fome. Um balé para a Belle Didjah dançar...

— E isso com o romance?

— Você não percebe nada Jack! Quem te diz que O *capital* não só mudou o mundo das idéias políticas explicando a economia burguesa como mudou o mundo da literatura e da arte!

— Estou quase de acordo — interveio Maria Parede.

— O *capital* é o primeiro romance da era moderna — prosseguiu Carlos de Jaert empolgando-se na tese. — Veja como dele para cá a literatura mudou... Só cinqüenta anos depois é que surgiu *A montanha mágica*, que é o único livro que você já leu, Jack. Porque é o inventário da burguesia!

— É o meu livro de cabeceira...

Carlos de Jaert, apertando o nó da gravata, disse:

— Eu não aparteei a conferência porque estava bonita, de fato. Mas não estou de acordo. A prova de que a música é também uma arte social é que ela muda a cada época, e exprime a história dando o sinal e a expressão de cada época. O Sabóia é um mestre do paradoxo. Nesse caminho, ele afirmou outro dia que Wagner era música militar... Dividiu a música em militar, de circo, sei lá...

Todos riram. O pintor continuou:

— A música social é a valsa e o prelúdio de amor, diz ele. É Viena... Em todos nós há um pouco de Viena... eu prefiro ter um pouco de Moscou... O romance depois de Marx deixou as lamúrias psicológicas de Stendhal, de Balzac, de Flaubert para tomar posição frente aos problemas do homem e resolvê-los. Como o quadro! Há uma volta à parábola. O romance passa a moralizar... Como um evangelho...

— Que horror! que horror! — disse Ana Tolstoi entrando na discussão. — Vocês non sabem nada!

Jack passou o braço aos ombros da mulher pequena que se encolhia numa capa de herminia.

— Você é filha do grande Tolstoi! Devia saber...

— Sobrinha-bisneta! Se volto na Rússia vô morar em casa dele!

A chegada da russa branca fez a roda debandar. Os grupos saíram pela escada. Calheiros da Graça desceu com a esposa acompanhado de Jack e Guano, o pintor.

Ficou no zinco do bar a figura sadia e camponesa de Aurora Boreal. O conferencista reacendeu o cachimbo diante dela.

- Você gostou?
- Muito! Mas não entendi nada.
- Hoje você está livre... vamos jantar num hotel?
- Eu não jantei ainda. Estava esperando você...

Lírio e Ventura haviam deixado o Beco do Escarro e bebericaram ainda num bar da Rua 15 de Novembro.

— Vai havê luta hoje...

Aproximaram-se da Praça da Sé, onde a Ação Integralista ia realizar uma cerimônia de juramento nas escadarias da Catedral.

— Olha que povão!

— Sai frege...

Postaram-se junto ao relógio levantado no meio do largo.

— Cinco horas. Eles estão chegando... Escuta. É o

Hino Nacional!

O povo aglomerava-se nos refúgios, acoitava-se nas calçadas. O desfile dos camisas verdes surgia na praça por detrás da banda de música. Lírio engasgou uma risada estridente.

— Olha a *Furiosa!* É a banda de música lá de Jurema...

— É *O teu cabelo não nega* que eles estão tocando — exclamou Ventura, num bafo de pinga. — Vamo vê de perto...

Um ferroviário que conhecia Lírio fê-los parar.

— Vai embora! Nós vamos atirá nos galinha-verde...

Ventura parecia não ter ouvido. Caminhara, o rosto duro e vermelho, sob um chapéu velho jogado no alto da cabeça. Haviam atingido as primeiras filas do povo que olhava o desfile colorido. A música claudicante era um contraste com a atitude marcial dos integralistas. Eles vinham em forma, batendo os passos, alinhados e firmes.

— Olha o Babá!

Martelando um tambor, a cara cheia e infantil no corpo crescido, o filho de Anastácia Pupper vestia a camisa verde. A deputada devia segui-lo da calçada com outras mães e outros pais dos rapazes que marchavam.

Enquanto a banda se dirigia para as escadarias da Catedral, tropas de choque do integralismo ocuparam afrontosamente a praça fazendo o povo recuar.

A atitude provocadora dos camisas verdes iniciou pequenas escaramuças. A cavalaria apareceu armada de mosqueteão. Os soldados, apeados dos cavalos, postaram-se a um ângulo da praça.

Ouviu-se um fá-fá-fá distante de metralhadora e estabelecera-se correrias. Lírio, que seguia Ventura, gritou:

— Cuidado! Estão atirando das sacadas!

O povo estava ali compacto e irado, nas janelas, nas entradas das ruas. Um rapaz de olhos grandes e cabelos esvoaçantes gritou para o pelotão de integralistas que comandava:

— Companheiros! Não tenham medo, não acontece nada. Deus está do nosso lado e a polícia também. . .

Era Carlos Benjamin que, sob a complacência do Conde Alberto de Melo, viera conduzindo uma centúria do interior.

Nas escadarias da Catedral não terminada, Ludovica Abramonte ergueu a perna doente e a voz macia e aguda. Ostentava as insígnias do Integralismo na camisa verde de seda ao centro do grupo impávido que cantava.

*“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
“De um povo heróico o brado retumbante”*

O povo escutava trágico e mudo. Alguém gritou no silêncio:

— Viva o Brasil!

Mas um grupo movimentara-se ao lado da Catedral. Eram soldados tomando posição junto de metralhadoras assentadas. Seus gestos pareciam demorados e impacientes.

Maria Parede, apertando na bolsa um pequeno revólver, olhava de uma sacada, ao lado de Zico Venâncio. Ele apontou com o dedo:

— É ali que a Carmela trabalha, naquela placa de dentista...

Ela sorriu nervosa nos lábios lívidos.

— A escravidão assim à vista fica mais que insuportável — exclamou Leonardo Mesa para Jango.

Ambos esperavam, encostando-se a uma porta de café. Perto deles uma moça pobre, vestindo um *tailleur* escuro, avançou, zangando com um menino que vestia a camisa verde:

— Te deixo em casa da tia e você vem vestido assim no meio deste povo!

— Você é uma merda seca!

O rapazinho procurava desvencilhar-se. Um popular interveio, levou-o com a irmã aflita.

O camarada Rioja sentia que era mesmo necessário deflagrar a luta. A ação era tudo. Se não viesse a ação popular e direta naquele minuto, a causa podia estar perdida. Como se nada houvesse, Jango permanecia ao seu lado, fleumático. Um ano atrás batiam-lhe aos ouvidos pela primeira vez as palavras de ordem do Partido Comunista, e as senhas contundentes da luta de classes. Voltava-lhe à cabeça uma frase de Karl Marx que anotara numa edição espanhola d'*O capital*. — A ideologia... a propaganda... não se lembrava mais como era... quando penetra na massa se torna força social.

Um tiro seco ecoou perto. Parecia um tiro de revólver. Outros tiros sucederam-se. Balas sibilaram de todo o lado entre fá-fá-fás de metralhadoras. Os integralistas pareciam guirlandas partidas no meio do asfalto.

— Cão lazarento! — gritou Carlos Benjamin para um companheiro caído de rastros. — Você abandona a Bandeira Nacional!

A sacada de um escritório de médico, uma família gritava:

— Traição! Traição! A polícia ajuda os comunistas!

Eram a viúva Fedegoso e os filhos. Estavam verde-limão. Procuravam lá embaixo a figura minguada de Chiquinho.

— São esses cachorros comunistas... a polícia está a favor deles. São esses pretos!

Um popular ajoelhou-se ao lado de Jango, caiu de bruços. O moço fazendeiro segurou-o. Deixou-o na calçada en-

tre gente. Seguiu na direção de Leonardo que atirava. Sacou então o seu velho *Browning* e iniciou uma caçada meticulosa contra os camisas verdes. O camarada Rioja sentiu lágrimas fervorosas nos olhos. Conteve-se para não chorar. Endireitava-se afinal o corpo enorme e bisonho do proletariado. Era o processo histórico que chegava e conduzia a massa na luta. Realizava-se o milagre popular duma frente única contra o Integralismo.

Deixando as fileiras com que penetrara no largo, Ubaldo Junquillo correu alcançando a porta ondulada de um bar que se fechava, penetrou a tempo. Silvio Lapa seguia-o gritando:

— Espera. Onde você vai?

Num gesto atlético Ubaldo arrancou a camisa fascista. Gente aglomerada olhava-os.

— Onde é a privada?

— Ali — indicou o outro. — O que é que você tem?

— Não convém nós ficarmos aqui.

Então o integralista baixo e fraco gritou:

— Eu fico! Não tenho medo de comunistas!

Ubaldo, com a camisa verde amassada na mão, olhava para a porta por onde se via a praça esvaziando-se tumultuosamente.

— Eu conheço o Brasil — acrescentou Lapa. — Nós só podemos vencer. Eu conheço a História do Brasil. Continuaremos na luta, venceremos esses canalhas.

— Eu tenho muito amor a minha vida! — exclamou Ubaldo. — Vamos dar o pira. Mas eu não vou com você com essa camisa. Tire isso!

— Como é que eu vou ficar, tirando a camisa? Não sou nenhum palhaço.

— Não seja besta! Tire!

Gritava imperativo para o outro vendo-o hesitar.

Gente nas mesas procurava ouvir a discussão.

— Vamos lá pra dentro!

Sumiram ambos pela porta movediça onde estava escrito *Reservado*.

Em torno do Marco Zero, ao centro da praça, Ventura, que atirava descabelado, baqueou. Ficou estirado numa poça de sangue, inerte, o rosto de olhos abertos, envelhecido e severo.

Lírio de Piratininga deu um grito selvagem aproximando-se. Policiais surgiram de todos os lados.

— Leva o homem! Leva!

Uma lágrima assomou aos olhos do mulato. Ajudou a levantar o companheiro que os soldados conduziram a uma ambulância. Ficou ali parado, sem saber o que fazer na praça evacuada pela polícia. Queria vingar o amigo com o revólver velho que trouxera de Jurema. Procurava um camisa verde.

— Quantas vezes na existência do homem surgem instintos assassinos!

A porta fechada de um grande prédio estabelecera-se, no entanto, um tumulto. O zelador esganiçado e grisalho fizera retirar de uma das sacadas, pela polícia, um grupo que havia invadido sorrateiramente o prédio para atirar sobre os manifestantes. Zico Venâncio vinha na frente ferido na orelha por um golpe de cassetete. Maria Parede saiu do elevador entre dois grilos, os cabelos despenteados.

Para a chefia Integralista haviam afluído as colunas disparatadas dos camisas verdes. E os maiores do partido mal continham a onda que reclamava lá fora a presença de Plínio Salgado. Um homem gritou com a voz de trombone:

— A vida do Chefe é necessária à causa! O Chefe não pode se arriscar!

As escadas do prédio, os pátios e as salas estavam repletos de cascas de banana, de papéis gordurosos e de esgarros. Os rapazes do interior, que tinham sido conduzidos para o juramento, sentavam-se agora ali, medrosos e pálidos. Um senhor, que procurava inutilmente o paletó, exclamou:

— Ôta gente danada esses comunista! Não respeita nem polícia!

Uma moça chegou correndo, entrou, pedindo notícias do irmão.

— Sei lá! Procure!

— Disseram que morreu!

Carmela Venâncio, ao descer da sala do emprego, donde assistira ao choque, quase foi atropelada. Um automóvel retardatário conduzia nos estribos integralistas de revólver em punho. Passaram gritando "Anauê!" Seu ódio cresceu contra a militante de cabelos soltos que entrara em sua casa como a desgraça. Zico talvez estivesse ali atirando ou atirado. Talvez fosse dentro daquela ambulância que passava, morto.

Pensou em chegar até a Polícia, mas teve medo. Iam tirar o que restava do Doardo na cova alugada. Só podia ficar enterrado três anos. Depois jogavam na vala comum. Jogavam o filho na vala comum. Agora no Dia de Finados não levaria mais flores. Que adiantava rezar diante daquele montinho de terra, diante de um número numa tábua? Só se o Zico a essas horas estivesse morto também... Desatou a chorar.

Um soldado deteve Lírio no meio da praça, fê-lo seguir na direção da Central. Tomou-lhe o revólver. Ele ia satisfeito de ser preso. Disposto, se fosse preciso, a assumir a responsabilidade do conflito. Pela primeira vez sentira a ação da massa. Plaumburn lhe dissera em Jurema que tudo no mundo se reduzia à luta de classes. Os bairros enlameados e malcheirosos tinham destruído a segurança e a alegria dos jantares caros, das mulheres lavadas, das farras e dos vinhos nos palacetes onde nascera o Integralismo.

O Brás estendeu por uma abertura da Rua do Carmo seu casario enfumaçado de fábricas na noite que chegava. Era ali que ele vivia num quarto da casa do Ventura. Como ficaria a mulher do Ventura, o herdeiro do Ventura? Os operários acampavam no Brás, como quatro séculos antes os indígenas tinham acampado ante a cidadela reacionária de Anchieta. Os tempos eram outros.

Penetrou com o guarda no pátio aceso e rumoroso da Polícia Central. Gente corria de todos os lados. Enfermeiros conduziam feridos. O Ventura era um sem-vergonha, um boêmio, só dava pancada, miséria e desgraça à família. Mas estava lá embaixo inteiriçado e frio numa mesa do necrotério, pela causa de todos os pobres do mundo.

Somos um Eldorado Fracassado

A sala da Delegacia tinha um reposteiro verde com armas nacionais e um lustre doirado aceso em pleno meio-dia.

Trouxeram o preso. Era um homem magro e ossudo, a camisa entreaberta sob um paletó velho. Tinha os cabelos revoltos e os olhos brilhantes. Conduziram-no até a mesa larga e polida da autoridade.

O tira Paixão esperava a um canto. Havia um soldado vigilante ante a porta fechada.

Marialva Guimarães, num terno grosso de jaquetão, trazia óculos enormes na cara tornada grave e maior.

- Você é estrangeiro??
- Não senhor.
- Seu nome?
- Joaquim Leiras do Nascimento.
- Profissão?
- Motorista.
- É casado com brasileira?
- Sim senhor.
- Tem filhos brasileiros?

— Quatro boquinhas, doutor!

— Se você fosse estrangeiro, saia daqui para ser deportado. Tem muito navio esperando em Santos. Ia fazer agitação na sua terra. Mas mesmo aqui temos um bom lugar para você ficar de férias — a Ilha dos Porcos! É o lugar que reservamos para vocês. Se voltar à minha presença já sabe — Ilha!

— Doutor, é fácil voltar aqui. Eles prendem a gente à-toa!

— Cale a boca!

O preso hesitava. Exclamou:

— A primeira vez que eu fui preso estava na garage consertando o carro.

— Cale-se!

— Doutor, eu...

Um nervoso explicativo apoderava-se do chofer. Uma ânsia de salvação o agitava. Mas um funcionário tinha penetrado na sala. Depositou um papel sobre a mesa. O delegado sentara-se, faiscante e sério nos óculos de tartaruga, a pastinha perfeita, uma gravata rútila onde uma pérola as-sentava.

Leiras animou-se.

— Agora eu fui preso quando estava lendo o *Estado* numa esquina, esperando o bonde pra ir pra casa...

— Você está sendo malcriado, ouviu?

O silêncio de novo cresceu.

— Não estava fazendo nada, doutor!

— Olhe, você insiste, então vai já! Não precisa nem voltar outra vez aqui.

Soou a campainha. Um contínuo preto surgiu. Rodou o olhar até o detido.

— Chame o Doutor Gonçalo!

O homem saiu. Então o preso gritou:

— Doutor, como fica a minha família?

— Você é comunista e covarde!

— Não senhor!

A autoridade recostou-se à cadeira móvel que rangeu num balanço suave.

— Não é comunista?

— Não senhor.

- Não é mesmo?
— Não sou não senhor.
— Quando vocês caem aqui dentro não tem um só que seja comunista. Lá fora vocês todos são!
Leiras protestou num murmúrio:
— Quando são dizem que são...
— Pois você vai dizer à custa de pancada. Depois vai se convalescer na Ilha dos Porcos, ouviu? Você vai gostar muito da Ilha. Lá não há diferença de classe. Tem os vigaristas, os batedores de carteiras, os malandros e os comunas! São todos iguais! Como vocês querem. É uma sociedade perfeita...
Indicou a porta a Paixão para que o levasse.
— Saia!
Leiras tentou falar ainda, mas o punho do tira o alcançou no rosto, enquanto o soldado o empurrava para o corredor.

Jango a um banco alto do bar, no Clube de Arte, bebia vodca diante de Aurora Boreal. Tinha no bolso um vidro de perfume caro para dar à Eufrásia.

— O senhor não quis topar...

Ele olhou-a atento. Lembrou-se de que era ela que a Licórnea lhe tinha oferecido no *rendez-vous*, justamente quando fora lá buscar o endereço antigo de Eufrásia. Talvez agora Eufrásia frequentasse de fato... Vira-a na véspera com um bracelete de ouro.

— Você mudou de profissão?

A moça sorria, loira e sardenta.

— A Licórnea me chupava o sangue. Tudo que fazia era pra ela... Meu pai morreu de desgosto... fiquei sério... Fui trabalhar. Estive de copeira na casa da francesa do seu tio. Ele é um gabiru. A mulher ficou com ciúmes. Me tocou.

O moço fazendeiro recusava-se ainda a reatar com Eufrásia que encontrara uma noite no Clube, trazida por Lírio de Piratininga, em companhia da Velosa. Pressentia nela a existência irregular dessa outra garota atirada à vida sem saber o que era fazer michê quando já se achava numa casa

pública. Guardava a impressão da decadência irremediável da criança que seu pai aviltara na serra. Ela negara no entanto que tivesse havido qualquer coisa entre ambos. Aparecia-lhe linda, fazendo um sucesso prostitucional no Clube e contraditória, falando da família, dos irmãos. Tendo com certeza uma noção pejorativa do desastre econômico da Formosa.

Jango passou a mão grossa pelos olhos subitamente fatigados. Compreendia os assassinatos. Acordou de repente para a moça loira do bar, compassiva e presente que lhe dizia:

— Essa vida é um buraco!

— Vamos dormir juntos qualquer noite destas...

Olhou o clube vazio. Era apenas um extenso salão com mobília rústica de palha. Das paredes pendiam quadros modernistas ao lado de figuras geométricas em alumínio. As mesas coloridas em laca vermelha e azul abriam-se ao centro deixando um quadrado onde se dançava.

Uma turma álcere e amiga penetrou pela porta. Sentaram-se, chamando Jango. Guano, o pintor, perguntou-lhe:

— Qual é a sua opinião sobre o Plínio Salgado?

— Um burro!

O garçom Ladislau surgiu do fundo, loiro e espigado, atendeu. Jango sentou-se ao lado do integralista Sílvio Lapa que o olhava enfezado. Carlos de Jaert interveio:

— Todo chefe é um descompensado. É a figura psicanalítica do "chefe". Eu conheço o Plínio há muitos anos. Ele precisava ser chefe de qualquer coisa para viver. É o caso de Hitler! Chefe de nação ou chefe de cozinha.

Jack de São Cristóvão apareceu alto, elegante, os óculos sob o cabelo revoltado. Saudaram-no aos gritos sem perceber que uma mulher o acompanhava. Era Ana Tolstoi que tinha na mão enluvada um jornal.

— Eu não fico com vocês. Vocês só sabem discutir política. Eu sou neutro.

— Você é analfabeto! — gritou o pintor Guano, pequeno, calvo e desdentado.

Jack, antes de sentar-se à mesa do fundo com a russa, alteou a voz.

— É mais interessante calçar o Sudão e a Guatemala do que escrever *A condição humana*.

Na roda, o integralista pequeno e retaco defendia o rearrumamento da Alemanha.

— Hitler quer a guerra, terá a guerra! — exclamou Guano.

— A Alemanha foi obrigada a interromper um processo histórico. Mas retornará à sua marcha.

— Para Oeste!

Jango estava longe, em Eufrásia Beato. Precisava acabar com aquele namoro idiota. Seria um desastre recomençar. Mas estava preso a ela. Talvez fosse falta de mulher... Aurora Boreal talvez resolvesse... Era melhor... Ela fizera-se desentendida quando ele a tinha interpelado sobre o pai. Parecia negar que tivesse havido qualquer coisa na serra. Mas a lembrança do Major o irritava. Ficasse com ele que se gabava.

— A humanidade é insanável — fez o médico Sabóia do Carmo que permanecera até então calado e franzino, perdido no seu cachimbo.

— O que torna a humanidade de hoje incrível é a exacerbação do eu trazida pela burguesia decadente — disse Carlos de Jaert. — Isso vai durar até que venha nova economia e a nova moral. A humanidade progride nas épocas em que atinge uma unidade social, econômica e política...

— Nas épocas totalitárias! — murmurou o integralista.

— Isso é um jogo de palavras. Eu quero me referir à unidade econômica, política e religiosa do Egito e da Índia, à romana, à cristã medieval e mesmo à renascentista que infelizmente trazia a era da máquina, a terrível era que estamos atravessando.

Jango distraía-se. Eufrásia aparecia-lhe com vinte e cinco anos e cem de recalques e de miséria. Um dia sombriamente moralizada. Esquecendo o que queria ser no outro. E incapaz de se ajustar à moral nova, ao mundo novo.

— É preciso retornar à cadência cristã. Eu sou cristão e antifascista — afirmou Guano com seriedade.

— Não há nenhum progresso na História — afirmava Sílvio Lapa. — Spengler disse que já se ouvem os passos dos Césares...

— Ora Spengler! Você se viver, verá...

— O quê?

— A Guerra Mundial que vem aí!

— Ela só dará razão a Spengler.

— Veremos — exclamou Carlos de Jaert. — É preciso não ver a guerra como guerra, a que se prepara no plano militar. Será apenas a catarse da técnica, a catarse do capitalismo. O mundo só assim se libertará das paixões provocadas pela máquina. O homem não se engorgita de materialismo sem conseqüências. Virá a catarse. O capitalismo terá o seu apocalipse!

— Spengler...

— Não! Anti-Spengler.

O médico deixou o cachimbo apagado e falou:

— Nenhum tem razão. Vocês levam tudo para o plano mundial, histórico e até metafísico. Saem do Brasil com a maior facilidade. Vocês seguem uma constante idealista que tem atrapalhado a nossa formação. Talvez devido às nossas raízes longínquas. A nossa saudade de exilados, de exilados da cultura. Não notam o que se passa aqui sob nossas vistas. Eu tinha toda a razão quando fui contra a Revolução de 30, uma revolução alienígena. Exterior à nossa primeira sedimentação. Tanto a colônia como a monarquia e a Primeira República repousam sobre um fundamento de fundo católico-agrário. O Brasil dormitava num estágio retardado em torno de um progresso monolinear. A sua fórmula política era o P.R.P. que nos conduzia em contato com as mais altas expressões do pensamento humano...

Uma risada geral estrondou.

— É o cúmulo!

O médico prosseguiu inalterado:

— O P.R.P. lia Anatole France e vinha de Augusto Comte!

— Com os coronéis, os latifundiários, os capangas e os macumbeiros...

— Isso era o contrapeso da cultura de classe que o P.R.P. representava com a carta progressista de 91, a Águia de Haia...

— Rui Barbosa! Esse horrendo Rui! — gritou Jack de São Cristóvão que ouvia da outra mesa.

— A Águia de Haia, a Demoiselle de Santos Dumont...

— O Antônio Conselheiro, o Padre Cícero, o Lampeão...

O médico prosseguiu impassível:

— Isso fazia uma cultura nossa que a Revolução de 30 quebrou. Vocês vão assistir à confusão que vem por aí! A

ignorância, a improvisação e o cafajestismo farão submergir esse fio condutor da nossa independência e dentro de alguns anos seremos dominados por um grupo de parvos e de sanguinários. Sem a tradição que tínhamos e desmanchamos, sem virilidade e sem destino, ou antes com um único destino, as algemas que nos colocarão delicadamente nos pulsos os Estados Unidos da América do Norte...

— Se a Rússia deixar!

— É claro! — disse Carlos de Jaert. — Sob as areias movediças dos tempos novos, nenhuma economia, nenhuma política, nenhuma ética, nada pode se radicar. No começo tem que ser o grotesco criador, a cópia servil, o exagero e o medo. Só o trabalho, as suas condições e tragédias conduzirão a nova era internacional. O Brasil tem que entrar no cordão.

— Você deve estar radiante — disse Guano, o pintor, ao médico. — Chegou aí uma remanescência da nossa cultura — a Santa do Brejal. Devíamos trazê-la para fazer uma conferência aqui, ou uma sessão espírita. Ela faz milagres.

— E por que não? Vocês pensam que um povo deva desprezar o seu fundo irracional? As religiões são invencíveis porque existe dentro de nós uma coisa não-métrica, irreduzível e insondável... Sem a mística ninguém vive. Os santos são necessários à história de um povo como os heróis.

Carlos de Jaert observou:

— O que existe de imponderável e emotivo na nossa ancestralidade teve seu escoamento numa nova mística, a do próprio homem em sociedade...

— A URSS!

— A URSS, nunca! A grande Alemanha sim — disse o integralista. — O Doutor Sabóia do Carmo me dá inteira razão. Quem é Hitler? O homem que, para decidir os grandes problemas da história contemporânea, vai para a floresta... Fecha-se em Berchtesgaden, nos Alpes... É um rei de Shakespeare!

— E como um rei de Shakespeare acaba sempre mal, terá o seu banquete de sangue!

— Isso faz parte do drama eterno, do drama humano.

Jango riu.

— Nós estamos alto. Com um pouco de vodca chegamos à estratosfera...

A Condessa Ana Tolstoi levantara-se acompanhada de Jack de São Cristóvão. Estava num *tailleur* cinza-claro. Guano propôs:

— Que tal promovermos aqui uma exibição da Santa do Brejal?

— Ótimo! Transformaremos isto num pátio de milagres. Traremos paralíticos, cegos, tortos... Vai ser um sucesso! Pagaram a despesa.

O grupo desfez-se, saiu. A noite, lá fora, descera completamente sobre a cidade molhada de garoa.

— Que coisa horrível futurismo. Só risco... Eu também sei pintar assim...

Jack de São Cristóvão passara um paletó felpudo e ria gostosamente. Tinha preparado aquela penumbra acolhedora no seu apartamento modernista.

A Condessa Ana Tolstoi apontou um quadro de Miró.

— Que seguenifica isso?

— Ah! Isso é sexo. É Freud puro... Tome mais um uísque e você compreende...

Serviu da larga botelha de cristal, nos copos esguios e translúcidos. Ela repousava, pequena e loura, num grande sofá retangular e branco. Poltronas de aço completavam o contraste, onde havia num canto um bar e no outro uma biblioteca suspensa.

— Onde você escreve?

— Lá dentro...

— E onde pinta?

— Em casa.

— É grande o apartamento?

— Venha ver.

Ela virou o copo de uísque, levantou-se. Jack baixara-se, beijou-lhe rapidamente os lábios vermelhos de batom.

— Você é um bruto!

No quarto do rapaz havia só um quadro alto na parede. Uma aquarela de Picasso, da época azul. Era uma mulher magra deitada. E o divã abria em branco sobre um largo e felpudo tapete branco.

— Você não tem gobelin?
— Pra quê... Se tivesse queimava! Essa aquarela de Picasso vale mais que qualquer tapeçaria. É também uma tapeçaria!

— Não entendo!

— Vamos nos despir...

Ela perguntou:

— Não tem biombo, paravento, qualquer coisa?

— Pra quê? Tem o banheiro. Olhe, leve esse pijama e essas chinelas estofadas.

Entregou os objetos finos à russa. Enquanto ela se fechava no aposento contíguo, despiu-se completamente, passou um pijama azul. Deitou-se para esperar, excitado a princípio, depois pouco a pouco se irritando com a demora. Quando a mulher entrou no pijama rendado, todo o anseio de posse se desfizera. Ela tocou o comutador elétrico e o quarto saiu da sombra, refulgiu em almofadas e metais.

— Apague essa luz, meu amor!

— Quero ler o jornal...

Deitou-se ao seu lado, tomando de cima da mesa de cabeceira o diário que trouxera nas mãos. Percorria minuciosamente a coluna dos cinemas.

Foi uma dificuldade convencê-la de que era preciso restabelecer a penumbra propícia, e, outra, tirá-la do estojo rendado. Enfim estava ali nua para as suas mãos que a percorriam.

— Tire essa perna...

— Não posso...

Ele rodava por montes e vales com a boca, com os dedos. Mas a carne que supusera atraente, desejosa, esticava-se numa imobilidade branca, gelada.

— Você machuca eu...

— Tire a perna!

— Não posso!

— Você está chorando.

O momento alto caiu, desmoronou-se. Ele, no entanto, beijava-a. Lágrimas desmancharam o rosto pintado.

— Deixa eu... pára... Com umidade não posso mexer.

— Que você tem nessa perna?

— Foi tiro de revólver que me deram em Marselha... Aquilo excitou prodigiosamente o homem. Tinha na cama uma mulher casada que trazia a marca de um drama da Migdal.

Eram nove horas e meia quando a condessa desceu o elevador automático do prédio.

Jack ficou zanzando satisfeito. Não conseguira possuí-la totalmente. A perna doente enrijava nos dias úmidos. E aquele detalhe trouxera um imprevisto valor ao adultério banal. Coroara inesperadamente as reservas imaginosas que haviam precedido o encontro.

O artista ia jantar no Automóvel Clube onde talvez encontrasse Calheiros da Graça. Saiu pela noite de cartazes luminosos onde a garoa descia. Murmurava o nome da amante para os transeuntes sombrios, como se quisesse contar ao mundo sua esquisita ventura.

— Ana Tolstoi! Ana Tolstoi! O tiro de revólver!

Jango viera na tarde daquele dia esperar a passagem possível de Eufrásia pelo Clube de Arte. Ela vinha geralmente só, mas não aparecera ainda. Mais de uma vez tinham conversado longamente. Ela falava em ir ao Rio. E ele oferecera-se para acompanhá-la. — Eu também tenho que ir. Vou a negócio da Formosa.

Com o calor do vodca russo uma ternura subia ao peito do moço fazendeiro. Precisava de mulher. Sua vida sexual refocilava na fazenda onde persistia a fêmea indefesa do feudo à disposição do senhor. Entregando-se numa dadivosa franqueza, fosse a pequena colona do cafezal ou a mestiça da cozinha. Sentia porém que aquilo não bastava. Aurora Boreal não o prendia. Levava-a ao apartamento que tinha com Carlos de Jaert. Mais para satisfazer uma curiosidade sexual. Ao contrário, o que ele encontrava em Eufrásia era o amor. Esse equívoco voluntário de dois seres que se depre-

ciam para achar no outro o mito inatingível, a felicidade e a paz. Recordara-se das confissões dela nos primeiros tempos, antes da revolução paulista e da serra. Para ele, Eufrásia fora a gata borralheira do casebre dos Moncorvino. E ele tinha sido um instante o príncipe encantado para o seu pouco colégio e sua muita fome. Mas o pajem não fechara sobre ambos a portinhola da caleça mágica. Haviam permanecido pouco naquela irrealidade. O espelho era de fundo falso, revirara-se de repente, dando outra coisa no lado fosco. Qual seria a realidade de ambos? A reconciliação pela carne traria uma solução? O supremo vagido? E depois?

Jango saíra do Clube. Chegou à Rua Barão de Itapeitinga, desceu para o centro, atingiu o antigo viaduto. O céu incolor era uma massa átona na tarde. O verão precoce descia sobre o Triângulo, esparramava-se nos bairros, dava um relevo roxo ao brique dos telhados, à ardósia dos arranha-céus, acentuava o verde das árvores. A Praça do Patriarca bulia de gente. Naquele fim ativo do dia iam homens apressados, mulheres bonitas. Em cada um talvez seguisse o mesmo drama, o drama insolúvel do amor incompleto, do amor atraídoado...

Tomou automaticamente um táxi. Mandou tocar para o Alto de Sant'Ana. A bela imagem aflita de Eufrásia voltava ao seu calvário. Que significava aquela aflição vinda na voz quente deixando ressonâncias e apelos?... Iria vê-la, vê-la no casebre, doente e desmoralizada como era. Pensando impotente nas chancas de futebol do Genuca, no emprego da irmã, nos remédios da mãe. Era uma vontade de desmascarar o seu próprio ideal que o guiava. Mais que o amor...

O táxi alcançou, numa subida agreste entre fundos de quintal, barracões de terra viva, varetas de macieiras, folhas recortadas entre um e outro mamão verde. A uma volta a cidade apareceu cinzenta numa poeira de casario, onde os cubos centrais pareciam túmulos de luxo num raso cemitério.

Jango acordou do sonho em que se perdera. O chofer passara de há muito Sant'Ana e conduziu-o para a estrada de rodagem afogada na verdura da primavera. A folhagem

inundava tudo. A folhagem era como o seu amor. O seu amor era o campo onde a folhagem chegava a afogar as vilas e as fazendas, onde penetrava nas casas com seus bichos e seu cheiro de mato. Era o campo em ofensiva contra as culturas e o trabalho do homem. Bâtegas grossas de água envolveram o carro, bateram a estrada seca, coberta de pó. O seu amor era como a chuva, a chuva que regenerava os horizontes, liquidava as estiagens, refloria as plantações e chorava sobre a terra.

O sol da tarde queimava as costas finas de Eufrásia. Uma onda contínua de poeira e de carvão invadia as janelas do trem abertas sobre o Vale do Paraíba. Ela já havia retirado o casaco e as luvas, entreabrira a gola. Baixou a cortina.

— Que viagem, acabo ficando nua aqui!

— É o que esses gabiru qué! — fez Rosalina que mastigava um croquete.

— É a Central!

Genuca estava sentado em frente às irmãs. Entroncara-se no futebol, tinha o coco rapado e olhava tenazmente para fora.

— Você bate a cabeça em quarqué coisa! Ôta menino teimoso!

Eufrásia tomou um pastel, mergulhou-o na boca bem pintada. Aquele lanche fora preparado pela Zefa. Coitada! Previra tudo naquela venturosa ida ao Rio em que pretendiam as duas achar colocação. No barulho do trem a voz da Zefa voltava: "Ocê não qué trabaiá. Qué orgiá!" Ela queria era deixar o magistério para sempre. Quase entisicara. No Rio talvez encontrasse um jeito melhor de vida. A Rosalina arranjara um cartão de apresentação de um "tenente" para a Escola de Enfermagem Ana Nery. O Genuca entraria para a Escola de Aviação. A Zefa não queria: "Oceis qué levá esse menino pra escola da morte!"

Ele trazia um *Tico-tico* aberto sobre as coxas grossas da calça comprida. Limpou com um lenço sujo as faíscas de pão que guardara na cara e no paletó aberto. Espreguiçou-se desmesuradamente.

— Eu vô sê do Flamengo.

Enfiou de repente a cabeça no colo de Rosalina.

— Deixa meu vão das perna, menino!

Ela passou-lhe as mãos no rosto, endireitou-lhe as pontas do colarinho revirado que mal continha uma gravata de homem. Estava num terno justo, engrovinhado, de brim ris-cadinho.

— Custa muito pra chegá, Lina?

Mesmo deitado Genuca tirou do bolso um pão, pegou-o com as duas mãos, mordêu um naco enorme com os dentes bons.

— Sente menino — gritou Eufrásia. — Você quer engasgar?

Ele falou com a boca cheia obedecendo:

— Deixa eu vê o intantâneo que ocê tirô no Jardim da Luz?

— Depois. Não é hora!

— Deixa i no outro banco, Lina?

Rosalina curvou-se até Eufrásia e lhe disse qualquer coisa ao ouvido:

— Não interessa... É feio.

A mulata deu um safanão no menino que se debruçava à janela.

— Qué rachá o coco?

Prosseguiu para a irmã:

— É por causa do sol! Naquele banco tem sombra...

Genuca interveio:

— Deixa eu i lá?

— Fica sossegado menino! Cria juízo!

O trem arfava num grande som de ferragens, acalmava-se de repente num ritmo balançado sobre os trilhos, parava numa gare rústica e velha. Partia entre fundos de casa, atingia o campo, uma fazenda antiga. Genuca bebia pelos olhos a paisagem nova. Passou na estrada que beirava a linha, um cemitério. Ali de noite tinha fogo-fátuo. O Neco já tinha visto fogo-fátuo. Era amarelo. Só fantasma que não tinha visto. Não existia fantasma. Era mentira da Zefa. No Rio de Janeiro tinha um jardim de bicho onde a Rosalina ia com ele logo que chegasse, no primeiro dia! Ia ver capivara e porco-da-índia. Quando entrasse na Escola de Aviação ia aprender a jogar boxe. Quando voltasse do Rio para jogar outra vez na Várzea, daria uma trancada no Neco.

Rasgava se ele reagisse, enchia de boxe. Ia perguntar pra Eufrásia se no Rio de Janeiro tinha cemitério, quando veio aquela tosse de cachorro que não o largava. Tomou conta dele. Estorcegou-se na janela.

— Lança! — gritou Rosalina batendo-lhe nas costas. — Você afoga!

O acesso passara. Ele olhava com os olhos inflamados, a boca gosmenta no lenço sujo.

— É esse vento!

— Fecha a janela!

O menino se opôs:

— A gente nunca viaja... qué vê!

Rosalina de novo indicou à Eufrásia o rapaz bem posto que conservava o lugar vazio do lado da sombra. Genuca fizera desaparecer a mão inteira na boca aberta, para tirar um fiapo de carne que se instalara no buraco molar.

— Ele está grelando pra você... Muda pra lá!

Eufrásia deu um salto ágil pondo em relevo as formas no vestido amarelo, sentou-se ao lado do rapaz desprevenido, desculpando-se de tropeçar. Rosalina pôs o irmão ao seu lado, junto à janela, ergueu a cortina. Ele gritou:

— Olha um caminhão! Tá apostando co trem! Que disparada! Vai encontrá o trem! Bum!

Ameaçou levantar-se:

— Qué que eu quebre o vidro pra pará o trem? Eu vô... .

— Fica quieto diabo!

O companheiro de viagem de Eufrásia olhava-a esquivo e surpreso. Era um moço bem tratado, num completo marrom que o fazia mais loiro. Notava-lhe o vestido justo, os cabelos pretos repartidos, ocultando argolas de ouro nas orelhas. Tinha uma aliança na mão direita.

— Que revista é aquela que estava lendo?

— *Detetive*...

— É casada?

— Não.

— Que é isso então? — disse apontando a aliança.

— Noivado.

— Jogue fora!

Ela riu. Disse que tinha um companheiro.

Dobrava-se para ele naquela confidência de trem.

— É feliz?

- As vezes...
- Falta recurso?
- Em matéria de dinheiro eu não posso me queixar. Ele me dá tudo o que eu preciso.
- O que é que ele faz?
- É Major do Exército...
- O Exército ganha bem.
- Mas tem um ciúme do inferno! Vive se queixando... que gosta de carinho, que precisa de carinho...
- Quem é que não gosta?
- Nesse instante Rosalina precipitou-se para o Genuca que urrava ao seu lado.
- Não te disse, burro!
- É um cisco!
- Espera, eu assopro!
- Genuca esfregava a vista pisada e vermelha.
- Não passe o lenço sujo!
- Pronto.
- O garçom apareceu anunciando o último serviço do carro-restaurante.
- Quer almoçar? — disse o viajante a Eufrásia.
- Estou com meus irmãos.
- Nós precisamos conversar. Eles já comeram bastante...
- Ela sorriu para Rosalina e aceitou.
- O vagão-restaurante estava enfumaçado e vazio. Sentaram-se, percorreram o *menu*.
- Você gosta de seu homem?
- Eu é que devia ter ciúmes. É um rapagão forte e bonito. Qualquer mulher é capaz de se apaixonar por ele.
- O desconhecido ofereceu-lhe arroz. Um tutu grosso de feijão esparramava-se sobre uma travessa metálica. Ela serviu-se. Era um pirão azedo e frio.
- Parece a minha vida...
- Seus lábios retraíram-se. Uma lágrima pingou sobre o prato, no bife escuro que o garçom trouxera.
- O homem deixou de comer, fitava-a.
- Que é que você está sentindo?
- Tenho sofrido demais...
- O rapaz continuou a comer calado.
- É um monstro! Uma vez ele me fez sair de uma con-

feitaria antes de terminar o sorvete porque tinha um velho me olhando. Na rua me apertou o braço e perguntou: "Você não quer voltar e tomar outro sorvete com aquele sujeito?" Tenho sofrido sem fazer nada... sem nunca ter feito nada!

Parecia uma madona linda e lacrimosa.

— Você gosta do Rio?

Ela fez com a cabeça que sim, sem contar que não conhecia a Capital.

— É a cidade da alegria...

O garçom veio trazer a sobremesa. O desconhecido pôs as mãos engrossadas de veias sobre as mãos macias e brancas da sua companheira de viagem.

— Eu queria ir com você para um hotel.

— E meus irmãos?

— É melhor decidir tudo já. Vou ser franco. Eu não vou para o Rio. Desço em Barra. Vou para Minas. Mas estou no Rio daqui a cinco dias. Este é o meu endereço do escritório. Você telefona de tarde...

Passou-lhe um cartão comercial.

— Quero ver o que você faz por mim... Como é o seu nome?

— Rodrigues... está aí. Rodrigues & Lisboa.

— Você é rico?

— Sou engenheiro. Tenho uma fábrica.

Sussurrou-lhe madrigais baixinho. Um homem gordo, de guarda-pó, sentou-se à outra mesa olhando-os. Ela disse:

— Isso é poesia... não creio...

— Você gosta de poesia?

— Das bonitas...

— E o que você quer que eu te dê?

— Um apartamento mobiliado... Você dá?

O rapaz ria com os dentes bonitos.

— Na Cinelândia...

Rodrigues lhe dissera que o Rio era a cidade mais bela do mundo. Aquele pardieiro seria a estação Pedro II? Desceram sujas, estremunhadas, entre os passageiros, acordando Genuca aos berros, numa atrapalhão de cestas, embrulhos e

malas. Talvez fosse por ser àquela hora da madrugada. Um carregador preto veio ajudá-las.

— Tem uma pensão barata aí em frente da estação. Eu levo as bagage...

— Vamos lá... quanto o senhor quer?

— Dá quarquê coisa... Estou esperando a saída do rápido... já é quase amanhã.

Sairam da gare, atravessaram o largo imenso, terroso e iluminado atrás do carregador. Chegaram em frente a um velho sobrado de muitas janelas que tinha entreaberta uma porta de três metros. Antes dela, procurara o mesmo endereço o viajante gordo, de guarda-pó, que conversava com um português em pijama.

— Só tem um quarto...

— É justo que eu fique com ele — fez o homem — porque cheguei na frente e ainda tenho que viajar esta tarde...

O carregador interveio:

— Então essas duas senhora e esse minino que veio de São Paulo com atraso de deiz hora vai ficá na rua? Eu já fui nos otro hoté e não achei acomodação. Faça o favô de arranjá...

O hoteleiro explicou:

— Tem um quartinho lá em cima. Só se voceis quiserem arrumar as camas porque o empregado ainda está deitado. Não façam barulho porque tem gente dormindo!

Pagaram o carregador que reclamou insatisfeito, resmungando. Subiram na ponta do pé uma larga escada velha. Genuca, que acordara completamente, levava uma mala de papelão. Eufrásia tomou os embrulhos e uma cesta. Rosalina incumbiu-se do resto. Atravessaram um corredor enorme num cheiro de mofo e -sujeria. Passaram uma área de cimento que dava para uma sala de jantar escura, subiram outra escada e atingiram um aposento sem forro com duas camas de ferro e uma pia entupida. Juntaram as camas e estenderam sobre o colchão manchado os lençóis encardidos que o hoteleiro trouxe. Ele fitava Eufrásia impertinentemente.

— Queríamos tomar um banho...

— Não hai água...

Fecharam a porta. Rosalina deitara. Genuca vestido, acomodou-se.

— Tire o sapato menino!

Eufrásia fora olhar pela janela que tinha a veneziana quebrada. Embaixo, no largo, ouvia vozes. Passavam ônibus. Um bonde iluminado parou na distância. Havia, ao lado, as luzes de um café aberto. Para lá, o dia ia começar num silêncio de quadro. Saíram do café um preto grande de camisa de meia e tamancos e dois garotos crescidos. Um moço curvo vinha atrás deles. Pararam parecendo continuar uma conversa interrompida. O rapaz exclamou:

— Por que vocês não trabalham?

— Eles qué referência, boa apresentação. Onde nós vai roubá roupa pra vesti, sapato pra calçá. Nós vivemo de camisa de meia e de tamanco... não semo amorfadinha!

— Eu sou seu companheiro. Essa roupa que eu estou com ela era do filho do meu patrão que morreu de cancro. Eles deram pra mim!

Todas as luzes da iluminação pública tinham se apagado. Fazia calor. Eufrásia olhava as figuras negras que se esvaíam. No cenário recortavam-se arranha-céus. Ao fundo, entre árvores rendilhadas, acentuou-se um azul-escuro e grosso. Depois uma camada violácea avermelhou a manhã. Uma voz de mulata cantava:

— Cida-de mara-vi-lhosa!

As vidraças do atelier de Incoronata Frelin estavam fechadas naquele domingo por causa da poeira. Os figurinos, grudados ali, ficavam depressa amarelos.

D. Patrocínio perguntou se não tinham achado casa para mudar do Canindé.

— Nós devia mudá! Esse véio não arranja emprego mais. Assim não vai!

— Papai precisa de emprego no duro!

Incoronata tinha o beijo polpudo e caído sobre os dentes claros. O cabelo cacheava na cabeça morena. Estava num vestido azul sobre os tacões altos do domingo. Ao contrário, Valquíria era branca e loira. Trazia a testa cheia de rugas e a cara velha e mal pintada. Experimentava um molde numa mulher atarracada e gorda, coberta de alfinetes. Ao fundo, um manequim vermelhava junto à cama de Felícia Benjamin. Preto, a máquina de costura luzia parada.

— Pois é Dona Patrocínio... diz que Deus fez o domingo pra vadiá, mas invés as freguesa qué aproveitá a forga e aparece...

— Eu não poderia deixaire de vire porque vou cantare no Teatro Municipale... Quando saio, saio chique! Vou cantare de gueixa!

Os dois presuntos dos braços envolvidos em mangas estreitas moveram-se. A mulher tinha uma papada de rei no rosto lustroso.

— Fica quieta Dona Patrocínio, sinão não posso exprimentá o vistido.

— Não se pode nem falare...

Uma criança apareceu nos passos curtos. Tinha o rostinho erguido, interessado na visitante.

— Quem é esse menino?

— É o filho da verdureira. Ela qué dá ele pra nós... Mas quem é que pode nesse tempo criá fio dos otro? Não sabe o que é um fio no orçamento do pobre!

Era Incoronata que falava. A irmã media a fazenda preta no peito alentado da freguesa.

— Não vá m'spetare os peitos Dona Valquíria!

A criança chegava-se com um dedinho na boca salivosa. Incoronata perguntou-lhe:

— Você qué mamá?

Irmo estacara em mangas de camisa e chapéu na cabeça à porta do atelier. A criança respondeu:

— Quelo.

— Em quem? — fez o rapaz.

Todos riram. A costureira repetiu:

— Em quem?

O menino respondeu:

— Em você.

Risadas enormes e francas acolheram a resposta. Irmo perguntou:

— E eu, onde é que mamo?

O menino apontou a freguesa, deixando um silêncio encabulado na sala.

— É malicioso! — observou D. Patrocínio.

Incoronata dobrou uma banana para o irmão e sentou-se à cama de ferro de Felícia com a criança no colo.

— Corra aqui benzoca!

De dentro veio uma gritaria de ralhos. D. Idalina inutilmente perseguia os molecões crescidos. Daquela encardimento da casa que dava a mesma cor às tábuas da mesa, às roupas das camas, às camisas e aos lençóis, os garotos brotavam rosados e espertos, rasgando de pedras as magras árvores dos quintalejos, enfezando a vizinhança, batendo nos mais fracos. A falta de autoridade paterna dera-lhe a vida solta. Não tinham medo de ninguém. No grupo a professora reclamava, reclamava na venda do bairro D. Cota.

— Te vô levá pra iscola de marinheiro! É o que oceis qué! Lá não tem futebol!

— Me fodo eu.

Uma atividade brigona e sexual de pequenos bandidos os guiava.

— Esses meninos precisam de ire à igreja — exclamou a portuguesa espetada de alfinetes.

— Vá falá pra eles. Eles manda à merda o padre!

Incoronata abriu a janela. Da rua vinham os gritos da criançada correndo atrás duma bola de meia.

— Aquela besta tá chorando! Vá ocê no gol! Começa! Mede as jardas! Fri!

— Fri! Pênalti!

— Robalheira! Ansim não jogo!

— Quando é que você se casa? — perguntou o cliente à Valquíria. — Já está em tempo!

— Ninguém me qué.

Irmo interrompeu:

— Ela qué casá co Primo Carnera.

— Que gosto! O boxeador! Ora iessa! Ele tem uma boca tão grande que pode tocaire xilofone nos seus dentes.

Valquíria ajustava a saia. A freguesa continuou:

— Vocês conhecem a história do Primo Carnera? Ele saiu de casa porque comia demais. Os pais não agüentaram com ele. Então foi para os Estados Unidos ser boxeador e ganhou um dinheirão!

— Pronto Dona Patrocínio. Está uma maravilha! Olhe no espelho.

A portuguesa mirou-se numa porta de guarda-roupa velho e quebrado, a um ângulo do quarto. Revirou-se.

— Me parece fulgado!

— Não é. Se a senhora ispicha a barriga pra drento, faiz uma cinturinha na prova depois o vistido não cabe. Não cabe mesmo!

Incoronata falou:

— Parece uma boneca. Pode até avoá!

Valquíria recolheu os recortes alinhavados do vestido, de joelhos no chão, pondo os alfinetes amontoados na boca sobre uma cadeira ao lado.

— Vocês não querem ir veire eu cantaire no Municipale? É uma festa magnífica!

— Nós não tem tempo nem de i no cinema.

— Hoje eu vô na matinê! — disse Incoronata.

— Não vai não! — berrou Irmo.

— Vô! Você não manda em mim!

— Te dô uma sova se te pego otra veiz co grilo!

— Vá merda!

A cliente saira. A criança acompanhou-a. Ficou solta na sala uma eletricidade pesada. Irmo murmurou:

— O dever da mulher é obedecê!

— Carrasco!

— Você deixa de namoro co grilo. Eu não topo aquele sujeito! Se continuá, tropelo ele!

O operário estava junto da irmã. Incoronata o fitava com os olhos raivosos. Gritou:

— Vá tomá no cu!

Ele deu um tapa no rosto bonito.

— Mama! Vô chamá um sordado!

— Chama ele pra você vê!

— Carrasco de merda!

Valquíria interveio com a voz tímida:

— Oceis em veiz de brigá devia pensá em pagá a prestação da máquina. O cobradô já veio quatro veiz e disse que vai protestá.

Continuou depois de um silêncio geral:

— Seria pena perdê a máquina porque já istá quasi paga!

Irmo suspirou, pôs o cigarro na boca.

— Joguei a cobra, deu a craba!

No verão, o cortiço cheirava mal. Em companhia de In-coronata, Felícia lavava o chão dos quartos. Ia pôr o vestido novo de étamine bege à chegada de Leonardo. Estava agora arranjando a casa dos Frelin. Varria, mexia, pedia licença. Um odor de barata e de antiguidade se evolava das gavetas onde se amontoa o *bric-à-brac* da pobreza. Garfos quebrados, pedaços de louça, facas rombudas, cacarecos sem possível identificação, barbantes, linhas, palhas de milho.

Foi lavar-se no poço com uma toalha no pescoço, os cabelos soltos.

Fora fazia um friozinho na tarde paulista. Ela esperava o militante no portão. Crianças em roda cantavam:

*Passa, passa três veiz...
A última há de ficá!*

Paco Alvaredo continuava preso. Não se sabia nada de Leiras, nem de Zico Venâncio. Constava que este tinha fugido para o Rio Grande do Sul e passado para o Uruguai. Diziam que fora Jango quem intervier a favor do camarada Rioja, pedindo a Pedro de Saxe que arranjasse um *habeas-corpus*. Leonardo começara a fazer traduções para viver. Agora, nas tardes neblinadas, ele ia buscar Felícia Benjamin, reconduzia-a da fábrica. Davam topadas nas ruas toscas, chegavam para o jantar. O velho Frelin permanecia desaparecido quase sempre. Vinha vasculhar as panelas no silêncio da pequena cozinha na ausência dos filhos, envergonhado de não achar trabalho. Leonardo encontrava-o, às vezes, sorvendo um fundo de *minestra* que D. Idalina lhe guardava. Batia-lhe nas costas. O velho murmurava: — Haveremos de tomar o poder! Haveremos! — Mergulhava de novo, entumulado, na sopa. Saía para o quintal falando sozinho.

A noite caíra serena. Não havia jantar aos domingos. Leonardo apareceu.

— Vamos passear?

— Tem uma quermesse aí perto... queria ir ver... você me leva?

Tomaram o fim da rua, entraram pela noite de barraquinhas iluminadas. Tudo que o mundo dá nos dias normais, juntava-se em leilão. Meninas se esfregavam nos passantes: — Compre de mim! Compre de mim!

Sob arcos iluminados, entre bambus, um padre corria. Filhas de Maria pararam. Espetavam-se nele pedindo cartucho de confeito: — Me dá, me dá! — Ele achegou-se a um tabuleiro onde uma negra de trunfa e saia amarela vendia doces e quentão. Pediu o preço, gritou:

— Você é uma exploradeira.

— O sinhô me negô águai!

— Eu dou um pé nisto aqui!

O sacerdote longo fuzilava, os óculos sobre o nariz vermelho.

— Dê! Eu te tiro a saia pra vê se ocê é home!

As moças seguiram o padre que gesticulava. A preta berrou:

— Eu conheço o Delegado! Não tenho medo...

Uma orquestra de congregados marianos, fantasiados de caipiras, tocava num tablado. Pares de namorados passavam. Sob os arcos de luz, homens mediam-se, rapazes empurravam-se.

Leonardo tomou o braço da pequena operária, distanciou-se do aglomerado festivo. Pensava em sua irmã, muito limpa, em Campos de Jordão fazendo blusas de tricô. Nas cartas queixando-se do intestino. Talvez fosse a última fase da doença. Revia-a sempre de branco. Só na cidade, nos porões da tísica, não era possível a higiene decorativa dos tuberculosos. Nos porões do centro, como nos cortiços do Brás e do Canindé, a infecção bacilar se alastrava, pegava um a um, famílias inteiras que não podiam isolar o doente. Às vezes, passando na rua, ele olhava e via lá dentro quatro velas rodeando uma tábua de mesa onde qualquer coisa se alongava sob um lençol. Em redor, negros silenciosos, pobre gente branca...

— Vamos nos casar? Eu tenho uma irmã doente. Você tem um irmão errado... Não temos quasi ninguém... Minha mãe é doceira no Rio...

Pararam sob árvores num barranco, vendo ao longe o xadrez de luz de São Paulo noturno tremer nas encostas dos bairros.

— Você sabe que a minha profissão é a luta... Vivo de biscates... Mas gosto tanto de você...

A menina dobrou a cabeça. Lágrimas caíram dos olhos pequeninos como de um conta-gotas. O frio balançava árvores e nuvens. Leonardo riu, tomando-a pelo braço.

— Não tenho sorte. Toda moça que eu peço em casamento chora!

Carmela Venâncio na caminhada até o Canindê vinha pensando na sua vida. Desde que aparecera aquela rampeira que chamavam de Maria Parede, sua vida fora um azar. O mundo era um vale de lágrimas. Morreria o menino. O Zico tinha ficado preso durante toda a revolução paulista. Quisera depois que ela fosse trabalhar na fábrica. Dizia: — A salvação do pobre é a fábrica! Pagam no dia! Costureira, ajudante, tudo é incerto. A fábrica paga na hora! — De tal modo a pensionista penetrara na vida do casal que um dia brigaram por causa do guarda-roupa que a outra entupia de vestidos: — Ponha isso em qualquer parte! — Não tenho onde guardar! — Bote no lixo! Os seus são trapos! — Os meus são trapos também, mas são melhores! — Zico quisera bater nela: — Você é uma indigna! É assim que se trata uma comunista? — Ela tem uma cara de viciada! — As rusgas, as suspeitas e os mexericos chegaram a tal ponto que uma noite ele lhe disse: — Tenho um prego na cabeça. Preciso de tirar. Preciso de te confessar uma coisa...

O bonde parou. Ela ia procurar Leonardo Mesa que não apareça mais no quarto de Vila Miguelona, na Mooca, onde morava agora um companheiro chamado Claudino. Desceu até a casa dos Frelin. D. Idalina recebeu-a na sala de jantar, enrugada, com os caninos à mostra.

— Sente... Como vai?

— Esses ingratos não entendem o que é o sacrifício da gente! O Zico foi embora e eu fiquei assim...

Leonardo, que ouvira do quarto onde estava traduzindo uma obra de Engels, veio em mangas de camisa. Confirmou

o que corria. Zico escrevera que ia lutar no Uruguai. Lá havia liberdade e ganharia melhor a vida como *boxeur*.

— Nem se despediu de mim!

Carmela levantou-se. Estava numa blusa ligeira, a gola de renda.

— Afinal por que ele deu a vida dele? Éramos tão felizes! Ele ganhava bem. Era respeitado... Agora veja, ficou tudo destruído! Nunca mais eu pude ter a minha vida em ordem. Eu dizia: "Você deve de ganhar dinheiro pra sua família! Por causa daquela desgraçada..."

Lágrimas enérgicas assomaram aos olhos da moça que saía. D. Idalina foi atrás dizendo:

— É isso mesmo! Entrô buceta no meio da família, estragô tudo!

Quando Atílio Rusco chegou em frente ao edifício, onde no quinto andar funcionavam os salões do Clube de Arte, notou, sob um poste da Light, um homem parado. Era um tira. O seu longo hábito de fugir, a sua velha experiência de delegacias e presídios fazia com que ele pressentisse de longe a presença dum secreta da Ordem Política e Social. Pensou em passar de largo sem entrar, mas já era inútil. O homem o vira. Detê-lo-ia se quisesse. Mas a burguesia dividira-se. Uma parte aderira ao integralismo, ontra andava agora em namoro ferrado com a esquerda. Em cima, aquelas janelas iluminadas do arranha-céu indicavam que ali se realizava a anunciada conferência de Pedro de Saxe sobre "O mundo futuro". Entrou. Tomou o elevador. O homem permanecera quieto no seu posto. Com certeza a Ordem Social não ousava deter alguém, mesmo um comunista fichado como ele, pelo simples motivo de querer ouvir a palavra de um aristocrata.

A sala estava repleta. Frases chegavam inexpressivas de tom.

"Podemos observar um fato que conduz à regra geral... Nada mais mesquinho e inevitável... no ambiente deletério... socialmente indefinido faria e ficaria..."

Maria Parede achegou-se a Rusco e comentou ao ouvido dele:

— Este burro faria carreira no integralismo...

Desapareceu na direção de Leonardo Mesa.

"esta subcategoria... urge providências... liberdade, igualdade, fraternidade... nas nossas estepes e campos floridos... consideração desta e de outra natureza... para que o mundo novo surja para a vida..."

— Bravo! Muito bem! — gritou Pancrácio Fortes.

"por toda a parte se observarão fatos semelhantes... se parecer longa e maçante a minha modesta palestra... peço vênia..."

— Não apoiado! Não apoiado! — disseram vozes de todo lado.

"mas é meu intuito entrar aqui em pormenores e detalhes... o sucesso de todas as atividades... a responsabilidade da monocultura... e do imperialismo..."

— Muito bem! Muito bem!

— Só besteira! — exclamou a militante para o camarada Rioja.

"a rotina não deve continuar, contudo os aperfeiçoamentos podem ser pacificamente introduzidos nas vicissitudes... a nossa condição semicolonial..."

— Bravos!

"ou fazemos ou não fazemos a revolução pela lei..."

Rusco procurou abrir caminho para ouvir melhor. Estava perto de uma mulher elegante que lhe impedia a visão. Tentou passar mas um homem rubro, de meia-idade, o fez retroceder. Dizia-lhe baixo:

— Nós o conhecemos! O que quer aqui? Isto é um ambiente distinto. Quem está falando é um Saxe!

O militante voltou, saiu. Desceu as escadas, tornando subitamente tímido. Ficou parado embaixo, em frente ao tira. Seria melhor ser preso. Mas o secreta andou. Desapareceu na esquina. Ele saiu antes de terminar a conferência. Inutilmente queria transferir para a luta de classes o insulto sofrido. Se encontrasse aquele homem esbofeteá-lo-ia.

Lá em cima D. Paula fitava a figura moça de Jorge Abara sentado em outra fila, atento nos óculos sem aro.

— Esse sujeito dá um grande político — comentou Carmo Agripa que se achava ao lado de Jango. — Devia deixar a pintura!

Perto deles Silva Calheiros, espapaçado na poltrona, dormia. A Condessa Ana Tolstoi não o via ressonar, presa aos lábios do conferencista. De repente deu-lhe uma cutucada, comentando:

— Eu acho que homem nunca distinguiu de besta-fera!

Pedro de Saxe, espigado sob uma calvície precoce que lhe deixava mais moço o rosto de adolescente, continuava:

“a Rússia nos trouxe novos argumentos a favor do misticismo... mas não se sabe ainda o que é a Rússia”.

D. Paula perdia-se longe do conferencista, pensava em sua vida. Conhecera talvez mal Jorge Abara. Ele a tinha procurado para fazer Xavier voltar ao trabalho dos Junquillo. Inexplicavelmente ela deixara o serviço, viera conversar no balcão da Administradora. Tinha chegado a falar com ele de livros, de viagem a Santos. Inexplicavelmente ela tinha aceito um convite dele para tomarem um chocolate no Campo Belo. Não quisera porém continuar. Quem se incomodaria com ela, com D. Paula? Voltava-lhe a lembrança do primeiro amor. Um nome restava: David Dutra. O jardineiro desastreado que podara nela todo o desejo de mulher. Jorge Abara parecia tê-la descoberto na assistência. Fitava-a com os óculos sem aro, o cabelo preto e lustroso.

Pedro de Saxe concluía:

“Qual a solução que os integralistas oferecem aos dois problemas máximos da nacionalidade? O Imperialismo e o latifúndio?”

D. Paula sorriu, cumprimentou o promotor. Talvez o procurasse na saída para dizer-lhe que era difícil conservar Xavier como empregado da Administradora. Ele não trabalhava mais. Queixava-se do estômago, dizia que era do cigarro. Depois da revolução paulista tornara-se diferente. Introduzira-se de novo na casa dos Junquillo. D. Guiomar vigiava-o molestada. Vivia na copa, na cozinha, na garagem, conversando, dando-se uma importância exagerada. No emprego a mesma coisa. Enchia-a de perguntas. Berrava atendendo o telefone: — Quem fala é o Silva Xavier... — Um dia disse: — Parente do Tiradentes... — Suava quente. Não podia dormir de dor de cabeça. Só falava em futebol.

O conferencista perorava.

"Na URSS foram postas à prova as contradições do mundo capitalista e sua fraqueza. E foram encontradas certas soluções do futuro mas talvez uma ligação da Rússia com os Estados Unidos e o Brasil seja o ideal!"

Aplausos cobriram a voz fina de Pedro de Saxe.

Ao sábado Mikael lavava com grandes baldes de água os dois quartos e a pequena cozinha de telha vã, que chamava de Retiro Feliz. Deixava secar. O vulto da velha Lucinda assomava à porta da área, acendia um fogareiro a carvão. E trazia ao russo emigrado aquela recordação da infância. Era uma pancada interior. Evocava a ama que o criara na Santa Mãe Rússia.

No quintal sobre o cimento havia um montão de roupa molhada a um canto.

E Sarita? Ele perguntava silencioso: — Onde estás, louca? Onde estás?

Levantava a alta estatura, olhava por entre árvores a cidade bramindo lá embaixo. Uma amiga de Lucinda a encontrara a última vez na Avenida São João, os cabelos pintados de negro, repartidos. Cantava tangos na *Hora de Buenos Aires*, numa estação de rádio. Estava feliz. Maria Paredo reaparecia às vezes escondendo-se da polícia. E Idílio, o pai que ficara leproso, escrevia do Asilo pedindo dinheiro para remédios, anunciando a sua próxima cura. Depois da Revolução de 30, tudo tinha começado a mudar no Brasil. Como na Rússia na Guerra de 14. Luís Carlos Prestes talvez fosse o Lênin brasileiro, mas permanecia exilado, não querendo regressar como tinham feito os seus companheiros da Coluna que agora participavam do governo.

Mikael lia nas horas que tinha. E aprendera muito da situação brasileira acamaradeando-se com o companheiro Claudino a quem fora apresentado numa pensão do Belém onde moravam Lopo e outros elementos da Juventude Comunista. Claudino era de origem burguesa. Tinha viajado e conhecia a Rússia Soviética. Era um dos fundadores do Partido. Mikael, como sempre, não pensava em se tornar um militante, mas seguia interessado a política proletária e a evolução social. Para isso ia freqüentemente à Vila Miguelona conversar

com Leonardo. Lá conhecera a velha da Formosa que chegara a São Paulo para tratar com a irmã de sua propriedade hipotecada.

Sua desempenhada estatura num avental, sobre tamancos, um chapéu de palha defendendo a cabeça contra o sol, dividia agora as peças molhadas. Como fazia nas tardes de chegada da roupa que ele mesmo trazia dos fregueses da cidade em grandes trouxas. Viajava nos bondes de operários e depois no *tramway* na Cantareira que parava perto do Retiro Feliz.

Em 1930, logo depois da revolução, os comunistas tinham se deixado rebocar pelo "Tenentismo". Seguia-se a isso uma crise de sectarismo obreiro que afastara Claudino da direção. Da ala intelectual restara, além de Leonardo, o camarada Lino, que soubera granjear o apoio da massa entusiasmada com sua miséria ascética. Tinha havido um momento em que um estivador que ganhasse mais e se vestisse melhor era posto sob suspeita de adesão à burguesia. Maria Parede regalava-se nesse extremismo demagógico. Aparecia, às vezes, à noite, disfarçada em camponesa, a cabeça num lenço sujo. Procuravam-se, para o estado-maior do Partido, operários que tivessem a "linha máxima". Evidenciara-se cada vez mais o anarquismo de Olivério Rusco, grande orador, falando uma linguagem desabusada e pitoresca, com um braço quebrado nas torturas de um cárcere europeu. Mas a crise havia passado com a união de todas as forças revolucionárias em torno da Aliança Nacional Libertadora que acabava de ser fundada.

Mikael abria as pernas fortes, baixava-se em movimentos rápidos, colocava os lençóis e a roupa pesada na tina grande enquanto Lucinda torcia em anil, no tanque, o linho fino dos apartamentos. Ao lado, para lá da cerca, numa casa de tijolos, vivia, com a Zefa e os filhos, Jeremias Moncorvino que arranjara um emprego de ascensorista na cidade. O filho Mateus Beato, transferido de Santos para um Banco da Capital, ajudava a família. E Lindáurea tinha entrado como garçonete num café do Beco.

Um negro doente, mordido de cobra, morava num fundo de telheiro, ao lado do forno onde a gente daquele aglomerado

fazia o pão diário. Chamava-se tio Luzio. E ninguém entendia sua alma vazia. A vida fora para ele escravidão e mais nada. A alma vazia de tio Luzio era como o seu quarto vazio. Sem ninguém. Sem móveis. Somente o sol e a chuva o visitavam. E alguns barulhos de ratos nos papéis apanhados onde guardava ervas do mato. Nunca tivera ninguém. Outros que, como ele, haviam saído da senzala, tinham se agrupado em torno da gente branca, arranjado ocupação e família. Ele continuara sempre só. Mikael amanhecia na horta. — Como vai tio Luzio? — Regular. . . — Um sobretudo sem cor que lhe haviam dado. Dorme, acorda, vive. Sem horários. Havia pretos que eram contínuos de Secretarias, empregados de Bancos. O mulato Antenor comprara um terreno. Ele não tinha nada. Só ervas. Um cachorro peludo e magro viera morar com ele. Sumira depois.

O resto de café sobrava ralo no fundo descascado do bule de ferro. Um foguinho feito de chavecos. — Pois é! Fora, o sol do inverno rompia a neblina.

Quando tivesse dinheiro Mikael compraria um pequenino rádio. Enquanto Lucinda lavava e a vizinha Zefa corria do fogão para o tanque e o terreiro, estabelecera uma amizade inesperada entre os quatro anos de John Gilbert (chamavam-no de Gigiba) e o preto velho do fundo do telheiro. Gigiba e tio Luzio entendiam-se.

Mikael olhava-o, sentia-se abandonado como ele. A partida de Sarita, levando seus desabridos gestos na magreza sexual, fora para ele uma inenarrável catástrofe que não contava a ninguém. Nas noites de insônia, em que acumulava tocos de cigarro, sentia-se amarrado como um cadáver à saúde dela. Ela o puxava para abismos dramáticos, insondáveis. Talvez o amor fosse isso mesmo, a negação. Tinham sido dois inimigos de morte saciados na mesma gamela e afastados ao se reconhecerem.

Ela partira, a boca cheia de batom, a cabeça cheia de homens, onde estaria? Ele ficara com a velha que era para ele a Santa Mãe Rússia. Mas alguma coisa gritava-lhe do fundo que ficara esperando a sua volta radiosa. Deixava o

quarto antes de clarear, trabalhava na horta dos fundos que verdejava em alface tenra, engalanava a cerca de tomates vermelhos.

— Como vai tio Luzio?

— Regular...

A porta da casa dos Moncorvino escancarou-se.

— Olhe quem tá aí! Dona Miguelona...

A velha atirou-se a uma cadeira, jogou o guarda-chuva. Estava num vestido florido. Trazia um pequeno coque cheio de grampos na cabeça esbranquiçada. Baixou os óculos. Fitava o chão com extrema seriedade. A Zefa acorreu com o Gigiba no colo.

— Como vai?

— Esse é da Rosalina? Sacano! Tá grande!

— Mecê tá em São Paulo!

— Vim por causo da doença! Fui na Santa Casa faiz dois ano, na Policrínica agorra. Donde tá Rosalina, queria farlá co'ela. Ela é conhecedorra de doença!

— Foi pro Rio co'a Eufrásia. Foro levá o Genuca... Diz que ia trabaia de enfermera. Conhece o médico de lá!

— Os médicos son tudos uns fiol dum can! Min puserro uma vez uma lâmpida no cano respiratório. Deus tê livre! Dissero que me tirava uma xícara de veneno do stômigo, co canudo de borracha!

— Faiz dieta!

— Parece que stô sempre de parto. Non posso nê dormi mais. O stômigo mi bate!

A Zefa mandou o neto para o quintal com tio Luzio.

— Vá vê o véio, Gigiba!

— Non servo mais pra nada! Nem pra comê, nem pra bebê. Si tomo leite de noite, non sinto fome di manhã. Se armoço non como mais o dia interro!

De fora vinha um chiado de cigarras.

— Pois é Dona Zefa, quem stá co stômigo e a bochacha a gosto vai tudo bem...

A velha Zefa sacudiu a cabeça fula nos cabelos brancos. A italiana suspirou:

— Sô muito carma, mas quano perdo as estribera fico local! Agora vorto na Formosa e faço um esporro! Stô cansada desta vida até os olho...

Levantara-se. A Zefa quis esquentar o café.

— Não tenho tempo agorra. Querro tomá um mata-bichinho. Vô dizê as verdade na Procuraderia...

— Pinga não tem... O Jeremia não pode vê pinga...

Mikael passava em frente à janela. Parou.

— Como vai a senhora?

— Depois que aqueles dois fujó sumiu, non apareceu mais lá! Um dia quim sabe a Rússia vem aqui... Nós é qui nem vaca. Se a vaca sabsesse a força que tem, nós não comia carne de vaca!

Saiu com o russo. Foi lhe contando a história do grilo, a luta contra o Major que oferecia meio alqueire de terra para terminar a querela judicial.

— Se non tem justícia, mi faço eu justícia... Agorra vô na Formosa pegá aquele fia da puta... desgraçado. O bugro... O Antônio Cristo... Vô contá! Um criminoso! Tê de i no júri.

— Está brigando sempre.

— Ele vai conhecê a véia...

O ônibus escuro apareceu longe levantando poeira...

— Stô uma isqueleta! Peguei doença de molher. É a a venérica... Não sei se escapo... A Vesguinha também fui no imbrulho!

O ônibus parou roncando junto deles. Mikael fê-la subir, atravessar entre os passageiros, sentou-se com ela ao fundo. A velha tinha os óculos embaciados.

— Nessa idade! primeira vez que tomo pito de médico!

O telefone ressoou no apartamento 443 do Palace Hotel, no Rio. A voz do porteiro perguntou:

— É o Senhor João Lucas Klag Formoso?

— Sim, senhor...

— Está aqui na portaria um chofer procurando-o com urgência.

O moço fazendeiro olhou-se ao espelho largo do guarda-roupa, desceu. No *hall*, um mulato alto, de boné, esperava. O porteiro indicou-o. Conversaram em voz baixa.

— Está aí no carro...

Sairam para a Avenida Rio Branco.

— Ela tentou se jogar no mar. Eu segurei ela... Senão ia mesmo... Depois me mandou tocá pra cá...

No fundo do automóvel estacado, Jango divisou Eufrásia descabelada, os olhos pisados, num capote azul-claro.

— Que houve, que aconteceu?

Os lábios da moça tremiam num soluço irreprimível. Ele tomou-lhe o braço, a mão enluvada.

— Fale! Que diabo! Houve alguma coisa com você? Por que você não me procurou antes? Você sabia que eu tinha chegado? Avisei sua mãe...

Ela conservava-se quieta e chorosa. Num faiscamento de sol e de árvores o carro tomou o asfalto negro da Avenida Beira-Mar. Ônibus e automóveis voavam num ritmo só. Paravam ante os sinais do trânsito. Seguiam como para uma festa no cenário de arranha-céus e de mar. Inutilmente Jango insistia. Calou-se. Ficou experimentando o calor da mão de que retirara a luva velha e manchada. Um avião amarrou no estanho circular de Botafogo. Tudo apoiava aquela inesperada felicidade. Copacabana abriu seus rolos ~~marinhos~~ na tarde esfriada. Ele a tinha ali. E sua antiga incredulidade voltou, infantil. Todas as sombras haviam partido. Restava perto dele aquela face magoada, aquela boca muda e suplicante, aquele corpo de arcanjo. Vieram-lhe ao coração as imagens das salvaçãoes miraculosas. Ela ressurgia como a mulher na vida dos cavaleiros, atingida depois das lutas com o mundo.

— Você não quer contar o que aconteceu? Eu preciso saber.

— Vamos voltar Jango. Estou resfriada...

Estacaram em frente ao Palace. Ela havia cessado de chorar. Jango deu 100\$000 ao chofer. Tomou o braço de Eufrásia ainda trêmula. Dirigiu-se ao porteiro:

— É minha mulher que chegou.

Subiram. O rapaz fê-la tirar o capote, deitar-se no leito alvo e grande, puxou-lhe os sapatos de camurça sujos de areia. Foi cerrar a janela. Ficou como estava. Pareceu-lhe

indelicado despir-se antes de um entendimento completo. Sentou-se na larga poltrona estofada, olhando-a. Ela não se movia. Tinha uma blusa estampada sob uma saia preta justa, onde se desenhavam as coxas. Quis fechar a porta, não encontrou a chave. Voltou ao leito. Ela continuava silenciosa, os olhos cerrados. Deitou-se sobre o corpo vestido. E nunca os seus lábios sentiram a sua boca passional beijá-lo tanto.

Já noite, Jango encontrara na Galeria Cruzeiro um companheiro dos dias de trincheira em 32. Augusto Rosas tinha se mudado para o Rio. Estava com um rapaz gordinho e bem-posto. Era um médico psiquiatra que admirava o talento de Sabóia do Carmo. Foram os três jantar numa cantina italiana nas proximidades da Praça Tiradentes. No ambiente popular cheio de pipas, de frascos bojudos de Chianti e salames pendurados, aboletaram-se a uma mesa que restava no centro e foram atendidos pelo garçom apressado com o cardápio engordurado na mão.

O jantar foi servido num clima de segurança íntima que há muito tempo Jango desconhecia. Afinal consumara-se tudo. Ele sorria para os outros como querendo contar, se abrir. Sentia baterem mais fortes as artérias. A voz de Eufrásia lhe voltava: "Detesto o Major! Eu não tinha intenção nenhuma de ir para a serra... Foi inevitável. Uma fatalidade! Mas juro que não houve nada. É impossível viver sem você. Você voltando para a minha companhia, esqueceremos tudo..."

Ele soubera perdoar os crimes do seu amor. Renascia nele o ser debonário e confiante. O médico perguntou-lhe quando ia embora. — Pretendo ficar mais uns três dias. Estive no Ministério da Agricultura. Vim aqui por causa do algodão e da fazenda.

— Preciso arranjar uma aposentadoria — exclamou Augusto Rosas. — Antigamente eu acreditava no Brasil. Depois começou a feder. Passei a gostar de São Paulo. Mas como sou um cumpridor de meus deveres, vocês sabem o que me aconteceu... Por causa da revolução fui demitido. Vim pro Rio. Hoje só gosto da minha casa.

O garçom veio servir o spaghètti, encheu os copos de Chianti. Rosas continuou, a cara comprida, de óculos:

— As vezes, é verdade que viro comunista. O ordenado pro usurário, a família passando necessidade, fico aí com \$200 pro bonde vendo essas Cadillacs passarem cheias de mulheres bonitas...

Comeram em silêncio. O médico parecia sorrir. Rosas disse como que concluindo:

— Antigamente eu pensava que o dinheiro era do povo. Agora sei que é desses heróis de pé de barro...

Jango abstraía-se na obsessão interior. Fumava. Pensou em aproveitar a presença ocasional daquele médico que devia bem conhecer casos como o de Eufrásia. Talvez pudesse interrogá-lo, verificar se ela mentia. Mas o perdão voltava ao seu coração cansado. Corria a mão pelos cabelos esperando a sobremesa. Voltavam as brigas que tivera. Trazia ainda no corpo o calor daquele encontro inesperado. As queixas. A separação imbecil. "Detesto o Major!" Interrogaria o psiquiatra o que era traição. Um movimento da alma oposto ao seu destino, como dizia Sabóia do Carmo, ou o terrível gozo de faltar, de não cumprir? Era a fatalidade! O adolescente traindo a cidadela do lar com a primeira namorada, com a primeira prostituta. Aos quinze anos o Major lhe dissera: — Você precisa ter um caráter de ferro, meu filho! Encontrara de novo Eufrásia. "Voltando para minha companhia esqueceremos tudo..." Tinha vontade de dizer aos dois amigos que tinham cessado de conversar. "Há anos que eu soffro! Essa mulher me mata..." Fez questão de pagar a despesa. Saíram. Qualquer coisa lhe dizia que ficasse com o médico. Mas esse escusou-se de repente. Partiu dizendo que tinha um compromisso. Ficou diante dele aquele fracasso humano como tantos outros fracassos humanos. Um herói das trincheiras de 32. Dizia-lhe que no dia seguinte seria recebido pelo Diretor de Obras da Prefeitura, a quem venderia um automóvel usado. Pediu-lhe nervosamente 50\$000.

— Qualquer dia te pago! Faço um negócio...

Já eram nove horas. Jango tomou um táxi e foi para o Palace Hotel. Eufrásia não tardaria a chegar. Tinha ido jantar na pensão com a Rosalina e o Genuca. Traria as malas. Vinha morar com ele naquele quarto de hotel.

As dez horas olhou o relógio duas vezes. Abriu a grande janela. Tirou o maço de cigarros e a caixa de fósforos do bolso do paletó. Chovia sobre o asfalto arborizado da Avenida Rio Branco. Poucos transeuntes. Uma mulher de capa passou lá embaixo. Talvez seu relógio estivesse adiantado. Para certificar-se perguntou à telefonista que lhe respondeu com extrema amabilidade: — Dez e quinze doutor!

As dez e meia voltou novamente à janela e sentiu a chuva fina cuspir, molhar-lhe a camisa. Deitou-se no leito de casal e ficou fitando a parasita de ouro que mandara vir às cinco horas quando saíra do hotel. Apagou a luz. Ela entraria a qualquer momento. Pareceu-lhe ouvir o relógio da torre bater abafadamente as 11 horas. Tirou outro cigarro. Acendeu. Uma inquietação veio, partiu, voltou, precisou-se: “Detesto o Major! Esqueceremos tudo! . . .” Onde ela estaria? Em companhia do irmão e da irmã. Decerto tinham prolongado o jantar na pensão. Devia ter ido buscá-la. Ela é quem não quisera. Uma pensão mesmo no Rio fecha cedo. Perguntaria de novo as horas na portaria. A telefonista tinha uma voz achegadora. Conversaria com ela. Devia ser aquela bonitinha, morena, ou uma gorda que estava de serviço quando ele tomara o quarto. Retirou o gancho e uma voz de homem lhe respondeu que faltava um quarto para meia-noite.

Pôs-se de pé, pegou o paletó, saiu arranjando-se diante do elevador que chamou. Esquecera a capa de borracha. Não queria voltar, mas o ascensor demorava.

Chamou um táxi que passava. Estava de pé ante o endereço que Eufrásia lhe dera. Era ali, naquele velho casarão numa rua central que ela estava hospedada com Rosalina e Genuca. No segundo andar. Procurou a campainha. Estava arrebatada. Ela lhe dissera que a pensão não tinha telefone. Bateu a princípio tímido, depois mais forte. Ninguém atendia. Tornou a bater. A chuva caía sempre, desfiava-se à luz de uma lâmpada numa árvore próxima. Passaram dois homens conversando. Uma janela se descerrou. Uma mulher alta e grande apareceu. — Vou ver! — Os minutos custavam a passar. A figura gorda debruçou-se com uma toalha prote-

gendo a cabeça. — Não está! — A que horas saiu? — O irmão disse que as duas foram para Copacabana. Bateu a janela.

Jango subira as escadas do hotel. O porteiro o informou de que ela não tinha chegado ainda. A princípio ficou no *hall*. Mas súbito veio-lhe a idéia de que Eufrásia podia ter subido sem ser vista. Não era possível. Tinha a chave na mão. Deitou-se vestido. Adormecera. Acordou agitado. Perguntou pelo telefone se a hóspede do 443 não tinha aparecido. Olhou o relógio de novo. Uma e meia... Que teria acontecido? Alguma desgraça? Apagou a luz. Aquilo em Eufrásia era uma loucura metódica, rítmica, implacável. No entanto, parecia a ele ter encontrado naquela mulher a sua própria e única realidade, pois não podia viver sem ela, não podia viver sem o alçoz inflexível que agia dentro dela. Mas era preciso parar senão iria ao crime ou ao suicídio. Só, bem só no quarto escuro, sentia de olhos abertos os móveis hirtos e hostis saírem da sombra e procurava justificar-se de ter acreditado. Não conseguia dormir. Não! Nunca mais queria vê-la... Como seria agora a vida sem ela? Depois de tê-la possuído de novo naquela tarde inesperada. Fumou um cigarro distraído. Lá fora a chuva batia. Por que ela faltara? Por que ela não vinha? A noite e a chuva açoitando tragédias. Vultos que passavam. Passos rápidos... Talvez ela... Ela voltando... A esperança tomava conta de novo do seu sonho afetivo. Devia ir procurá-la. Mas onde em Copacabana? Saíra com a irmã, uma prostituta velha. Se a encontrasse num Cassino com um outro homem teria que matá-los. Era melhor ficar. No dia seguinte a vida continuaria nas cidades, correndo nas buzinas dos automóveis, nos apitos das fábricas, nos roncões mecânicos da produção como se nada houvesse acontecido. Continuariam a correr os trens, os caminhões, passageiros e cargas. No campo continuariam os homens de chapéu de palha a revolver a terra secada pelo inverno para findar as colheitas e preparar as sementeiras. A chuva batia a vidraça do quarto. Pareceu-lhe ouvir barulho, um estalido rápido de porta na noite. Ela não vinha.

Se viesse, viesse donde viesse, jogá-lo-ia de novo no cárcere profundo do amor. Mas aquela chuva tinha um sentido. O sentido da primavera, o sentido da liberdade. Uma névoa cinza abafaria a capital do planalto. Na Formosa haveria dias mais longos e mais belos. A fazenda o chamava. O regozijo seminal nos campos arados ante as primeiras bagas generosas das chuvas de outubro. Levantou-se. Arrumou lentamente a mala. Ela não viria. Avisou o porteiro que embarcaria no primeiro trem. Pediu as horas para ver se o seu relógio estava certo. Três e meia. . . A chuva cessara. Teve um choro convulso, rápido e seco no travesseiro. Misturava agora tudo à questão econômica. Ela ficava ali entregue a quem lhe pagasse suntuosamente o corpo que ele tivera naquele leito. Talvez estivesse voltando a essas horas da farra de Copacabana ou da Urca. Talvez estivesse num outro quarto com um outro homem. Podia esperar até a chegada, mesmo que crescesse o dia, perto da pensão. Sabia que atirava bem. Levantou-se dum salto para não se deixar obcecar. . . E sentiu que o milhafre pegara-lhe o flanco indefeso e o arrastara para a desgraça absoluta. Sentia seus caminhos fechados, sem solução. Agora era correr debaixo do chicote do ciúme, esfalfado, sem achar a saída. Só matando. . . Mas havia a saída revolucionária. Os seus companheiros de luta sofriam o cárcere, a pancada, a fome e preparavam um mundo novo que viria. Era do que ele precisava, sentir o amanhã vermelho. . . Abriu novamente a janela para o ar úmido e escuro. A Avenida embaixo estava acesa e deserta. Agitou os braços inúteis para o céu pedindo a madrugada que não vinha. O barulho mecânico do elevador indicava que alguém subia. Parou no andar. Ouviu passos. Depressa abriu a porta. O quarto vizinho recolheu um vulto de mulher elegante. Fechou-se e ficou o silêncio do corredor e do hotel. Jango tomou a mala. Era preciso fugir antes que ela voltasse. Pagou embaixo a conta. Estava como um imbecil diante do porteiro sonolento com um olho só aberto. Tinha enterrado vagamente o chapéu na cabeça. Pensou em explicar a situação como uma criança medrosa. Talvez fosse ela quem chegara no táxi estacado em frente ao hotel. Um casal de bêbados desceu agarrado. Talvez ela estivesse com outro homem assim. Saiu tonto. Partia daquela toca individualista.

Parecia-lhe que lá fora ia respirar. Retomava sua ligação comovida com os fatos quotidianos da terra.

Na rua a iluminação apagava-se. As casas saíam escuras da neblena parda da manhã. Uma árvore desenhava-se esguia. Ia sem sentido, afastava-se, a mala na mão. Um táxi parecia esperá-lo na esquina. Seguiu na direção da gare. As cores da aurora forçavam a fimbria dos morros. Olhou o céu e o horizonte que mudavam. Ficou tudo voláceo. Depois ficou tudo pálido e grande. E a cidade nasceu dos escombros da noite.

No silêncio do sobrado dos Campos Elísios, a porta fechou-se violentamente sobre a cara amarela de Pancrácio Fortes. Lá fora chovia.

No roupão verde, os cabelos curtos e soltos, Dulcína trouxe o fim do cigarro. Escutou os passos que se afastavam. Foi tirar da gaveta o seu Álbum e pôs-se a ler deitada no leito:

"Oh Miss Pichorra de olhos tristes. Qual será o teu destino? Miss dos grandes olhos, das grandes surras! Chegaste a pensar que odiavas os homens porque eles são cínicos e não respeitam a tua inocência!"

Levantou-se, escreveu com o estilô velho que Qindim lhe dera, sentada à mesa de estudos perto da janela aberta. Depois leu uma página velha:

"No colégio quase fui expulsa porque minha curiosidade não deixava as protegidas freiras. Eu não me conformava com o privilégio delas. Meu pai, que sempre me abandonou, que dizem que matou minha mãe de pancada, quis me 'por na linha!' Não me deixava sair nem mesmo telefonar. Mandava o Quindim me acompanhar nos bailes. Foi por isso tudo que eu fiquei uma sequiosa. Já que não posso fazer outra coisa, fumo. A vovó implica. Diz: 'Moça não deve cheirar fumo, deve cheirar flor'. P... me deu Forel para ler mas eu não entendi nicles. Entendi muito mais quando ele entrou uma noite no meu quarto. Infelizmente os homens não sabem ser carinhosos. Querem só o proveito rápido. Eu preciso de carinho. Meu avô ainda está mal de negócios

e, por isso, nenhum paulista de quatrocentos contos pode casar comigo. P... não serve porque é casado. E é um pronto. Disse-lhe isso e não me entreguei a ele. Não gostam de mim porque eu digo as coisas na lata. Dizem que eu me pareço com a vovó. E por não dizerem nada é que nós moças ficamos umas ignorantes. Os pais não contam, os irmãos escondem, e às vezes algumas moças se casam sem saber ao certo o que vai se passar. Mas a maioria de hoje já está sendo educada de noite na estrada de Santo Amaro. Vão aos grupos com os namorados e lá param os carros e acontecem histórias do outro mundo! Eu preciso de um emprego para me emancipar. Ter o meu apartamento, viver só e fazer o que me der na telha. Então saberei ser Miss Pichorra! Oh! Moderna mas precavida! Só meu pai há de ser bruto como um carroceiro da Formosa. Parece o Damião. Os pais de minhas amigas já se civilizaram. Elas telefonam do chá Mappin e dizem que tem um *party* em casa de fulana e ciclana e vão para o apartamento de um macho que as leva para casa na barata, às quatro horas da madrugada. Depois de muito uísque, etc... etc... etc... Como são riquíssimas não acontece nada. E, se acontece, tem um médico no Rio que restaura a virgindade. Eu, se fizer a burrada, não restauro, pois não pretendo me casar e se pretendesse não achava na certa quem quisesse. Minha avó, que é do tempo que amarrava onça com lingüiça, diz sempre que eu devo ser uma menina correta e modesta, e freqüentar a igreja e que uma Klag nunca se devia empregar. Mas, se eu achasse quem me desse um emprego, fugia de casa no mesmo dia. Ainda hei de ter o meu apartamento e o meu macho bem macho. Quero carinho! estou sequiosa por carinho. Dia arrepiado. Dia paulista. Dia de carinho... Dia arrepiado como meu..."

Bateram à porta. A voz de Pancrácio falou humilde.

— Pichorrinha...

Ela não se moveu.

— Pichorrinha! Abre!

— Se você arrombar a porta eu atiro com este revólver que o Jango me deu!

Os passos do homem afastaram-se de novo. Ela pôs-se a escrever:

"Papai opõe-se a que eu estude Filosofia na Faculdade

que fundaram aí. Diz que não tem dinheiro para a matrícula. E assim vai a vida."

"Capítulo das intrigas."

"A Xodó anda num namoro ferrado com o barbeiro do pai! Um tal Nazareno. Diz que é o único homem que a interessa. Outro dia Tia Felicidade pegou-a no telefone. Estava atrás do reposteiro e ouviu tudo. Só que não sabe quem é o tal! Ele parece que deixou o emprego e quer ser grã-fino. Mora no Hotel São Bento, dorme até o meio-dia e telefona para a copa pedindo café e recomenda um pão bem fofinho. Xodó diz que ele é que é fofinho. O pai soube da briga e deu razão a ela que desmentiu Tia Felicidade na cara."

Pancrácio Fortes estava sentado a uma poltrona na sala de jantar. Pegou o jornal. Viu o vulto da preta velha.

— Mecê qué ovo?

— Não Maria. Chega um cafezinho. Escuta... é verdade que chamam você de Maria-Aeroplano, porque você tem bunda grande?

Foi atrás da cozinheira. A casa estava silente. Na cozinha ela dobrava-se, punha em relevo as formas calípias. O homem encostou-se nela.

— Que é hein? Hum! Hum!

— Vamos lá embaixo, no seu quarto Maria...

— Hum! Hum!

— Eu vou antes, espero você. A porta está aberta Maria?

— Tá sim sinhô...

Descendo as escadas para o porão onde Pancrácio a esperava, a velha parou de gingar, olhou o portão fechado do jardim sob o chuvisco. Entrou no quarto escuro. Pancrácio sentou-a na cama.

— Você gosta Maria...

— Hum! hum! Tava intê esquecida de fudê...

— Tá cheio de urubu lá no mato!

— É alguma vaca parida de novo...

Inutilmente Jango mandara os campeiros procurarem a carniça num emaranhado de cipós e de árvores pequenas donde partia o cheiro nauseabundo. O índio Cristo estava longe, fugira para Santos, afirmava a Miguelona. Jango foi com o mulato Silvestre descobrir o que se ocultava entre lixas e arranha-gatos. Apearam nas proximidades sentindo a catinga. O capataz penetrou de gatinhas, voltou estarecido.

— Tem uma mulhé preta enforcada lá...

Jango penetrou pelo vão aberto no mato. E reconheceu o cadáver preso por cipós esbarrando com os pés o chão, no vestido novo. Era a Maria Pedrão. Fez um cigarro de palha. Montaram de novo. Ao seu lado Silvestre ia mudo.

E o moço sentiu crescer dentro dele a sua vocação revolucionária. Aquilo era a ilustração definitiva do feudo, o *ex-libris* do latifúndio. A Maria Pedrão tinha desaparecido de casa há cinco dias. Quando chegara do Rio, Nhã Tuca o procurara para se queixar. Diziam que ela estava gorda. À tarde caía devagar. Pássaros cantavam numa alegria aflitiva nos matos e nos bambuzais.

Tudo aquilo tinha decorrido da morte do posseiro na serra. A figura escalavrada do Major veio dançar em sua frente. Jango chicoteou o alazão com raiva como se estivesse dando lambadas na cara covarde do próprio pai.

Vieram-lhe à memória frases soltas do índio Cristo elucidando o drama: — "Tava sem carça... cabeí logo... não caso. Tudos trompa nela... A irmã já era puta em Santos. Passei uma corrução na véia. Tá saíno uma coisa branca no pau... parece brasilina..." Agarrava nas árvores para urinar. Doía. Isso talvez não o tivesse feito fugir sem a Maria, com quem prometera se casar. Mas a Miguelona reaparecera, chegada de São Paulo, apoplética de raiva para denunciá-lo por toda a Formosa, denunciá-lo à polícia e elucidar o crime da serra. A ele mesmo a velha tinha vindo uma noite "contar tudo". — Mas você tem certeza? Ele confessou que foi ele quem matou o Pedrão? — Não confessô esse sa-

canal! Mas tava lá no rancho do Major co'a Ciana. Ele farlô que ficava de pé intê o Pedrão tâ dormindo e enfiava o mosquetão no furro do barro, em cima duma forquia de pau... Non atirava de medo de matá a Maria... Foi ele que assassinô o Pedrão! Já gostava dela!

Uma marrequinha riscou o açude num quá-quá-quá que pios responderam longe. Cavalgando o cavalo branco Jango refletia. Era este o desfecho de muita cultura nascente, de muita iniciativa pressurosa do imigrante e do nativo. A luta pela propriedade refletia-se na luta partidária das pequenas cidades que desfaleciam porque lhes recusavam tudo. E a morte rondava os adversários da política centenária e do feudo. — Ah! Não pode dá ajuda. Donde já se viu? Gente deversário... do partido contrário...

Um advogado destemeroso, um sitiante ou um médico de importância local havia estabelecido contato com as oposições crescidas na câmara do Estado, nos jornais e nos comícios. Mas alguns tiros resolviam tudo no dia das eleições. E continuava desamparada a vida do campo, a penosa vida do campo, vegetando entre seus mitos reais — o mendigo farto de Euclides da Cunha, a silva-hórrida de Martius. Silva horda, afirmava Lírio de Piratininga. O caboclo descalço chegava correndo à casa de barro: — U'a corba! Destamanho! Nunca vi ansim... Tá debaixo da tranquera... Venha judá matá!

A produção enterrava-se na lama dos caminhos, a estrada de ferro esquecia propositadamente os sacos fretados. Nem luz, nem água nas casas. E na brisa do campo ainda os esquadrões verdes alinhados da monocultura latifundiária — o café, tapete dos terreiros. Para ser queimado depois do benefício!

O sítio com suas bandeiras esperançosas de São João e suas flores tradicionais de São João. No mato, na serra e na vila, alcoólatras, epiléticos, maníacos, deprimidos e assassinos. O comércio nas mãos usurárias de mascates ativos. Nas esquinas das estradas, nas esquinas das ruas. Os Bancos funcionando, sugando. Os juros correndo, comendo o lavrador. A Revolução de 30 não tinha adiantado. Só o Ditinho é que morrera. — Diz que mataro ele. — Ordenara-se a queima do café. Casas de maribondos punham auspícios nas portas velhas. Chácaras ancestrais de calça prendiam em seus mu-

ros pomares eternos. E a mata continuava. Lianas, cipós verdes, ligavam, emaranhavam a mata secular numa rede de verdura donde emergiam os jequitibás, as figueiras, os paus esguios de peroba e de alecrim. Era ali que se enforcavam os suicidas. A educação dos pró-homens daquela primeira sociedade vinha dos jesuítas hipócritas e dos pais ferozes. Recalques espetaculares, decisões tremendas. A vingança das varadas, dos bolos de palmatória, dos colégios, das reclusões. O coração do primitivo, do índio, do preto ou do imigrante brotava em bailes, em desafios, ou em cartões-postais. Em valsas *Desengano, Minha vida, Ilusão do amor*. As conversas se ajustavam. O bate-papo. A pública confissão. O índio Antônio Cristo contara à amante velha que havia atocaiado o Pedrão: — Trabiá é bestera! A maior besteira deste mundo! De um lado o imperialismo, o Banco, o consórcio fabril, a companhia e o latifúndio. De outro, a pequena indústria, a pequena propriedade. Os hiatos na extensão. Cidades bloqueadas. A mentalidade bloqueada. O escravo e o mestiço. O versátil e o marginal. O preconceito: — É contra as minhas idéias! Os pontos de encontro e de refrega da selvageria com a civilidade. A geografia parada à espera da história. O tropeiro, o trem, o turco, o auto e o carro de boi, o caminhão e o aeroplano. A Bandeira do Divino na estrada de rodagem. Os carroceiros do céu. Abílio Mourão: — Gosto dessas lata que avua pelos ar... O viajante do primeiro comércio. Os precursores. Salim Abara. Nicolau Abramonte.

Mas a revolução não matara as ilhas da saudade. Havia evocadores de fantasmas nos arranha-céus, nos anfiteatros. E as docas. O mundo exterior. As greves e o imperialismo. E os novos cristãos pululando das catacumbas internacionais do marxismo: — Depois que veio esse negócio de comunismo ninguém mais qué trabiá, barbero non faz barba no domingo, colônio qué discansá!

— Os tesouros que oculta e guarda a terra! — dizia Cláudio Manoel. — Estamos condenados à civilização! — gritava Euclides da Cunha. Séculos dividiam a Jurema do Brejal, o Brejal de São Paulo. São Paulo estacara entre o carro de boi e o avião.

Com as revoluções, o desequilíbrio. A economia intensiva. Guerra à monocultura. Idéias novas. — O que vocês

fizeram até agora foi explorar a primeira vestimenta da terra. Comércio é cérebro. O inimigo do incapaz é o grande capital. Os imperialismos têm direitos indiscutíveis! Insofismáveis! O fisco. A tragédia fiscal — Tá lá na botica. Já contou três veiz o que fizeram pr'ele, coitado! Foi imposto! Credo, marvadeiz! A ruína: — Comecei de V-8 acabo de carrinho de mão! O sertão, a penetração e o êxodo. Autarquias a muque. Os institutos, o mercado mundial. — Temos portos! É preciso criar os altos preços, aumentar a produção. A revolução salvará o país. — Que revolução? Temos matérias-primas. Ouro. Na boca das professoras. Os pioneiros: — Cabô grise no Brasil! Só não acabou a hora da Saudade.

A imagem desgrenhada e moça de Maria Pedrão voltou. Confundiu-se com a imagem dorida de Eufrásia Beato.

Jango esporeou o cavalo bonito, gritou afastando-se do capataz: — Toda essa gente que formiga sob teus olhos chora por um pedaço de chão, por um pedaço de amor!

Tirá-la-ia do pai salafrário! Se oporia agora que o mesmo drama se repetisse na pessoa da amada. Vítima como a outra do arbítrio do latifúndio. Uma ternura o sufocou. Chorava por dentro. Olhou as nuvens que pareciam amparar o sol como que impedindo a noite.

Longe um carro de boi anacrônico, saudoso, cantava como uma alma do outro mundo.

Jango chorava. As nuvens tinham se espedaçado em vermelho atirando ao açude grandes riscos alaranjados. A água se tornava cor da serra azul-ferrete. E tudo mergulhou, águas e árvores, num fogo noturno. E seu coração afogou-se do medo de tê-la perdido para sempre.

Personagens deste livro que
figuram em A Revolução Melancólica,
primeiro volume de Marco Zero

Abara (Jorge) — o estudante de óculos sem aro
Abara (Salim) — o turco de Jurema
Abara (Latife)

Abramonte (Nicolau) — o prefeito de Jurema
Abramonte (D. Filomena)
Abramonte (Dr. Luís)
Abramonte (Ludovica)
Abramonte (Miquelina) — mulher do boiadeiro Rocha
Abramonte (Fúlvia)

Agripa (Antônio de Sales) — Totó
Agripa (D. Cândida Calheiros da Graça)

Bourrichon (Léontine — Condessa Leô) — amante do Conde Alberto de Melo

Formoso (Coronel Bento)

Formoso (Umbelina)

Formoso (Dinamérico Klag) — o Major da Formosa

Formoso (João Lucas Klag) — Jango

Formoso (Joaquim Klag) — Quindim

Formoso (Dulcina) — Pichorra

Melo (Conde Alberto)

Melo (Felicidade Branca Formoso)

Melo (Maria Luíza) — Xodó

Leitão (Genoveva) — a Veva — viúva do Coronel Diogo Leitão

Tolstoi (Condessa Ana) — mulher de Calheiros da Graça

Cristo (Antônio) — o índio da Formosa

Esmeralda — a empregada dos Abramonte

Deadermino (Tita) — a avó de Idalício

Beato Moncorvino (Jeremias)

Beato (Eufrásia Berta Maria) — a professora

Beato (Rosalina) — viúva do Jango da Força Pública

Beato (José) — o padre de Jurema

Beato (Mateus) — empregado da firma Agripa-Junquilha & Cia.

Beato (Eugênio) — Genuca

Beato (Lindáurea)

Beato (John Gilbert) — filhinho da Rosalina

Moscovão (Idílio) — o antigo Xerife dos Formoso

Moscovão (Lucinda)

Moscovão (Linda) — Maria Parede, na ilegalidade

Moscovão (Sarita) — mulher do russo Mikael

Mesa (Leonardo) — o camarada Rioja
Mesa (Carolina) — a irmã tuberculosa de Leonardo

Senofin (Miquelina) — a Miguelona

Pedrão — o posseiro morto na serra
Pedrão (Maria) — a filha
Pedrão (Nhá Tuca) — a mulher

Junquilha (D. Guiomar)
Junquilha (Ubaldo)
Junquilha (Maria da Graça)
Licórnea — a caftina

Xavier (Menuano da Silva) — o agregado dos Junquilha

Bhering (D. Paula) — a gerente da Administradora Junquilha

Spin (Robério) — o advogado e político
Spin (Armida) — a caseira dos Formoso na fazenda

Barros Ferguson (Henrique)
Barros Ferguson (Mary)

Fortes (Pancrário)
Fortes (Vitória)
Fortes (Isabel) — Belica, a criança loura

Boreal (Aurora)

Aeroplano (Maria) — a cozinheira dos Formoso

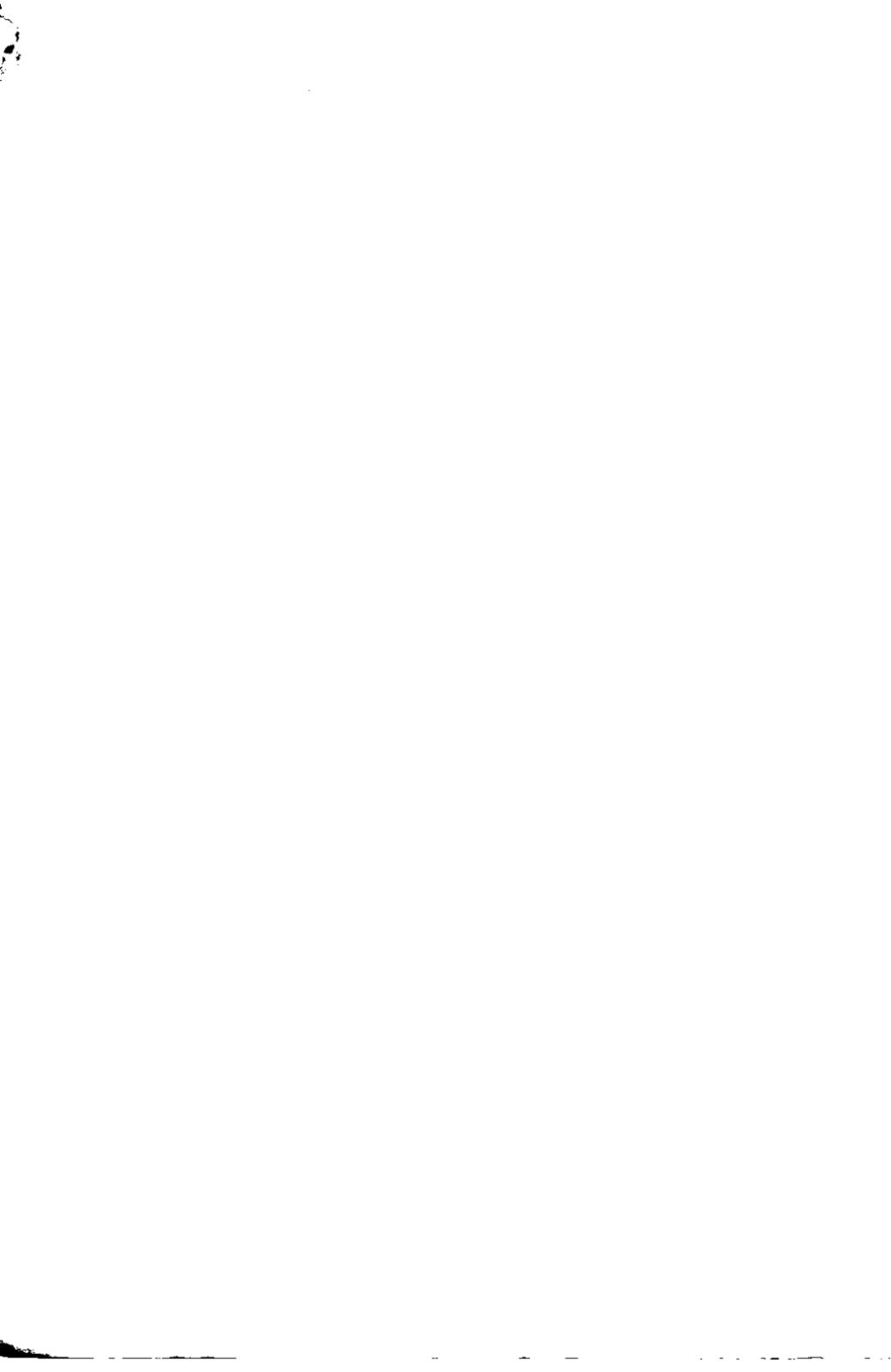
Pupper (Anastácia) — a diretora do Grupo Escolar de Bartira
Pupper (Ubirajara) — o filho Babá

Afonsina — a cozinheira dos Formoso na capital

Muraoka — o comerciante japonês de Bartira

Kana — o chofer e piloto do Conde Alberto de Melo
Piratininga (Lírio Rebouças do Vale de) — o farmacêutico
ex-genro do Abramonte
Plaumburn (Alexandre) — o professor de Jurema
Sirra (Ernesto) — o espírita de Santos
Veloso (Minervina) — a amante de Lírio de Piratininga
Venâncio (Zico) — o *boxeur*
Venâncio (Carmela)
Venâncio (Eduardo) — o filhinho que morreu
Frelin (Jácopo) — o velho desempregado
Frelin (D. Idalina)
Frelin (Incoronata) — a costureira
Frelin (Valquíria) — também costureira
Frelin (Irmo)
São Cristóvão (Ciro) — o desembargador e banqueiro
São Cristóvão (Jack) — o engenheiro-arquiteto
Jaert (Carlos) — o pintor
Pádua Lopes (Antônio) — político
Guimarães (Marialva) — o delegado
Palude (Monsenhor) — de Jurema
Ciana — madrinha do índio Cristo
Severão Júnior (Armando)
Tudinha — uma das 3 meninas
Belinha
Marocas

Cláudio Manoel — estudante
Seu Ferrol — administrador dos Junquilha
Dráusio — o ex-criado dos Formoso
D. Tadeia — mulher de Anjo Leite



Obras Completas de Oswald Andrade

1. OS CONDENADOS (*Alma/ A Estrela/ A Escada*) — Romances.
2. MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR / SERAFIM PONTE GRANDE — Romances.
3. MARCO ZERO: I — *A Revolução Melancólica* — Romance.
4. MARCO ZERO: II — *Chão* — Romance.
5. PONTA DE LANÇA — Polêmica.
6. DO PAU-BRASIL À ANTROPOFAGIA E ÀS UTOPIAS (*Manifesto da Poesia Pau-Brasil/ Manifesto Antropófago/ Meu Testamento/ A Arcádia e a Inconfidência/ A Crise da Filosofia Messiânica/ Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: O Homem Cordial/ A Marcha das Utopias*) — Manifestos, teses de concursos e ensaios.
7. POESIAS REUNIDAS O. ANDRADE (*Pau-Brasil/ Caderno do Aluno de Poesia e outras*) — Poesias.
8. TEATRO (*A Morta/ O Rei da Vela/ O Homem e o Cavalo*) — Teatro.
9. UM HOMEM SEM PROFISSÃO: *Sob as Ordens de Mamãe* — Memórias e Confissões.
10. TELEFONEMAS — Crônicas e polêmica.
11. ESPARSOS.





COMPOSTO E IMPRESSO POR
SEDEGRA SOCIEDADE EDITORA E GRÁFICA LTDA.
RUA MATIPÓ, 101/115 — TEL.: 261-8160 — RIO-GB

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

às vésperas do segundo conflito armado mundial. Por essa obra passam, — lembra o próprio autor, — “levadas às suas últimas conseqüências, problemas, sugestões, e idéias que surgiram no caos subsequente à crise do café de 29 e às revoluções armadas”, dentre estas a de 1932, tema de *A Revolução Melancólica*. Oswald faz da coletividade o seu grande personagem e diante dela o individuo se anula.

Não será ousadia afirmar-se que *Marco Zero* é o único romance paulista que se arrisca a abranger toda a realidade bandeirante representada por toda a sua gente, por todas as suas castas e camadas. A um tempo urbano e rural, tanto *A Revolução Melancólica* quanto *Chão* fixam todo um complexo agrupamento social emaranhado em complexos problemas que se desenvolvam em inúmeros cenários. Complexo mundo que Oswald apreende em linguagem trabalhada, em *flashes* ofuscantes, em frases iluminadoras ou em frases que transcrevem a fala dos seus múltiplos personagens — a oralidade de japoneses, italianos, germânicos, negros, caipiras e mulatos pernóeticos.

Todo esse levantamento sócio-econômico, político e cultural quer retratar, como repara Sérgio Milliet, “a transformação de uma sociedade latifundiária semifeudal em uma sociedade pré-industrial, graças não só à imigração intensa e à subdivisão da propriedade, mas, ainda, às crises do capitalismo mundial e aos efeitos das guerras internacionais”.

Marco Zero é um verdadeiro comício de idéias. Participa, como queria Oswald, do debate público. Permanece atual. Parece mesmo um caderno de apontamentos, um rascunho dos impasses que ainda não vencemos. Com o correr dos anos, tornou-se um romance histórico, no melhor sentido da palavra.

Mário da Silva Brito

Integrado pelos volumes

A Revolução Melancólica e Chão,

o romance cíclico

MARCO ZERO

fixa, no dizer de Sérgio Milliet, "à transformação de uma sociedade latifundiária semifeudal em uma sociedade pré-industrial, graças não só à imigração intensa e à subdivisão da propriedade, mas, ainda, às crises do capitalismo mundial e aos efeitos das guerras internacionais".

Com essa obra,

OSWALD DE ANDRADE

tentou realizar o romance mural, em que a coletividade é o grande personagem. Nela põe em debate os grandes temas do nosso tempo e do nosso País, pintando também um vasto painel das inquietações do homem e da sociedade brasileiros.

O preço deste livro só se tornou possível devido à participação do INL/MEC que, em regime de coedição, permitiu o aumento da tiragem e conseqüente redução do custo industrial.

Cr\$ 16,00

Mais um lançamento de categoria da

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA